

**PESQUISA SOBRE SAÚDE
REPRODUTIVA E SEXUALIDADE DO
JOVEM**

Rio de Janeiro, Curitiba e Recife.

1989/90

**Sociedade Civil Bem-Estar Familiar - BEMFAM
Departamento de Pesquisas Sociais - DEPES
Janeiro, 1992**



printed by
U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES
Public Health Service

CDC
CENTERS FOR DISEASE CONTROL

Responsáveis pela elaboração deste relatório:

BEMFAM

Elisabeth Anhel Ferraz

Inês Quental Ferreira

Márcia Piedade Soares

CDC

Leo Morris

Apoiaram a realização desta pesquisa:

Ministério da Saúde - Divisão Nacional de Saúde Materno-Infantil-DINSAMI

Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS

Fundo de População das Nações Unidas - FNUAP

Pathfinder International

Centro de Controle de Doenças - CDC

Equipe da Pesquisa:

BEMFAM:

Diretores da Pesquisa:

José Maria Arruda (até dezembro de 1990)

Elisabeth Anhel Ferraz

Treinamento e Supervisão

Inês Quental Ferreira

Coordenadora Geral de Campo

Márcia Piedade Soares

Coordenadores Regionais de Campo

Rio de Janeiro: Alexandre Mayer Alves de Lima

Curitiba: Maria de Lourdes Centa

Recife: Célia Maria Lira Cavalcanti

Processamento de Dados

Valéria Loppi Simões de Abreu

CDC

Divisão de Saúde Reprodutiva:

Assessoria Técnica: Leo Morris

Desenvolvimento do software para entrada dos dados: Steve Kinchen

ÍNDICE

Apresentação	1
Sumário	3
Capítulo 1	
Metodologia da Pesquisa	9
Tabelas	13
Capítulo 2	
Características Demográficas e Sócio-Econômicas dos Jovens	17
Tabelas	23
Capítulo 3	
Educação Sexual	29
Tabelas	36
Capítulo 4	
Experiência Sexual e Anticoncepção	43
Tabelas	60
Capítulo 5	
Saúde Reprodutiva dos Jovens	75
Tabelas	92
Capítulo 6	
Contexto Vivencial dos Jovens: Uma Abordagem de Opinião	105
Tabelas	115
Capítulo 7	
Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS: Conhecimentos e Atitudes	133
Tabelas	142
Capítulo 8	
Drogas: Atitudes e Uso entre Jovens	147
Tabelas	156
Anexo	
Questionários	165

Apresentação

A **Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil - BEMFAM** vem realizando desde 1979 estudos na área de saúde materno-infantil e planejamento familiar, com base em pesquisas domiciliares. Foram realizadas dez pesquisas em nível estadual e, em 1986, um estudo de âmbito nacional que foi a **Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno-Infantil e Planejamento Familiar**. Esta pesquisa, que entrevistou cerca de 6000 mulheres de 15 a 44 anos de idade, permitiu uma série de análises complementares. O relatório de uma dessas análises, focalizando o comportamento reprodutivo de mulheres de 15 a 24 anos de idade, despertou o interesse do Ministério da Saúde em que fosse realizada uma pesquisa voltada aos adolescentes e jovens adultos de ambos os sexos.

Por solicitação da Divisão Nacional de Saúde Materno-Infantil - DINSAMI do Ministério da Saúde, a BEMFAM realizou em 1989/90 a presente **Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem**, contando com apoio financeiro da Organização Pan-Americana de Saúde-OPAS, do Fundo de População das Nações Unidas - FNUAP, da Pathfinder International e do Centro de Controle de Doenças - CDC - Atlanta.

Julgamos este trabalho extremamente oportuno tendo em vista que as informações ou pesquisas atualmente disponíveis a respeito de adolescentes limitam-se a estudos de casos realizados em escolas, clínicas ou hospitais, sendo, conseqüentemente, pouco representativas da população como um todo.

Ampliando esse universo, a **Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem**, levantou dados representativos da população de jovens de ambos os sexos, com idades entre 15 e 24 anos, em três grandes centros urbanos. Além disso, o que também torna singular este trabalho é a investigação do universo masculino, geralmente pouco considerado na área da saúde reprodutiva.

Confiamos, pois, em que a realização deste estudo poderá contribuir como valioso referencial para o desenvolvimento de políticas e ações voltadas a este grupo específico da população brasileira. Esperamos ainda, que os resultados encontrados, possam estimular e subsidiar o trabalho de instituições e profissionais envolvidos na área de saúde e educação.

Carmen Gomes

Secretária Executiva da BEMFAM

Introdução

Este documento apresenta uma análise detalhada dos dados coletados durante o experimento. O objetivo principal é avaliar o desempenho do sistema sob diferentes condições de carga e configuração. Os resultados são apresentados em tabelas e gráficos, permitindo uma comparação direta entre os diferentes cenários testados.

Os dados foram coletados em um ambiente controlado, utilizando equipamentos de alta precisão para garantir a confiabilidade das medições. A metodologia empregada segue os padrões estabelecidos na literatura especializada, permitindo a replicabilidade dos resultados.

Os resultados mostram que o sistema apresenta um desempenho estável e eficiente, mesmo sob condições de carga pesada. A análise dos dados indica que a configuração otimizada resulta em um aumento significativo da taxa de transferência e uma redução no tempo de resposta.

Os dados foram coletados em um ambiente controlado, utilizando equipamentos de alta precisão para garantir a confiabilidade das medições. A metodologia empregada segue os padrões estabelecidos na literatura especializada, permitindo a replicabilidade dos resultados.

Os resultados mostram que o sistema apresenta um desempenho estável e eficiente, mesmo sob condições de carga pesada. A análise dos dados indica que a configuração otimizada resulta em um aumento significativo da taxa de transferência e uma redução no tempo de resposta.

Sumário

A **Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem - PSRSJ** - realizada pela BEMFAM, é um levantamento domiciliar, baseado numa amostra representativa de jovens dos dois sexos, com idade entre 15 e 24 anos.

Para aplicação da pesquisa, foram escolhidos três grandes centros urbanos brasileiros, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, por estarem situados em três regiões significativas do país: Sudeste, Sul e Nordeste, respectivamente. O trabalho de campo da pesquisa foi realizado entre os meses de agosto de 1989 e março de 1990.

O principal objetivo da **PSRSJ** foi o de coletar informações para jovens urbanos de distintas regiões do país, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de estratégias para programas voltados para esta população específica. Entre as informações levantadas pela pesquisa estão educação e experiência sexual, saúde reprodutiva, contexto vivencial dos jovens, doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e drogas. Os principais resultados são sumarizados a seguir.

Educação Sexual

A pesquisa revelou a importância do papel dos amigos na transmissão das primeiras noções sobre sexo. Entre os homens, nos três municípios, e as mulheres, em Recife, amigos ou amigas foram os mais citados como pessoas que tenham dado as primeiras informações sobre sexo. Para as mulheres do Rio de Janeiro e de Curitiba, amigas ou amigos, embora tenham importância significativa, são superados pela figura da mãe como pessoa que informa e orienta.

Com relação à educação sexual formal, é alta a porcentagem de jovens de ambos os sexos que jamais na escola ou em outro local, tenham assistido palestras ou cursos sobre o assunto, sendo: 54% dos homens e 45% das mulheres no Rio; 34% dos homens e 28% das mulheres em Curitiba; e 47% dos homens e 34% das mulheres em Recife.

Segundo os jovens que freqüentaram palestras ou cursos sobre educação sexual, tanto na escola como fora dela, o conteúdo dessas palestras ou cursos, privilegia os temas relacionados à biologia, doenças sexualmente transmissíveis e anticoncepção, em detrimento dos temas comportamentais que são abordados com percentual mais baixo de citações.

Entretanto, apesar da ênfase maior dada aos temas biológicos, mesmo entre os jovens que assistiram cursos ou palestras, são poucos os que conhecem corretamente o período em que a mulher tem maior chance de engravidar, entre os quais: 19% dos homens e 31% das mulheres no Rio; 31% dos homens e 34% das mulheres em Curitiba; e, aproximadamente, 22% para ambos os sexos, em Recife.

Ao se abordar o tema anticoncepção, conclui-se que quase a totalidade dos jovens conhece ou já ouviu falar sobre a pílula e o condon (acima de 97% para os dois métodos). Apenas, entre os homens de Recife, a pílula apresentou percentual um pouco mais baixo (91%). A seguir, aparecem o coito interrompido, entre os homens (em torno de 80%), e a esterilização feminina, entre as mulheres (de 69% em Curitiba a 91% em Recife).

Segundo os entrevistados, os métodos mais apropriados para jovens que queiram evitar uma gravidez indesejada são a pílula e o condon, sendo a primeira mais citada pelas mulheres e o segundo pelos homens, nas três cidades. Quanto à iniciativa de uso de algum método, acima de 64% dos jovens acham que, esta, deva partir do casal.

Experiência Sexual e Anticoncepção

A pesquisa revelou que a maioria dos jovens do sexo masculino, nas três cidades, já havia tido relações sexuais: 83% no Rio, 79% em Curitiba e 71% em Recife. Entre as mulheres, menos da metade tinha tido sua primeira relação sexual: 47% no Rio, 41% em Curitiba e apenas 28% em Recife. Estes resultados sugerem que os padrões de comportamento sexual masculino e feminino continuam diferenciados.

Entre os jovens com experiência sexual, a incidência de relações sexuais pré-maritais é alta para ambos os sexos e nas três cidades. Quase a totalidade dos homens teve sua primeira experiência pré-maritalmente. Analisando o grupo feminino, a porcentagem de relações pré-maritais, embora mais baixa quando comparada à dos homens, é bastante significativa entre o total de mulheres com experiência sexual.

De uma maneira geral, constatou-se, nas três cidades, que o homem inicia sua atividade sexual mais cedo que a mulher. Entre os jovens que relataram relações sexuais pré-maritais, a idade média da primeira relação sexual foi de 15 anos para os homens e próximo aos 17 anos para as mulheres.

Nas três cidades, a idade média do parceiro é maior, tanto para homens, como para mulheres, sugerindo uma escolha de parceiros mais velhos e, sexualmente mais experientes, para a primeira relação.

No que se refere ao parceiro da primeira relação pré-marital, aproximadamente, a metade dos homens citou uma amiga, vindo, em seguida, a namorada e a noiva. Entre as mulheres, o namorado foi o primeiro parceiro sexual para a grande maioria (acima de 73%). Em seguida, vem o noivo, com percentual mais baixo. Tais resultados sugerem que as mulheres, em sua maioria, se iniciam no sexo, com quem estão envolvidas emocionalmente (namorado ou noivo), fato que nem sempre ocorre com os homens.

O uso de métodos anticoncepcionais na primeira relação sexual pré-marital revelou-se baixo. Aproximadamente, 23% dos homens relataram o uso de algum método na sua primeira relação. Para as mulheres, essa porcentagem é um pouco mais alta no Rio de Janeiro e em Curitiba (32% e 27%, respectivamente), permanecendo baixa em Recife (22%).

O uso de algum método anticonceptivo na primeira relação sexual pré-marital é influenciado pela idade, instrução e classe sócio-econômica do jovem. Quanto maior a idade em que tenha ocorrido esta relação, mais elevado o nível de instrução e mais alta a classe sócio-econômica, maior foi a prevalência de uso de algum método na primeira experiência sexual.

Para os jovens que usaram algum método na primeira relação, existem diferenças quanto ao tipo de método, de acordo com a cidade pesquisada. No Rio de Janeiro, homens e mulheres declararam que a pílula e o coito interrompido foram os dois métodos mais usados. Já em Curitiba e Recife, para os homens os dois principais métodos foram o condon e a pílula, enquanto para as mulheres a maior prevalência foi da pílula, seguida do coito interrompido.

Entre os que não usaram nenhum método em sua primeira relação sexual, as principais razões apontadas foram: "não conheciam nenhum método" e "não se preocuparam com isso". Estas respostas foram fornecidas por homens e mulheres, nas três cidades.

A pesquisa levantou, também, dados sobre a vida sexual atual dos jovens das três cidades, tendo sido considerados sexualmente ativos aqueles que tiveram, pelo menos, uma relação sexual nos 30 dias anteriores à data da entrevista.

Para o total de jovens não-unidos e com experiência sexual, mais de 40% dos homens e mais de 50% das mulheres declararam atividade sexual nos últimos 30 dias. Esta maior porcentagem de mulheres ativas sexualmente, em relação a dos homens, pode ser explicada pelo fato de que, para elas, a atividade sexual vem, geralmente, acompanhada de um envolvimento emocional, o que a torna mais constante. Já com os homens, este envolvimento nem sempre acontece, permitindo que as relações sexuais sejam mais esporádicas.

Do total de mulheres não-unidas, sexualmente ativas, uma porcentagem expressiva estava usando algum método anticoncepcional (de 73% a 80%). Entre os homens, tal porcentagem é mais baixa (de 56% a 66%). Tanto as mulheres quanto os homens, nas três cidades, quando perguntados, responderam ser a pílula o método mais usado.

Saúde Reprodutiva

A idade média da menarca para mulheres de 15-24 anos de idade está por volta dos 12 anos, ocorrendo mais cedo entre jovens do Rio de Janeiro (12,4 anos), seguida por Recife (12,6 anos) e Curitiba (12,8 anos).

Considerando todas as mulheres da amostra, aproximadamente 25%, 22% e 17% das jovens do Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, respectivamente, reportaram já terem engravidado alguma vez. Quando a análise da incidência da gravidez é restrita às mulheres com experiência sexual, jovens das três cidades, em percentual acima de 50% informaram já terem engravidado.

Em relação aos jovens do sexo masculino, a porcentagem de gravidez reportada pela população total estudada é mais baixa, quando comparada à de jovens do sexo feminino.

No Rio de Janeiro, uma maior porcentagem de homens declarou ter engravidado alguma parceira (20%), vindo em seguida Recife (17%) e Curitiba (10%). Examinando somente a população masculina com experiência sexual, a porcentagem dos que já engravidou alguma parceira é de 24% no Rio, 21% em Recife e 14% em Curitiba.

Observa-se, entre as mulheres, uma relação inversa entre nível de instrução e incidência da gravidez.

A idade média da primeira gravidez para os jovens de 15-24 anos é de 19 anos para os homens que já engravidaram alguma parceira e em torno de 18 anos para as mulheres, nos três municípios pesquisados.

No Rio de Janeiro, um quarto das jovens entrevistadas já tinha um filho nascido vivo aos 16 anos de idade. Esta porcentagem situa-se em torno de 20% em Recife e 13% em Curitiba.

Para os jovens que estiveram alguma vez em união, estima-se que as primeiras concepções na ordem de 49% no Rio de Janeiro, 39% em Curitiba e 52% em Recife, ocorreram antes da formalização da união.

Em relação ao planejamento da primeira gravidez, observa-se que os jovens do sexo masculino reportam uma porcentagem maior de gravidez não planejada, do que as apontadas pelas jovens mulheres. No Rio de Janeiro, 70% dos homens que engravidaram alguma parceira declararam que a primeira gravidez não foi planejada, contra 58% das mulheres. Em Curitiba, a porcentagem foi de 58% para os homens e 46% para as mulheres, sendo que, em Recife, a porcentagem foi de 63% e 47% para homens e mulheres, respectivamente.

Verificou-se que uma grande maioria das jovens, nas três cidades, fez algum controle pré-natal durante a última gravidez (93% no Rio de Janeiro e Recife e 97% em Curitiba). Entre aquelas que fizeram o acompanhamento pré-natal, 71% das mulheres no Rio, 77% em Curitiba e 67% em Recife, iniciaram o controle no primeiro trimestre da gravidez.

A maioria das jovens teve seu último parto em hospitais, sendo os do INAMPS ou conveniados os mais procurados. Nas três cidades, observou-se uma grande proporção de partos realizados por cesariana, entre jovens de 15-24 anos de idade: 30% no Rio de Janeiro, 33% em Curitiba e 37% em Recife.

Uma grande parte das mulheres, nas três cidades pesquisadas, amamentou seus filhos durante o primeiro mês de vida. Entretanto, a porcentagem de crianças que seguiu sendo amamentada declina rapidamente. No Rio de Janeiro e em Recife, metade das mulheres deixou de amamentar seus filhos três meses após o parto; em Curitiba, isto ocorreu quatro meses após. Dos três municípios pesquisados, Curitiba apresentou o período de maior duração média de amamentação, com 6,1 meses, seguido do Rio de Janeiro com 5,7 meses e, finalmente, Recife com 5,0 meses.

Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST/AIDS

Em função da crescente incidência das DSTs entre os jovens e da desinformação sobre essas doenças, a pesquisa dedicou uma série de perguntas sobre o tema, focalizando especialmente a AIDS.

Os resultados revelam que as doenças mais conhecidas (ou das quais já ouviram falar) pelos jovens são a AIDS (com quase 100% de conhecimento) e a gonorréia (com percentuais que variam de 94%, entre os homens do Rio de Janeiro e de Curitiba, a 59%, entre as mulheres de Recife). A sífilis aparece em terceiro lugar, sendo citada por aproximadamente 70% dos jovens dos dois sexos, nas três cidades, com exceção dos homens em Curitiba, onde 80% afirmaram conhecer esta doença. A herpes apresenta percentuais que vão de 73%, entre os homens de Curitiba, a 36%, entre os homens de Recife. As demais doenças mostram percentual mais baixo de conhecimento.

O fato de terem tido cursos ou palestras de educação sexual exerce uma influência positiva nesse conhecimento. Nota-se que os jovens que assistiram a algum curso ou palestra apresentam maior porcentagem de conhecimento sobre DSTs em geral. É interessante observar que, com relação à AIDS, tal fato não acontece, sugerindo que as informações estejam sendo adquiridas, principalmente, através dos meios de comunicação.

A idade, a instrução e a classe sócio-econômica também exercem influência no conhecimento das doenças. Quanto maior a idade, maior a instrução e mais alta a classe social, maior o conhecimento sobre o assunto. A exceção continua sendo a AIDS, que não exhibe diferenças de conhecimento (ou de ouvir falar), sugerindo, ainda uma vez, que as campanhas informativas estão atingindo a população como um todo.

Enfocando especificamente a AIDS, observou-se que, para o total dos jovens entrevistados nas três cidades, mais de 80% sabem que uma pessoa pode estar contaminada com o vírus da AIDS e não apresentar sintomas. As principais vias de transmissão da AIDS são bem conhecidas pelos jovens entrevistados: relações sexuais e sangue (através de transfusão, seringas, agulhas e objetos cortantes não esterilizados), todas citadas por mais de 90% dos jovens de ambos os sexos, nas três cidades. Estes dados, que mostram estar os jovens bem informados sobre as formas de transmissão da AIDS, aparecem, entretanto, mesclados com noções erradas, como seja a da afirmação de que se pode pegar AIDS doando sangue, usando banheiros públicos, convivendo com aidéticos, pelo beijo, mordida de mosquito, etc.

Para prevenir o contágio, a medida mais citada foi a do uso do preservativo (entre 71% e 84% de citações). A seguir aparece a de "evitar a multiplicidade de parceiros", com respostas que vão de 24% a 41%. Outras respostas são menos significativas.

Entre os jovens com experiência sexual, acima de 70% dos homens passaram a tomar cuidados nas suas relações sexuais, em função da AIDS. Para as mulheres, a porcentagem das que passaram a se prevenir foi bem mais baixa: 47% no Rio, 31% em Curitiba e 42% em Recife. Estes resultados, que, à primeira vista, podem sugerir que as mulheres estão tomando menos cuidados que os homens, têm uma explicação, quando se aprofunda a questão. As que não passaram a tomar cuidado deram como motivo estar mantendo relações com um único parceiro.

Para as mulheres que passaram a se prevenir, a resposta mais comum foi a de "ter um só parceiro". Outras respostas significativas foram as de "usar camisinha" e "evitar muitos parceiros". Entre os homens, a resposta mais citada foi a de "usar camisinha", seguida das de "conhecer a parceira" e "evitar muitos parceiros".

Drogas

Um módulo sobre drogas foi incluído na **PSRSJ**, com a finalidade de obter informações sobre níveis de conhecimento e uso de cigarros, maconha e drogas químicas. Nas três áreas urbanas pesquisadas, uma porcentagem maior de homens em relação a de mulheres declarou já ter fumado, alguma vez. Entre 28% e 58% dos jovens de 15-24 anos de idade reportaram ter fumado cigarro alguma vez. Aproximadamente, metade dos jovens que já tinham fumado, fazia, ainda, uso do mesmo, na época da entrevista.

Em relação ao consumo de bebida alcoólica, aproximadamente dois terços dos homens e um pouco mais da metade das mulheres, nas três cidades, reportaram que consomem bebidas, sendo que em Curitiba o consumo é mais alto. Quanto à frequência do consumo, a maioria declarou que bebe "ocasionalmente"; somente uma pequena proporção disse beber todos os dias.

Além das perguntas ligadas ao tabaco e ao álcool, foram coletadas informações sobre experiências e atitudes dos jovens em relação à maconha.

O sexo do jovem é, talvez, a variável mais importante, associada ao uso da maconha. Nas três cidades, entre 3% e 8% das mulheres informaram ter consumido esta droga alguma vez, comparadas com 10% a 19% dos homens.

Quanto à experiência com outros tipos de drogas (cocaína, heroína, cola, cheirinho da loló, LSD, xarope, etc.), referidas aqui como drogas químicas, uma maior proporção dos jovens em Recife reportou uso de alguma droga química em relação aos das outras duas cidades. Entre os homens, 19% no Rio, 13% em Curitiba e 40% em Recife disseram já haver usado alguma dessas drogas. Também uma maior porcentagem de mulheres em Recife (12%), reportou ter experimentado alguma delas, sendo que no Rio de Janeiro esta porcentagem foi de apenas 5% e em Curitiba 7%. Entre as drogas químicas mais usadas, nas três cidades, estão o lança-perfume e o cheirinho da loló.

Capítulo 1

Metodologia da pesquisa

Desenho da amostra

Para o desenvolvimento da **Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem - PSRSJ**, utilizou-se a metodologia de entrevistas domiciliares, cujo instrumento para a coleta de dados foi um questionário, aplicado à população alvo residente nos domicílios visitados.

As etapas de realização da **PSRSJ** são similares às dos demais levantamentos domiciliares, envolvendo uma série de procedimentos interligados.

Num primeiro estágio, foi selecionada a amostra dos setores censitários, tendo como referência a **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD/1984**, feita pelo IBGE e atualizada em 1988. Para esta seleção dos setores censitários, levaram-se em conta as probabilidades de cada setor ou fração da amostra. Num segundo estágio, selecionaram-se os domicílios dentro dos setores censitários sorteados. O tamanho da amostra foi fixado de acordo com as variáveis a serem estudadas. Em função disto, e do nível de precisão requerido para as estimativas, foi definida uma amostra de 1.200 entrevistas para cada sexo. A fim de se obter este número aproximado de entrevistas, tomou-se como base a estimativa de encontrar 0,33 jovem na faixa de 15 a 24 anos por domicílio, calculando ser necessário visitar cerca de 3.600 domicílios para cada amostra independente.

Os domicílios foram escolhidos através de procedimento probabilístico de múltiplos estágios. Inicialmente, selecionou-se 1/3 dos setores censitários que fazem parte da amostra da PNAD, para os municípios estudados, resultando 65 setores para o Rio de Janeiro e 72 para Curitiba e para Recife. Esta subamostra dos setores censitários teve que satisfazer a condição de se ter uma fração da subamostragem de domicílios dentro de cada setor censitário, a fim de se obter uma média aproximada de 100 domicílios, sendo a metade para cada sexo. Com o objetivo de se obter uma amostra independente por sexo, metade dos domicílios selecionados em cada setor foi utilizada para entrevistar os homens e a outra metade para entrevistar as mulheres.

No decorrer do trabalho de campo, observou-se que a estimativa de se encontrar 0,33 jovem por domicílio, na realidade, estava abaixo deste valor, nos municípios do Rio de Janeiro e de Curitiba. Empregando-se o mesmo procedimento, realizado anteriormente, para a escolha dos domicílios, acrescentaram-se no Rio de Janeiro 14 domicílios, em cada setor, para a amostra masculina e 10, para a feminina. Em Curitiba, em cada setor, foram acrescentados 10 domicílios, tanto na amostra masculina, quanto na feminina.

Estimativas dos erros de amostragem

O objetivo principal da **PSRSJ** é fornecer estimativas para um número de variáveis demográficas, de saúde reprodutiva e de sexualidade, através de entrevistas domiciliares, tendo como base uma amostra da população definida, selecionada cientificamente: homens e mulheres de 15 a 24 anos de idade. As estimativas para as variáveis estudadas estão sujeitas a dois tipos de erros: erros relacionados à amostra e aqueles não relacionados à amostra. Os erros não originários da amostra são aqueles que persistem, mesmo se toda a população fosse coberta. Entre esses erros, se enquadram os decorrentes do trabalho de campo, da codificação e da digitação, cuja extensão não se pode, infelizmente, medir.

Os erros de amostragem são os que resultam da seleção da amostra da população estudada e podem ser medidos, já que se relacionam a um desenho específico da amostra. As estimativas dos erros de amostragem, segundo o valor da variável e o número de casos selecionados, são apresentados na tabela 1.1. Tomando como exemplo a variável "experiência sexual pré-marital", no Rio de Janeiro, para mulheres (42,5%) e homens (83,1%), pode-se estimar interpolando segundo os valores das amostras femininas (N = 831) e masculina (N = 848) erros de amostragem de $\pm 3,9$ e $\pm 2,9$ pontos percentuais, respectivamente, relativos a um intervalo de confiança de 95%, assumindo o efeito de desenho igual a 1,4. Para a população feminina, o valor real da variável "experiência sexual pré-marital" está entre 38,5% e 46,5%. Para a população masculina, está entre o intervalo de 80,2% a 86,0%.

Implementação da amostra e taxas de respostas

Na tabela 1.2 se acham as informações referentes à implementação da amostra e as taxas de respostas obtidas pela **PSRSJ**, para cada um dos municípios pesquisados. No Rio de Janeiro, em 16,4% dos domicílios da amostra masculina, encontrou-se pelo menos um jovem de 15 a 24 anos de idade e, para os domicílios femininos, a porcentagem foi de 17,3%. Em Curitiba, em 17,9% dos domicílios masculinos havia pelo menos um jovem e, em 18,5% dos femininos, encontrou-se uma jovem. Em Recife, a porcentagem de jovens identificados nos domicílios foi superior, sendo 24,2% e 22,4% para os sexos masculino e feminino, respectivamente.

Com referência à seleção para a entrevista individual, observa-se no Rio de Janeiro que 84,9% dos homens e 90,2% das mulheres responderam à entrevista completa. Em Curitiba, estas porcentagens foram de 97,0% e 97,3%, para homens e mulheres respectivamente, representando as mais altas taxas de entrevistas completas dos três municípios. Em Recife, as porcentagens ficaram entre 90,7%, para os homens, e 93,4%, para as mulheres.

A porcentagem de jovens ausentes foi insignificante em Curitiba. No Rio de Janeiro e em Recife, notou-se uma maior porcentagem de homens ausentes, em comparação com as mulheres. A porcentagem de recusa não foi elevada, considerando-se a natureza dos temas investigados. As maiores taxas de recusa se verificaram no Rio de Janeiro, sendo iguais para ambos os sexos (5,8%). Em Curitiba e em Recife, uma maior porcentagem de mulheres se recusou a dar entrevistas (1,9% e 2,5%, respectivamente), em relação aos homens (0,4% em Curitiba e 1,4% em Recife).

As informações contidas nas tabelas 1.3 e 1.4 são específicas para os municípios do Rio de Janeiro e de Recife, excluindo Curitiba, por ter apresentado taxas de entrevistas realizadas em torno de 97% para ambos os sexos.

Comparando as porcentagens de entrevistas realizadas segundo a idade do jovem, observa-se que estas são mais baixas no grupo etário de 20-24 anos para ambos os sexos, especialmente para os homens em Recife, onde a diferença

é de 15,8 pontos percentuais, em relação ao grupo mais jovem. Deve-se levar em conta que, entre o grupo de 20-24 anos de idade, pode existir uma maior porcentagem de homens que trabalham fora de casa, sendo por isso mais difícil de serem encontrados. Observa-se também, para ambos os sexos, que a taxa de entrevista realizada é inferior para os jovens com maior grau de instrução, segundo grau completo ou universitário. Pode-se argumentar que muitos deles estavam estudando à noite, quando, em geral, as revisitas foram feitas, não sendo, assim, alcançados pela equipe de campo.

Na tabela 1.4 vê-se a comparação entre as mesmas características (idade e instrução) dos jovens que foram entrevistados e jovens que estavam ausentes, ou seja, aqueles que moravam nos domicílios visitados, mas que não responderam ao questionário individual. A informação destas variáveis, para os jovens não entrevistados, foi coletada através da ficha do domicílio. A distribuição por idade confirma que uma proporção dos jovens de 20-24 anos que faltava nos dados finais com entrevistas realizadas foi incluída na amostra, embora eles não tenham sido entrevistados. Este resultado é especialmente claro para os homens de Recife. Da mesma forma, tal fato é evidente segundo a instrução, onde se nota uma maior porcentagem de jovens com entrevista não realizada pertencentes à categoria segundo grau completo/universitário, principalmente para as mulheres nas duas cidades.

Observou-se que, em relação ao total da amostra da PSRSJ, houve uma menor porcentagem de entrevistas realizadas com jovens de 20-24 anos de idade e instrução segundo grau completo/universitário. Em decorrência deste fato, analisaram-se duas alternativas:

- a) introdução de uma ponderação que seria representativa da distribuição etária e escolar da amostra completa; ou
- b) manter os dados autoponderados, alertando os leitores deste relatório sobre o possível efeito das taxas de respostas diferenciadas.

Para se tomar a decisão sobre a melhor alternativa, aplicaram-se as taxas de relação sexual pré-marital por subgrupos de idade e instrução na distribuição da amostra total. Os resultados ajustados para os jovens de 15-24 anos são mostrados na tabela 1.5 (coluna da Amostra Total - A.T.). Para a variável idade, o maior efeito, depois do ajuste dos dados, foi verificado na amostra masculina Recife, onde a diferença situou-se em + 1,0%. Para a instrução, o ajuste não ultrapassou 0,2%. Como estes resultados estão dentro do erro de amostragem, com um intervalo de confiança de 95%, optou-se por deixar os dados da pesquisa autoponderados e não introduzir uma ponderação neste informe descritivo e nas análises subseqüentes.

Trabalho de campo

A pesquisa com jovens, sendo um levantamento domiciliar, necessitou de um planejamento e uma metodologia bem definida para a realização do trabalho de campo.

Utilizando a experiência que a Instituição possui nesse tipo de pesquisa quantitativa, o Departamento de Pesquisas Sociais da BEMFAM - DEPES, optou pela utilização do trabalho de equipe, não só por sua praticidade, mas principalmente pela confiabilidade e controle de qualidade dos dados.

Esse trabalho de pesquisa foi efetuado pela equipe de pesquisadores do DEPES, com o auxílio de um coordenador geral de campo e de coordenadores regionais, selecionados em cada uma das cidades pesquisadas.

O treinamento dos entrevistadores foi ministrado por um mesmo profissional do departamento, garantindo, dessa forma, a uniformidade das informações. Este treinamento, realizado em cada uma das cidades, constou de uma parte teórica, para compreensão do questionário, e de uma parte prática, com dramatização e aplicação de entrevistas. Ao final desses treinamentos, foram selecionados, em cada cidade, 4 supervisores (2 homens e 2 mulheres) e 12 entrevistadores, metade de cada sexo. Os supervisores foram escolhidos dentro do próprio grupo, por suas qualidades de liderança, organização, confiabilidade e compreensão do questionário.

Esses jovens formaram, em cada cidade, 4 equipes, duas masculinas e duas femininas, encarregadas de entrevistarem homens e mulheres, respectivamente. Cada equipe foi composta de 1 supervisor e 3 entrevistadores.

Como os setores censitários sorteados eram os mesmos para homens e mulheres, com diferença apenas em relação aos domicílios, optou-se por juntar duas equipes, uma masculina e uma feminina, que se deslocavam no mesmo veículo.

Os supervisores tiveram papel de extrema importância para o controle de qualidade da amostra e dos dados, pois, além de liderarem as equipes, eram responsáveis pela revisão dos questionários em campo e checagem da amostra. Para isso, receberam um treinamento complementar.

A fim de garantir ainda mais a qualidade dos dados, cada coordenador regional ficou encarregado de revisar todos os questionários sob sua responsabilidade, antes de enviá-los para a sede da pesquisa, onde foi feita a entrada e edição dos dados, usando o software "Survey", desenvolvido pela Divisão de Saúde Reprodutiva do CDC.

O processamento dos dados foi realizado simultaneamente ao trabalho de campo e, como os questionários eram autocodificados, não houve necessidade de codificação, reduzindo a margem de erro.

O trabalho de campo teve início em agosto de 1989 no Rio de Janeiro, finalizando em março de 1990, em Recife.

Notas sobre a apresentação dos resultados

As tabelas foram numeradas separadamente para cada capítulo. As freqüências são apresentadas por números inteiros e as porcentagens com um decimal. Devido a arredondamentos, é possível que as porcentagens não somem exatamente 100,0. Nas tabelas com distribuição percentual ou médias, o tamanho da amostra está indicado somente para os totais, e não para cada categoria, simplificando, assim, a leitura. Em muitos casos, pode-se deduzir o tamanho da amostra de uma tabela anterior. Foram suprimidos das tabelas os dados estatísticos baseados em menos de 25 casos.

Para a variável instrução, escolheram-se quatro categorias, que reúnem diversas séries cada uma, que por sua vez podem ser traduzidas em anos de estudo. Assim, na categoria PRIMÁRIO INCOMPLETO encontram-se os jovens com até 3 anos de estudo. Em I GRAU INCOMPLETO se acham aqueles que estudaram de 4 a 7 anos. Para os que completaram de 8 a 10 anos de estudo, criou-se a categoria I GRAU COMPLETO/II GRAU INCOMPLETO. Por fim, na categoria II GRAU COMPLETO/UNIVERSIDADE foram classificados todos os jovens que completaram 11 ou mais anos de estudo.

Em alguns casos, como no Capítulo 5, optou-se por referir a instrução em anos de estudo, para obter um maior número de casos nas diversas categorias apresentadas.

Na classificação de classe sócio-econômica, utilizaram-se os critérios construídos e validados pela ABA/ABIPEME (1). Esta classificação leva em conta alguns itens de conforto e consumo encontrados nos domicílios (televisão, rádio, banheiro, automóvel, etc.) e a instrução do jovem entrevistado. Assim, temos, nos extremos, a classe A, constituída por aqueles que têm maior instrução e poder de consumo, e a classe E, formada por aqueles com instrução e possibilidades de consumo mais baixas.

(1) A proposição - Critério ABA/ABIPEME. Mercado Global. Janeiro/Fevereiro, 1984.

Tabelas - Cap.1

Tabela 1.1 - Estimativa dos erros da amostragem, segundo valor da variável e tamanho da amostra selecionada - N (*) Rio de Janeiro, Curitiba, e Recife - PSRSJ, 1989/90

Valor da Variável (%)	Número de Casos (N)									
	25	50	100	200	300	400	500	600	800	1000
5,0/95,0	10,1	7,1	5,1	3,6	2,9	2,5	2,3	2,1	1,8	1,6
10,0/90,0	13,9	9,8	7,0	4,9	4,0	3,5	3,1	2,8	2,5	2,2
20,0/80,0	18,6	13,1	9,3	6,6	5,4	4,6	4,1	3,8	3,3	2,9
30,0/70,0	21,3	15,0	10,6	7,5	6,1	5,3	4,8	4,3	3,8	3,4
40,0/60,0	22,7	16,1	11,4	8,0	6,6	5,6	5,1	4,6	4,0	3,6
50,0	23,2	16,4	11,6	8,2	6,7	5,8	5,2	4,7	4,1	3,7

(*) Intervalo de confiança de 95% assumindo efeito por desenho = 1,4

Tabela 1.2 - Dados sobre a implementação da amostra e taxas de respostas obtidas na pesquisa, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Seleção de Domícilios						
Jovens Identificados	16,4	17,3	17,9	18,5	24,2	22,4
Não há jovens na casa	75,8	75,2	82,0	80,4	71,2	72,0
Moradores ausentes	0,7	0,2	0,0	0,1	0,0	0,0
Recusa	0,6	1,1	0,0	0,1	0,0	0,0
Domicílio desocupado	6,4	6,1	0,0	0,8	4,1	5,5
Outras causas	0,0	0,1	0,0	0,0	0,5	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº de domicílios	4528	4242	4318	4326	3620	3596
Seleção Individual						
Entrevista realizada	84,9	90,2	97,0	97,2	90,7	93,4
Ausência do jovem(*)	5,6	2,0	0,1	0,1	2,4	1,3
Recusa	5,8	5,8	0,4	1,9	1,4	2,5
Informante inadequado	0,5	0,5	0,9	0,2	1,4	1,4
Outras causas	3,2	1,5	1,5	0,5	4,1	1,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº de possíveis entrevistados	999	921	979	939	1273	1059
Nº de entrevistas realizadas	848	831	950	913	1154	989

(*) Após um máximo de 9 visitas sem conseguir contato com o jovem

Tabela 1.3 - Porcentagem de entrevistas individuais realizadas segundo a idade e instrução, por sexo. Rio de Janeiro e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio de Janeiro		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Idade				
15-19	86,5	91,5	98,3	95,1
20-24	83,0	88,7	82,5	90,9
Instrução				
I grau completo	87,0	97,3	92,5	96,1
II grau completo/Universidade	83,9	82,8	88,5	91,0
Total	84,9	90,2	90,7	93,4

Tabela 1.4 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo a situação de entrevista, por idade, instrução, e sexo. Rio de Janeiro e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio de Janeiro				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
Entrevistas	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Idade								
15-19	52,7	46,4	55,6	47,8	58,4	10,5	58,4	42,9
20-24	47,3	53,6	44,4	52,2	41,6	89,5	41,6	57,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Instrução								
I grau completo	54,5	48,3	55,3	14,4	64,1	52,6	54,2	32,8
II grau completo/Universidade	45,5	51,7	44,7	85,6	35,9	47,4	45,8	67,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	151	831	90	1154	114	989	67

Tabela 1.5 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que reportaram relação sexual pré-marital (E. R.) ajustada segundo a idade e instrução na amostra total (A. T.). Rio de Janeiro e Recife - PSRSJ, 1989/90.

(%)	Homens			Mulheres		
	E.R.	A.T.	V.P.	E.R.	A.T.	V.P.
Rio de Janeiro						
Idade	83,1	83,4	+0,3	42,5	42,7	+ 0,2
Instrução	83,1	83,2	+0,1	42,5	42,3	-0,2
Recife						
Idade	78,7	79,7	+1,0	25,4	25,6	+ 0,2
Instrução	78,7	78,9	+0,2	25,4	25,6	-0,1

E.R. - Entrevista realizada

A.T. - Amostra total

V.P. - Variação percentual

Capítulo 2

Características Demográficas e Sócio-econômicas dos Jovens

Neste capítulo, estão algumas características demográficas e sócio-econômicas da população de jovens estudada pela pesquisa. As características demográficas e sócio-econômicas são informações importantes para a compreensão das demais variáveis investigadas.

As amostras independentes de homens e de mulheres, nas três cidades pesquisadas, são descritas em termos da distribuição etária da população, estado civil, cor, instrução, ocupação, classe sócio-econômica, religião, local de origem, tempo de permanência e composição do domicílio em que os jovens residem.

Na tabela 2.1, encontram-se os dados relativos à distribuição etária da população de jovens de 15 a 24 anos de idade. Nas três cidades pesquisadas, achou-se uma maior porcentagem de jovens, de ambos os sexos, pertencentes ao grupo etário de 15-19 anos. Assim, no Rio de Janeiro, 53% dos entrevistados do sexo masculino tinham entre 15 e 19 anos e 47%, entre 20 e 24 anos. Em relação às mulheres, 56% estavam entre 15 e 19 anos e 44%, entre 20 e 24 anos. Em Curitiba, na amostra masculina, encontraram-se 55% no grupo etário 15-19 e 45% no de 20-24 anos. Na amostra feminina, obtiveram-se 52% com idades entre 15 e 19 anos e 48%, entre 20 e 24 anos. Recife, onde a fecundidade é mais alta, apresentou a maior porcentagem de jovens na faixa dos 15-19 anos, em comparação com as outras duas cidades pesquisadas: 58% dos homens entrevistados tinham idades entre 15 e 19 anos e 42% entre 20 e 24 anos. A amostra feminina apresentou a mesma distribuição etária que a masculina.

A tabela 2.2 mostra as informações relativas ao estado civil, associadas à idade dos jovens. Conforme o esperado, a maior parte dos jovens entre 15 e 24 anos de idade constitui-se de solteiros. Entre a população masculina, 88% dos homens no Rio estavam solteiros, em Curitiba, 89% e, em Recife, 86%. Entre as mulheres, esta porcentagem é de 78% para o Rio, 75% para Curitiba e 81% para Recife. Nota-se um crescimento natural na porcentagem de jovens casados ou unidos com o aumento da idade. Entre a população masculina de 15-19 anos de idade, apenas 4%, 2% e 5% no Rio, em Curitiba e em Recife, respectivamente, estavam ou estiveram casados ou unidos. Entre os homens de 20-24 anos, a porcentagem aumenta para 21% no Rio, 23% em Curitiba e 25% em Recife. Entre as mulheres, das três cidades pesquisadas, observa-se que, na faixa etária de 15-19 anos, 8% no Rio, 11% em Curitiba e 11% em Recife estavam

casadas ou unidas. Aos 20-24 anos de idade, aproximadamente 40% das mulheres no Rio e em Curitiba (41% e 40%, respectivamente) e 31% em Recife estavam unidas. Os dados apresentados deixam clara a relação maior idade/menor porcentagem em união e uma tendência de as mulheres se unirem numa idade mais jovem que os homens. É importante ressaltar a porcentagem, relativamente significativa, de jovens que se encontram na categoria separado/divorciado/viúvo. Tal fato sugere que a entrada precoce em uma união pode contribuir para uma grande incidência de separações. Das três cidades, Recife foi a que mostrou a maior porcentagem de jovens separados, divorciados ou viúvos, sendo que no grupo de 20-24 anos, tanto para homens, como para mulheres, ela chega a 9%. No Rio de Janeiro, observou-se porcentagem semelhante para as mulheres (gráfico 1).

A informação sobre a instrução dos jovens entrevistados nas três cidades se acha na tabela 2.3. De uma maneira geral, no Rio e em Recife, uma porcentagem significativa de jovens encontra-se nas categorias I Grau Incompleto e I Grau Completo, ao passo que, em Curitiba, metade ou mais dos jovens está entre as categorias II Grau Incompleto e Universidade. Comparando as três cidades, observa-se que a população de jovens, em Curitiba, apresentou níveis mais altos de instrução. Quanto ao sexo do jovem, vale a pena mencionar também que as mulheres, nas três localidades pesquisadas, mostram níveis de instrução mais altos que os homens - uma maior porcentagem feminina que masculina reportou haver terminado o II Grau e/ou a Universidade. Pesquisa realizada recentemente em São Paulo (2) encontrou, também, uma maior porcentagem de mulheres, em comparação com a de homens, com II Grau Completo e/ou Universidade. Como o esperado, verificou-se uma relação positiva entre a idade e a instrução. Enquanto 10% dos homens de 15-19 anos no Rio, 14% em Curitiba e 10% em Recife têm o II Grau Completo, estas porcentagens aumentam, nas três cidades, para jovens pertencentes ao grupo etário de 20-24 anos: 37% no Rio, 43% em Curitiba e 31% em Recife. Em relação às mulheres de 15-19 anos, 15%, 20% e 13%, respectivamente, no Rio, Curitiba e Recife, completaram o II Grau e, entre aquelas com 20-24 anos, as porcentagens equivalentes são de 40% no Rio, 50% em Curitiba e 46% em Recife (gráfico 2).

Uma análise (2) da população em estudo, referente à classe sócio-econômica nas três cidades pesquisadas, mostra que a composição das amostras em relação à classe sócio-econômica é similar, estando uma parcela significativa da população de jovens entre as classes C e D. Curitiba e Rio de Janeiro têm um padrão sócio-econômico semelhante, sendo que Curitiba apresenta uma maior porcentagem de jovens nos segmentos A e B e menor no E, em relação ao Rio. Já em Recife, acima de 50% da população de jovens situa-se nos estratos sócio-econômicos mais baixos, ou seja, classes D e E.

Na tabela 2.4, vêem-se os dados que mostram a associação entre a ocupação do jovem e a classe sócio-econômica (3). Observou-se que, do total de homens, no Rio e em Curitiba, 39% e 48%, respectivamente, declararam que só trabalhavam. Já em Recife, a maior porcentagem de homens reportou que só estudava. Entre as mulheres, nas três cidades, a maior porcentagem só estudava (39% no Rio, 31% em Curitiba e 55% em Recife). Quando se analisa a ocupação do jovem em relação à classe sócio-econômica, nota-se claramente uma mudança. Assim, entre a população de ambos os sexos, existe uma relação positiva entre a porcentagem de jovens que só estudam e a classe sócio-econômica. No Rio, 51% dos homens da classe A/B só estudam, enquanto, para aqueles pertencentes à classe D/E, esta porcentagem cai para 19%. Em Curitiba, 39% dos homens da classe A/B só estudam, enquanto, para a classe D/E, o percentual é de apenas 7%. Em Recife, esta relação é de 57% para os homens da classe A/B e 28% para os da

(1) Sakamoto C.P.M., Freire H.S. e Morris L. - Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo. Relatório Final. Centro Materno-Infantil de Planejamento Familiar, Abril 1991.

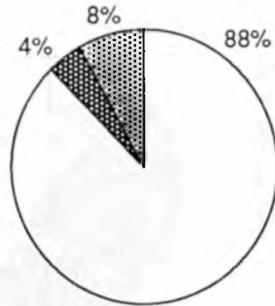
(2) Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem - 1989/90 - Rio de Janeiro, Curitiba e Recife. Relatório Preliminar. BEMFAM/DEPES, Rio de Janeiro, 1990 (mimeo).

(3) Para a classificação da classe sócio-econômica, utilizaram-se os critérios construídos e validados pela ABA/ABIPEME (ver A Proposição - Critério ABA/ABIPEME. Mercado global-Janeiro/Fevereiro, 1984). Esta classificação leva em conta alguns bens de consumo e conforto encontrados nos domicílios (por exemplo: televisão, rádio, banheiro, automóvel, etc.) e a instrução do jovem. A classe A é constituída por aqueles que têm maior poder de consumo e a E por aqueles de poder mais baixo.

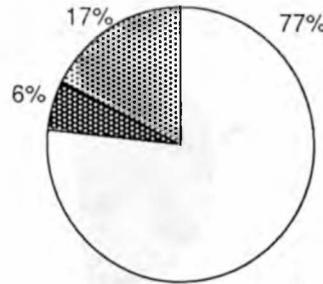
Gráfico 1
Estado Civil
Jovens de 15-24 anos de idade
PSRSJ, 1989/90

Rio de Janeiro

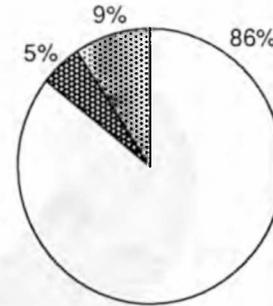
Recife



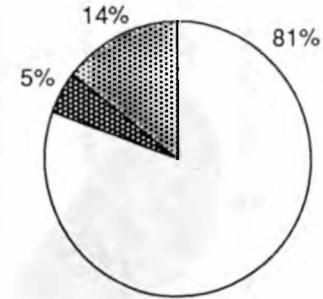
Homens



Mulheres

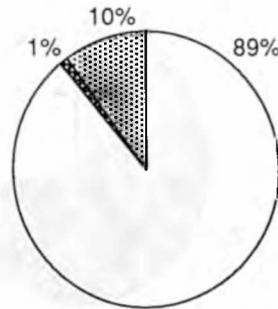


Homens

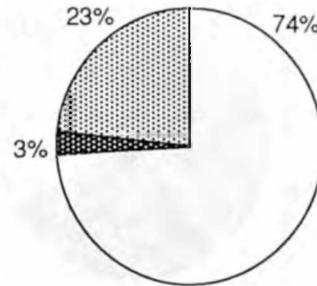


Mulheres

Curitiba



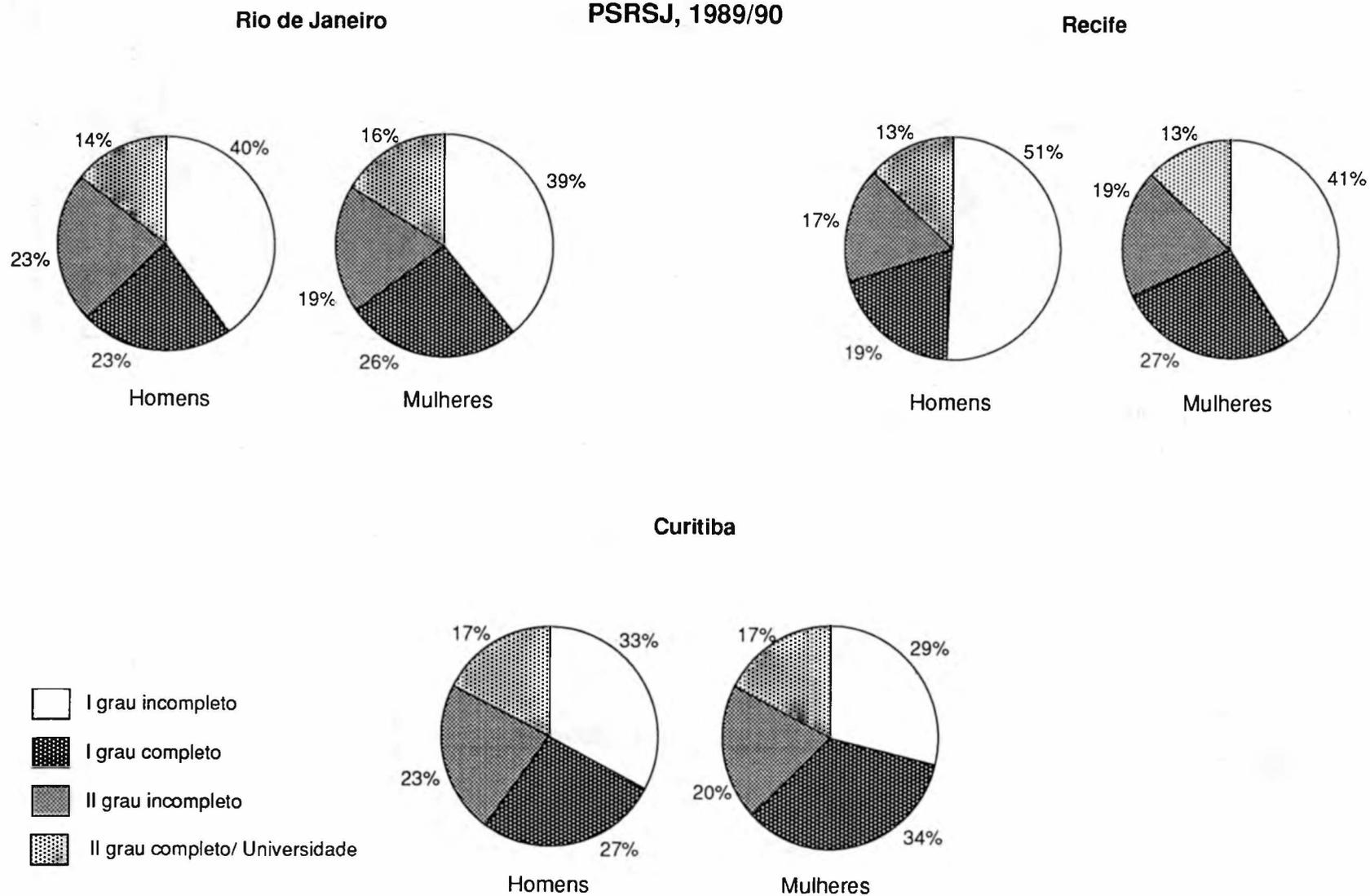
Homens



Mulheres



Gráfico 2
Instrução
Jovens de 15-24 anos de idade
PSRSJ, 1989/90



D/E. Na categoria só trabalha, o maior contingente de homens, no Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, está na classe D/E. É importante salientar que a porcentagem de jovens que, no momento da entrevista, declararam não estar estudando, nem trabalhando, aumenta na classe mais baixa e apresenta uma correlação inversa entre ocupação e classe sócio-econômica. No Rio de Janeiro, a porcentagem é de 10%, em Curitiba, de 8% e em Recife, de 17%, sendo que, nesta cidade, a classe D/E tem um peso maior que nas outras duas cidades pesquisadas.

Estudo realizado pelo IBGE (4) mostra que, entre a população de 15-17 anos de idade, a taxa de atividade (5) da Região Sudeste é superior à da Região Nordeste. A PSRSJ apresenta uma relação similar entre a população masculina de 15-24 anos, no Rio de Janeiro e em Recife, cidades pertencentes às regiões Sudeste e Nordeste, respectivamente. No Rio de Janeiro, 62% dos homens declararam trabalhar e, em Recife, esta porcentagem foi de 52%.

Quanto às mulheres, nas três cidades, existe uma diminuição na porcentagem das que se dedicam somente ao estudo, na medida em que decresce a classe econômica. No Rio de Janeiro e em Curitiba, observa-se um aumento na porcentagem daquelas que só trabalham, quando se passa da classe sócio-econômica mais alta para a mais baixa. Em Recife, não verificou-se esta relação: a porcentagem de mulheres que declararam só trabalhar cresce na classe C, diminuindo na classe D/E. Finalmente, merece ser mencionado que existe uma maior proporção de mulheres, do que de homens, que não trabalha nem estuda, sendo maior na classe D/E. Deve-se levar em conta que esta porcentagem significativa não indica necessariamente ausência de ocupação, pois grande parte dessas mulheres está engajada no trabalho doméstico. Entre os homens que declararam não trabalhar nem estudar, a maior parte se diz desempregada no momento, vindo em seguida aqueles que estavam fazendo o serviço militar.

Apesar de não ser mostrado em tabela, entre os jovens que estavam trabalhando na época da pesquisa, 62% dos homens e 64% das mulheres, no Rio de Janeiro, afirmaram que tinham carteira assinada. Em Curitiba, esta porcentagem foi superior: 76% para homens e 78% para as mulheres. Já em Recife, observa-se que, entre os jovens que trabalhavam, existe o percentual mais baixo, das três cidades, de jovens com carteira assinada, sendo de 48% e 54% para homens e mulheres, respectivamente. Em relação ao salário recebido pelos jovens que trabalharam no mês anterior à pesquisa, 61% dos homens e 64% das mulheres do Rio e 57% dos homens e 56% mulheres de Recife declararam ter recebido de 1 a 2 salários mínimos. Em Curitiba, 72% dos homens e 59% das mulheres receberam de 2 a 5 salários mínimos.

No que se refere à crença religiosa, nota-se, nas três cidades, uma proporção significativa da população de jovens que disse possuir uma religião. Porcentagens acima de 66% estão na categoria cuja religião declarada foi a católica. Entre os que se consideram católicos, a maior parte enquadra-se nos chamados católicos não-mensais, definidos na pesquisa como aqueles que freqüentam a igreja menos de uma vez por mês. Existe uma proporção maior de mulheres que se situam na categoria católicos mensais, ou seja, vão à igreja mais regularmente, quando comparadas aos homens. Entre os que se declararam protestantes e crentes, há uma maior porcentagem feminina do que masculina. Assim, 13% das mulheres, no Rio e em Curitiba, e 12%, em Recife, disseram ser protestantes ou crentes. Para os homens, esta porcentagem é de 9%, 10% e 8% no Rio, Curitiba e Recife, respectivamente. Na categoria outras religiões, que inclui espírita, judaica, religiões afro-brasileira e orientais, encontrou-se uma porcentagem baixa. É importante mencionar que porcentagens significativas de jovens declararam não ter religião, principalmente entre os homens do Rio de Janeiro (20%) e de Recife (21%) (tabela 2.5).

A maior parte dos jovens entrevistados no Rio de Janeiro e em Recife sempre viveu nestes dois municípios. Esta porcentagem é de 84% para os homens e de 83% para as mulheres no Rio e de 81% e 84% para homens e mulheres,

(4) Saboia A.L., Castelo Branco H., Parayba M.I. e Ribeiro da Silva R.M. Crianças e Adolescentes, indicadores sociais. IBGE, Rio de Janeiro, 1990.

(5) A taxa de atividade refere-se à relação entre o total de pessoas economicamente ativas (PEA) e a população total. Neste caso, utilizou-se a população específica de 15-17 anos de idade.

em Recife, respectivamente. Em relação aos três municípios pesquisados, Curitiba foi o que apresentou porcentagens mais baixas de jovens nativos, sendo 63% dos homens e 56% das mulheres originários deste município.

A maior parte dos jovens migrantes veio de uma outra cidade. A única exceção observada foi entre as mulheres que migraram para o Rio de Janeiro, onde porcentagem significativa era originária de uma vila. Quanto ao tempo de permanência destes jovens nas cidades pesquisadas, verifica-se que uma maior proporção chegou recentemente aos três municípios, ou seja, há menos de 5 anos (tabela 2.6).

No que se refere à classificação da população estudada, por cor, nas três cidades, porcentagens de jovens acima de 60% para o Rio, 80% em Curitiba e 40% em Recife definiram-se como de cor branca. A cor parda/mulata foi mais frequente entre os homens e as mulheres de Recife (55% e 46%, respectivamente), vindo em seguida o Rio de Janeiro (30% para os homens e 32% para as mulheres). Em Curitiba, as porcentagens são bem inferiores (13% para os homens e 15% para as mulheres), já que a maioria da população declarou ser da cor branca. Em relação ao grupo de pretos, o Rio de Janeiro apresentou porcentagens um pouco maiores que as de Recife. Em Curitiba, nesta categoria, os valores são muito pequenos. Estudo realizado para as regiões Sudeste e Nordeste do Brasil (6) encontrou, quanto ao grupo de pretos, valores próximos nas duas regiões, sendo um pouco superior a porcentagem destes na população do Sudeste (tabela 2.7).

As informações referentes à composição dos domicílios onde os jovens residem estão na tabela 2.8. O número médio de pessoas nas residências é maior em Recife, sendo menor no Rio de Janeiro e em Curitiba. Assim, em Recife verificou-se que, em média, os jovens do sexo masculino vivem em domicílios com 5,5 pessoas, sendo que nos domicílios da amostra feminina encontraram-se em média 5,1 pessoas. Em Curitiba, a composição domiciliar é igual para ambos os sexos, sendo 4,0 pessoas o número médio (27% e 22%, respectivamente, menor do que Recife). No Rio de Janeiro, o número médio de pessoas com quem residem os jovens é de 4,3 para os homens e 4,0 para as mulheres. Observa-se que, tanto no Rio, como em Curitiba, quase dois terços dos jovens de ambos os sexos moram com até quatro pessoas no domicílio. Em Recife, esta porcentagem é de apenas 40% para os homens e 46% para as mulheres. É interessante ressaltar que, neste município, por volta de 27% dos jovens vivem em domicílios com mais de 6 pessoas, ao passo que, no Rio de Janeiro e em Curitiba, esta porcentagem é bem inferior, ficando próxima de 10%.

(6) Op. cit. em (4).

Tabelas - Cap.2

Tabela 2.1 - Distribuição percentual de jovens de 15-24 anos de idade, segundo a idade atual por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
15-19	52,7	55,6	55,2	52,2	58,4	58,4
15-17	(31,7)	(33,7)	(33,5)	(32,9)	(37,0)	(38,3)
18-19	(21,0)	(21,9)	(21,7)	(19,3)	(21,4)	(20,1)
20-24	47,3	44,4	44,8	47,9	41,6	41,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 2.2 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo o estado civil, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Estado Civil	Homens			Mulheres		
	Total	15-19	20-24	Total	15-19	20-24
Rio de Janeiro						
Solteiro(a)	88,0	96,0	79,1	77,5	92,0	59,3
Casado(a)	5,1	0,7	10,0	12,3	3,2	23,6
União Consensual	3,2	1,3	5,2	4,5	1,3	8,4
Separado(a)/Divorciado(a)/Viúvo(a)	3,8	2,0	5,7	5,8	3,5	8,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	447	401	831	462	369
Curitiba						
Solteiro(a)	88,9	98,5	77,2	74,7	88,7	59,5
Casado(a)	7,3	0,6	15,5	17,5	6,5	29,5
União Consensual	2,5	0,6	4,9	5,3	3,4	7,3
Separado(a)/Divorciado(a)/Viúvo(a)	1,3	0,4	2,3	2,5	1,5	3,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	524	426	913	476	437
Recife						
Solteiro(a)	86,4	94,5	75,0	80,5	88,9	68,6
Casado(a)	3,4	0,6	7,3	9,2	4,3	16,1
União Consensual	5,1	2,8	8,3	5,0	4,2	6,1
Separado(a)/Divorciado(a)/Viúvo(a)	5,1	2,1	9,4	5,4	2,6	9,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	674	480	989	578	411

Tabela 2.3 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo o grau de instrução, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Instrução	Homens			Mulheres		
	Total	15-19	20-24	Total	15-19	20-24
Rio de Janeiro						
Primário incompleto	6,3	7,6	4,7	6,1	5,8	6,5
I grau incompleto	34,3	39,8	28,2	32,7	38,3	25,7
I grau completo	13,9	16,1	11,5	16,2	16,2	16,3
II grau incompleto	22,8	26,4	18,7	18,7	24,7	11,1
II grau completo/Universidade	22,8	10,1	36,9	26,2	14,9	40,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	447	401	831	462	369
Curitiba						
Primário incompleto	2,4	2,1	2,8	4,2	4,8	3,4
I grau incompleto	30,4	37,0	22,3	25,0	31,3	18,1
I grau completo	17,5	17,0	18,1	16,4	18,3	14,4
II grau incompleto	22,7	29,6	14,3	20,0	25,4	14,2
II grau completo/Universidade	26,9	14,3	42,5	34,4	20,2	49,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	524	426	913	476	437
Recife						
Primário incompleto	6,9	7,3	6,5	5,2	5,7	4,4
I grau incompleto	44,5	51,9	34,2	36,0	46,9	20,7
II grau completo	12,6	12,9	12,1	13,0	14,5	10,9
II grau incompleto	17,2	18,0	16,0	18,9	19,6	18,0
II grau completo/Universidade	18,8	9,9	31,3	26,9	13,3	46,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	674	480	989	578	411

Tabela 2.4 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo a ocupação, por classe sócio-econômica e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ,1989/90.

Ocupação	Classe Sócio-Econômica							
	Homens				Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E	Total	A/B	C	D/E
Rio de Janeiro								
Só estuda	30,5	51,4	29,1	19,1	39,4	58,6	43,0	21,9
Estuda e trabalha	23,6	30,8	29,1	14,4	15,4	21,1	15,7	10,9
Só trabalha	38,8	14,9	35,5	56,3	21,3	14,5	19,8	27,7
Não estuda nem trabalha	7,1	2,9	6,4	10,3	23,9	5,7	21,5	39,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	208	299	341	831	227	293	311
Curitiba								
Só estuda	21,5	38,6	17,4	7,0	30,9	43,7	31,6	15,4
Estuda e trabalha	25,7	35,6	25,6	14,6	16,2	25,5	16,8	4,9
Só trabalha	48,4	23,5	53,2	70,7	29,2	21,9	29,6	37,2
Não estuda nem trabalha	4,4	2,2	3,8	7,7	23,7	8,9	22,0	42,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	323	340	287	913	302	345	266
Recife								
Só estuda	35,6	56,5	38,3	27,6	54,5	68,8	53,4	50,3
Estuda e trabalha	19,4	28,5	19,0	16,7	10,0	15,6	13,7	5,8
Só trabalha	32,8	13,5	32,9	38,6	10,6	10,4	16,3	7,2
Não estuda nem trabalha	12,2	1,6	9,8	17,1	24,9	5,2	16,6	36,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	193	316	645	989	173	313	503

Tabela 2.5 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo a crença religiosa, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Religião	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Católica mensal(*)	15,2	19,4	23,5	37,7	19,2	24,7
Católica não mensal (**)	50,6	46,8	56,9	39,0	48,7	50,5
Protestante/Crente	9,4	12,9	9,8	13,1	7,6	12,3
Outras	5,0	8,8	2,5	3,7	3,6	3,3
Sem religião	19,8	12,0	7,3	6,5	20,9	9,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

(*) Frequentam a igreja pelo menos uma vez por mês.

(**) Frequentam a igreja menos de uma vez por mês.

Tabela 2.6 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo o local de origem e o tempo de permanência, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife -PSRSJ, 1989/90.

Local de origem e tempo de permanência	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sempre viveu no município	84,4	82,6	63,1	56,4	81,2	84,4
Veio para o município	15,6	17,5	36,9	43,6	18,8	15,6
Capital	(2,6)	(5,9)	(4,3)	(3,6)	(4,6)	(4,2)
Cidade	(8,5)	(3,4)	(25,2)	(32,2)	(8,4)	(8,3)
Vila	(1,1)	(7,6)	(1,6)	(1,3)	(0,9)	(0,7)
Zona Rural	(2,7)	(0,5)	(5,8)	(5,9)	(4,7)	(2,3)
Não Sabe	(0,7)	(0,1)	(0,1)	(0,5)	(0,2)	(0,1)
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989
Tempo de Permanência						
0 - 4 anos	37,9	37,2	32,2	35,2	33,2	43,5
5 - 9 anos	22,0	25,5	21,9	19,3	23,5	23,4
10 - 14 anos	16,7	22,1	29,3	26,6	25,3	22,7
15 - 19 anos	21,2	12,4	13,7	17,1	13,8	8,4
20 - 24 anos	2,3	2,8	2,8	1,8	4,1	1,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	132	145	351	398	217	154

Tabela 2.7 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo a cor, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Cor	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Branca	62,3	61,3	84,6	83,7	41,8	51,9
Parda/Mulata	30,4	32,1	13,3	15,2	54,5	45,7
Preta	7,3	5,7	1,4	1,0	3,6	2,0
Amarela	0,0	0,6	0,7	0,1	0,0	0,3
Não respondeu	0,0	0,4	0,0	0,0	0,2	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 2.8 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade segundo o número de pessoas com quem reside no domicílio, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Nº de pessoas com quem reside no domicílio	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1	3,9	6,9	6,7	6,4	3,0	5,2
2	14,2	15,0	11,2	17,1	7,3	9,4
3	26,0	23,7	22,8	20,2	14,0	15,3
4	21,0	20,0	24,4	21,1	15,4	15,7
5	12,9	17,7	16,4	17,2	16,8	16,9
6	9,5	6,1	9,4	8,3	14,9	11,7
7-9	8,3	8,3	8,7	8,2	20,9	21,1
10-18	3,8	2,2	0,5	1,6	7,6	4,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	842 ⁽¹⁾	831	940 ⁽²⁾	909 ⁽³⁾	1153 ⁽⁴⁾	987 ⁽⁵⁾
Nº médio de pessoas com quem reside	4,3	4,0	4,0	4,0	5,5	5,1

(1) Exclui 6 jovens que declararam morar sós.

(2) Exclui 10 jovens que declararam morar sós.

(3) Exclui 4 jovens que declararam morar sós.

(4) Exclui 1 jovem que declarou morar só.

(5) Exclui 2 jovens que declararam morar sós.

Capítulo 3

Educação Sexual

Educação sexual é um tema que geralmente suscita muita polêmica. Ao lidar com sexualidade, como tudo o que a ela está relacionado, vem envolvida de uma forte carga emocional. No caso da educação sexual, esta carga é dupla, uma vez que levanta, também, a discussão sobre a necessidade de abordar sexualidade em aulas ou palestras com crianças e adolescentes.

Para alguns, a educação sexual é um processo inerente ao desenvolvimento da sexualidade do ser humano, não havendo necessidade de intervenção por parte de adultos, sejam estes da família, da escola, da igreja ou de outra instituição qualquer. Outros a consideram necessária, com o objetivo de transmitir normas de comportamento. Outros, por fim, acham importante uma educação sexual, entendida como "informação", para levar às crianças e adolescentes conhecimentos essenciais à compreensão da própria sexualidade e dos processos normais de crescimento e transformação da puberdade.

Dentro desta linha, que prioriza a informação, é fundamental que se transmita uma educação sexual desde a infância, quando ocorrem as primeiras experiências e, principalmente, na adolescência, fase em que a maioria dos jovens tem suas primeiras relações sexuais, com o objetivo de evitar problemas emocionais, doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejáveis.

Nesta pesquisa, em virtude da importância da informação sobre sexo na adolescência, resolveu-se introduzir no questionário uma seção específica sobre educação sexual. Nesta seção, levantaram-se diversas questões sobre educação sexual nas escolas e fora delas, o que foi absorvido através dessas informações e, por fim, algumas opiniões e atitudes relacionadas ao sexo e à anticoncepção.

Na primeira questão desta seção, procurou-se saber como e por quem os jovens entrevistados receberam as primeiras informações sobre sexo.

A tabela 3.1 apresenta a distribuição percentual dos jovens de ambos os sexos, nas três cidades pesquisadas, segundo a fonte de informação. Ao analisar os resultados vistos nesta tabela, nota-se a influência dos amigos como informantes: em geral, é com os amigos que as crianças e adolescentes aprendem as primeiras noções sobre sexo.

De acordo com o acima referido, para os jovens do sexo masculino, nos três municípios, os primeiros informantes mais citados foram os amigos. A figura paterna aparece em segundo lugar, como informante e orientador, no Rio de Janeiro e em Curitiba. Já em Recife, sua importância é bem menor, podendo sugerir um maior distanciamento nas relações entre pais e filhos. No que se refere às mães como informantes, os resultados mostram que, entre os homens, sua influência é pequena. Por outro lado, irmãos e parentes assumem um papel relevante como orientadores, sendo que em Recife chegam a superar a figura paterna.

Ao analisar os resultados para as mulheres, observa-se que a mãe tem importância significativa como pessoa que informa e orienta. No Rio de Janeiro e em Curitiba, a mãe aparece com os maiores percentuais de respostas afirmativas. Já em Recife, a porcentagem de mulheres que citaram a mãe como primeira informante é bem mais baixa, sendo superada em dobro pelo percentual das que citaram amigas ou amigos. Isto pode sugerir uma menor intimidade ou diálogo entre mães e filhas na sociedade de Recife. É interessante notar que irmãs, parentes e professores assumem algum significado entre as mulheres, assim como livros e revistas. A figura paterna, praticamente, não aparece entre as mulheres como transmissora de informações sobre sexo: apenas 1% das jovens, nas três cidades, reportou o pai como a pessoa que lhes deu as primeiras noções.

Comparando-se estes resultados com o de pesquisa similar realizada em São Paulo em 1988 (1), nota-se que, também nessa cidade, os amigos vêm em primeiro lugar como primeiros informantes, para ambos os sexos. Para os homens de São Paulo, o pai aparece, também, em segundo lugar, como em Curitiba e Rio de Janeiro. Para as mulheres paulistas, as amigas superam as mães, sugerindo uma menor intimidade entre mães e filhas, embora em menor escala que em Recife.

Com relação à educação sexual formal, perguntou-se a todos os jovens se tinham assistido a algum curso ou palestra sobre o assunto na escola ou em outros locais. Observando a tabela 3.2, pode-se verificar que, numa mesma cidade, uma maior porcentagem de mulheres que de homens recebeu alguma orientação na escola. Ao se comparar os resultados por cidade, vemos que os jovens de ambos os sexos, no Rio de Janeiro, são os que menos tiveram cursos ou palestras na escola: 49% das mulheres e 41% dos homens. Em Curitiba, encontram-se percentuais mais altos, tanto para homens, como para mulheres: 60% e 67%, respectivamente. Já em Recife, a porcentagem de mulheres que disseram ter participado de algum curso ou palestra na escola é de 62%, enquanto a de homens é de 49% (gráfico 3).

As porcentagens de jovens que declararam haver assistido a algum curso ou palestra fora do ambiente escolar são pouco expressivas, nas três cidades e para ambos os sexos. Não podemos deixar de salientar que um número significativo de entrevistados reportou nunca ter recebido qualquer orientação formal sobre o assunto, especialmente no Rio de Janeiro e entre a população masculina de Recife.

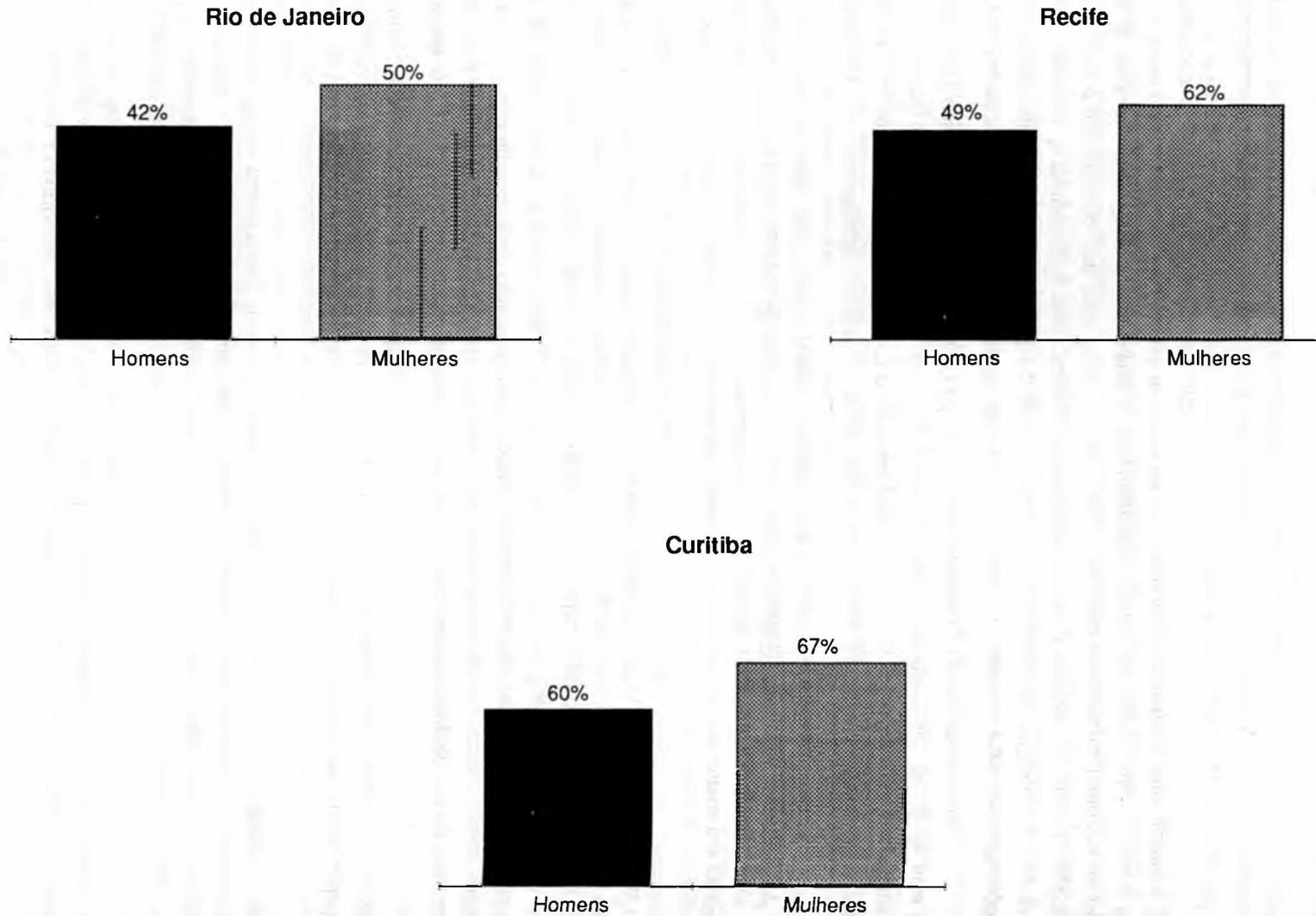
Resultados das pesquisas similares realizadas em São Paulo (2) e Salvador (3) mostraram que, nesta última cidade, se acham os menores índices de jovens com cursos de educação sexual na escola (45% das mulheres e 38% dos homens). Em São Paulo, os percentuais estão mais próximos dos da cidade do Rio de Janeiro: 48% das mulheres e 47% de homens.

(1) Sakamoto C.P.M., Freire H.S., Morris L. - Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo. Centro Materno Infantil de Planejamento Familiar, Abril 1991.

(2) Op. cit. em (1).

(3) Bastos A.V.B., Morris L., Fernandes S.R.P. (Organizadores) - Saúde e Educação Sexual: um estudo em Salvador. Salvador, Dezembro, 1989.

Gráfico 3
% jovens que tiveram curso ou
palestra sobre educação sexual
na escola
PSRSJ, 1989/90



Para os jovens que assistiram a palestras ou cursos na escola, perguntou-se em que série estes cursos tiveram início. Os resultados demonstram que, nas três cidades, a maioria dos jovens teve seus primeiros cursos ou palestras ainda no I Grau escolar (entre 83% e 88%), sendo que três quartos deles reportaram o início desses cursos entre a 5ª e a 8ª séries do I Grau (de 73% a 77%) (tabela 3.3).

A tabela 3.4 apresenta a distribuição percentual dos jovens nas três cidades, por sexo e segundo o profissional que ministrou os cursos de educação sexual. Ao se observar esta tabela, pode-se verificar que os professores aparecem com destaque, seguidos dos orientadores/psicólogos e de médicos.

Quanto ao conteúdo das palestras ou cursos de educação sexual na escola, na tabela 3.5 podemos notar, ao analisar as porcentagens de respostas afirmativas, que os índices mais altos referem-se aos temas relacionados à biologia (como fisiologia da reprodução e desenvolvimento na puberdade), doenças sexualmente transmissíveis e anticoncepção. Os temas comportamentais, como masturbação, homossexualismo e prostituição, foram menos abordados, segundo os jovens das três cidades.

Comparados com os obtidos nas pesquisas de Salvador (4) e São Paulo (5), vemos que, nestas cidades, esses resultados são bastante semelhantes com relação ao conteúdo dos cursos: os temas comportamentais apresentam os menores percentuais, principalmente entre as mulheres.

Para os jovens que disseram ter assistido a algum curso ou palestra sobre educação sexual fora da escola, perguntou-se em que lugar se realizaram esses cursos. O maior percentual desses jovens citou a Igreja, independente do tipo de religião. A Igreja aparece mais significativamente entre as mulheres, com percentuais de 45% no Rio e em Curitiba e 31% em Recife. Entre os homens, estes percentuais caem para 29% no Rio, 22% em Curitiba e 15% em Recife. Por outro lado, entre os homens, assumiu alguma importância o clube/grupo de jovens ou centro social e as associações de moradores. Entre as mulheres, o segundo percentual mais significativo foi para Postos ou Centros de Saúde (19% no Rio, 13% em Curitiba e 20% em Recife), sugerindo algum tipo de orientação, durante as consultas médicas, nesses locais (resultados não mostrados em tabela).

Os temas abordados nos cursos e palestras fora da escola seguem o mesmo modelo dos cursos nas escolas: maior ênfase dada à biologia, à anticoncepção e às doenças sexualmente transmissíveis. Encontramos, apenas, uma diferença entre os temas das palestras fora da escola: uma maior incidência, entre os homens, de palestras sobre DST. Médicos e psicólogos foram os profissionais mais citados como orientadores dos cursos ou palestras.

Esta importância dada às informações biológicas, ao se falar de sexo, surge da dificuldade que existe em abordar a sexualidade em si. Fica muito mais fácil descrever o aparelho reprodutivo ou os métodos anticoncepcionais do que tratar de temas que envolvem excitação e prazer. É difícil para os adultos, principalmente diante de uma turma de adolescentes, falar sobre desejo sexual, relação com o corpo, homossexualismo e outros temas afins.

Reich (6) vai mais além, ao considerar proposital a priorização dos temas científicos. Para ele, a educação sexual, do jeito que é dada hoje em dia, é uma meia verdade, que somente aumenta a confusão: "Explica-se, por exemplo, à moça de 14 anos a natureza da menstruação, mas cala-se propositalmente sobre a natureza de suas excitações sexuais. Ocorre claramente aqui o que dissemos em outro lugar, ou seja, que a apreciação meramente biológica da vida sexual é uma manobra de despistamento. Para o adolescente é psiquicamente menos importante saber como o óvulo e o espermatozóide se unem para o "mistério" de produzir um novo ser vivo; isso não lhe interessa tanto quanto o "mistério" da excitação sexual com a qual ele luta desesperadamente."

(4) Op. cit. em (3).

(5) Op. cit. em (1).

(6) Reich, Wilhelm - A Revolução Sexual. Rio de Janeiro, 1982 - 8ª edição. Zahar Editores.

Por outro lado, não podemos negar a importância das informações sobre a fisiologia da reprodução e outros temas científicos.

Como diz Vitiello (7), a gestação involuntária em adolescentes se constitui num problema cada vez mais frequente e, tendo em vista as sérias complicações médicas e sociais dessas gestações, como gravidez de risco e aborto provocado, a orientação em anticoncepção assume importância fundamental. E prossegue: "Adolescentes que desconhecem até mesmo os mais rudimentares fatos sobre sua anatomia e fisiologia genital evidentemente não conseguem praticar métodos eficientes de anticoncepção."

Reforçando a tese da necessidade de se dar também esse tipo de informação, os resultados da pesquisa vêm confirmar a falta de conhecimento dos jovens sobre seu próprio corpo.

Com o objetivo de testar o conhecimento sobre o período fértil da mulher, perguntou-se a todos os entrevistados se sabiam qual a época mais propícia para uma mulher engravidar, apresentando como ponto de referência a menstruação. Pode-se notar na tabela 3.6 que poucos jovens responderam corretamente a esta questão, sendo que uma maior porcentagem de mulheres, em relação à de homens, soube determinar o período fértil da mulher (época em que a mulher tem a maior chance de engravidar). Foi observado, também, que cursos de educação sexual nas escolas exercem uma influência positiva neste conhecimento - para mulheres nas três cidades e homens em Curitiba, uma maior porcentagem de jovens que tiveram esses cursos pôde responder corretamente sobre o período fértil da mulher, quando comparados aos que não tiveram cursos na escola ($p < 0,05$). Assim mesmo, a porcentagem dos que forneceram respostas corretas é bastante baixa, não ultrapassando 34% (gráfico 4).

Com relação à idade dos entrevistados, verifica-se que, nas três cidades, o grupo mais jovem é menos informado que o mais velho, independente do sexo, especialmente os que não tiveram curso na escola.

Resultados similares foram encontrados nas pesquisas de São Paulo (8) e Salvador (9): baixos percentuais de conhecimento do período fértil entre os jovens em geral, um pouco maior o conhecimento entre aqueles que participaram de cursos de educação sexual nas escolas e uma diferenciação de acordo com a idade (maior idade, maior a informação).

Na tabela 3.7, são apresentadas as porcentagens de jovens, de ambos os sexos, que conhecem ou ouviram falar de métodos anticoncepcionais, para cada município e segundo os métodos citados. Pode-se observar que os dois métodos mais conhecidos são o condon e a pílula, ambos com percentuais acima de 90%. Seguem-se o coito interrompido, a esterilização feminina e a tabela, todos com porcentagens acima de 60%. Existem, entretanto, diferenças de acordo com o sexo do entrevistado: os homens mencionaram mais o coito interrompido, enquanto as mulheres relataram conhecer mais a esterilização e a tabela. Não podemos deixar de notar que o DIU e as injeções hormonais apresentam altos percentuais de conhecimento entre as mulheres das três cidades (menos injeções para mulheres de Curitiba), em torno de 70%. Os demais métodos mostram porcentagens menos significativas.

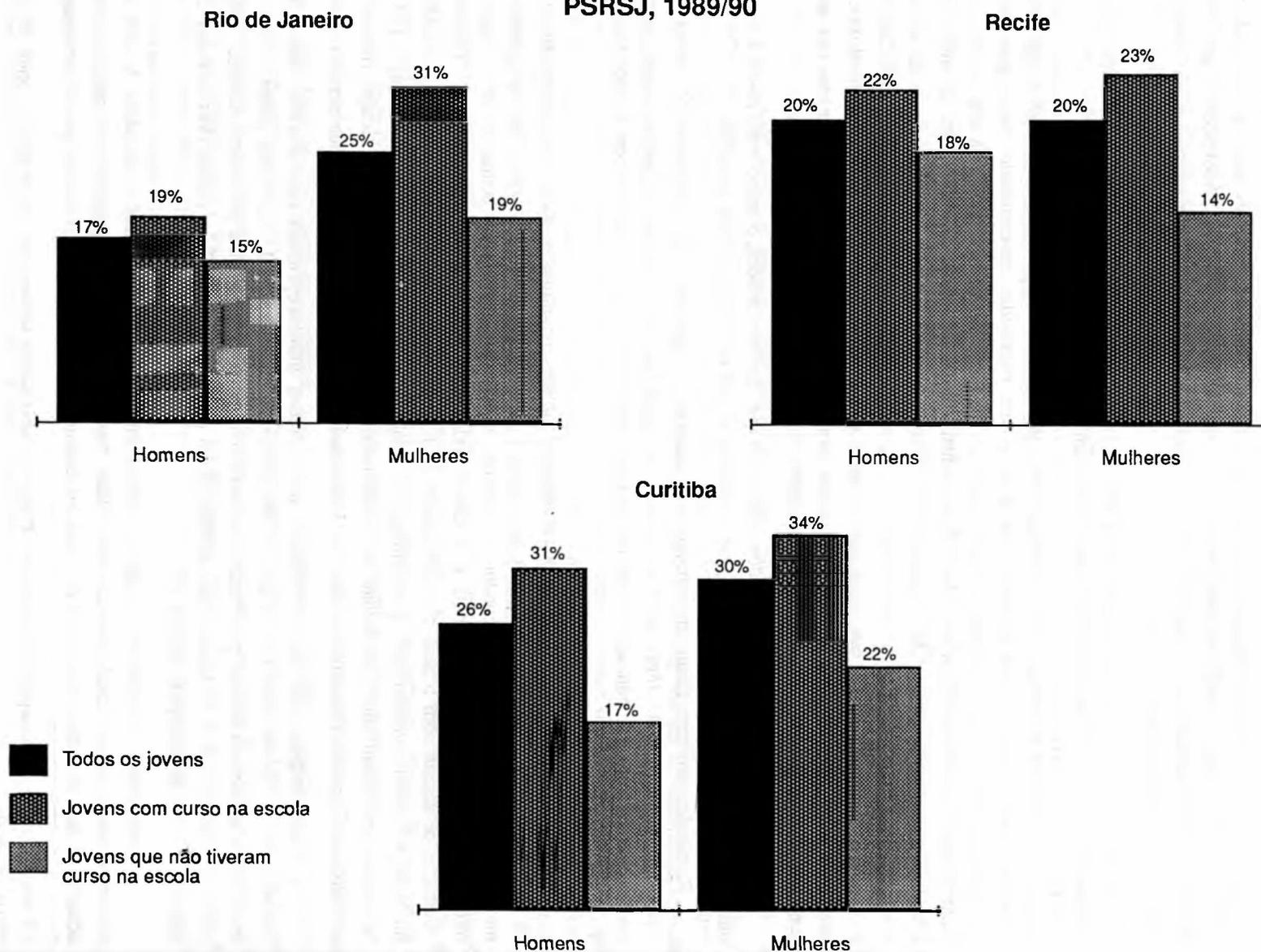
A seguir, perguntou-se aos entrevistados que métodos anticoncepcionais consideravam mais apropriados para serem usados por jovens entre 15 e 24 anos de idade. Nas três cidades, a pílula e o condon foram os mais citados, sendo que a pílula apresentou maiores percentuais entre as mulheres e o condon, entre os homens. A única exceção aconteceu entre os homens do Rio de Janeiro, que apontaram em primeiro lugar a pílula. Outros dois métodos citados foram a tabela e o coito interrompido (tabela 3.8).

No questionário, indagou-se a todos os jovens sobre quem deveria tomar a iniciativa de usar algum método anticoncepcional, caso o casal quisesse evitar filhos. Nas três cidades, tanto homens como mulheres, em sua maioria, acham que essa iniciativa deve partir do casal, em comum acordo. A tabela 3.9 mostra que as porcentagens de jovens

(7) Vitiello, Nelson - Anticoncepção na Adolescência. 8º Simpósio sobre Saúde e Medicamentos. Saúde do Adolescente. Rio de Janeiro, 1990.

(8) Op. cit. em (1).

Gráfico 4
% jovens que conhecem
corretamente o período fértil
PSRSJ, 1989/90



que deram esta resposta vai de 64% (homens em Recife) a 82% (homens em Curitiba). A segunda resposta mais freqüente foi que a iniciativa de usar um método deve partir da mulher (respostas em torno de 20% nas três cidades, com exceção dos homens em Curitiba, que apresentam percentual de apenas 11%). É interessante notar que, em Recife, 12% dos homens responderam que o homem é quem deve tomar a iniciativa de usar métodos.

Finalizando este capítulo, foi perguntado aos jovens, que já tinham tido experiência sexual, se se sentiam à vontade para falar com alguém sobre sua vida sexual e, em caso afirmativo, que tipo de pessoa seria essa.

Na tabela 3.10, pode-se observar que mais de dois terços dos jovens dos dois sexos possuem abertura para conversar sobre suas experiências sexuais. As diferenças entre as respostas de homens e mulheres é pequena, sendo que, em cada cidade, os homens apresentam porcentagens um pouco maiores que as mulheres.

Com relação à faixa etária, não se nota um padrão constante, embora, entre os homens, o grupo mais velho mostre maiores percentuais. Para as mulheres, acontece o contrário, com exceção de Recife, onde as mulheres do grupo de 20-24 anos são mais abertas a confidências que as mais jovens, de 15 a 19 anos.

Quanto às pessoas escolhidas para as confidências, os amigos(as) aparecem em primeiro lugar: de 45% a 47% das mulheres e de 53% a 66% dos homens apontaram amigos ou amigas como seus principais confidentes (tabela 3.11). É interessante verificar nesta tabela que, entre os homens, a namorada e/ou noiva surgem em segundo lugar como confidentes, nas três cidades, enquanto, entre as mulheres, o marido/companheiro assume este lugar, uma vez que uma proporção maior de mulheres que de homens estão casadas ou unidas. Irmãos e irmãs têm alguma importância, principalmente em Curitiba, onde 11% de homens e mulheres os citaram como confidentes.

Finalmente, não podemos deixar de comentar o papel de pais e mães: os pais pouco aparecem, e apenas entre os homens (em torno de 4%). Quanto às mães, são procuradas por aproximadamente 10% das mulheres e têm pouca significação como confidentes dos filhos homens.

Tabelas - Cap.3

Tabela 3.1 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a pessoa que deu a primeira informação sobre sexo, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Pessoa que deu a 1ª informação sobre sexo	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Amigos	50,2	25,0	61,2	23,1	61,0	41,2
Mãe	4,8	32,5	4,4	31,7	3,0	21,9
Pai	11,8	0,8	9,6	1,1	4,8	0,9
Irmão(a)/Parente	7,3	11,9	8,0	11,3	8,9	9,3
Livros/Revistas	7,1	8,2	1,7	4,6	4,6	8,8
Pai e Mãe	0,0	0,0	4,0	3,5	0,0	0,0
Professor/Orientador	4,0	8,3	6,5	15,7	4,9	13,1
Outros	6,8	5,4	2,2	4,3	4,9	3,7
Não lembra	6,0	3,2	2,1	3,6	3,9	0,8
Nunca recebeu informações	1,9	4,6	0,2	1,2	4,1	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 3.2 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo o local onde tiveram curso ou palestra sobre educação sexual, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Local onde tiveram curso ou palestra	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Somente na escola	34,7	39,5	52,1	55,0	41,9	51,7
Na escola e fora	6,8	10,0	7,9	12,2	7,5	10,3
Somente fora da escola	4,7	5,9	6,0	5,4	3,3	4,4
Não tiveram	53,8	44,7	34,0	27,5	47,4	33,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 3.3 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade que tiveram curso ou palestra sobre educação sexual na escola, segundo a série escolar que iniciou, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Grau escolar que iniciou curso ou palestra	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
I Grau	85,8	82,7	87,7	88,7	86,6	88,2
1ª a 4ª série	(12,8)	(8,3)	(13,1)	(16,6)	(11,3)	(11,6)
5ª a 8ª série	(73,0)	(74,5)	(74,6)	(72,1)	(75,3)	(76,6)
II grau	13,4	16,6	12,2	10,7	13,2	11,4
Universidade	0,9	0,7	0,2	0,7	0,2	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	352	411	570	613	569	613

Tabela 3.4 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade que tiveram curso ou palestra sobre educação sexual na escola, segundo o tipo de profissional que ministrou o curso, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Tipo de Profissional	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Professor	75,0	66,7	67,4	59,4	75,2	80,3
Orientador/Psicólogo	9,7	12,9	16,0	16,8	15,6	14,5
Médico	9,7	14,1	11,6	13,2	3,7	3,8
Outro	3,1	2,2	3,2	4,8	2,3	0,5
Não lembra	2,6	4,1	1,9	5,7	3,2	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	352	411	570	613	569	613

Tabela 3.5 - Porcentagem (*) de jovens de 15-24 anos de idade que tiveram curso ou palestra sobre educação sexual na escola, segundo o conteúdo do curso, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Conteúdo do Curso	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Fisiologia da Reprodução	88,1	86,4	92,1	92,0	87,7	94,3
Doenças venéreas	87,2	75,7	87,0	68,7	88,0	76,8
Desenvolvimento do corpo humano na puberdade	82,4	91,7	87,9	94,1	87,0	95,8
Anticoncepção	75,0	72,5	78,8	65,3	80,7	73,9
Masturbação	67,3	50,4	72,3	44,7	74,2	63,6
Homossexualismo	59,9	57,2	57,7	42,6	68,5	62,2
Prostituição	55,1	49,4	56,5	43,7	70,5	63,5
N	352	411	570	613	569	613

(*) Porcentagem baseada em respostas afirmativas sobre os temas indicados.

Tabela 3.6 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que conhecem corretamente o período mais fértil, segundo se tiveram ou não curso de educação sexual, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
%						
Todos os jovens						
Total	17,0	24,6	25,5	30,0	20,2	19,5
15-19	13,9	23,2	19,5	22,1	17,5	14,0
20-24	20,5	26,3	32,9	38,7	24,0	27,3
Jovens com curso na escola						
Total	19,3	30,7	31,1	33,8	22,1	22,7
15-19	20,9	30,0	25,1	25,5	18,1	16,3
20-24	18,0	31,5	39,7	44,4	27,7	32,4
Jovens que não tiveram curso na escola						
Total	15,3	18,6	17,1	22,3	18,3	14,4
15-19	10,9	16,6	9,1	13,0	16,9	10,0
20-24	20,2	21,1	24,7	29,6	20,2	19,8
N						
Todos os jovens						
Total	848	831	950	913	1154	989
15-19	447	462	524	476	674	578
20-24	401	369	426	437	480	411
Jovens com curso na escola						
Total	352	411	570	613	569	613
15-19	189	227	338	345	331	369
20-24	163	184	232	268	238	244
Jovens que não tiveram curso na escola						
Total	496	420	380	300	585	376
15-19	258	235	186	131	343	209
20-24	238	185	194	169	242	167

Tabela 3.7 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que conhecem ou ouviram falar de métodos anticoncepcionais, segundo os métodos, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Método	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Condom	99,3	98,8	97,6	98,5	99,4	98,9
Pílula	94,9	99,4	99,2	97,3	91,2	99,0
Coito Interrompido	84,6	66,3	83,4	61,2	80,2	68,0
Esterilização Feminina	74,9	89,4	65,8	69,0	77,8	91,4
Tabela/Ritmo	71,8	87,6	73,4	79,7	65,3	91,6
Esterilização Masculina	59,2	68,4	41,6	68,2	55,5	65,5
Diafragma	51,8	62,2	57,2	70,8	38,0	48,6
DIU	48,8	73,5	83,5	87,4	39,3	67,9
Injeções	48,3	71,6	52,1	51,3	60,4	76,7
Métodos Vaginais	35,4	44,2	31,5	41,9	32,4	43,6
Billings	18,3	28,5	26,7	32,0	16,8	37,7
Outros	1,3	0,8	0,4	2,5	1,0	2,1
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 3.8 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, segundo a opinião a respeito do método mais apropriado para os jovens evitarem uma gravidez não desejada, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Método apropriado	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Pílula	52,4	79,7	47,8	80,0	34,7	62,4
Condom	38,9	15,9	60,9	14,6	50,3	14,1
Coito Interrompido	6,4	2,6	3,6	1,1	8,8	1,3
Tabela/Ritmo	6,0	7,1	7,3	4,1	5,2	10,8
DIU	1,3	1,4	1,1	2,0	0,3	1,9
Esterilização Feminina	1,1	0,7	0,6	0,8	3,0	2,1
Injeções	0,9	2,4	0,6	2,5	4,1	8,6
Diafragma	0,8	2,2	0,2	0,4	0,2	0,8
Esterilização Masculina	0,6	0,6	0,6	0,2	0,8	0,3
Métodos Vaginais	0,4	0,2	0,2	0,0	0,1	0,1
Billings	0,1	0,4	0,1	0,2	0,1	0,8
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 3.9 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a opinião sobre quem deve tomar a iniciativa de usar algum método anticoncepcional, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Iniciativa de usar método	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Os dois juntos	65,9	74,6	82,0	74,0	64,0	72,6
Mulher	23,0	22,7	11,3	22,8	22,5	20,2
Homem	9,1	1,3	4,9	2,1	11,9	4,4
Depende das circunstâncias	0,7	0,5	0,3	0,3	0,3	0,3
Qualquer um dos dois	0,4	0,0	0,3	0,5	0,7	1,7
Nenhum dos dois	0,4	0,0	0,4	0,0	0,2	0,0
Não sabe	0,6	0,8	0,7	0,2	0,4	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 3.10 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual, que se sentem à vontade para falar com alguém sobre sua vida sexual, segundo a idade, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Homens		Mulheres	
	%	N	%	N
Rio de Janeiro				
Total	70,1	706	68,1	386
15-19	69,7	327	74,8	131
20-24	70,4	379	64,7	255
Curitiba				
Total	73,3	696	69,2	413
15-19	70,8	295	72,1	122
20-24	75,1	401	68,0	291
Recife				
Total	67,5	910	62,4	279
15-19	64,0	464	58,8	97
20-24	71,1	446	64,3	182

Tabela 3.11 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual, segundo a pessoa com quem se sentem à vontade para falar sobre sua vida sexual, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Amigo(a)	60,7	47,1	53,5	45,8	66,3	44,8
Namorado(a)	12,7	11,8	15,7	8,4	10,9	12,1
Noivo(a)						
Irmão(a)	8,5	6,8	10,8	11,2	5,5	7,5
Esposo(a)	4,6	13,7	8,8	17,1	3,9	17,8
Companheiro(a)						
Pai	4,6	0,0	3,3	0,0	4,1	0,0
Mãe	2,6	11,8	2,5	8,7	1,8	9,8
Outros	6,2	8,8	5,3	8,7	7,5	8,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	495	263	510	286	614	174

Capítulo 4

Experiência Sexual e Anticoncepção

Este capítulo, dedicado à experiência sexual dos jovens, procura investigar o comportamento sexual de ambos os sexos para a população de 15 a 19 anos de idade. Na pesquisa, foram investigados dois momentos da vida sexual dos jovens: a primeira relação sexual e a vida sexual atual (últimos 30 dias).

A primeira relação foi analisada sob diversos aspectos, com especial ênfase à época em que ocorreu, se foi marital ou pré-marital. Complementando essa informação, levantaram-se as idades dos jovens e de seus parceiros, assim como o tipo de parceiro e os sentimentos relacionados à experiência sexual pré-marital.

No que se refere à atividade sexual atual, apurou-se a frequência das relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à data da entrevista, para os jovens sexualmente ativos, casados ou não. O uso de métodos anticoncepcionais também foi investigado, tanto na primeira relação pré-marital, como nas relações sexuais atuais.

Na tabela 4.1, é apresentada a distribuição percentual dos jovens das três cidades, segundo a época da primeira relação sexual, por idade e sexo.

O que primeiro chama a atenção nesta tabela é a diferença entre homens e mulheres, no tocante à experiência sexual, nas três cidades: 83% dos homens no Rio, 79% em Curitiba e 71% em Recife reportaram já ter tido relações sexuais, enquanto, entre as mulheres, estas porcentagens caem para 47% no Rio, 45% em Curitiba e apenas 28% em Recife. Portanto, pouco mais da metade das mulheres entrevistadas não haviam ainda tido sua primeira experiência sexual, na época da pesquisa, sendo que, em Recife, o índice sobe para 72%, sugerindo que a moral sexual vigente continua diferenciada para homens e mulheres e entre o Nordeste e Sul do país.

Observando estes dados de acordo com a idade, vemos que, como era de esperar, o grupo mais velho mostra percentuais bem maiores de jovens que já tiveram relações sexuais. No caso das mulheres, esta diferença chega a ser de mais do dobro no Rio e em Curitiba e de até três vezes em Recife.

Quanto à época em que ocorreu a primeira relação, é interessante verificar que, entre os homens, praticamente a totalidade deles teve sua primeira relação sexual pré-maritalmente. No Rio, esta porcentagem foi de 83%, em

Curitiba, de 73% e, em Recife, 79%. Analisando o grupo feminino, pode-se notar que, embora apresentem porcentagens de relações pré-maritais bem mais baixas que os homens (43% no Rio, 39% em Curitiba e 25% em Recife), estas são bastante significativas, quando comparadas às porcentagens de mulheres que já tiveram experiência sexual (diferenças de 4% no Rio, 6% em Curitiba e 3% em Recife) (gráfico 5).

Pesquisas similares realizadas em 1987 e 1988 nas cidades de Salvador (1) e de São Paulo (2) mostram resultados bastante próximos: 82% dos homens nas duas cidades e 36% das mulheres em Salvador e 38% em São Paulo reportaram relações sexuais pré-maritais. Estes dados podem sugerir mudanças quanto à exigência da virgindade feminina antes do casamento, em todas as cidades pesquisadas.

Observando as porcentagens de relações maritais e pré-maritais entre os dois grupos etários femininos, é interessante verificar que, no grupo mais jovem, quase inexistente a primeira relação marital, enquanto, entre o grupo com mais de 20 anos, as porcentagens de primeiras relações maritais aumentam, chegando a 11% em Curitiba.

Ao se analisar as relações pré-maritais de acordo com o estado civil (tabela 4.2), nota-se que entre os homens, como a maioria já teve experiência sexual e essa primeira relação foi pré-marital, não existe muita diferença entre os resultados apresentados para o total dos homens e para aqueles que nunca se casaram (diferença aproximada de 3%). Entre os casados, quase a totalidade reportou relações sexuais pré-maritais (em torno de 99%).

Observando os resultados entre as mulheres, vemos que, nas três cidades, as porcentagens de mulheres solteiras que tiveram relações pré-maritais são bem menores, quando comparadas aos resultados para o total de mulheres. Isto se explica, porque é grande o índice de mulheres ainda sem experiência sexual. Quando se analisa o índice de mulheres casadas com relação pré-marital, nota-se que ele é bastante elevado (82% no Rio, 75% em Curitiba e 86% em Recife), sendo que estes percentuais são mais altos entre as mulheres casadas do grupo mais jovem (fato já visto na tabela 4.1, ao se considerar o total de mulheres com relações pré-maritais, por grupos etários).

A pesquisa examinou, também, a influência das variáveis religião e instrução na incidência de relações pré-maritais entre os jovens. Verifica-se que a religião exerce certa influência na ocorrência das relações pré-maritais (tabela 4.3). Constatou-se que as porcentagens mais altas de jovens, que relataram relações sexuais pré-maritais, são encontradas entre os jovens sem religião e entre os católicos que frequentam a igreja menos de uma vez por mês (católicos não mensais). Esta observação é válida para os dois sexos em Curitiba e para mulheres, nas três cidades.

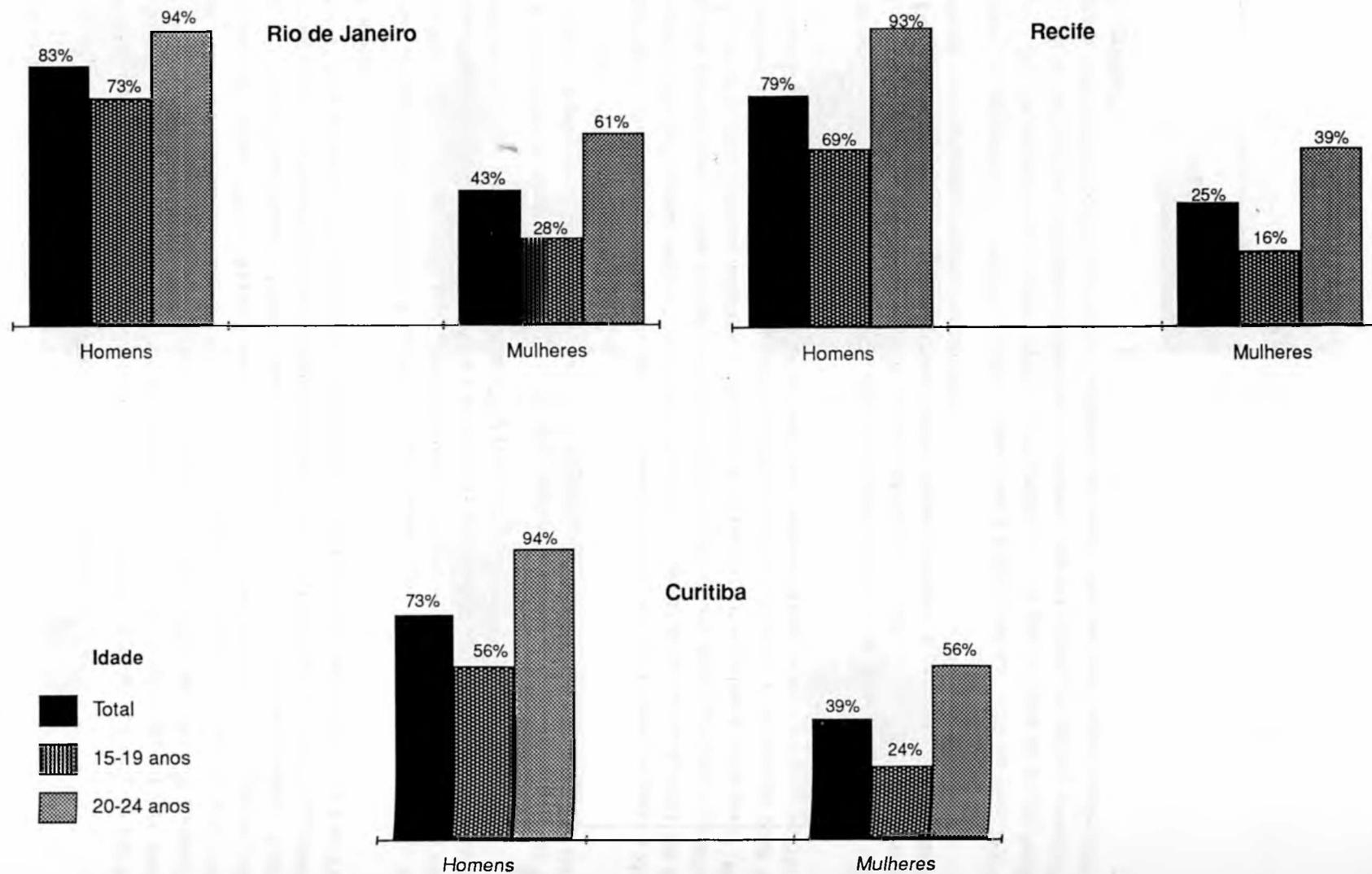
Os percentuais de relações pré-maritais mais baixos para os homens, nas três cidades, ficaram com os que professam outras religiões (evangélicos, protestantes tradicionais e outros). Já entre a população feminina, os percentuais de jovens com relações pré-maritais são mais baixos, tanto entre as católicas mensais (31% no Rio e Curitiba e 18% em Recife), como entre as que praticam outras religiões (35% no Rio, 32% em Curitiba e 16% em Recife).

A relação entre experiência sexual pré-marital e grau de instrução é apresentada na tabela 4.4. Para os jovens do sexo masculino, observa-se que, quanto maior a instrução, maior a porcentagem de primeiras experiências sexuais pré-maritais. Esta relação foi encontrada nas três cidades pesquisadas. Entre as mulheres, esta relação não acontece: não se verificou nenhum padrão consistente entre instrução e incidência de relações sexuais pré-maritais. No Rio de Janeiro e em Recife, acham-se os maiores percentuais de mulheres, que reportaram relações pré-maritais, entre aquelas com menor grau de instrução, que não chegaram a completar o primário (até a 3ª série do I Grau). Por outro lado, em Curitiba, a maior porcentagem de mulheres com relações pré-maritais encontra-se, justamente, entre as jovens de maior instrução: as que completaram o II Grau e as universitárias, embora não exista uma diferença estatisticamente

(1) Bastos, A.V.B., Morris, L., Fernandes, S.R.P. (Organizadores) - Saúde e Educação Sexual do Jovem: um estudo em Salvador. ISP/UFBA, Salvador, Dezembro 1989.

(2) Sakamoto, C.P.M., Freire H.S. e Morris, L. - Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo. Centro Materno-Infantil de Planejamento Familiar, Abril 1991.

Gráfico 5
% jovens cuja 1ª relação foi
pré-marital
PSRSJ, 1989/90



significativa. Não podemos deixar de salientar que, também no Rio, é relativamente elevada a porcentagem de mulheres com alto grau de instrução que reportaram relações sexuais pré-maritais (48%) (gráfico 6).

Idade na primeira relação sexual pré-marital

As informações referentes à idade na primeira relação sexual pré-marital estão na tabela 4.5.

Entre os jovens que relataram relações sexuais pré-maritais, aproximadamente 15% das mulheres do Rio e de Recife e 10% de Curitiba, e 37% dos homens do Rio, 31% de Curitiba e 40% de Recife tiveram sua primeira relação sexual com menos de 15 anos de idade. Antes de completar o 18º aniversário, mais de 80% dos homens já haviam tido sua primeira relação (87% no Rio, 83% em Curitiba e Recife). Entre a população feminina, esta porcentagem é mais baixa, embora atinja mais da metade: 62% no Rio de Janeiro e em Recife e 55% em Curitiba. De uma maneira geral, constata-se que, nas três cidades pesquisadas, o homem inicia sua atividade sexual mais cedo que a mulher. A idade média da primeira relação sexual pré-marital, encontrada para os jovens com experiência sexual, é de 15 anos para os homens (15,0 no Rio, 15,4 em Curitiba e 15,1 em Recife) e próxima aos 17 anos, no caso das mulheres (16,8 no Rio e Recife e 17,2 em Curitiba).

Nas três cidades, a idade média do parceiro é maior, tanto para homens, como para mulheres, sugerindo uma escolha de parceiros mais velhos e, sexualmente, mais experientes para a primeira relação. As pesquisas de São Paulo (3) e Salvador (4) mostraram dados bastante similares para a idade média na primeira relação: 14,9 para os homens e 16,9 para as mulheres em São Paulo e 15,0 para os homens e 17,2 para as mulheres em Salvador.

Com relação à idade média do parceiro, o padrão é o mesmo: parceiros mais velhos para ambos os sexos. Em São Paulo, a idade média dos parceiros foi em torno de 21,6 anos e das parceiras 16,9 anos. Em Salvador, estas idades foram 22,4 anos e 17,5 anos, respectivamente.

A tabela 4.6 apresenta a distribuição percentual dos jovens de ambos os sexos, nas três cidades, segundo a idade do parceiro na primeira relação pré-marital. Pode-se constatar que mais de 60% dos homens (acima de 65%), nas três cidades, disseram ter tido parceiras mais velhas, com idades variando de 1 a 6 anos a mais, sendo que a maior incidência está na faixa de 1-2 anos mais velha. Entre as mulheres, a porcentagem de parceiros mais velhos é ainda maior (88% no Rio, 89% em Curitiba e 87% em Recife, excluindo as que não sabem a idade do parceiro). É interessante notar que a maior incidência está nas faixas com diferença de 6 anos ou mais, em Curitiba e Recife, e de 3 a 5 anos, no Rio de Janeiro.

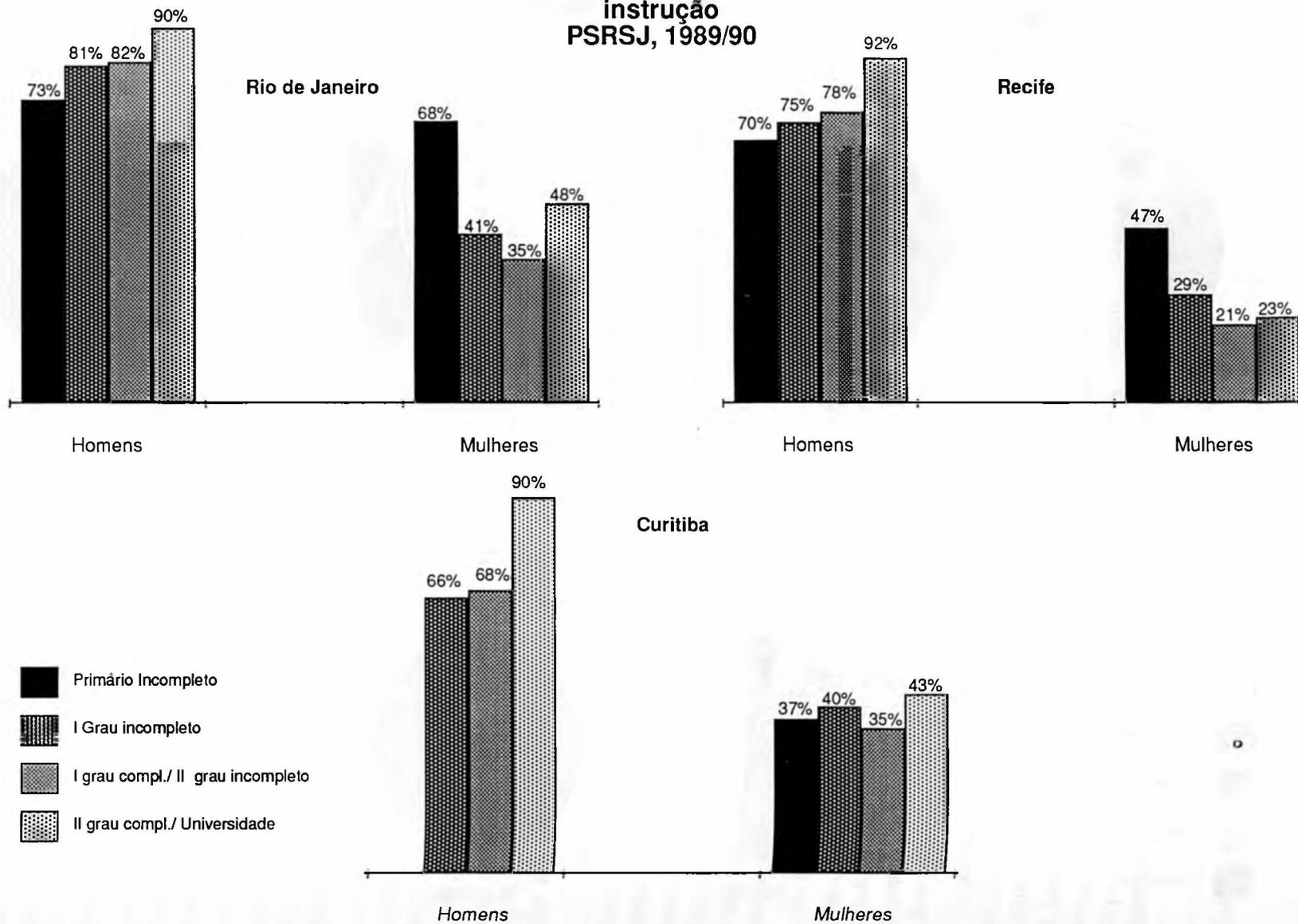
Quanto ao parceiro da primeira relação pré-marital, aproximadamente metade dos homens citou uma amiga (52% no Rio, 48% em Curitiba e 53% em Recife), seguida da namorada ou noiva (30% no Rio, 33% em Curitiba e 19% em Recife). Outras parceiras são pouco significativas, valendo apenas salientar a porcentagem mais alta, em Recife, para a prostituta, como primeira parceira sexual (12%).

Entre as mulheres, o namorado foi o primeiro parceiro sexual para a grande maioria: (83% no Rio, 73% em Curitiba e 76% em Recife). Em segundo lugar, aparece o noivo, mencionado por 11% das mulheres no Rio de Janeiro, 15% em Curitiba e 17% em Recife. Estes resultados indicam que as mulheres, em sua maioria, se iniciam sexualmente com alguém com quem estão envolvidas emocionalmente (namorado ou noivo), fato que nem sempre ocorre com os homens (tabela 4.7 e gráfico 7).

(3) Op. cit. em (2).

(4) Op. cit. em (1).

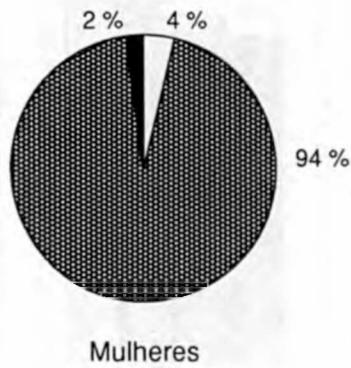
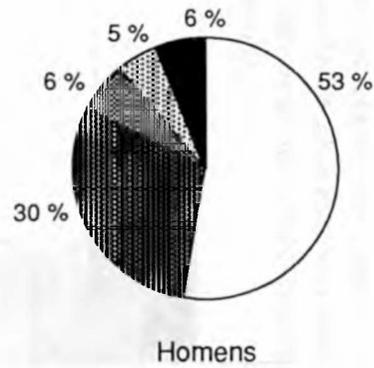
Gráfico 6
% jovens com experiência sexual pré-marital segundo a instrução
PSRSJ, 1989/90



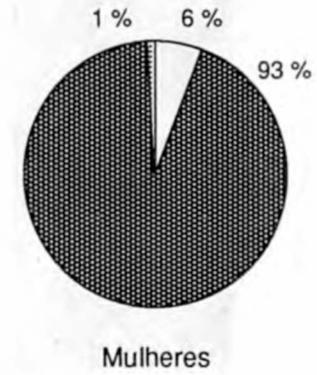
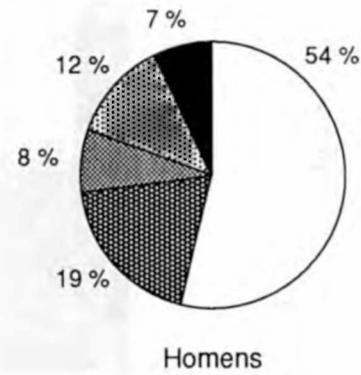
Primário Incompleto
 I Grau incompleto
 I grau compl./ II grau incompleto
 II grau compl./ Universidade

Gráfico 7
Parceiras(os) de jovens na 1ª
relação sexual pré-marital
PSRSJ, 1989/90

Rio de Janeiro

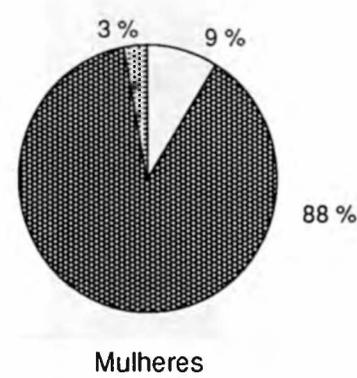
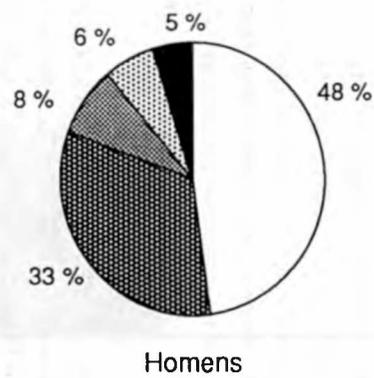


Recife



Curitiba

- Parceira (o)**
- Amiga (o)
 - Namorada (o) / Noiva (o)
 - Estranha
 - Prostituta
 - Outra (o)



Sentimentos ligados à primeira relação sexual pré-marital

A pesquisa com os jovens procurou, também, levantar algumas questões que permitissem sondar emoções e atitudes relacionadas à primeira relação sexual. Neste relatório, tais questões são analisadas apenas para os jovens com experiência pré-marital, embora as perguntas tenham sido colocadas para todos os que tiveram relações sexuais. Primeiramente, perguntou-se aos jovens se estavam querendo ter relações sexuais no momento em que a primeira relação ocorreu, isto é, se esta relação foi espontânea ou não.

A tabela 4.8 mostra que a maioria dos homens reportou como espontânea a primeira relação sexual (92% no Rio, 93% em Curitiba e 89% em Recife). Entre as mulheres, as porcentagens são um pouco menores, embora continuem altas (81% no Rio e 77% em Curitiba e Recife).

Comparando as respostas por grupos de idade, observa-se uma maior porcentagem de relações espontâneas entre os jovens que tiveram a primeira relação mais tarde, entre 18 e 24 anos. Esta maior porcentagem é encontrada nas três cidades e para os dois sexos. A única exceção se dá entre os homens de Recife, que mostram um padrão constante, independente da idade da primeira relação.

Comparando os resultados entre homens e mulheres, pode-se observar que as diferenças, já apresentadas para o total de jovens, se acentuam entre os jovens com menos de 18 anos. Para este grupo adolescente, a porcentagem de mulheres que tiveram sua primeira relação espontaneamente é, aproximadamente, 10 pontos percentuais menor que a de homens da mesma idade, sendo que, em Recife, a diferença chega a ser de 20% entre homens e mulheres que tiveram sua primeira relação sexual com menos de 15 anos. Tais resultados sugerem que uma minoria importante de mulheres adolescentes teve sua primeira relação sexual pressionadas emocionalmente. (É insignificante o número de relações por estupro e o número das que não responderam a esta pergunta).

Segundo Marta Suplicy (5), na nossa cultura ainda são poucos os adolescentes que possuem informação e estrutura emocional para viver bem sua sexualidade. A possibilidade de um intercâmbio afetivo-sexual fora do casamento, já mais aceita hoje em dia, freqüentemente se torna fonte de ansiedade e sentimento de culpa. Para ambos os sexos, mas especialmente para mulher, a decisão de assumir ou não uma vida sexual implica na resolução do conflito entre desejo sexual e sentimento de culpa. Entre as mulheres, existem também outras preocupações importantes, como não saber ou não ter meios de evitar uma gravidez, o medo da consequência social da perda da virgindade e a possibilidade de abandono pelo namorado.

De acordo com o que foi dito, é muito mais fácil para a adolescente dizer que não queria a relação naquele momento, do que assumir seu desejo. Desta forma, está inconscientemente diminuindo seu sentimento de culpa. Por outro lado, não podemos deixar de mencionar que muitos adolescentes iniciam suas relações sexuais por "modismo" ou pressão do grupo, sem estarem emocionalmente preparados e/ou afetivamente envolvidos para esta experiência, o que gera ansiedade e culpa.

A tabela 4.9, que apresenta os sentimentos e sensações expressos pelos jovens, associados à sua primeira relação sexual, mostra a diferença entre os sexos: para os homens das três cidades, os sentimentos mais prevalentes foram PRAZER (94% no Rio e Recife e 95% em Curitiba) e REALIZAÇÃO (78% no Rio, 77% Curitiba e 81% em Recife). Com porcentagens mais baixas aparecem AMOR (de 42% a 45%) e MEDO (de 35% a 55%). Outros sentimentos negativos, como VERGONHA e CULPA, são menos significativos entre os homens, nas três cidades. A CULPA foi citada por apenas 13% dos homens, em Curitiba e Recife, e 10% dos homens, no Rio. A sensação de DOR foi expressa por 18% dos homens do Rio e de Curitiba e chegou a 30% em Recife.

(5) Suplicy, Marta - Conversando sobre Sexo. Petrópolis. Ed. Vozes, 1983.

Entre as mulheres, a sensação de DOR aparece em primeiro lugar, em todas as cidades (85% em Recife e 76% no Rio e em Curitiba), seguida de perto pelo sentimento de AMOR: 80% em Recife, 77% no Rio e 72% em Curitiba. PRAZER e MEDO vêm em seguida, sendo que, em Curitiba, o MEDO supera o PRAZER (61% contra 59% de citações). Outros sentimentos, como REALIZAÇÃO, VERGONHA e CULPA, surgem, entre as mulheres, com porcentagens significativas, revelando a complexidade de sentimentos que envolvem as relações sexuais entre as jovens, em especial na primeira relação. Para as mulheres, parece existir uma convivência de sentimentos conflitantes: AMOR e MEDO, VERGONHA e REALIZAÇÃO, PRAZER e CULPA. É interessante notar que a CULPA aparece em último lugar, tanto para homens, como para mulheres, embora entre estas seja bem maior.

A pesquisa em Salvador (6) encontrou resultados semelhantes para os sentimentos associados à primeira relação sexual: enquanto DOR e AMOR foram os sentimentos mais freqüentes para as mulheres (em torno de 80%), entre os homens foi o PRAZER (88%).

Em São Paulo (7), DOR (80%), AMOR (73%) e MEDO (73%) foram os sentimentos mais freqüentes entre as mulheres. Somente 54% delas associaram o sentimento de PRAZER à primeira relação pré-marital. Já entre os homens, os percentuais mais elevados aparecem para o sentimento de PRAZER (87%), seguido de MEDO (51%).

A tabela 4.10 mostra os mesmos sentimentos e sensações associados à primeira relação sexual, só que levando em consideração a intenção de ter a relação naquele momento, isto é, a espontaneidade do ato.

É interessante observar como o quadro muda, ao compararmos os jovens, dos dois sexos, que tiveram sua primeira relação espontaneamente, com aqueles que, de alguma forma, se sentiram pressionados: entre os primeiros, sobem as porcentagens de sentimentos positivos e caem as de sentimentos negativos, enquanto para os segundos o movimento é, justamente, o contrário. Até mesmo com relação à DOR, aqui considerada como sensação e não como sentimento, as porcentagens são maiores entre as jovens que foram pressionadas, no Rio e em Curitiba.

Estes resultados sugerem que os jovens que vão para sua primeira relação assumindo seu envolvimento e desejo têm muito mais chance de uma experiência prazerosa e sem sentimentos negativos, até mesmo diminuindo a dor física, normal nessa primeira relação.

Uma questão importante, também levantada pela pesquisa, refere-se ao local em que se deu a primeira relação sexual dos jovens entrevistados. Sabemos da importância que um local tranquilo e protegido pode ter para uma relação sexual, especialmente para uma primeira experiência, evitando sobressaltos, medo e vergonha. Entretanto, esta privacidade nem sempre é possível entre os jovens e adolescentes, que ainda não possuem independência financeira.

Na tabela 4.11, os jovens com experiência sexual pré-marital estão distribuídos segundo o local onde tiveram sua primeira relação sexual. Um número significativo de homens citou a casa da parceira como o lugar desta relação (31% no Rio, 40% em Curitiba e 22% em Recife). Isto pode ter alguma relação com a escolha da parceira, que, para a maior porcentagem dos homens, é uma "amiga um pouco mais velha" e, talvez, independente. Em segundo lugar, aparecem aqueles que disseram ter tido sua primeira relação sexual na própria casa dos pais (entre 17% e 21%). A rua foi o local da primeira experiência para 14% dos homens no Rio e 10% em Recife, enquanto a casa de um amigo foi usada por 12% dos homens em Curitiba. Vale ainda mencionar que, em Recife, 15% dos homens citaram motel ou hotel e 9% um prostíbulo, como lugares da primeira relação. Estes locais apresentaram porcentagens bem menos significativas no Rio e em Curitiba.

Para as mulheres, a casa do parceiro e motéis ou hotéis foram os locais mais citados. A própria casa dos pais vem em terceiro lugar. Os demais lugares são pouco significativos.

(6) Op. cit. em (1).

(7) Op. cit. em (2).

Uso de métodos anticoncepcionais, quando a primeira relação é pré-marital

O uso de métodos anticoncepcionais na primeira relação sexual pré-marital revelou-se bastante baixo. A tabela 4.12 mostra que, entre os homens, em torno de 23% relataram haver usado algum método na sua primeira relação. Para as mulheres, essas porcentagens são um pouco maiores no Rio (32%) e em Curitiba (27%), permanecendo baixas em Recife (apenas 22%).

Resultados para Salvador (8) e São Paulo (9) mostram percentuais também baixos para uso de métodos anticoncepcionais na primeira relação pré-marital, para ambos os sexos. Apenas 23% das mulheres de Salvador usaram algum método, resultado bastante próximo do de Recife, enquanto, para os homens, as porcentagens ainda foram mais baixas (20%). Já em São Paulo, os resultados são idênticos aos do Rio de Janeiro: 32% para mulheres e 22% para os homens.

Estes resultados podem sugerir a existência de um certo padrão, de acordo com a região do país, no caso Nordeste e Sudeste, e, como vamos ver nas próximas tabelas, a educação e o nível sócio-econômico do jovem influem de maneira positiva no uso de anticoncepcional.

Quando se analisa o uso de métodos anticoncepcionais, segundo a idade na primeira relação sexual pré-marital, observa-se que, quanto maior a idade, maior o uso de anticoncepção. Tal observação é válida para os dois sexos e para as três cidades pesquisadas. Vale salientar que, no grupo que iniciou relações com menos de 15 anos, a maior porcentagem de uso de método é de 18%, entre as mulheres do Rio de Janeiro, e a menor, de 11%, entre as mulheres de Recife. Entre os jovens que tiveram relações entre 18 e 24 anos de idade, as porcentagens de uso de métodos estão acima de 31%, chegando a 43% para as mulheres do Rio e 44% para os homens de Curitiba. Os índices sugerem que, quanto mais cedo se dá a primeira relação sexual, mais inconseqüente e desinformado é o jovem, no que se refere à prevenção de uma gravidez não planejada (tabela 4.12 e gráfico 8).

Conforme já mencionado, o grau de instrução dos jovens e a classe social a que pertencem têm certa influência no uso da anticoncepção na primeira relação pré-marital, como era de se esperar. O conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais estão relacionados ao grau de informação e educação do jovem, que, logicamente, é maior entre aqueles que possuem mais instrução. Por outro lado, as classes sócio-econômicas mais favorecidas são as que têm maior acesso a níveis mais altos de instrução. Assim, pode-se observar na tabela 4.13 que, entre os jovens que completaram o II Grau e que cursaram a Universidade, se encontram os maiores índices de uso de métodos na primeira relação, nas três cidades e, especialmente, entre as mulheres. Entre estas, a prevalência de uso de métodos é de 50% no Rio, 40% em Curitiba e 37% em Recife. Para os homens, as porcentagens estão entre 26% e 28%.

O mesmo acontece com a prevalência de uso de métodos de acordo com a classe social (tabela 4.14): a classe A/B apresenta as maiores porcentagens de jovens, de ambos os sexos, que usaram anticoncepcionais na sua primeira relação, quando comparada às classes C e D/E.

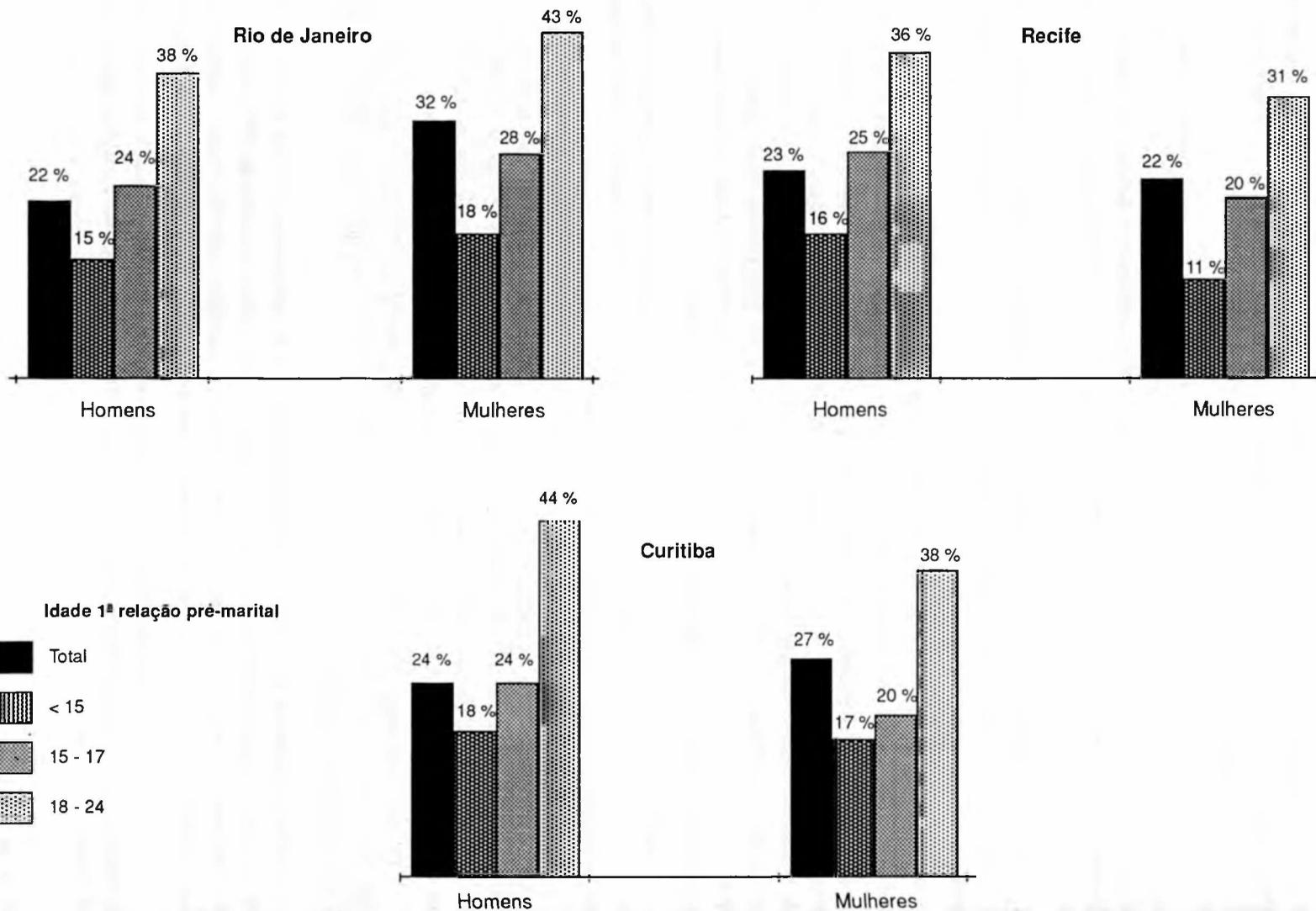
Entre as mulheres da classe A/B, a prevalência de uso de métodos atinge 46% no Rio e mais de 32% nas outras duas cidades. Para os homens da mesma classe, as porcentagens estão em torno de 30%. Esta prevalência cai nas classes C e D/E, nas três cidades e para os dois sexos, menos para as mulheres em Recife e em Curitiba (só cai na classe D/E). Entre as mulheres do Rio de Janeiro, à medida que aumenta a classe sócio-econômica, cresce o uso de anticoncepcionais.

Para os jovens que usaram algum método anticoncepcional na primeira relação sexual, perguntou-se que método foi usado. A tabela 4.15 mostra os resultados para os jovens com experiência sexual pré-marital, de acordo com a idade da primeira relação.

(8) Op. cit. em (1).

(9) Op. cit. em (2).

Gráfico 8
% jovens que usou método
anticoncepcional na 1ª relação
sexual pré-marital
PSRSJ, 1989/90



No Rio de Janeiro, os métodos mais prevalentes entre os dois sexos, independente da idade, foram a pílula (46% para os homens e 50% para as mulheres) e o coito interrompido (23% e 27%, respectivamente). O condon é o terceiro método para os homens (22%), enquanto a tabela assume este lugar entre as mulheres (15%).

Curitiba e Recife apresentam o mesmo padrão, embora com diferenças quantitativas: para os homens, os métodos mais usados foram condon (40% nas duas cidades), pílula (31% em Curitiba e 33% em Recife) e coito interrompido (18% e 15%, respectivamente). Entre as mulheres, a maior prevalência foi da pílula (55% em Curitiba e 37% em Recife), seguida do coito interrompido (16% e 26%) e do condon (15% e 19%, respectivamente) (gráfico 9).

Em São Paulo (10), encontrou-se para as mulheres uma maior prevalência do coito interrompido (46%), seguido do condon e da pílula. Entre os homens paulistas, o coito interrompido também foi o método mais prevalente (44%), seguido da pílula e do condon.

Em Salvador (11), a pílula foi a mais citada pelas mulheres (38%), seguida do coito interrompido e da tabela. Para os homens, o método mais usado foi o condon (47%), seguido da pílula e do coito interrompido. O padrão apresentado em Salvador está próximo ao de Curitiba e Recife. A única diferença encontra-se no terceiro método escolhido pelas mulheres: tabela, em Salvador, e condon, nas outras duas cidades.

Para o grande contingente de jovens, de ambos os sexos, que não tomou nenhum cuidado para evitar uma gravidez na sua primeira experiência sexual pré-marital, perguntou-se o motivo dessa atitude. As tabelas 4.16A, 4.16B e 4.16C mostram a distribuição percentual desses jovens, por idade, na primeira relação pré-marital e segundo as razões apresentadas para o não uso de anticoncepção, em cada uma das três cidades.

Observa-se que as principais razões apontadas, tanto por homens como por mulheres, foram: "não esperava ter relações naquele momento", "não conhecia nenhum método" e "não se preocupou com isso".

Na comparação entre homens e mulheres, podemos ver que, para estas, o fato de não esperarem ter relação sexual no momento em que esta ocorreu é dominante, nas três cidades. Para os homens do Rio de Janeiro e de Curitiba, esta foi, também, a principal resposta, embora com porcentagens menos significativas. Já em Recife, a resposta mais prevalente foi a que mostra a falta de preocupação com a anticoncepção.

Analisando as respostas, segundo a idade na primeira relação, nota-se que não existe um padrão ligado a esta variável. Entretanto, vale assinalar que, para aqueles que declararam falta de conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, a idade tem influência nas porcentagens: quanto menor a idade dos jovens, na época de sua primeira relação sexual, maior a porcentagem dos que disseram não conhecer métodos. Não podemos deixar de mencionar, também, a importância da falta de preocupação com a anticoncepção, revelada pelos jovens do sexo masculino no Rio e, principalmente, em Recife. Nesta cidade, a resposta "não se preocupou com isso" foi a que apresentou percentuais mais altos. Tal fato pode sugerir uma atitude mais machista entre os jovens de Recife, para os quais a anticoncepção é um problema que parece não lhes dizer respeito.

Atividade sexual atual e uso de anticoncepção

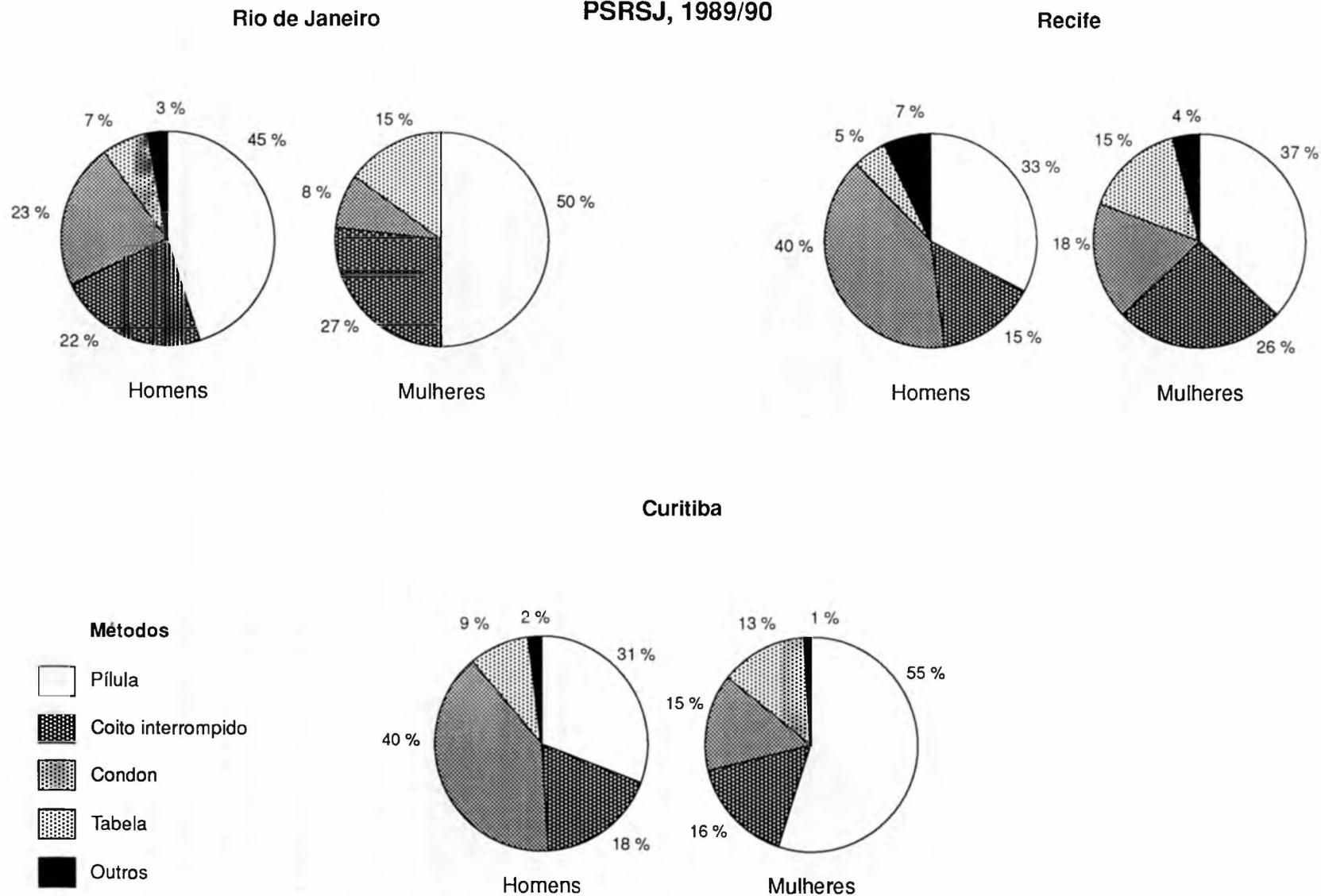
A pesquisa levantou ainda dados sobre a vida sexual atual dos jovens das três cidades, tendo sido considerados sexualmente ativos aqueles que tiveram pelo menos uma relação sexual nos 30 dias anteriores à data da entrevista.

A tabela 4.17 examina a porcentagem dos jovens não unidos, com experiência sexual e sexualmente ativos, por sexo e grupos de idade. Apresenta, também, a porcentagem destes jovens que usaram métodos anticoncepcionais na última relação.

(10) Op. cit. em (2).

(11) Op. cit. em (1).

Gráfico 9
Método anticoncepcional usado
na 1ª relação sexual pré-marital
PÔRSJ, 1989/90



Para o total de jovens, constata-se que mais de 41% dos homens e mais de 51% das mulheres, nas três cidades, declararam atividade sexual nos últimos 30 dias. Esta maior porcentagem de mulheres ativas sexualmente, em comparação com os homens, pode ter explicação no fato de que, para elas, a atividade sexual vem, geralmente, acompanhada de um envolvimento emocional, o que a torna mais constante. Este fato foi, também, verificado na iniciação sexual das mulheres, quando o parceiro escolhido tinha com elas, na maioria das vezes, um envolvimento afetivo: era namorado ou noivo. Já com os homens, este envolvimento nem sempre acontece. Assim, devido à natureza da parceira, as relações sexuais entre os jovens do sexo masculino são mais esporádicas (**gráfico 10**).

Estas considerações são válidas ainda para os resultados encontrados em Salvador (12) e São Paulo (13). Em Salvador, observou-se que 43% das mulheres não unidas, com experiência sexual, estavam sexualmente ativas, contra 38% dos homens. Embora sejam índices mais baixos que os das três cidades analisadas, a relação verificada entre homens e mulheres é a mesma. Em São Paulo, a porcentagem de jovens ativos sexualmente foi de 43% para mulheres e 35% para homens, resultados muito próximos aos de Salvador.

No que se refere à idade dos jovens, nota-se que, quanto maior a idade, mais alta a porcentagem de jovens sexualmente ativos.

Do total de mulheres não unidas, sexualmente ativas, uma porcentagem expressiva estava usando métodos anticoncepcionais (78% no Rio, 80% em Curitiba e 73% em Recife). Entre os homens, a porcentagem foi mais baixa (56% no Rio, 66% em Curitiba e 60% em Recife). Vale mencionar que a prevalência de uso de anticoncepção aumenta com a idade, nas três cidades e para ambos os sexos (**gráfico 11**).

Resultados para Salvador (14) mostram que a porcentagem de homens e mulheres não unidos, sexualmente ativos, que reportaram uso de métodos foi de 65% e 67%, respectivamente, o que significa uma menor prevalência de anticoncepção entre as mulheres, quando comparada à das três cidades analisadas.

Já em São Paulo (15), constata-se que a porcentagem de mulheres não unidas, sexualmente ativas, que estavam usando métodos anticoncepcionais (75%) é mais próxima daquela verificada em Recife e no Rio. É interessante notar que São Paulo foi a única cidade onde a porcentagem de homens usando anticoncepcionais, no mês anterior à entrevista, foi superior à de mulheres: 82%.

A tabela 4.18 mostra a distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, sexualmente ativos e que estavam usando anticoncepção, segundo o método usado, por estado civil e sexo.

Nas três cidades, a pílula e o condon são os métodos mais utilizados pelos homens, nessa ordem, independente do estado civil. Comparando o uso de cada um desses métodos, entre homens unidos e não unidos, observa-se que a pílula é mais prevalente entre os unidos, enquanto que o condon é mais usado pelos homens não unidos. Para as mulheres, também, a pílula é o método mais usado, independente de estarem ou não em união.

O segundo método mais popular entre as jovens do sexo feminino varia de acordo com o estado civil e a cidade pesquisada. No Rio de Janeiro, o segundo método mais prevalente, entre as mulheres não unidas, é o coito interrompido, enquanto, entre as casadas ou unidas, este lugar é ocupado pelos métodos de abstinência periódica. Em Curitiba, o outro método mais usado entre as mulheres em união é o condon e, para as não unidas, o coito interrompido. Em Recife, o segundo lugar é ocupado por dois métodos, igualmente prevalentes, em cada grupo: a esterilização e a injeção, entre as mulheres casadas ou unidas, e o condon e o coito interrompido, entre as não unidas.

(12) Op. cit. em (1).

(13) Op. cit. em (2).

(14) Op. cit. em (1).

(15) Op. cit. em (2).

Gráfico 10
% jovens não-unidos com
experiência sexual que tiveram
relações nos últimos 30 dias
PSRSJ, 1989/90

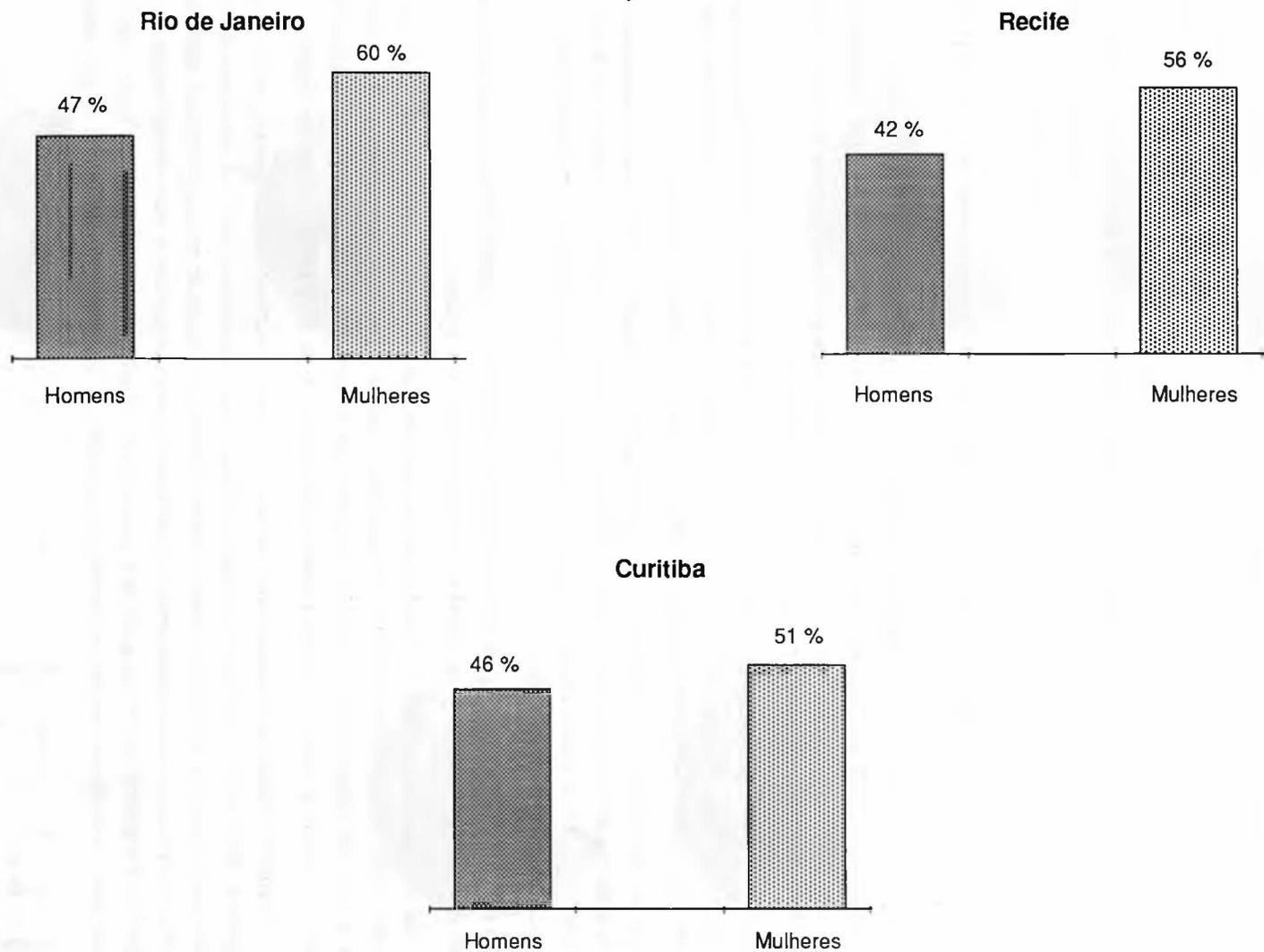
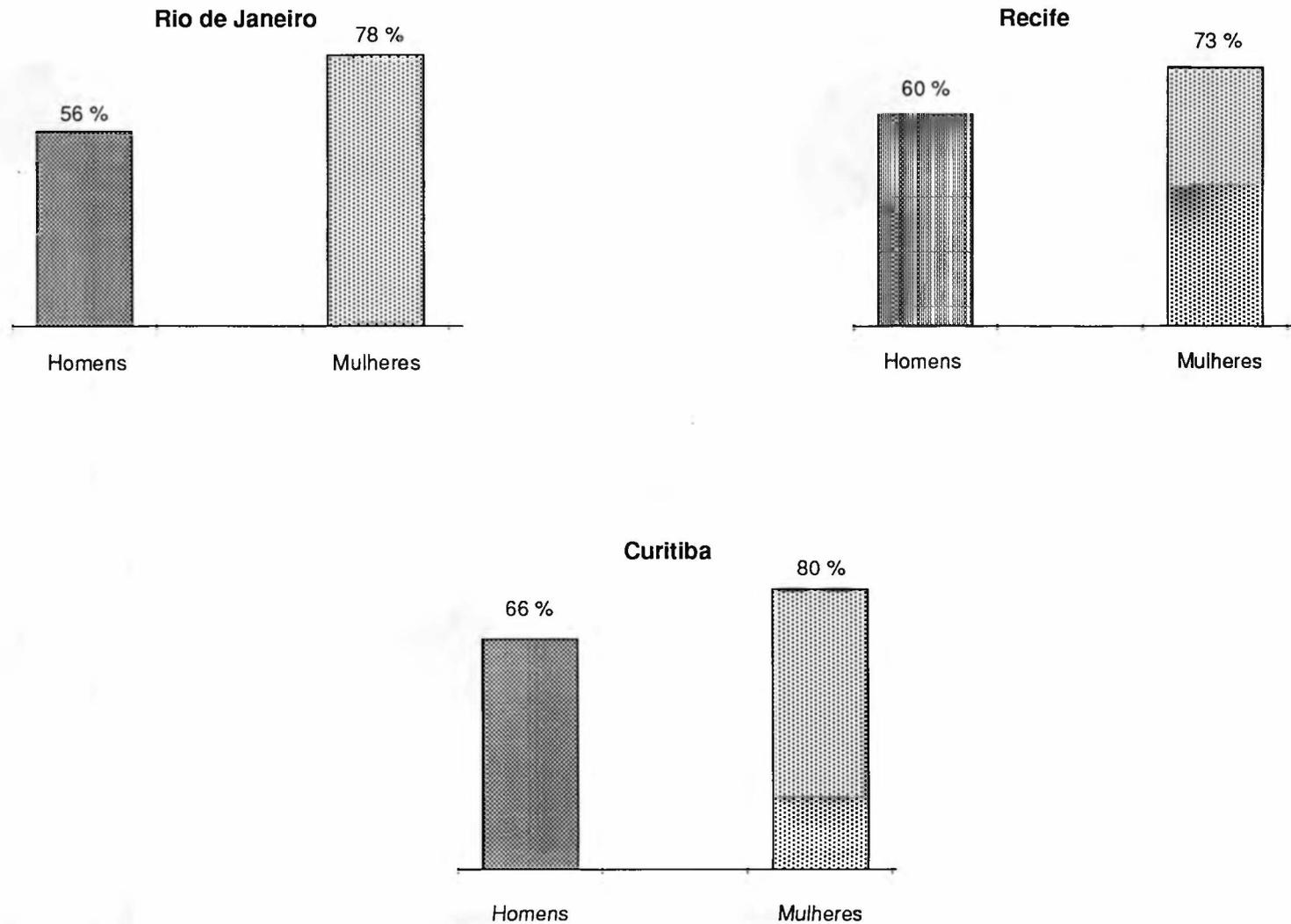


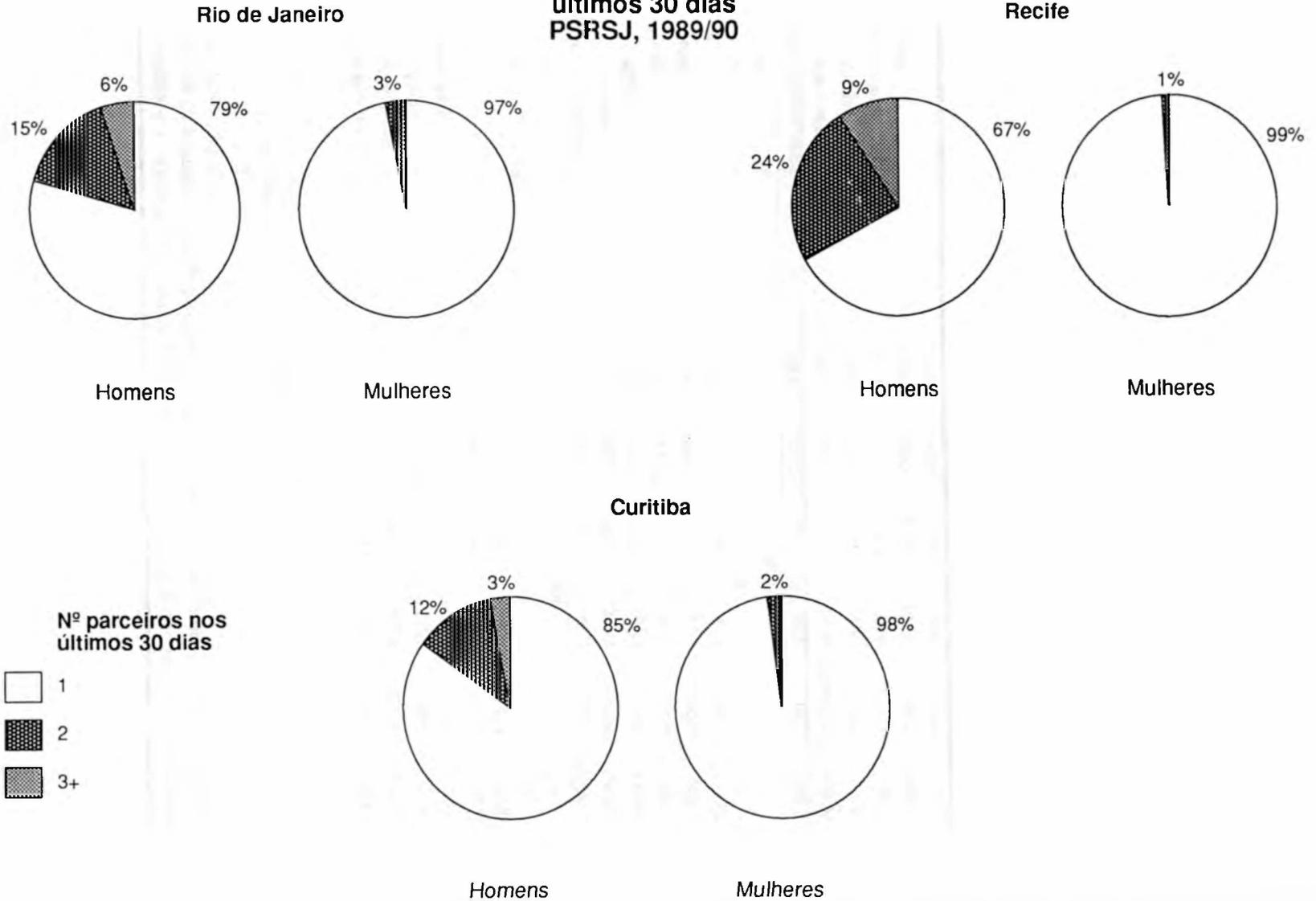
Gráfico 11
% jovens que usaram método
anticoncepcional na última
relação sexual
PSRŠJ, 1989/90



Na tabela 4.19, acham-se as informações sobre a frequência das relações sexuais entre os jovens não unidos, durante os 30 dias anteriores à entrevista. Os dados indicam que, em todas as cidades, a metade das mulheres e, aproximadamente, dois terços dos homens tiveram de uma a três relações, sendo que a maior porcentagem está em torno de duas. Quanto ao número de parceiros, uma maior porcentagem de homens em relação à de mulheres, nas três cidades, tiveram mais de um parceiro. A porcentagem de jovens do sexo masculino com mais de uma parceira foi de 21% no Rio, 16% em Curitiba e 33% em Recife. Esta porcentagem, para as mulheres, foi de apenas 3% no Rio, 2% em Curitiba e 1% em Recife (tabela 4.20 e gráfico 12).

Vale ressaltar que, em Recife, encontrou-se o maior percentual de homens com mais de uma parceira e o menor, entre as mulheres, com este comportamento, sugerindo uma diferença mais acentuada entre os padrões morais para os dois sexos.

Gráfico 12
Jovens não-unidos segundo o
número de parceiros nos
últimos 30 dias
PSRSJ, 1989/90



Tabelas - Cap.4

Tabela 4.1 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a época da primeira relação sexual, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife -PSRSJ, 1989/90.

1ª relação sexual	Homens			Mulheres		
	Total	15-19	20-24	Total	15-19	20-24
Rio de Janeiro						
Com relação sexual	83,2	73,2	94,5	46,5	28,4	69,1
Pré-marital	(83,1)	(73,2)	(94,3)	(42,5)	(27,5)	(61,2)
Marital	(0,1)	(0,0)	(0,3)	(4,2)	(0,9)	(7,9)
Nunca teve	16,7	26,8	5,5	53,5	71,6	30,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	447	401	831	462	369
Curitiba						
Com relação sexual	73,3	56,3	94,2	45,2	25,6	66,6
Pré-marital	(73,1)	(56,3)	(93,7)	(39,1)	(23,7)	(55,8)
Marital	(0,2)	(0,0)	(0,5)	(6,1)	(1,9)	(10,8)
Nunca teve	26,7	43,7	5,9	54,8	74,4	33,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	524	426	913	476	437
Recife						
Com relação sexual	78,9	68,8	92,9	28,2	16,7	44,3
Pré-marital	(78,7)	(68,7)	(92,7)	(25,4)	(15,7)	(38,9)
Marital	(0,2)	(0,1)	(0,2)	(2,8)	(1,0)	(5,4)
Nunca teve	21,1	31,2	7,1	71,8	83,2	55,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	674	480	989	578	411

Tabela 4.2 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade com experiência sexual pré-marital, segundo o estado civil, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife -PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
%						
Todos os jovens						
Total	83,1	42,5	73,1	39,1	78,7	25,4
15-19	73,2	27,5	56,3	23,7	68,7	15,7
20-24	94,3	61,2	93,7	55,8	92,7	38,9
Todos os jovens						
Total	81,0	30,9	69,9	26,8	75,5	10,8
15-19	72,0	22,1	55,6	16,4	67,0	6,4
20-24	93,1	47,9	92,4	43,8	90,6	18,8
Todos os jovens						
Total	99,0	82,4	98,1	75,3	98,7	85,5
15-19	*	89,2	*	81,5	97,3	90,6
20-24	98,8	80,7	97,9	73,4	99,2	82,9
N						
Todos os jovens						
Total	848	831	950	913	1154	989
15-19	447	462	524	476	674	578
20-24	401	369	426	437	480	411
Todos os jovens						
Total	746	644	845	682	997	796
15-19	429	425	516	422	637	514
20-24	317	219	329	260	360	282
Todos os jovens						
Total	102	187	105	231	157	193
15-19	18	37	8	54	37	64
20-24	84	150	97	177	120	129

(*) Menos de 25 casos.

Tabela 4.3 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade com experiência sexual pré-marital, segundo a prática religiosa, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ,1989/90.

Religião	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
%						
Católica não mensal ⁽¹⁾	85,8	48,3	77,3	48,6	81,7	31,9
Católica mensal ⁽²⁾	83,0	31,7	70,0	31,1	82,4	18,0
Outras	72,1	35,4	57,3	31,8	65,1	16,1
Sem religião	84,5	50,0	76,8	47,5	75,5	25,3
Total	83,1	42,5	73,1	39,1	78,7	25,4
N						
Católica não mensal ⁽¹⁾	429	389	223	344	222	244
Católica mensal ⁽²⁾	129	161	541	356	562	499
Outras	122	181	117	154	129	155
Sem religião	168	100	69	59	241	91
Total	848	831	950	913	1154	989

(1) Frequentam menos de uma vez por mês.

(2) Frequentam pelo menos uma vez por mês.

Tabela 4.4 - Porcentagem dos jovens de 15-24 anos de idade com experiência sexual pré-marital, segundo a instrução, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Instrução	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
%						
Primário incompleto	73,1	68,0	*	36,8	70,0	47,1
I grau incompleto	81,5	41,4	65,9	39,5	75,1	28,7
I grau completo/ II grau incompleto	82,3	35,2	68,1	35,1	77,8	20,6
II grau completo/ Universidade	89,6	47,7	89,5	43,3	91,7	22,6
Total	83,1	42,5	73,1	39,1	78,7	25,4
N						
Primário incompleto	52	50	23	38	80	51
I grau incompleto	292	273	289	228	514	356
I grau completo/ II grau incompleto	311	290	382	333	343	316
II grau completo/ Universidade	193	218	256	314	217	266
Total	848	831	950	913	1154	989

(*) Menos de 25 casos.

Tabela 4.5 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, segundo a idade da primeira relação, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade da 1ª relação pré-marital.	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<12	8,1	2,3	6,3	0,8	8,4	1,6
13	10,8	3,1	7,8	2,0	12,0	2,4
14	18,6	9,1	16,6	7,6	20,0	10,8
15	23,8	15,6	20,7	9,2	19,8	16,3
16	16,2	18,4	18,9	14,9	13,8	16,7
17	9,9	13,3	13,0	21,0	9,1	14,7
18	5,1	14,7	6,3	14,8	6,8	12,0
19	2,1	8,5	2,3	13,4	3,1	9,6
20	1,0	7,1	1,3	7,0	2,2	6,0
21	0,4	2,5	1,2	3,1	0,9	2,8
22	0,3	2,8	0,3	2,5	0,7	1,2
23	0,0	0,8	0,1	0,8	0,0	2,0
24	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Desconhecida/ não respondeu	3,5	1,7	5,1	2,8	3,2	4,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	705	353	694	357	908	251
Idade média na 1ª relação pré-marital						
Do jovem	15,0 ⁽¹⁾	16,8 ⁽²⁾	15,4 ⁽⁵⁾	17,2 ⁽⁶⁾	15,1 ⁽⁹⁾	16,8 ⁽¹⁰⁾
Do parceiro	17,6 ⁽³⁾	21,2 ⁽⁴⁾	17,0 ⁽⁷⁾	22,0 ⁽⁸⁾	18,1 ⁽¹¹⁾	21,8 ⁽¹²⁾

(1) Exclui 25 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(2) Exclui 6 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(3) Exclui 90 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(4) Exclui 10 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(5) Exclui 36 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(6) Exclui 10 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(7) Exclui 73 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(8) Exclui 11 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(9) Exclui 29 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(10) Exclui 19 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(11) Exclui 198 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

(12) Exclui 21 casos, cuja idade na 1ª relação é desconhecida.

Tabela 4.6 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, segundo a idade do(a) parceiro(a) na primeira relação, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade do(a) Parceiro(a)	Rio	Curitiba	Recife
Parceiras de Homens			
Idade menor	21,4	18,7	16,6
Idade igual	12,3	17,0	8,6
1-2 anos mais velha	22,1	28,2	19,6
3-5 anos mais velha	16,6	17,7	17,1
6+ anos mais velha	14,8	7,8	16,3
Não sabe	12,8	10,5	21,9
Total	100,0	100,0	100,0
N	705	694	908
Parceiros de Mulheres			
Idade menor	5,1	6,4	6,8
Idade igual	7,1	5,0	6,4
1-2 anos mais velho	20,1	20,7	14,7
3-5 anos mais velho	38,2	31,1	28,7
6+ anos mais velho	26,6	33,6	35,1
Não sabe	2,9	3,1	8,4
Total	100,0	100,0	100,0
N	352	357	251

Tabela 4.7 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, segundo tipo de parceiro(a) na primeira relação sexual, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Parceiro(a)	Rio	Curitiba	Recife
Homens			
Amiga	52,5	47,8	53,4
Namorada/Noiva	30,3	33,0	19,0
Estranha	6,2	7,6	8,4
Prostituta	5,0	5,8	12,4
Prima	3,4	3,3	1,9
Outra	2,5	2,4	4,9
Total	100,0	100,0	100,0
N	705	694	908
Mulheres			
Namorado	83,3	73,1	76,1
Noivo	11,0	14,8	16,7
Amigo	4,0	9,2	6,4
Outra	1,7	2,9	0,8
Total	100,0	100,0	100,0
N	353	357	251

Tabela 4.8 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que reportaram intenção de ter relações sexuais naquele momento, segundo a idade na 1ª relação, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade na 1ª Relação Pré-Marital	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Homens						
Total	91,6	705 ⁽¹⁾	93,1	694 ⁽³⁾	89,1	908 ⁽⁵⁾
< 15	87,9	264	89,2	213	88,3	367
15-17	93,2	352	95,1	365	89,9	388
18-24	98,4	64	93,7	80	88,7	124
Mulheres						
Total	80,5	353 ⁽²⁾	76,5	357 ⁽⁴⁾	76,9	251 ⁽⁶⁾
< 15	78,4	51	75,7	37	67,6	37
15-17	78,4	167	73,3	161	75,8	120
18-24	85,3	129	80,5	149	83,3	84

(1) Inclui 25 casos, com idade na 1ª relação ignorada

(2) Inclui 6 casos, com idade na 1ª relação ignorada.

(3) Inclui 36 casos, com idade na 1ª relação ignorada.

(4) Inclui 10 casos, com idade na 1ª relação ignorada.

(5) Inclui 29 casos, com idade na 1ª relação ignorada

(6) Inclui 10 casos, com idade na 1ª relação ignorada.

Tabela 4.9 - Porcentagens de respostas afirmativas segundo os itens que avaliam sentimentos na primeira relação sexual pré-marital, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Sentimentos Associados à 1ª Relação Sexual	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Prazer	93,8	67,5	94,8	58,6	94,1	70,7
Realização	77,7	60,1	76,7	40,0	80,8	60,6
Amor	43,5	76,7	42,1	71,8	45,0	79,5
Medo	34,9	63,8	44,5	61,1	54,7	69,1
Vergonha	27,0	54,1	38,0	57,5	30,3	61,0
Dor	17,9	76,1	17,1	76,1	29,7	84,7
Culpa	10,4	28,5	13,7	34,9	13,7	33,3
N	705	351 (1)	694	355 (2)	908	249 (3)

(1) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(2) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(3) Exclui 2 casos que não, responderam à pergunta.

Tabela 4.10 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, segundo se estavam querendo ter relações naquele momento, por sentimentos associados à 1ª relação e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Sentimentos Associados à 1ª Relação Sexual	Rio				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Prazer	94,3	87,7	75,7	34,4	95,7	83,3	67,4	29,5	95,3	85,4	77,2	49,1
Realização	79,6	57,9	66,9	32,8	78,5	52,1	48,7	11,5	83,3	62,5	67,4	38,2
Amor	44,3	36,8	81,3	57,8	42,0	43,8	78,0	53,8	46,0	38,5	86,0	58,2
Medo	33,7	47,4	59,9	81,3	43,7	56,3	57,5	75,6	54,1	61,5	66,8	78,2
Vergonha	26,6	31,6	48,2	81,3	38,4	33,3	53,5	71,8	28,6	45,8	59,1	69,1
Dor	18,0	17,5	73,6	87,5	17,0	18,8	74,7	80,8	30,5	24,0	85,0	85,5
Culpa	9,8	17,5	22,2	56,3	13,6	14,6	28,6	57,7	13,0	19,8	28,5	50,9
N	646	57	284	64	646	48	273	78	809	96	193	55

Tabela 4.11 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, segundo o local utilizado para a primeira relação, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Local	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
	Homens		
Casa da parceira	30,5	39,6	22,0
Própria casa	18,9	21,0	17,4
Rua	13,9	1,4	9,7
Casa de amigo	8,9	11,7	5,2
Hotel/Motel	8,7	6,8	15,3
Mato/Campo	4,3	4,9	6,8
Prostíbulo	3,5	5,3	9,1
Praia	2,1	2,4	3,0
Outro	7,9	5,9	9,8
Não lembra	1,3	0,9	1,7
Total	100,0	100,0	100,0
N	705	694	908
	Mulheres		
Casa da parceira	38,7	39,2	29,3
Hotel/Motel	29,9	23,4	38,6
Própria casa	13,1	20,3	17,7
Casa de amigo	7,1	4,2	6,0
Praia	1,4	4,5	3,2
Outro	7,6	8,2	5,2
Não lembra	2,1	0,3	0,0
Total	100,0	100,0	100,0
N	351	355 ⁽¹⁾	249 ⁽²⁾

(1) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(2) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

Tabela 4.12 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital que usaram algum método anticoncepcional na 1ª relação, segundo a idade, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade da 1ª Relação Pré-Marital	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	% Usou Métodos					
Total	21,8	31,6	23,5	27,0	22,6	21,7
< 15	15,2	18,0	17,8	16,7	15,8	10,8
15-17	24,4	27,7	23,8	19,9	25,0	19,5
18-24	37,5	42,6	43,8	37,8	36,3	31,0
	N					
Total	705 ⁽¹⁾	351 ⁽²⁾	694 ⁽³⁾	355 ⁽⁴⁾	908 ⁽⁵⁾	249 ⁽⁶⁾
< 15	264	50	213	36	367	37
15-17	352	166	365	161	288	118
18-24	64	129	80	148	124	84

(1) Inclui 25 casos, cuja idade na 1ª relação é ignorada.

(2) Inclui 6 casos, cuja idade na 1ª relação é ignorada, e exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(3) Inclui 36 casos, cuja idade na 1ª relação é ignorada.

(4) Inclui 10 casos, cuja idade na 1ª relação é ignorada, e exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(5) Inclui 29 casos, cuja idade é ignorada.

(6) Inclui 10 casos, cuja idade é ignorada, e exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

Tabela 4.13 - Porcentagem dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que usaram algum método anticoncepcional na 1ª relação, segundo instrução, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Instrução	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	% Usou Métodos					
Primário incompleto	21,1	15,6	*	*	21,4	*
I grau incompleto	16,4	26,5	18,0	18,9	19,2	14,9
I grau completo/II grau incompleto	24,2	23,5	24,2	18,3	23,6	18,8
II grau completo / Universidade	26,0	50,0	27,5	39,7	28,1	36,7
Total	21,8	31,6	23,5	27,0	22,6	21,7
	N					
Primário Incompleto	38	32	16	14	56	24
I grau incompleto	238	113	189	90	386	101
I grau completo/II grau incompleto	256	102	260	115	267	64
II grau completo / Universidade	173	104	229	136	199	60
Total	705	351 ⁽¹⁾	694	355 ⁽²⁾	908	249

(*) Menos de 25 casos.

(1) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(2) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

Tabela 4.14 - Porcentagem dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que usaram algum método anticoncepcional na 1ª relação, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Classe Sócio-Econômica	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	% Usou Métodos					
A/B	30,2	46,2	34,9	34,0	31,6	32,1
C	19,3	34,0	17,6	34,7	27,3	31,0
D/E	19,2	25,5	17,6	14,1	17,2	16,6
Total	21,8	31,6	23,5	27,0	22,6	21,7
	N					
A/B	169	78	235	103	158	28
C	249	103	255	124	256	58
D/E	287	170	204	128	494	163
Total	705	351 ⁽¹⁾	694	355 ⁽²⁾	908	249 ⁽³⁾

(1) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(2) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

(3) Exclui 2 casos que não responderam à pergunta.

Tabela 4.15 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que usaram algum método anticoncepcional na primeira relação, segundo o método usado, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Método	Homens			Mulheres		
	Total	< 18	18-24	Total	< 18	18-24
Rio de Janeiro						
Pílula	45,5	46,0	*	49,5	50,9	49,1
Coito Interrompido	22,7	24,6	*	27,0	29,1	25,5
Condon	22,1	19,8	*	8,1	7,3	7,3
Tabela	7,1	7,1	*	15,3	12,7	18,2
Outros	2,6	2,4	*	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	*	100,0	100,0	100,0
N	154 ⁽¹⁾	126	24	111 ⁽²⁾	55	55
Curitiba						
Pílula	30,7	31,2	31,4	55,2	55,3	53,6
Coito Interrompido	17,8	19,2	11,4	15,6	10,4	19,6
Condon	40,5	40,0	40,0	14,6	18,4	12,5
Tabela	9,2	8,0	14,3	13,5	13,2	14,3
Outros	1,2	0,8	2,9	1,0	2,6	0,0
Não sabe/não lembra	0,6	0,8	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	163 ⁽³⁾	125	35	96 ⁽⁴⁾	38	56
Recife						
Pílula	33,2	31,6	37,8	37,0	44,4	30,8
Coito Interrompido	15,1	13,5	20,0	25,9	18,5	30,8
Condon	39,5	42,6	28,9	18,5	22,2	15,4
Tabela	5,4	5,8	4,4	14,8	7,4	23,1
Outros	6,9	6,4	8,9	3,8	7,4	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	205 ⁽⁵⁾	155	45	54 ⁽⁶⁾	27	26 ⁽¹⁾

(*) Menos de 25 casos.

(1) Inclui 4 casos com a idade na 1ª relação ignorada.

(2) Inclui 1 caso com a idade na 1ª relação ignorada.

(3) Inclui 3 casos com a idade na 1ª relação ignorada.

(4) Inclui 2 casos com a idade na 1ª relação ignorada.

(5) Inclui 5 casos com a idade na 1ª relação ignorada.

(6) Inclui 1 caso com a idade na 1ª relação ignorada.

Tabela 4.16A - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que não usaram método anticoncepcional na primeira relação, segundo a razão para o não uso, por idade e sexo. Rio de Janeiro - PSRSJ, 1989/90.

Razões	Idade na 1ª Relação Pré-Marital							
	Homens				Mulheres			
	Total	< 15	15-17	18-24	Total	< 15	15-17	18-24
Não esperava ter relações naquele momento	34,7	29,3	36,7	55,3	59,2	43,9	60,0	67,6
Não conhecia nenhum método	28,9	38,7	22,3	13,2	13,3	14,6	15,8	8,1
Não se preocupou com isso	26,5	21,2	32,0	23,7	11,7	14,6	11,7	9,5
Pensava que não podia engravidar	2,4	2,7	2,0	2,6	6,3	12,2	5,0	5,4
Queria ter filho	0,4	0,0	0,4	2,6	4,2	12,2	1,7	4,1
Outras	4,9	5,4	5,1	2,6	3,6	2,5	4,1	4,0
Não sabe / não lembra	2,2	2,7	1,6	0,0	1,7	0,0	1,7	1,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	536 ⁽¹⁾	222	256	38	240 ⁽²⁾	41	120	74

(1) Inclui 20 jovens cuja idade da 1ª relação sexual é ignorada.

(2) Inclui 5 jovens cuja idade da 1ª relação sexual é ignorada.

Tabela 4.16B - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que não usaram método anticoncepcional na primeira relação, segundo a razão para o não uso, por idade e sexo. Curitiba - PSRSJ, 1989/90.

Razões	Idade na 1ª Relação Pré-Marital							
	Homens				Mulheres			
	Total	< 15	15-17	18-24	Total	< 15	15-17	18-24
Não esperava ter relações naquele momento	46,2	38,9	53,1	43,2	59,1	50,0	58,1	66,3
Não conhecia nenhum método	28,1	38,3	20,8	22,7	11,6	23,3	10,9	6,5
Não se preocupou com isso	16,1	15,0	15,8	22,7	17,0	16,7	16,3	17,4
Pensava que não podia engravidar	1,2	1,2	1,2	2,3	2,3	6,7	1,6	2,2
Queria ter filho	0,2	0,0	0,0	2,3	2,7	3,3	3,1	2,2
Queria usar, mas não arranhou no momento	4,0	1,8	5,4	6,8	0,4	0,0	0,8	0,0
Outras	1,2	0,6	1,9	0,0	4,6	0,0	5,4	5,4
Não sabe/não lembra	3,0	4,2	1,9	0,0	2,3	0,0	3,9	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	502 ⁽¹⁾	167	260	44	259 ⁽²⁾	30	129	92

(1) Inclui 31 jovens com idade na 1ª relação sexual ignorada e exclui 29 casos que não sabiam ou não lembravam que foi usado método na 1ª relação.

(2) Inclui 8 jovens cuja idade da 1ª relação sexual é ignorada.

Tabela 4.16C - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, com experiência sexual pré-marital, que não usaram método anticoncepcional na primeira relação, segundo a razão para o não uso, por idade e sexo. Recife - PSRSJ, 1989/90.

Razões	Idade na 1ª Relação Pré-Marital							
	Homens				Mulheres			
	Total	< 15	15-17	18-24	Total	< 15	15-17	18-24
Não esperava ter relações naquele momento	20,8	14,2	24,9	29,1	48,7	60,6	42,1	53,4
Não conhecia nenhum método	32,9	43,6	24,5	17,7	9,7	9,1	9,5	10,3
Não se preocupou com isso	34,8	31,0	38,3	43,0	27,2	24,2	28,4	25,9
Pensava que não podia engravidar	1,0	1,3	1,1	0,0	2,1	0,0	3,2	1,7
Queria ter filho	1,0	0,3	1,1	3,8	6,7	0,0	9,5	6,9
Outras	7,2	6,9	8,0	6,4	5,1	3,0	7,4	1,7
Não sabe/não lembra	2,2	2,6	2,2	0,0	0,5	3,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	678 ⁽¹⁾	303	277	79	195 ⁽²⁾	33	95	58

(1) Inclui 19 jovens com idade na 1ª relação sexual ignorada e exclui 25 casos que não sabiam ou não lembravam que foi usado método na 1ª relação

(2) Inclui 9 jovens com idade na 1ª relação sexual ignorada.

Tabela 4.17 - Porcentagem dos jovens de 15-24 anos de idade não unidos, com experiência sexual, que tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias e porcentagem dos que usaram métodos anticoncepcionais na última relação, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
% Com Relações Sexuais nos Últimos 30 Dias						
15-19	31,4	62,7	32,2	44,7	29,7	58,3
N	(318)	(110)	(289)	(76)	(441)	(48)
20-24	62,6	56,9	58,9	54,6	55,5	54,9
N	(318)	(137)	(314)	(130)	(371)	(91)
Total	47,0	59,5	46,1	51,0	41,5	56,1
N	(636)	(247)	(603)	(206)	(812)	(139)
% Dos que Usaram Métodos Anticoncepcionais						
15-19	50,0	73,9	65,6	64,7	55,7	60,7
N	(100)	(69)	(93)	(34)	(131)	(28)
20-24	59,3	80,8	67,0	87,3	62,6	80,0
N	(199)	(78)	(185)	(71)	(206)	(50)
Total	56,2	77,6	65,5	80,0	59,9	73,1
N	(299)	(147)	(279)	(105)	(337)	(78)

Tabela 4.18 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade que tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias, segundo o método anticoncepcional usado na última relação, por estado civil e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade	Rio		Curitiba		Recife	
	Unidos	Não-unidos	Unidos	Não-unidos	Unidos	Não-unidos
Homens						
Pílula	66,8	46,2	75,0	47,9	50,0	32,0
Condon	12,5	32,4	14,7	34,1	18,8	40,4
Ritmo/ Tabela/ Billings	6,2	8,5	2,9	10,0	4,2	10,2
Est. Fem./ Est. Masculina	6,2	1,1	0,0	0,0	10,4	5,7
Injeções	6,2	1,1	2,9	1,4	12,5	3,6
Coito Interrompido	2,1	10,6	4,4	5,7	2,1	7,6
DIU	0,0	0,0	0,0	0,9	2,1	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	48	188	68	211	48	225
Mulheres						
Pílula	70,8	66,1	80,7	56,7	42,3	47,5
Ritmo/ Tabela/ Billings	12,3	9,3	3,6	7,8	7,7	13,5
Est. Fem./ Est. Masculina	7,8	0,9	1,8	2,2	17,9	1,7
Injeções	4,5	5,1	3,0	2,2	15,4	6,8
Condon	2,3	5,1	4,8	12,2	3,8	15,3
Coito Interrompido	1,1	13,6	3,0	14,4	7,7	15,3
DIU	1,1	0,0	2,4	4,4	3,8	0,0
Métodos vaginais	0,0	0,0	0,6	0,0	1,3	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	89	118	165	90	78	59

Tabela 4.19 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade não unidos, sexualmente ativos, segundo a frequência de relações sexuais nos últimos 30 dias, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Frequência das relações sexuais	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1	17,4	17,7	23,0	18,1	24,6	15,4
2	28,1	18,4	28,8	21,0	27,6	17,9
3	18,7	14,3	16,2	11,4	16,6	16,7
4	9,0	11,6	10,8	8,6	9,5	6,4
5	9,4	9,5	8,6	7,6	5,3	7,7
6-10	10,6	10,9	8,2	17,1	10,5	10,2
11-24	4,3	3,5	2,2	3,8	4,8	2,6
25+	1,3	0,6	0,8	1,9	0,6	1,3
Não sabe/Não respondeu	1,1	13,6	1,4	10,5	0,6	21,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	299	147	279	105	337	78

Tabela 4.20 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade não unidos, segundo o número de parceiros nos últimos 30 dias, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Nº parceiros nos últimos 30 dias	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1	79,3	96,6	84,5	98,1	67,3	98,7
2	15,4	2,7	12,2	1,9	23,5	1,3
3	4,7	0,0	1,8	0,0	6,3	0,0
4+	0,7	0,0	1,1	0,0	3,0	0,0
Não respondeu	0,0	0,7	0,4	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	299	147	279	105	337	78

Capítulo 5

Saúde Reprodutiva dos Jovens

Este capítulo apresenta alguns resultados sobre a saúde reprodutiva dos jovens entrevistados pela PSRSJ. Em geral, estudos sobre reprodução são quase sempre voltados para a população feminina. Como um dos objetivos desta pesquisa foi o de obter informações para a população de jovens, de ambos os sexos, achou-se que seria de interesse e que, de certa forma, constituiria um levantamento pioneiro estender estas informações para a população masculina. Em vista disto, no questionário da PSRSJ, incluiu-se um módulo composto de aproximadamente trinta variáveis, específico para a população de homens de 15-24 anos de idade. Assim, para determinados temas, ligados à saúde reprodutiva, pode-se fazer comparações entre homens e mulheres.

Vários estudos (1) mostram ser verdadeiro que, a partir do último século, tem ocorrido um declínio na idade da menarca. Na Europa, tal declínio é estimado em 3 anos, a partir da segunda metade do século dezanove. Em 1945, 50% de todas as jovens menstruavam com a idade de 15 anos, enquanto, em 1962, 50% menstruaram aos 12 anos de idade. É possível que a diminuição na idade da menarca seja acarretada por um melhor desenvolvimento físico e que para isto tenham contribuído questões nutricionais e um aumento no nível sócio-econômico (2).

Na tabela 5.1, encontra-se a distribuição percentual das mulheres de 15-24 anos de idade, segundo a idade da menarca. Observa-se que, aos 12 anos de idade, 54% das mulheres no Rio de Janeiro, 42% em Curitiba e 48% em Recife já haviam tido a primeira menstruação. A idade média da menarca, nas três cidades, é mais baixa no Rio de Janeiro (12,4 anos), seguida por Recife (12,6 anos) e Curitiba (12,8 anos). Menos de 10% das mulheres, nas três cidades, reportaram a primeira menstruação antes dos 11 anos de idade (Rio 7%, Curitiba 4% e Recife 7%) e menos de 5% reportaram a menarca após a idade de 15 anos (Rio 2%, Curitiba 4% e Recife 3%).

(1) Entre eles: Parker, A.S. "Biological Aspects of Teenage Pregnancy". Draper World Population Fund Report, No.1, Autumn 1975, Washington D.C.

Center for Population Communications: A Fertilidade na Adolescência - Riscos e Consequências - Population Reports - Série J - No. 10, Agosto 1976, Johns Hopkins University, Baltimore, Md., USA.

(2) Parker (1975), op. cit in (1)

Nos últimos anos, evidenciou-se um aumento considerável no número de gravidezes entre jovens e adolescentes, sendo significativa a porcentagem de crianças que nascem de mães com menos de 20 anos de idade. No Brasil, verifica-se, desde a década de 60, uma considerável diminuição do número de filhos por mulher. Em 1960, a taxa de fecundidade total (3) era de 6,2 filhos por mulher, caindo para 3,5 filhos por mulher, em meados da década de 80. Esse declínio da fecundidade é caracterizado em todas as faixas etárias de mulheres em idade fértil, com exceção das mulheres pertencentes ao grupo de 15-19 anos de idade. Dados do censo de 1970 mostram que entre 1000 mulheres de 15-19 anos, 75 tiveram filhos e, em 1986 (4), esta relação foi de 81 nascimentos para 1000 mulheres de 15-19 anos, ou seja, duas em cada cinco jovens, nesta faixa etária, deverão ter um filho ao chegar aos 19 anos de idade. Estudo feito por Barroso (5) demonstra que, entre as décadas de 70 e 80, houve um aumento de 63% no número de jovens que já haviam tido pelo menos um filho.

Observa-se que, em todo o mundo, a gravidez e a maternidade estão ocorrendo entre grupos etários mais jovens com mais frequência que no passado (6). Existem várias hipóteses para explicar este aumento da gravidez entre a população de jovens. Nas últimas décadas, tem-se noticiado uma liberalização dos costumes, um crescente processo de urbanização, modernização e outras transformações sociais que podem estar associados ao aumento de gravidez entre jovens. Em sociedades tradicionais, o marco da passagem para a fase adulta era a puberdade. O casamento ocorria cedo e a escolaridade era interrompida. Nos dias atuais, existe um prolongamento do período de formação educacional, principalmente nas áreas urbanas, e é cada vez maior a representação do contingente feminino na população economicamente ativa. A crescente profissionalização, exigida pelo mercado de trabalho e que retém os jovens mais tempo nas escolas, tem o efeito de retardar a idade ao casar, ampliando o período de transição entre a infância e a fase adulta (7). A combinação de uma maturação sexual mais cedo, com o aumento da idade ao casar e o enfraquecimento dos valores tradicionais, torna a juventude, hoje, exposta por um período maior às relações sexuais e a uma gravidez precoce, que as gerações passadas.

A tabela 5.2 mostra a porcentagem de mulheres de 15-24 anos que já engravidaram, tendo como referência todas as mulheres e mulheres com experiência sexual. Considerando-se todas as mulheres da amostra, aproximadamente 25% das mulheres no Rio de Janeiro, 22% em Curitiba e 17% em Recife reportaram já ter engravidado. A porcentagem de mulheres que engravidaram cresce, rapidamente, com o aumento da idade, sendo que no grupo etário de 20-24 anos atinge porcentagens de 42% no Rio de Janeiro, 36% em Curitiba e 30% em Recife. Observa-se que há um grande aumento na incidência de gravidez, quando se restringe a análise à população com experiência sexual. Entre as mulheres de 15-24 anos de idade, com experiência sexual, porcentagens entre 49% e 60%, nas três cidades, declararam que já tinham engravidado (gráfico 13).

Quanto aos jovens do sexo masculino, verifica-se que a incidência da gravidez entre a população total estudada é mais baixa, quando comparada à das jovens do sexo feminino. No Rio de Janeiro, foi encontrada uma maior porcentagem de jovens (20%) que disseram ter engravidado alguma parceira, seguido de Recife, com 17%, e Curitiba, com 10%. Nota-se, também, que há uma relação direta entre o aumento da idade e a incidência da gravidez. Examinando apenas a população masculina de jovens, com experiência sexual, a porcentagem que já engravidou alguma parceira passa a ser de 24% no Rio, 14% em Curitiba e 21% em Recife (tabela 5.3). A diferença não se apresenta tão grande como no grupo das mulheres, pois uma porcentagem bem maior dos homens é sexualmente experiente.

(3) Taxa de fecundidade total (TFT) é a estimativa do número médio de filhos que uma mulher teria durante sua vida reprodutiva.

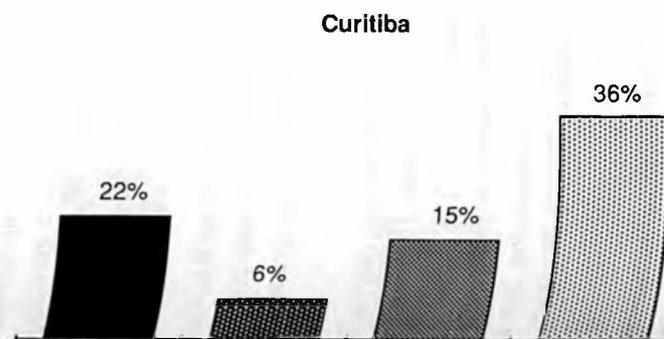
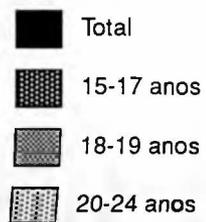
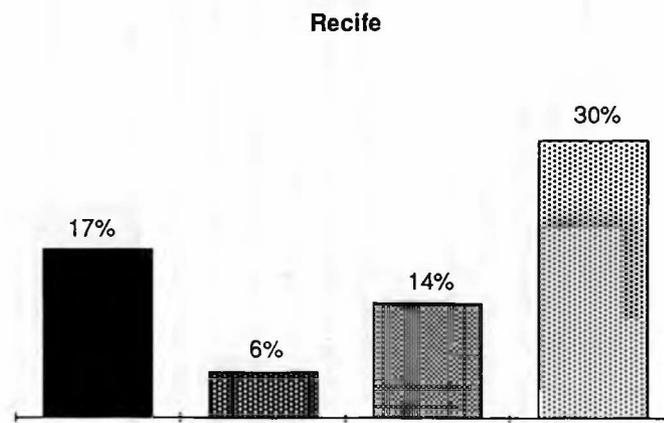
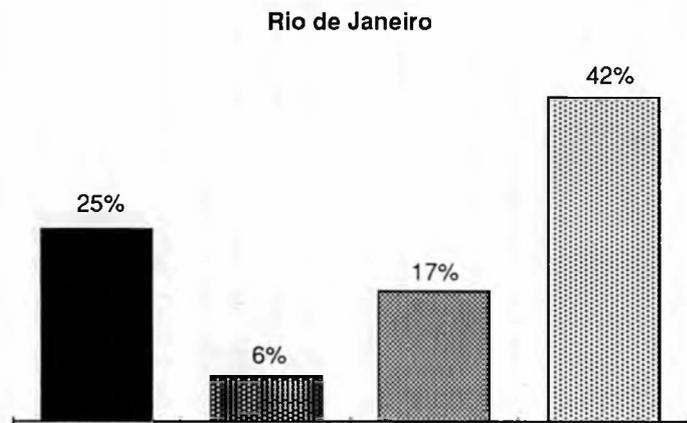
(4) Arruda, J.M., Rutenberg, N., Morris, L., Ferraz, E.A. - Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno-Infantil e Planejamento Familiar - PNSMIPF - Brasil, 1986. BEMFAM. Rio de Janeiro, 1987.

(5) Barroso, C., Campos, M.M., Moraes, M.L.A. et al. - Gravidez na Adolescência. IPLAN/IPEA, UNICEF, Fundação Carlos Chagas, Brasília, Dezembro 1986.

(6) A Fertilidade na Adolescência - Riscos e Consequências. Population reports - Série J, No. 10, Agosto 1976.

(7) Silva, J.L.C.P., Pinotti, J.A. - A Adolescência e o Sistema de Saúde. Revista Femina, Agosto 1987, 540-642.

Gráfico 13
% Mulheres que já engravidaram por idade
PSRSJ, 1989/90



Entretanto, é muito possível que os homens não saibam se engravidaram alguma parceira e as cifras mais baixas declaradas por eles devem ser interpretadas com cautela (**gráfico 14**).

Nas três cidades pesquisadas, observa-se uma relação inversa entre nível de instrução e incidência da gravidez para o universo de mulheres entrevistadas. Entre as mulheres com primário incompleto, 54%, 42% e 35% no Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, respectivamente, já haviam engravidado alguma vez. Entre aquelas com II Grau Completo/Universidade, a porcentagem que já havia engravidado apresenta-se bem mais baixa: 17% no Rio e 12% em Curitiba e Recife (tabela 5.4 e **gráfico 15**).

Vários estudos mostram uma associação entre a maternidade precoce e o baixo nível educacional, sendo alta a incidência de evasão escolar, principalmente por parte das mulheres, quando ocorre uma gravidez. Em geral, existe uma forte correlação entre a instrução e o nível de renda. Segundo Henriques e colegas (8), existem grandes diferenças na reprodução entre adolescentes de distintos níveis de renda. A nível de Brasil, constatou-se uma maior porcentagem de jovens com renda mais baixa que tiveram filhos, em comparação com aquelas com nível de renda mais elevado.

A tabela 5.6 mostra a porcentagem de mulheres de 15-24 anos que já engravidaram, segundo o número de gravidezes. No Rio de Janeiro, 62% das jovens tiveram somente uma gravidez, 24% duas e 15% três ou mais. Em Curitiba, as porcentagens foram de 69%, 21% e 9%. Dos três municípios estudados, Recife foi o que apresentou uma maior porcentagem de mulheres com um maior número de gravidezes: 54% das mulheres tiveram uma gravidez, 29% duas e 17% três ou mais. Como o esperado, nas três cidades, o número de gravidezes aumenta com a idade. Para mulheres pertencentes ao grupo etário 20-24 anos, 44% no Rio, 34% em Curitiba e 53% em Recife reportaram terem tido duas ou mais gravidezes.

A tabela 5.7, que é análoga para a população masculina, verificou que 64%, 72% e 61% dos jovens no Rio, Curitiba e Recife, respectivamente, declararam que haviam engravidado uma parceira somente uma vez. Com duas gravidezes, a porcentagem foi de 22% no Rio, 25% em Curitiba e 23% em Recife. Finalmente, com três ou mais gravidezes, as respectivas porcentagens são 14%, 3% e 16%.

A idade média da primeira gravidez para mulheres de 15-24 anos, que já engravidaram alguma vez, está em torno dos 18 anos, nos três municípios pesquisados (tabela 5.8). A porcentagem de mulheres que já haviam engravidado até os 17 anos é de 49% no Rio de Janeiro. Em Curitiba, o percentual foi um pouco mais baixo, sendo de 37%, e, em Recife, foi similar ao Rio, com 47%. Em relação ao sexo masculino, a idade média dos homens, quando engravidaram pela primeira vez alguma parceira, apresentou-se um pouco mais alta que a das mulheres. Nos três municípios, esta idade média está em torno dos 19 anos. Até os 17 anos de idade, 36% dos homens do Rio de Janeiro, 22% em Curitiba e 34% em Recife declararam que já haviam engravidado alguém (tabela 5.9).

A idade média das mulheres de 15-24 anos, quando tiveram o primeiro filho nascido vivo, foi de 18 anos no Rio de Janeiro e de 18,3 anos em Recife, sendo um pouco mais elevada para Curitiba, 18,8 anos. Pesquisas realizadas em Salvador (9) e São Paulo (10) mostram que, nessas cidades, a idade média na época do nascimento do primeiro filho é 18,5 anos e 18,7 anos, respectivamente. No Rio de Janeiro, um quarto das jovens de 15-24 anos, com pelo menos um filho, já tinha um filho nascido vivo aos 16 anos. Em Recife, esta porcentagem é um pouco acima de 20% e, em Curitiba, mais baixa, ficando em 13% (tabela 5.10 e **gráfico 16**).

(8) Henriques, M.H, Valle Silva, N., Singh, S., Wulf, D. - Adolescentes de Hoje, País do Amanhã: Brasil. The Alan Guttmacher Institute, 1989.

(9) Bastos, A.V.B., Morris, L., Fernandes, S.R.P. (Organizadores) - Saúde e Educação Sexual; um estudo em Salvador. Salvador - Dezembro 1989.

(10) Sakamoto, C.P.M, Freire, H.S., e Morris, L. - Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo. Relatório Final, Centro Materno-Infantil de Planejamento Familiar, Abril 1991.

Gráfico 14
% homens que já engravidaram
alguma parceira por idade
PSRSJ, 1989/90

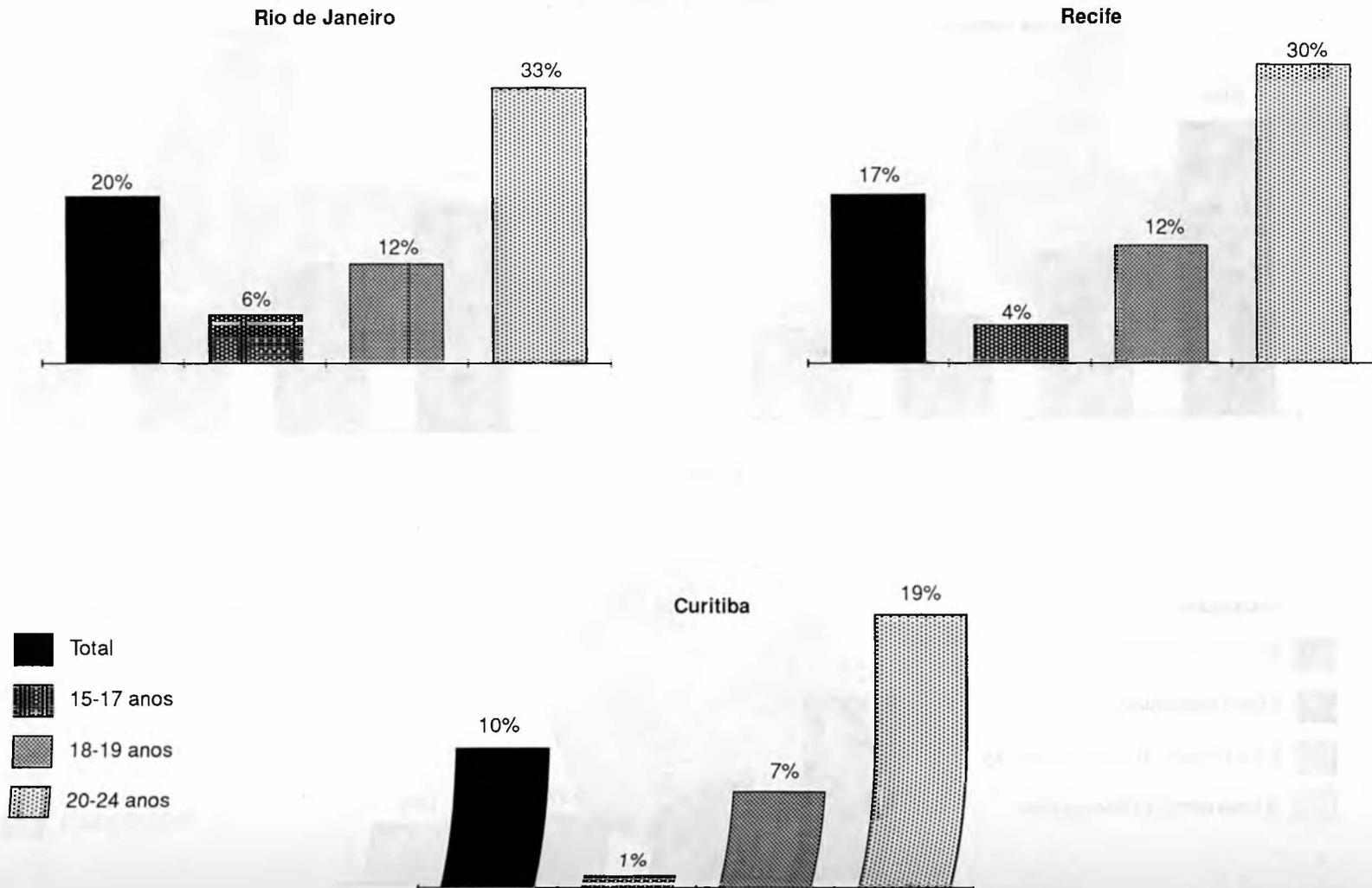


Gráfico 15
% Mulheres que já engravidaram segundo a instrução
PSRSJ, 1989/90

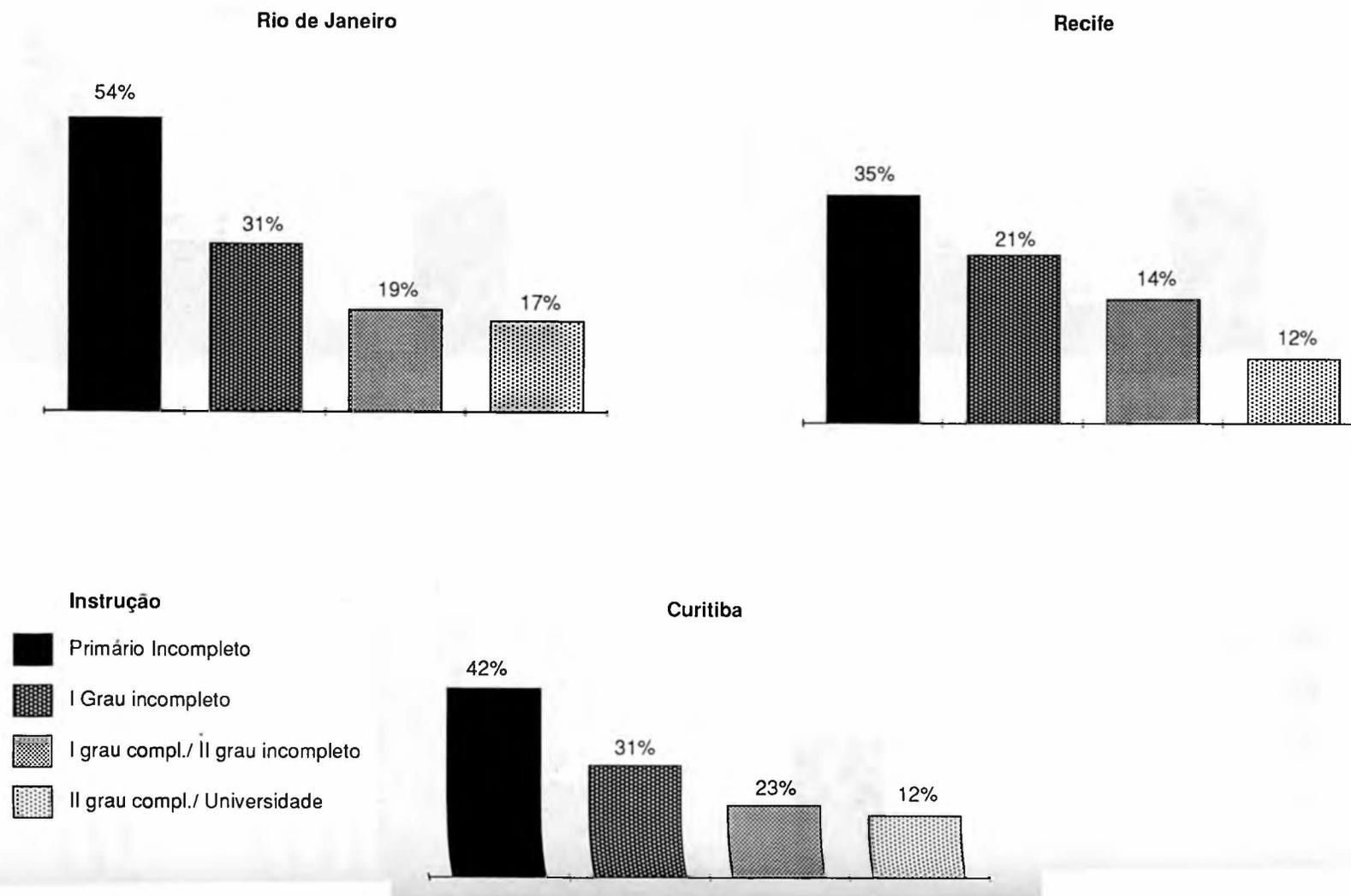
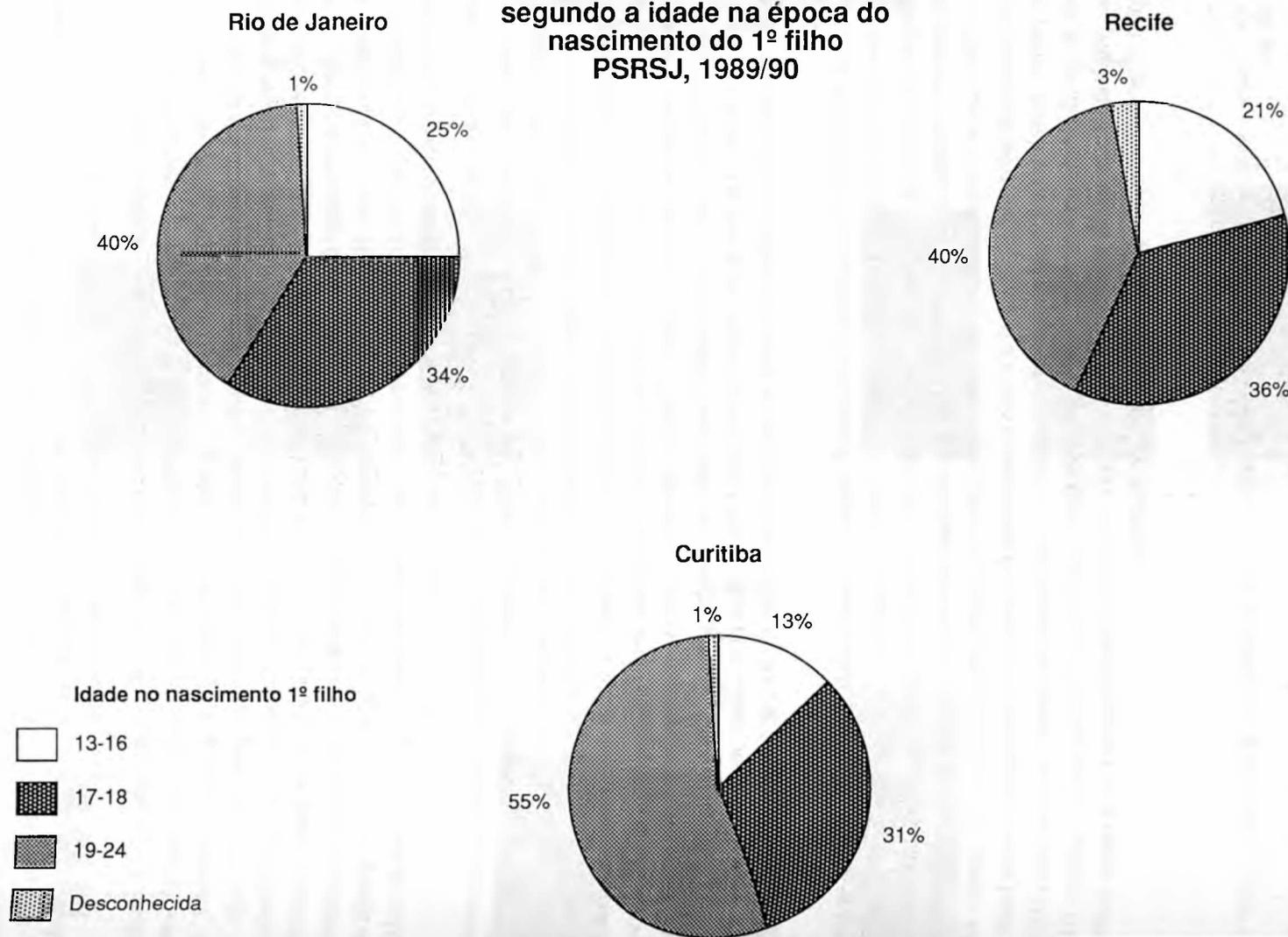


Gráfico 16
Mulheres de 15-24 anos que
tiveram filho nascido vivo
segundo a idade na época do
nascimento do 1º filho
PSRSJ, 1989/90



Estudo longitudinal, analisando coortes inglesas (11), mostra que a família exerce uma forte influência no desenvolvimento de um indivíduo e que a idade da maternidade é claramente associada às variáveis sócio-econômicas da família de origem da jovem. É comum observar o ambiente familiar influenciando as adolescentes que engravidaram, reproduzindo o modelo dos pais. Nota-se, também, uma correlação indireta entre a idade da mulher ao ter o primeiro filho e a paridade. Há evidências de que, quanto mais cedo a mulher inicia uma família, maiores serão as chances de ter um número mais elevado de filhos, em relação a mulheres que se tornam mães mais tarde.

Vários estudos fazem referências à entrada precoce na maternidade, por não ser recomendável, medicamente. Mães jovens estão mais expostas a complicações com a gravidez e seus filhos têm aumentados os riscos de mortalidade infantil e morbidade. Em países em desenvolvimento, estudos apontam taxas de mortalidade neonatal, infantil e materna mais altas para mulheres adolescentes, quando comparadas às de mulheres com 20 a 29 anos. Segundo estimativas da taxa média de mortalidade materna em onze países, efetuadas por Nortman (12), a mortalidade materna para mulheres com menos de 20 anos de idade é 50% mais alta que a taxa para aquelas com idade 20-24 anos. Chui (13), estudando taxas de mortalidade neonatal e infantil, segundo a idade da mãe, em cinco países da América Latina, verificou, em cada caso, que as mais altas taxas apresentavam-se para filhos de mães adolescentes. No Brasil, resultados de pesquisa realizada em 1986 (14) demonstram, claramente, que os riscos de morte no primeiro ano de vida são 25% mais altos para crianças cujas mães tinham menos de 20 anos, na época do nascimento.

Na tabela 5.11, está estimada a porcentagem dos primeiros filhos concebidos pré-maritalmente por mulheres de 15-24 anos de idade, que estiveram em união alguma vez. Estas estimativas foram obtidas comparando a data de nascimento do primeiro filho com a data da primeira união. Estima-se que, para as jovens que estiveram alguma vez em união, 49% das concepções no Rio de Janeiro, 39% em Curitiba e 52% em Recife ocorreram antes da formalização da união. Analisando-se a porcentagem das concepções pré-maritais, segundo a idade da mulher na época da união, observa-se que, nas três cidades, quanto maior a idade, mais alta a ocorrência destas concepções e maior a porcentagem de nascimentos antes da união. Das três cidades, Curitiba apresenta a menor porcentagem de nascimentos antes da união (9%), o que, de certa forma, é compensado pela mais alta porcentagem de nascimentos que ocorreram nos primeiros 7 meses da união. Tal fato pode sugerir que talvez Curitiba seja uma cidade mais tradicional, em que um nascimento antes de uma união signifique pressões sociais mais severas que no Rio de Janeiro ou em Recife (gráfico 17).

Examinando a incidência das concepções pré-maritais, segundo a escolaridade da jovem, observa-se que, no Rio e em Curitiba, não há diferença significativa, de acordo com o nível de instrução. Já em Recife, a relação é inversa: a maior porcentagem de concepções pré-maritais encontra-se entre as mulheres com escolaridade de 0 a 7 anos de estudo. A escolaridade mostrou ter uma correlação negativa com nascimentos antes da união. No Rio de Janeiro e em Recife, 27% e 28% das mulheres com até 7 anos de estudo, respectivamente, reportaram que o primeiro filho havia nascido antes da união, ao passo que, para aquelas com 8 ou mais anos de estudo, a porcentagem foi mais baixa. Curitiba apresenta um padrão semelhante, mas com níveis bem menores. É importante mencionar que, nas três cidades, níveis mais elevados de escolaridade representam, também, porcentagens mais altas de jovens que se casaram grávidas do primeiro filho. Tal dado pode sugerir que as mulheres de maior nível educacional mostram uma maior tendência a se casarem quando ficam grávidas, do que aquelas com menor instrução.

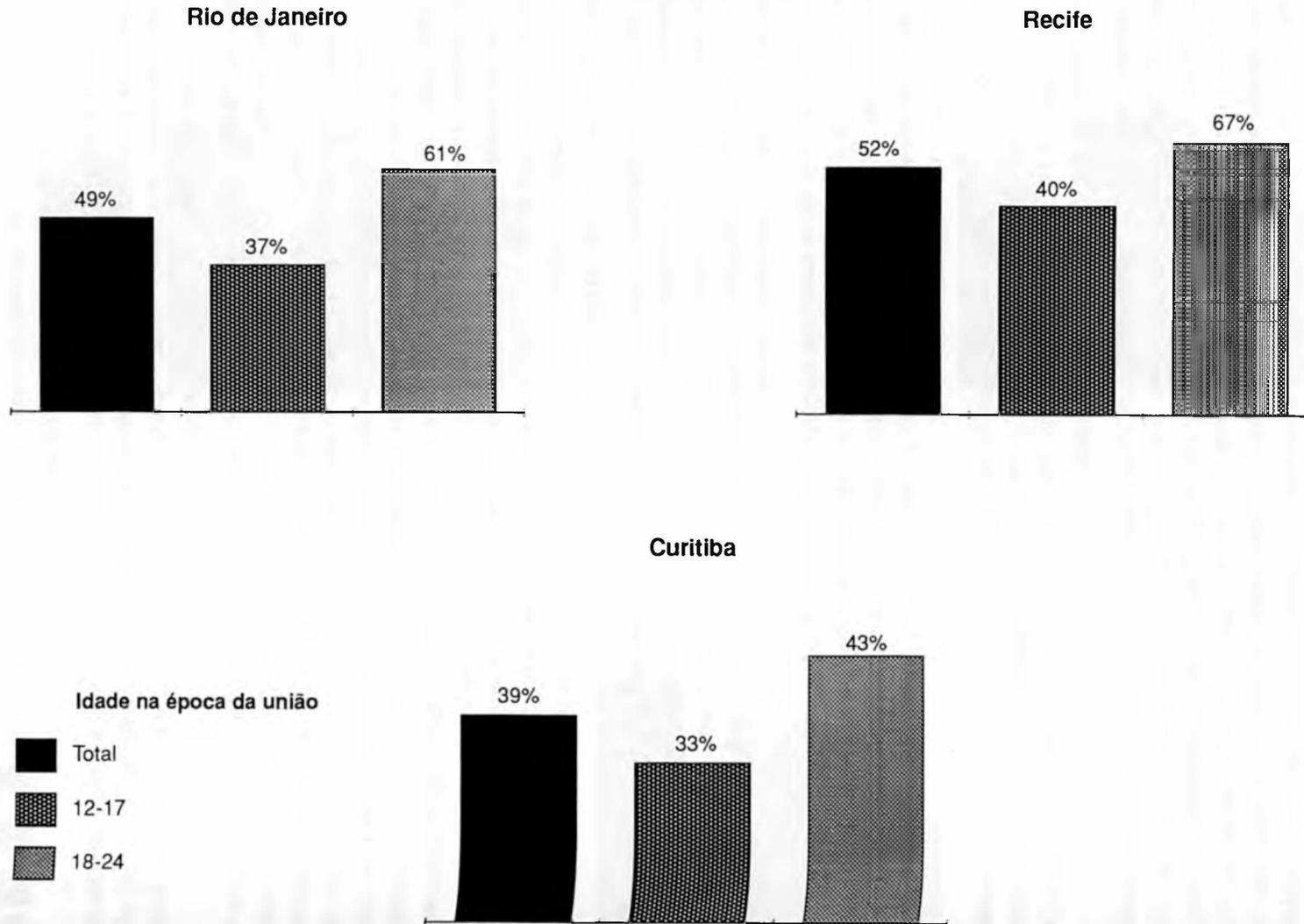
(11) Kierman, K.E. - Teenage Motherhood - Association factors and consequences - The experience of a British Cohort. *Journal of Biosocial Science* (1980), 393-405.

(12) Nortman, D. - "Parental age as a factor in pregnancy outcome and child development". *Reports on Population/Family Planning* No. 16:1-51, August, 1974.

(13) Chui, J.H. - "Policies and programmes on adolescent fertility in developing countries: an integrated approach". UNFPA, February 1978, mimeo.

(14) Arruda, J.M., Rutenberg, N., Morris, L., Ferraz, E. A. - Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno-Infantil e Planejamento Familiar - Brasil

Gráfico 17
% do 1º filho nascido vivo
concebido pré-maritalmente
mulheres alguma vez em união
PSRSJ, 1989/90



Na tabela 5.13, vê-se a porcentagem de mães solteiras, segundo algumas variáveis. Verifica-se que, das três cidades, Curitiba apresenta a maior porcentagem de jovens de 15-24 anos, 15%, que já tiveram pelo menos um filho e nunca estiveram unidas. A seguir, vêm o Rio de Janeiro com 14% e Recife com 10%. No Rio de Janeiro, encontra-se uma maior incidência de mães solteiras, entre mulheres com escolaridade mais baixa, fato que não ocorre em Curitiba, onde a maior porcentagem de mães solteiras está entre aquelas com escolaridade mais alta. Em Recife, não há uma diferença marcante em relação à escolaridade e incidência de mães solteiras.

Com respeito à idade da primeira gravidez e a idade em que ocorreu a primeira relação sexual, observa-se que, no Rio e em Curitiba, uma porcentagem maior de mães solteiras engravidou ou teve a primeira relação sexual antes dos 18 anos de idade. Em Recife, constata-se o oposto - quanto maior a idade em que ocorreu a gravidez e mais tarde se iniciou a primeira relação sexual, mais alta foi a porcentagem de mães solteiras.

No questionário da PSRSJ, perguntou-se, aos jovens de ambos os sexos que engravidaram pela primeira vez ou engravidaram alguma parceira, se a gravidez havia sido planejada ou não. As tabelas 5.14 e 5.15 mostram as porcentagens da primeira gravidez reportadas como não planejadas para mulheres e homens, respectivamente, nos três municípios estudados. Entre as mulheres do Rio de Janeiro, 58% declararam que a primeira gravidez não foi planejada, 46% em Curitiba e 47% em Recife. Quanto à população masculina, que já havia engravidado uma parceira, nota-se a ocorrência de uma porcentagem maior de gravidezes não planejadas em relação às mulheres. A porcentagem reportada pelos homens como não planejada foi de 70%, 54% e 63%, no Rio, Curitiba e Recife, respectivamente. Para os jovens de ambos os sexos, verifica-se, nas três cidades, que, quanto mais cedo ocorreu a primeira gravidez, mais alto foi o não planejamento da mesma. No que se refere à escolaridade dos jovens, foi observado, nas três cidades e para a população de ambos os sexos, um aumento na porcentagem de gravidezes não planejadas com a elevação do nível da escolaridade. Uma única exceção é verificada: para as mulheres de Recife, não existe diferença significativa na porcentagem de gravidezes não planejadas (gráficos 18 e 19).

Finalmente, quanto ao planejamento da primeira gravidez, vale a pena mencionar que, tanto para as mulheres, quanto para os homens, o tipo de relacionamento com o parceiro influi na porcentagem de gravidezes não planejadas. Constata-se, assim, uma maior incidência destas entre aqueles jovens que não estavam em união. Para mulheres, entre aquelas que eram solteiras e não se uniram após a ocorrência da gravidez, a porcentagem é mais alta no Rio e em Curitiba e para homens a diferença é ainda mais evidente.

Entre as mães solteiras que não foram morar com seu parceiro, 8% das jovens no Rio e 5% em Curitiba reportaram que este não ficou sabendo sobre a gravidez. Entre os parceiros que tiveram conhecimento da gravidez, no Rio e em Recife, pouco mais da metade deu alguma assistência à jovem durante o período de gestação. Essa assistência foi de ordem financeira, afetiva ou ambas. Em Curitiba, verificou-se que quase 60% dos parceiros que souberam da gravidez não deram assistência alguma às jovens (tabela 5.16).

Perguntou-se aos jovens do sexo masculino que engravidaram alguma parceira se alguma gravidez resultou em aborto ou perda. Nota-se, nas três cidades, que entre 32% a 60% dos homens disseram que a parceira abortou ou perdeu a criança. Entre as gravidezes que resultaram em aborto, 59% dos homens no Rio de Janeiro e 24% em Curitiba declararam que participaram na decisão de fazer o aborto (tabela 5.17).

O controle pré-natal, durante a última gravidez, para filhos nascidos vivos e a época em que se iniciou são mostrados na tabela 5.18. Verifica-se que a grande maioria das jovens (93%, no Rio e em Recife, e 97%, em Curitiba) fez algum controle pré-natal durante a última gravidez. Entre aquelas que fizeram o acompanhamento pré-natal, 71% no Rio de Janeiro, 77% em Curitiba e 67% em Recife iniciaram o controle no primeiro trimestre da gravidez. A idade da mãe na época do nascimento do filho tem pouca influência na porcentagem de controle pré-natal, mas assume importância em relação à época em que se iniciou este acompanhamento médico. Observa-se que, nas três cidades, as

Gráfico 18
Planejamento da 1ª gravidez
mulheres de 15-24 anos
% não planejada
PSRSJ, 1989/90

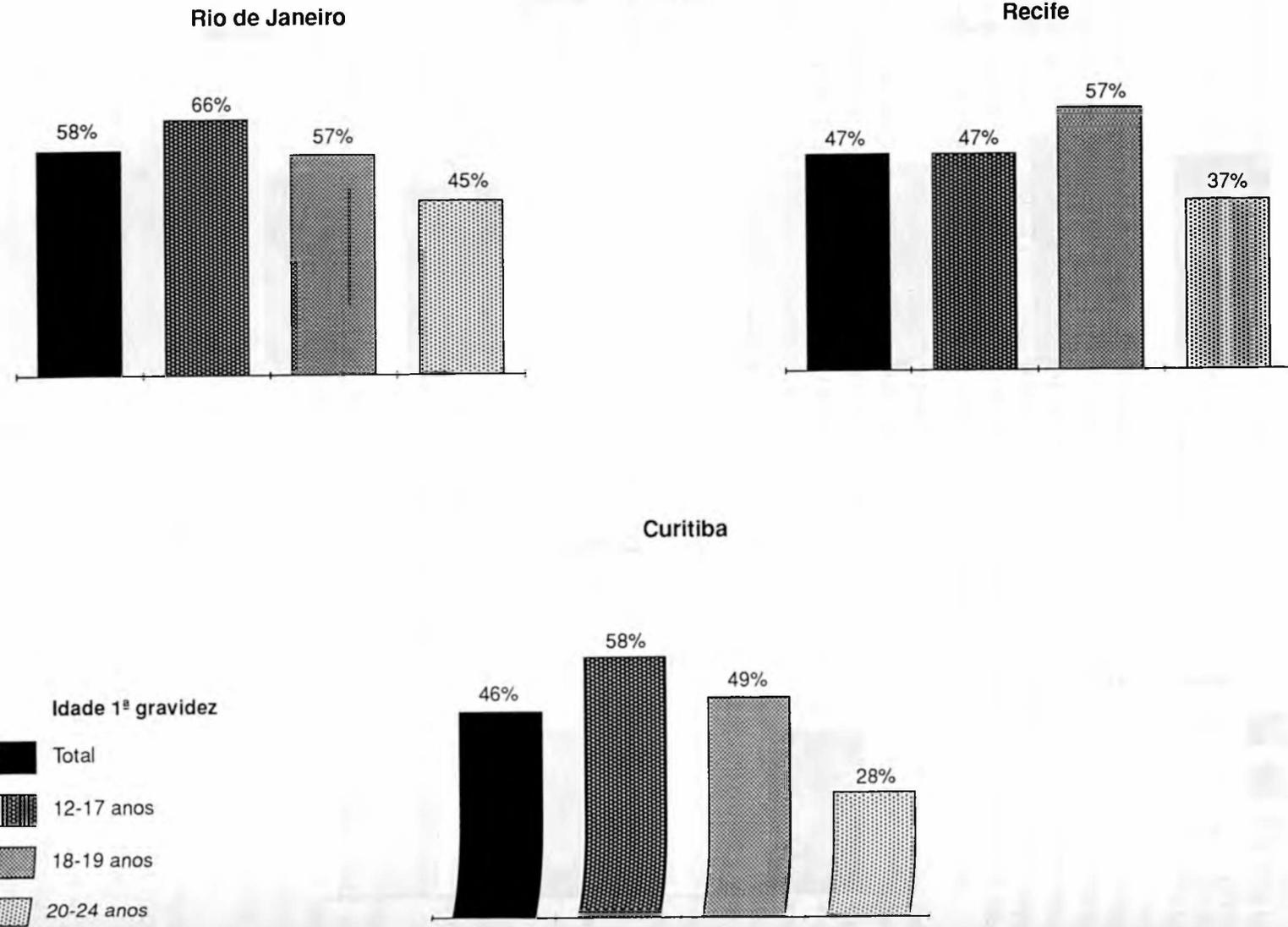
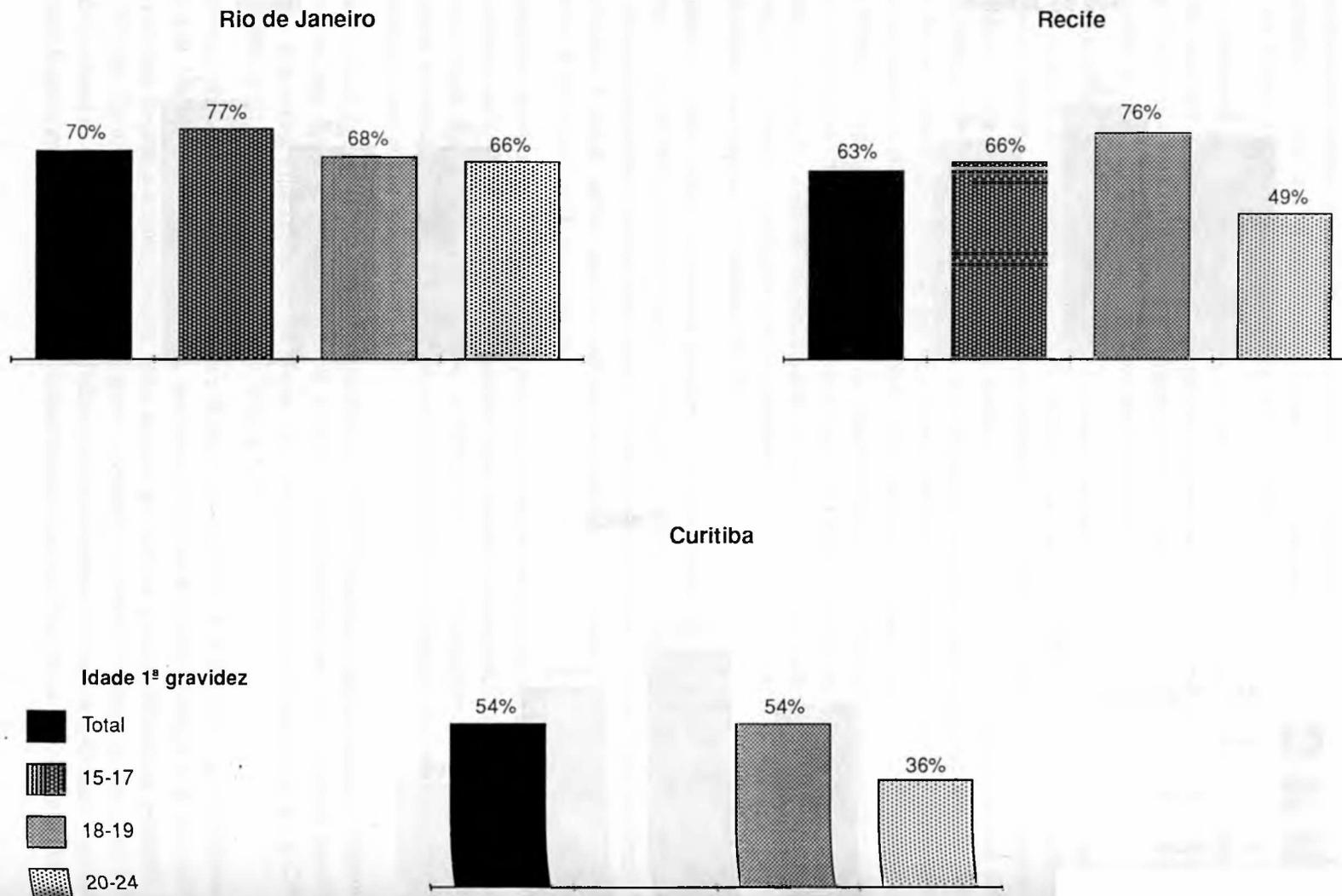


Gráfico 19
Planejamento da 1ª gravidez
homens de 15-24 anos
% não planejada
PSRSJ, 1989/90



mulheres que tinham entre 20-24 anos quando nasceu o último filho são mais propensas a começarem as consultas no primeiro trimestre de gravidez, em comparação com aquelas mulheres entre 12 e 19 anos de idade (**gráfico 20**).

Muito tem-se discutido a respeito da importância dos cuidados pré-natais para a saúde da mãe e da criança. Segundo Gauderer (15), em geral, a adolescente grávida entra tardiamente no sistema de cuidados pré-natais e todos os problemas que afetam a gravidez nesta faixa etária estão relacionados ao nível sócio-econômico e ao fato de a jovem ter ou não acesso ao sistema médico.

Estudo comparativo entre gestantes com menos de 20 anos e entre as com 20-29 anos feito por Silva (16), sobre alguns aspectos da gravidez, constatou que as mães mais jovens geralmente frequentam menos o pré-natal, são menos assíduas às consultas e são captadas mais tarde.

Os resultados da tabela 5.19 mostram que a maioria das jovens teve seu último parto em hospitais, sendo os do INAMPS ou conveniados os mais procurados. No Rio de Janeiro, 56% das mulheres de 15-24 anos de idade tiveram o último parto em hospitais do INAMPS ou conveniados, assim como 71% em Curitiba e 53% em Recife. Em segundo lugar, em termos de importância para local do parto, no Rio e Recife, aparecem os hospitais do governo, responsáveis por 21% e 28% dos partos, respectivamente. Em Curitiba, os hospitais particulares vêm em segundo lugar em importância, com porcentagem de 15%.

Outro dado investigado pela pesquisa refere-se ao tipo de parto a que as jovens foram submetidas, por ocasião do nascimento do último filho. Nas três cidades, foi observada uma grande proporção de partos realizados por cesariana, entre jovens de 15-24 anos: 30% no Rio de Janeiro, 33% em Curitiba e 37% em Recife.

Dados a nível de Brasil (17), demonstram que 32% dos partos de mulheres em idade fértil, ocorridos em hospitais nos últimos cinco anos, se realizaram através de uma operação cesariana. Nas áreas urbanas, para mulheres de 15-19 anos de idade, 29% dos partos foram por cesariana e, entre mulheres de 20-24, esta porcentagem foi de 31%.

A incidência da cesariana apresenta uma correlação positiva com a idade da jovem. Observa-se, nas três cidades, que a porcentagem de cesarianas aumenta com a idade na época do último parto. Em Recife, vale a pena mencionar que a diferença na porcentagem de cesarianas, entre os dois grupos de idade, foi bastante significativa. Entre as jovens cujo último parto aconteceu entre os 12 a 19 anos, a porcentagem foi de 23%, enquanto para aquelas entre 20 e 24 anos foi de 52%. Em relação à escolaridade, verifica-se que a proporção de cesarianas aumenta juntamente com os anos de estudo da mulher. Nas três cidades, mulheres com até quatro anos de estudo mostram percentuais mais baixos de cesariana (19% no Rio, 23% em Curitiba e 30% em Recife) que aquelas com 9 ou mais anos de estudo (46% no Rio, 38% em Curitiba e 50% em Recife). Finalmente, segundo o local do parto os hospitais/maternidades particulares apresentam uma maior porcentagem de partos de mulheres de 15-24 anos feitos através de uma cesariana, fato constatado nas três cidades pesquisadas (tabela 5.20 e **gráfico 21**).

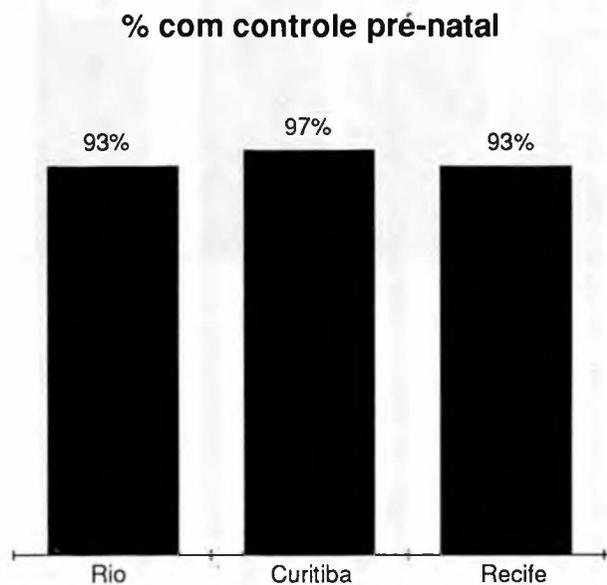
Na tabela 5.21, vemos a porcentagem de últimos filhos nascidos vivos segundo a amamentação. Nota-se, de modo geral, que uma alta porcentagem de crianças foi amamentada: 91% no Rio, 83% em Curitiba e 87% em Recife. Estes dados mostram a porcentagem das crianças que foram amamentadas, não levando em conta o período de duração da amamentação. Verifica-se que, no Rio de Janeiro e em Recife, uma idade maior da mãe na época do nascimento representa porcentagens mais altas de crianças que foram amamentadas. Esta relação não foi observada em Curitiba, onde as maiores porcentagens de crianças amamentadas eram filhas de mães mais jovens. Entretanto, com os números

(15) Gauderer, E.C. - Crianças, Adolescentes e Nós: questionamentos e emoções.

(16) Silva, J.L.P. - Gravidez em Mulheres Menores de 20 anos: estudo comparativo. *Jornal Brasileiro de Ginecologia*, 96 (11-12), Dezembro 1986, 559-563.

(17) Arruda, J.M., Ferraz, E.A., Morris, L. - *Sexualidade e Saúde Reprodutiva da Jovem Brasileira*. BEMFAM/DECS, Rio de Janeiro, 1989.

Gráfico 20
% mulheres com controle pré-natal na última gravidez e época do início do pré-natal
PSRSJ, 1989/90



Início do controle pré-natal

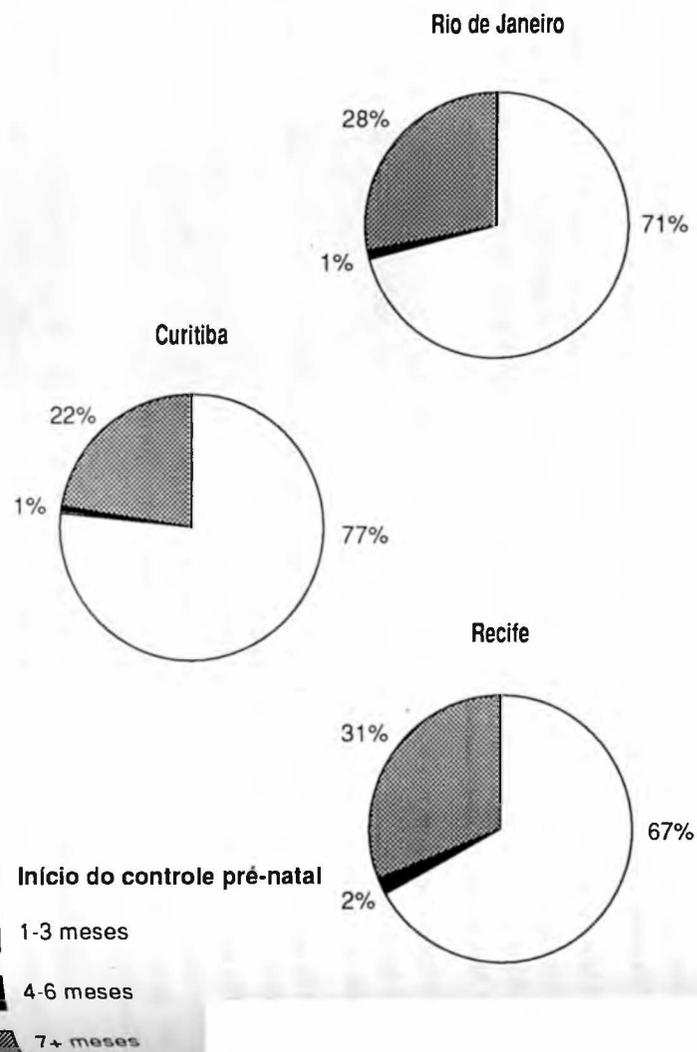
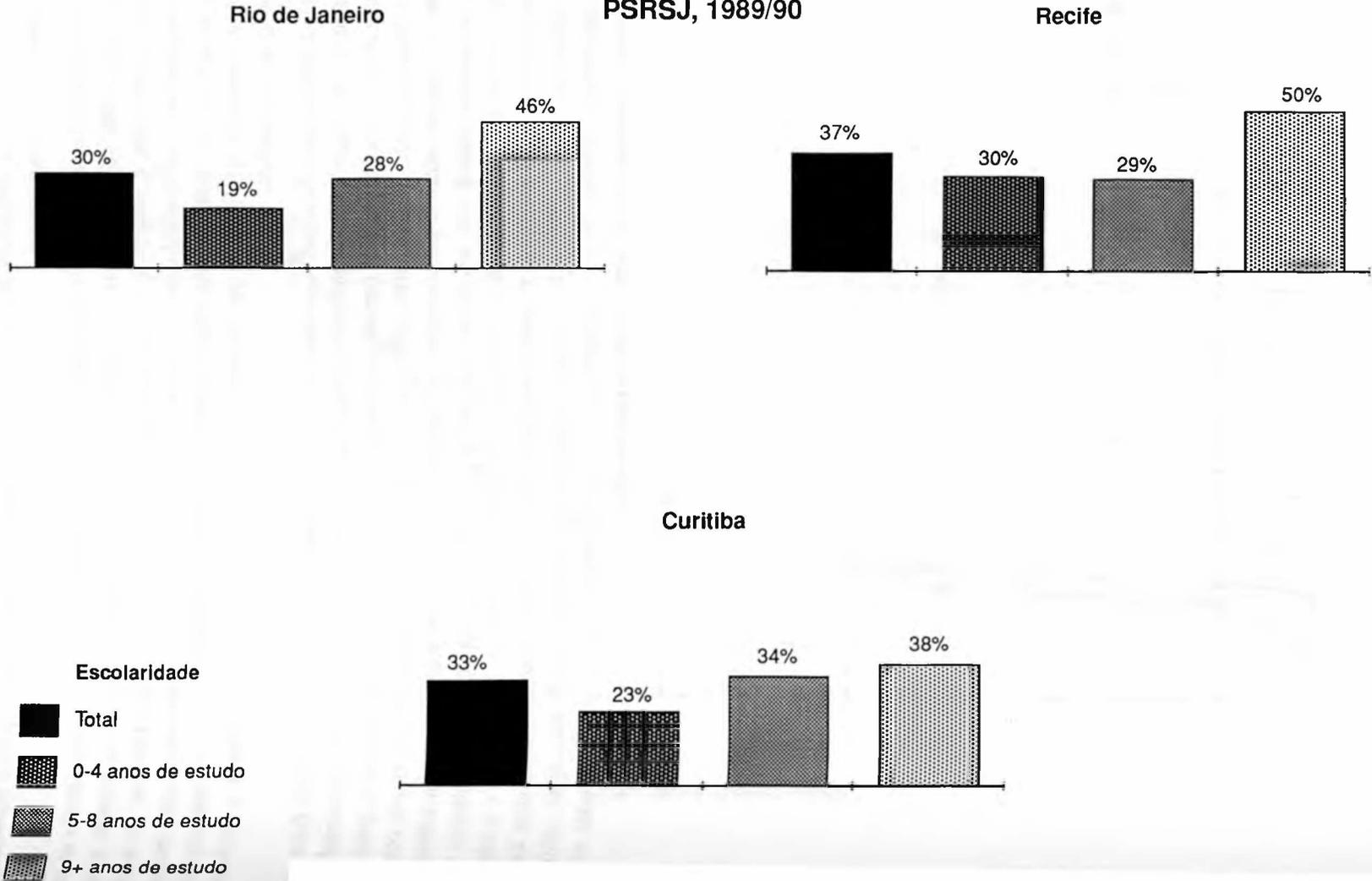


Gráfico 21
% de cesarianas referente ao
último filho nascido vivo de
mulheres de 15-24 anos
segundo a escolaridade
PSRSJ, 1989/90

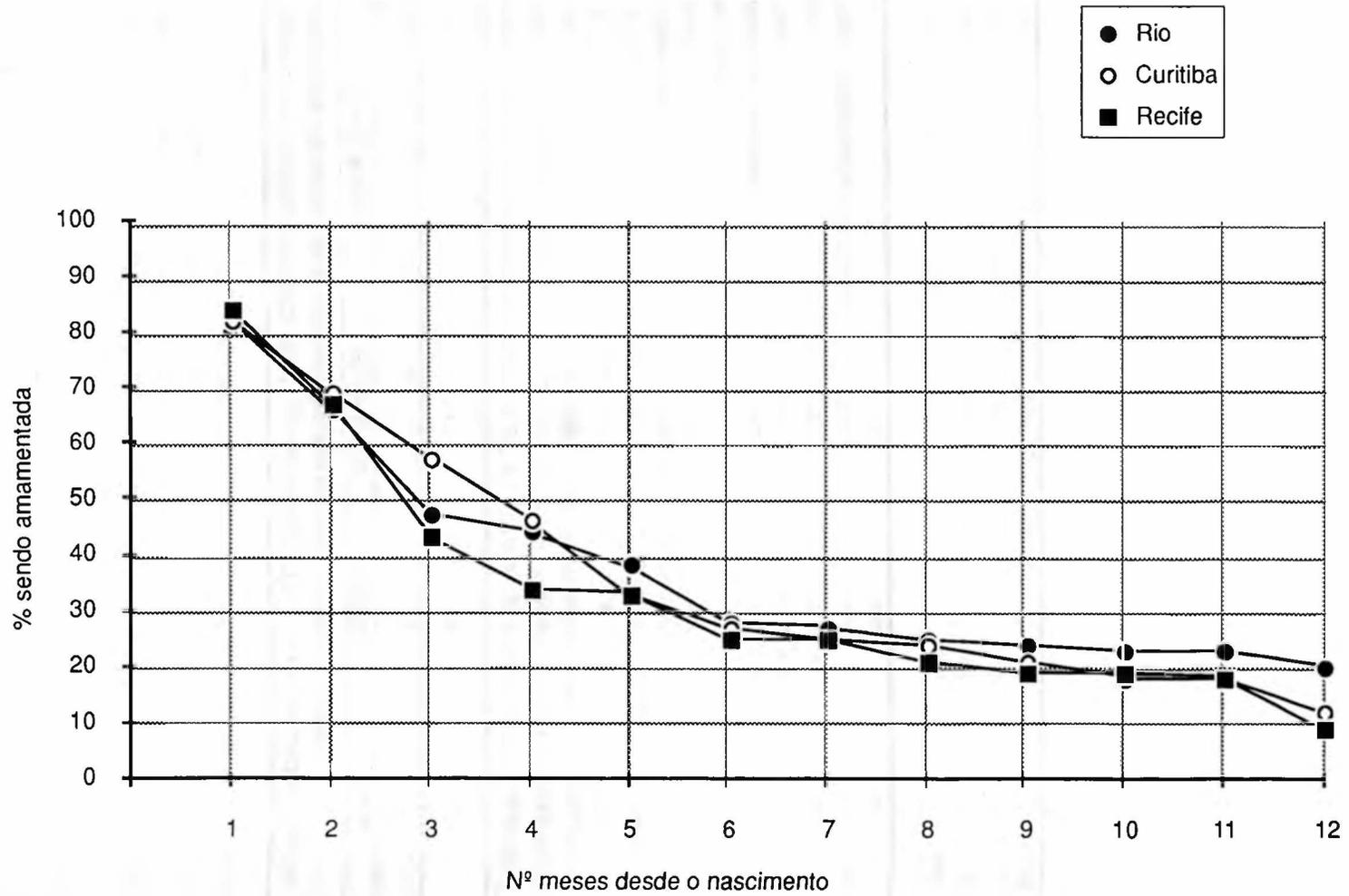


de casos disponíveis, as diferenças não são significativas. Quanto à escolaridade, no Rio, Curitiba e Recife, uma maior porcentagem de crianças que foram amamentadas são filhos de jovens com escolaridade até 4 anos de estudo. A relação entre a amamentação e a época da concepção (se foi pré-marital ou não) não exerce uma influência significativa na porcentagem de mulheres que amamentaram.

Uma análise mais abrangente a respeito da amamentação pode ser efetuada através dos dados obtidos na tabela 5.22. Os resultados desta tabela são estimativas da condição atual da amamentação, baseadas na situação atual da criança no momento da entrevista, e incluem a amamentação total ou parcial. As tabulações, baseadas na condição atual, são de maneira geral mais confiáveis do que as respostas a respeito da duração de amamentação, que, em muitos casos, apresentam preferências por determinados dígitos, no caso meses. As colunas relativas às porcentagens foram calculadas a partir da experiência de mulheres que tiveram filhos em períodos sucessivos no passado, e são análogas à coluna $l(x)$ da tábua de mortalidade.

A maioria das mulheres, nas três cidades, amamenta seus filhos durante o primeiro mês de vida. Entretanto, a porcentagem de crianças que segue sendo amamentada declina rapidamente. No Rio e em Recife, aproximadamente metade das mulheres deixa de amamentar seus filhos três meses após o parto e, em Curitiba, isto ocorre quatro meses após. Depois de 12 meses de idade, 20% das crianças no Rio, 12% em Curitiba e somente 9% em Recife continuam sendo amamentadas. A duração média da amamentação foi calculada utilizando o método de prevalência/incidência, comumente usado em epidemiologia e bem semelhante à média de uma tábua de mortalidade. A prevalência, no caso, é o número total de crianças que estavam sendo amamentadas no momento da entrevista. A incidência é o número de nascimentos por mês, baseado no número total de nascimentos ocorridos nos 12 meses anteriores à pesquisa. Em geral, a duração média é afetada por longos períodos de amamentação de algumas crianças. Dos três municípios pesquisados, Curitiba foi o que apresentou o período de maior duração média de amamentação, com 6,1 meses, seguido do Rio de Janeiro com 5,7 meses e, finalmente, Recife com 5,0 meses (gráfico 22).

Gráfico 22
% crianças de 1-12 meses filhos de mulheres de 15-24 anos
que estão sendo amamentadas
PSRSJ, 1989/90



Tabelas - Cap.5

Tabela 5.1 - Distribuição percentual das mulheres de 15-24 anos de idade, segundo a idade da menarca. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade da Menarca	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
8	0,5	0,4	0,3
9	2,5	0,9	1,9
10	4,1	2,5	4,3
11	18,7	13,1	12,5
12	28,3	25,5	28,8
13	23,5	26,8	24,9
14	13,8	18,0	17,2
15	6,6	8,7	7,1
16	1,1	1,8	1,4
17-19	0,2	0,6	0,9
20-21	0,0	0,1	0,0
Não sabe	0,7	1,2	0,2
Ainda não menstruou	0,0	0,3	0,5
Total	100,0	100,0	100,0
N	831	913	989
Idade média da menarca (em anos)	12,4	12,8	12,6
N	825	899	982

Tabela 5.2 - Porcentagem das mulheres de 15-24 anos de idade que já engravidaram, todas as mulheres e mulheres com experiência sexual, por idade. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade	Rio de Janeiro		Curitiba		Recife	
	Todas as mulheres	Mulheres c/ exp. sexual	Todas as mulheres	Mulheres c/ exp. sexual	Todas as mulheres	Mulheres c/ exp. sexual
%						
Total	24,7	53,0	22,1	48,8	17,2	60,5
15-17	6,4	31,6	6,3	35,8	5,5	48,8
18-19	17,0	41,3	14,8	37,1	13,6	49,1
20-24	42,3	61,2	35,9	54,0	29,7	66,7
N						
Total	831	387	913	414	989	281
15-17	280	57	300	53	379	43
18-19	182	75	176	70	199	55
20-24	369	255	437	291	411	183

Tabela 5.3 - Porcentagem de homens de 15-24 anos de idade que reportaram que já engravidaram alguém, todos os homens e homens com experiência sexual, por idade. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade	Rio de Janeiro		Curitiba		Recife	
	Todos os homens	Homens c/ exp. sexual	Todos os homens	Homens c/ exp. sexual	Todos os homens	Homens c/ exp. sexual
%						
Total	19,9	23,9	10,4	14,2	16,8	21,3
15-17	5,6	8,6	0,6	1,5	4,2	7,0
18-19	11,8	13,8	7,3	9,3	12,1	14,4
20-24	33,2	35,1	19,2	20,4	30,4	32,7
N						
Total	848	706	950	696	1154	910
15-17	269	175	318	134	427	256
18-19	178	152	206	161	247	208
20-24	401	379	426	401	480	446

Tabela 5.4 - Porcentagem de todas as mulheres de 15-24 anos de idade que já engravidaram, segundo a instrução. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Instrução	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Primário incompleto	54,0	50	42,1	38	35,3	51
I grau incompleto	31,3	272	30,7	228	21,3	356
I grau completo / II grau incompleto	19,2	291	23,1	333	13,9	316
II grau completo / Universidade	17,0	218	12,4	314	12,0	266
Total	24,6	831	22,1	913	17,2	989

(*) Menos de 25 casos

Tabela 5.5 - Porcentagem de todos os homens de 15-24 anos de idade que já engravidaram alguém, segundo a instrução. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Instrução	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Primário incompleto	15,4	52	*	23	18,8	80
I grau incompleto	21,6	292	13,8	289	19,6	514
I grau completo / II grau incompleto	19,0	311	8,4	382	14,0	343
II grau completo / Universidade	20,2	193	8,6	256	13,8	217
Total	19,9	848	10,4	950	16,8	1154

(*) Menos de 25 casos

Tabela 5.6 - Distribuição percentual das mulheres de 15-24 anos de idade que já engravidaram, segundo o número de gravidezes, por idade. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90

Nº de Gravidezes	Rio de Janeiro			Curitiba			Recife		
	Total	15-19	20-24	Total	15-19	20-24	Total	15-19	20-24
1	61,5	79,6	55,8	69,3	80,0	66,2	53,5	68,8	47,5
2	23,9	16,3	26,3	21,3	13,3	23,6	29,4	22,9	32,0
3+	14,6	4,1	18,0	9,4	6,7	10,2	17,1	8,3	20,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	205	49	156	202	45	157	170	48	122

Tabela 5.7 - Distribuição percentual dos homens de 15-24 anos de idade que já engravidaram alguém, segundo o número de gravidezes, por idade. Recife - PSRSJ, 1989/90.

Nº de Gravidezes	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
1	63,9	71,7	61,3
2	21,9	25,3	22,7
3+	14,2	3,0	16,0
Total	100,0	100,0	100,0
N	169	99	194

Tabela 5.8 - Distribuição percentual das mulheres de 15-24 anos de idade que tiveram pelo menos uma gravidez, segundo a idade na época da 1ª gravidez. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade na Época da 1ª Gravidez	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
12	0,5	0,0	0,0
13	1,0	0,0	0,0
14	4,9	3,0	4,1
15	9,3	6,9	9,4
16	16,6	9,9	16,5
17	17,1	16,8	16,5
18	12,3	18,3	16,5
19	10,7	13,4	11,2
20	6,8	12,9	4,7
21	9,1	11,4	8,2
22	6,8	5,0	7,7
23	2,9	2,0	3,5
24	1,5	0,5	1,2
Desconhecida	0,5	0,0	0,6
Total	100,0	100,0	100,0
N	205	202	170
Idade média da 1ª gravidez	18,0	18,4	18,1
N	204 ⁽¹⁾	202	169 ⁽²⁾

(1) Exclui 1 caso cuja idade da 1ª gravidez é desconhecida.

(2) Exclui 1 caso cuja idade da 1ª gravidez é desconhecida.

Tabela 5.9 - Distribuição percentual dos homens de 15-24 anos de idade que engravidaram alguma parceira, segundo a idade dele na época da 1ª gravidez. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade na Época da 1ª Gravidez	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
<14	2,4	0,0	0,5
15	4,7	2,0	4,6
16	10,7	9,1	14,9
17	17,8	11,1	14,4
18	17,2	14,1	13,9
19	12,4	19,2	16,5
20	12,4	11,1	11,9
21	8,9	12,1	10,4
22	7,7	12,1	7,7
23	4,1	5,1	4,6
24	1,2	4,0	0,0
Desconhecida	0,6	0,0	0,5
Total	100,0	100,0	100,0
N	169	99	194
Idade média da 1ª gravidez	19,1	19,4	19,1
N	168	99	193

Tabela 5.10 - Distribuição percentual das mulheres de 15-24 anos de idade que tiveram pelo menos um filho nascido vivo, segundo a idade no nascimento do 1º filho nascido vivo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade no Nascimento do 1º Filho	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
13	1,4	0,0	0,7
14	2,7	0,6	1,4
15	6,1	4,7	2,8
16	14,9	8,1	16,3
17	18,9	12,8	19,7
18	14,9	18,0	16,2
19	12,2	19,2	14,8
20	10,8	12,2	7,0
21	6,8	14,5	7,8
22	7,2	7,6	6,3
23	2,7	1,2	3,5
24	0,7	0,0	0,7
Desconhecida	0,7	1,2	2,8
Total	100,0	100,0	100,0
N	148	170	142
Idade média no nascimento do 1º filho nascido vivo (em anos)	18,3	18,8	18,3

Tabela 5.11 - Porcentagem do primeiro filho nascido vivo, concebido pré-maritalmente de mulheres alguma vez em união, segundo a época do nascimento por idade da 1ª união. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade da 1ª união	Época do Nascimento		Total de concepções pré-maritais	N
	Antes da união	1 ^{os} 7 meses de união		
Rio de Janeiro				
12-17	15,9	20,6	36,5	63
18-24	25,8	35,5	61,3	62
Total	20,8	28,0	48,8	125 ⁽¹⁾
Curitiba				
12-17	6,7	26,7	33,4	60
18-24	10,8	32,5	43,3	83
Total	9,1	30,1	39,2	143 ⁽²⁾
Recife				
12-17	11,8	27,9	39,7	68
18-24	38,9	27,8	66,7	54
Total	23,8	27,9	51,7	122 ⁽³⁾

(1) Exclui 3 casos de 128 mulheres alguma vez casadas ou em união que já tiveram um filho nascido vivo, por informação incompleta.

(2) Exclui 3 casos de 146 mulheres alguma vez casadas ou em união que já tiveram um filho nascido vivo, por informação incompleta.

(3) Exclui 5 casos de 127 mulheres alguma vez casadas ou em união que já tiveram um filho nascido vivo, por informação incompleta.

Tabela 5.12 - Porcentagem do primeiro filho nascido vivo, concebido pré-maritalmente de mulheres alguma vez em união, segundo a época do nascimento por escolaridade. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Escolaridade (em anos de estudo)	Época do Nascimento		Total de concepções pré-maritais	N
	Antes da união	1 ^{os} 7 meses de união		
Rio de Janeiro				
0-7	26,8	21,1	47,9	71
8+	13,0	37,0	51,0	54
Total	20,8	28,0	48,8	125 ⁽¹⁾
Curitiba				
0-7	13,3	26,2	38,5	65
8+	6,4	33,3	39,7	78
Total	9,1	30,1	43,5	143 ⁽²⁾
Recife				
0-7	28,4	26,9	55,3	67
8+	18,2	29,1	47,3	55
Total	23,8	27,9	51,7	122 ⁽³⁾

(*) Menos de 25 casos.

(1) Exclui 3 casos de 128 mulheres alguma vez casadas ou em união que já tiveram um filho nascido vivo, por informação incompleta.

(2) Exclui 3 casos de 146 mulheres alguma vez casadas ou em união que já tiveram um filho nascido vivo, por informação incompleta.

(3) Exclui 5 casos de 127 mulheres alguma vez casadas ou em união que já tiveram um filho nascido vivo, por informação incompleta.

Tabela 5.13 - Porcentagem de mulheres de 15-24 anos de idade com pelo menos um filho nascido vivo que nunca estiveram em união, segundo a escolaridade, idade na primeira gravidez e idade na 1^a relação sexual. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Total	13,5	148	15,1	172	9,9	142
Escolaridade (em anos de estudo)						
0-7	14,9	87	12,0	75	9,0	78
8+	11,4	61	17,5	97	10,9	64
Idade na 1 ^a gravidez						
<18	17,7	79	15,9	63	8,8	68
18-24	8,7	69	14,7	109	10,8	74
Idade na 1 ^a relação sexual ⁽¹⁾						
<18	16,7	108	15,7	102	7,1	99
18-24	5,6	36	10,5	67	13,9	36

(1) Exclui 4 casos com idade na 1^a relação ignorada no Rio, 3 casos em Curitiba e 7 casos em Recife.

Tabela 5.14 - Porcentagem da 1ª gravidez de mulheres de 15-24 anos de idade referida como não planejada, segundo a idade da 1ª gravidez, escolaridade e relacionamento com o parceiro. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	% Não Planejada					
	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Total	58,3	204 ⁽¹⁾	45,8	201 ⁽²⁾	46,7	169 ⁽³⁾
Idade 1ª gravidez						
12-17	66,0	100	58,1	74	46,8	79
18-19	57,4	47	49,2	63	56,5	46
20-24	44,6	56	28,1	64	37,2	43
Escolaridade (em anos de estudo)						
0-4	53,1	49	31,4	35	48,5	33
5-8	58,0	100	44,3	97	47,4	76
9+	63,6	55	55,1	69	45,0	60
Relacionamento c/ parceiro na época da gravidez						
Marido/Companheiro	29,4	85	19,8	101	17,1	85
Noivo/Namorado	79,3	111	70,8	96	63,6	88
Casou com ele	(74,0)	(50)	(65,1)	(63)	(63,5)	(52)
Não casou com ele	(83,6)	(61)	(81,8)	(33)	(63,9)	(36)
Outro	*	8	*	4	*	5

(*) Menos de 25 casos.

(1) Exclui 1 caso cujo planejamento da 1ª gravidez é desconhecido.

(2) Exclui 1 caso cujo planejamento da 1ª gravidez é desconhecido.

(3) Exclui 1 caso cujo planejamento da 1ª gravidez é desconhecido.

Tabela 5.15 - Porcentagem da 1ª gravidez de parceiras de homens de 15-24 anos de idade referida como não planejada, segundo a idade da 1ª gravidez, escolaridade e relacionamento com a parceira. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	% Não Planejada					
	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Total	70,4	169	53,5	99	63,4	194
Idade 1ª gravidez						
15-17	77,0	61	*	22	66,2	68
18-19	68,0	50	54,2	33	76,3	59
20-24	65,5	58	36,4	44	49,3	67
Escolaridade (em anos de estudo)						
0-4	*	18	*	14	58,3	36
5-8	64,9	77	44,7	47	57,4	104
9+	77,0	74	65,8	38	77,8	54
Relacionamento c/ parceiro na época da gravidez						
Esposa/Companheira	*	13	10,0	30	24,0	25
Noivo/Namorado	67,2	122	68,4	57	61,8	110
Casou com ele	(40,0)	(40)	(44,8)	(29)	(58,7)	(46)
Não casou com ele	(80,5)	(82)	(92,1)	(28)	(64,1)	(64)
Outro	97,1	34	*	12	97,0	59

(*) Menos de 25 casos.

Tabela 5.16 - Distribuição percentual de mulheres de 15-24 anos de idade, solteiras, que engravidaram e não foram morar com o parceiro quando ocorreu a gravidez, segundo o tipo de assistência dada pelo parceiro durante a gravidez. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Assistência do Parceiro	Rio de Janeiro	Curitiba	Recife
Não soube da gravidez	7,5	5,4	0,0
Soube da gravidez	91,0	94,6	97,6
Não assistiu	(37,3)	(56,8)	(43,9)
Assistiu financeiramente e afetivamente	(37,3)	(10,8)	(46,3)
Assistiu só financeiramente	(4,5)	(16,2)	(2,4)
Assistiu só afetivamente	(11,9)	(10,8)	(4,9)
Não respondeu	1,5	0,0	2,4
Total	100,0	100,0	100,0
N	69	37	41

Tabela 5.17 - Porcentagem de homens não unidos na época que engravidaram alguma parceira cuja gravidez resultou em aborto ou perda e porcentagem de homens que participaram na decisão do aborto. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
% Homens com parceira que teve aborto ou perda	59,6	156	54,4	169	31,9	69
% Homens que participaram na decisão do aborto	59,1	93	23,9	92	*	22

(*) Menos de 25 casos.

Tabela 5.18 - Porcentagem de mulheres de 15-24 anos de idade que fizeram controle pré-natal durante a última gravidez com filho nascido vivo e distribuição percentual da época do início do controle pré-natal, segundo a idade na época do nascimento. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Idade na Época do Último Nascimento	% Com Controle Pré-Natal		Início do Controle Pré-Natal (meses)				
	%	N	1-3	4-6	7+	Total	N
Rio de Janeiro							
Total	93,2	148 ⁽¹⁾	71,0	28,3	0,7	100,0	138 ⁽²⁾
12-19	93,5	77	63,9	34,7	1,4	100,0	72
20-24	94,3	70	78,8	21,2	0,0	100,0	66
Curitiba							
Total	97,1	172 ⁽³⁾	77,2	21,6	1,2	100,0	167 ^(2,3)
12-19	97,6	82	67,5	30,0	2,5	100,0	80
20-24	96,5	86	85,5	14,5	0,0	100,0	83
Recife							
Total	93,0	142 ⁽¹⁾	66,7	31,0	2,3	100,0	132 ⁽²⁾
12-19	90,4	73	62,1	37,9	0,0	100,0	66
20-24	97,1	68	71,2	24,2	4,6	100,0	66

(1) Inclui 1 caso cuja idade na época do último nascido vivo é desconhecida.

(2) Exclui os casos sem controle pré-natal.

(3) Inclui 4 casos cuja idade na época do último nascido vivo é desconhecida.

Tabela 5.19 - Distribuição percentual do último nascido vivo de mulheres de 15-24 anos de idade, segundo o local do parto por idade na época do nascimento e instrução. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Local do Parto	Idade na Época do Nascimento		
	Total	12-19	20-24
Rio de Janeiro			
INAMPS/Conveniado	55,8	49,4	62,9
Hosp. governo	21,1	23,4	18,6
Hosp. Particular	19,7	22,0	17,1
Outros ⁽¹⁾	3,4	5,2	1,4
Total	100,0	100,0	100,0
N	147	77	70
Curitiba ⁽²⁾			
INAMPS/Conveniado	70,9	72,0	68,6
Hosp. governo	13,4	14,6	12,8
Hosp. Particular	15,1	12,2	18,6
Outros ⁽¹⁾	0,6	1,2	0,0
Total	100,0	100,0	100,0
N	172	82	86
Recife ⁽³⁾			
INAMPS/Conveniado	52,8	60,3	45,6
Hosp. governo	28,2	24,7	30,9
Hosp. Particular	19,0	15,0	23,5
Outros ⁽¹⁾	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0
N	142	73	68

(1) Inclui parto domiciliar, hospital não especificado e outros.

(2) Exclui 4 casos com idade na época do nascimento desconhecida.

(3) Exclui um caso com idade na época do nascimento desconhecida.

Tabela 5.20 - Porcentagem do último filho nascido vivo através de parto por cesariana, segundo variáveis selecionadas. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	%	N	%	N	%	N
Total	29,9	144 ⁽¹⁾	33,3	171 ⁽²⁾	36,6	142
Idade na época do nascimento						
12-19	21,9	73	29,6	81	23,3	73
20-24	38,6	70	34,9	86	51,5	68
Desconhecida	*	1	*	4	*	1
Escolaridade (em anos)						
0-4	18,9	37	22,6	31	29,6	27
5-8	28,4	74	34,1	82	29,2	65
9+	45,5	33	37,9	58	50,0	50
Concepção pré-marital						
Sim	22,5	49	26,1	46	24,4	41
Não	34,2	76	36,7	98	42,4	85
Nunca unida	*	19	33,3	27	*	16
Local do último parto						
Hosp./Matern. particular	55,2	29	57,7	26	66,7	27
INAMPS	25,6	82	26,2	122	28,0	75
Hosp. do governo	16,1	31	*	23	32,0	40
Outros ⁽³⁾	*	2	0,0	0	0,0	0

Tabela 5.21 - Porcentagem do último filho nascido vivo de mulheres de 15 - 24 anos de idade que foi amamentado, segundo variáveis selecionadas. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	% Que foi ama-mentada	N	% Que foi ama-mentada	N	% Que foi ama-mentada	N
Total	90,5	148	82,6	172	86,6	142
Idade na época do nascimento						
12-19	89,6	77	85,4	82	84,9	73
20-24	92,9	70	80,2	86	88,2	68
Desconhecida	*	1	*	4	*	1
Instrução (anos de estudo)						
0-4	97,4	39	90,3	31	92,6	27
5-8	89,3	75	80,7	83	87,7	65
9+	85,3	34	81,0	58	82,0	50
Concepção pré-marital						
Sim	90,0	50	82,6	46	87,8	41
Não	88,5	78	82,7	98	84,7	85
Nunca Unidas	*	20	82,1	28	*	16

(*) Menos de 25 casos.

(1) Exclui um nascido vivo com data de nascimento ignorada.

Tabela 5.22 - Porcentagem de crianças de 1-12 meses de idade que estão sendo amamentadas, segundo o número de meses e a duração média(*). Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Nº de Meses desde o Nascimento	% Sendo Amamentada					
	Rio		Curitiba		Recife	
	%	D.P.	%	D.P.	%	D.P.
1	81,6	3,4	81,9	3,3	84,4	3,4
2	65,5	4,2	69,0	4,0	66,7	4,5
3	47,1	4,5	57,1	4,3	42,7	4,8
4	43,6	4,5	46,3	4,4	33,9	4,6
5	38,2	4,5	32,9	4,4	32,9	4,6
6	28,2	4,2	26,8	4,1	25,1	4,4
7	27,3	4,1	25,0	4,0	25,1	4,4
8	25,4	4,1	24,0	4,0	21,3	4,2
9	24,4	4,0	21,0	3,8	18,5	4,1
10	23,4	4,0	17,8	3,7	18,5	4,1
11	23,4	4,0	17,8	3,7	18,5	4,1
12	20,1	3,9	12,3	3,4	8,8	3,4
Duração média da amamentação (em meses)	5,7		6,1		5,0	

D.P.:Desvio-Padrão.

(*) Porcentagem calculada usando tábua de mortalidade e duração média calculada usando método de Prevalência/Incidência.

Capítulo 6

Contexto Vivencial do Jovem: Uma Abordagem de Opinião

A população alvo dessa pesquisa está vivenciando um período em que se delineam os padrões de comportamento. É o momento de definir atitudes, de idealizar e criar um universo próprio. O jovem vive uma fase em que vai sedimentar e estruturar sua personalidade como ser adulto, sendo, portanto, um espaço complexo e importante, a partir do qual as opções de vida estão praticamente definidas. É o momento de aceitar ou não os valores passados, de criar novos valores, de construir um espaço de trabalho, tanto em nível de decisão por uma profissão, como também em tornar concreto o projeto profissional. É o momento de buscar a independência econômica e fazer planos para o futuro.

Numa pesquisa quantitativa, é muito difícil coletar dados subjetivos e transpô-los para números e porcentagens. Torna-se complexo, na medida que temos uma resposta definida, mas não é possível aprofundá-la. No entanto, procuramos coletar as opiniões dos jovens acerca de alguns temas importantes em seu contexto vivencial, numa tentativa de delinear seu comportamento diante dos problemas que mais os preocupam e atingem no dia a dia: seu posicionamento em relação ao casamento e trabalho da mulher, mostrando seus valores através dessas opiniões, suas atitudes frente a uma gravidez indesejada e quanto à anticoncepção e sexualidade.

Problema mais comum entre os jovens

Dentro dessa perspectiva de investigar opiniões, foi perguntado aos jovens qual o problema mais comum entre eles. Como se pode depreender dos resultados da tabela 6.1, o uso de drogas surgiu como o problema mais freqüente em torno de 40% dos jovens, no Rio de Janeiro e Curitiba, e 30%, em Recife. Este percentual não mostra variação significativa, na comparação entre a opinião de homens e mulheres das três cidades.

Os estudos em Salvador, sobre o mesmo tema, revelaram que "o uso de drogas é o problema mais sério a afetar a juventude", concluindo, também, que "é possível que tal consciência se deva às inúmeras campanhas promocionais que alertam sobre o perigo das drogas" (1).

(1) Bastos A.V.B. Morris, L. Fernandes, S.R.P. (Organizadores) - Saúde e Educação Sexual, um estudo em Salvador; Salvador, dezembro 1989.

Ao analisar a importância atribuída às drogas, por sexo e classe sócio-econômica (tabela 6.2A, B e C), não notamos maiores diferenças de opinião, no Rio de Janeiro, entre as classes e entre os sexos. Em Curitiba, observamos que o grupo de jovens pertencentes à classe C é o que mais se preocupa com esse problema (46% dos homens e 44% das mulheres). Para Recife, a porcentagem de jovens que considera a droga o maior problema é menor, mas também significativa, sendo que os jovens pertencentes às classes A/B e C, de ambos os sexos, evidenciam mais o problema que os das outras classes. Para a classe D/E, o problema da droga aparece um pouco diluído, em função de outras dificuldades com que tem que lidar, como o desemprego e a crise financeira (principalmente para os jovens do sexo masculino). Além disso, a droga é colocada como um problema interligado à violência com que convivem no seu cotidiano (2).

Para os homens do Rio de Janeiro, outros problemas importantes são o desemprego (11%) e a crise financeira (10%), passando pela falta de perspectiva de futuro (7%). Na verdade, os três problemas se resumem em apenas um, na medida que o desemprego cria a falta de perspectiva de futuro, que advém da própria crise econômica e financeira em que se encontra o país. Podemos verificar que os percentuais são maiores para o grupo de idade de 20-24 anos, pois é nessa idade que esses jovens estão terminando seus cursos e buscando ingressar no mercado de trabalho, sendo atingidos mais diretamente em suas perspectivas de futuro. Obviamente, os jovens das classes sociais mais baixas vêem o desemprego como um problema maior do que os jovens das classes elevadas (14% para as classes D/E, contra 5% das classes A/B). Quanto à falta de perspectiva de futuro, a relação é inversa. Apesar de esses problemas terem sido colocados como interligados, o que pode estar ocorrendo é que os jovens das classes D/E vêem o futuro sob uma perspectiva mais prática, sem muita idealização profissional. É possível, também, que os jovens das classes sócio-econômicas mais elevadas se preocupem mais com a profissão escolhida, não vendo possibilidade de exercê-la; assim, a falta de perspectivas de futuro se torna mais evidenciada do que o próprio desemprego.

Para os homens da cidade de Curitiba, o segundo maior problema dos jovens é a crise financeira (15%), seguida de falta de perspectiva de futuro (4%) e desemprego (3%), com comportamento semelhante ao Rio de Janeiro, quando analisamos por grupos de idade e classe sócio-econômica.

Em Recife, os jovens do sexo masculino colocam o desemprego como o segundo problema mais comum (14%), seguido pela crise financeira (7%). No que se refere à falta de perspectiva do futuro, o percentual foi pouco significativo. O comportamento por grupos de idade é semelhante ao das outras duas cidades, sendo que 18% dos homens, de 20 a 24 anos, vêem o desemprego como um problema maior. Se examinarmos por classe sócio-econômica, os jovens das classes mais baixas (C e D/E) declararam, também, ser essa a segunda maior preocupação (15% e 17%, respectivamente), enquanto na classe A/B as outras preocupações estão mais distribuídas.

Para as mulheres, o problema que mais as afeta, além do uso de drogas, é o relacionamento com os pais, com percentagens de 12% para as mulheres do Rio de Janeiro, 17% para as mulheres de Curitiba e 14% para Recife.

Apesar de não ser apresentado em tabela, foi feito um levantamento, nessa pesquisa, de alguns itens que avaliam as relações dos jovens com seus pais, esclarecendo, um pouco, porque as mulheres citam o relacionamento com os pais como um problema. Quando se perguntou às jovens se as mães se importavam com elas, apenas 10% responderam que não. Ao se fazer a mesma pergunta quanto aos pais, 30% das jovens afirmaram que o pai não se importava com elas, mostrando, assim, uma dificuldade maior de relacionamento. A briga faz parte desse relacionamento, uma vez que 20% das mulheres, nas três cidades, afirmaram que brigam frequentemente com a mãe e cerca de 15% dessas jovens também brigam com o pai.

Ao se perguntar às mulheres se achavam o pai e/ou mãe exigentes, cerca de 40% responderam afirmativamente (porcentagem referente às três cidades). Vale ressaltar que essas porcentagens, relativas a exigências e brigas com os

(2) Pesquisa sobre saúde e sexualidade do jovem no Rio de Janeiro - Grupo Focal, 1990. Relatório Preliminar, Departamento de Pesquisas Sociais - BEMFAM, 1991 (mimeo).

pais, são sempre mais elevadas no grupo mais jovem, nas três cidades pesquisadas. Sabemos que os adolescentes possuem uma referência maior em termos afetivos ou emocionais com os pais, quer seja em nível de conflitos ou não.

Quando consultados se conversavam com o pai e/ou mãe sobre sexo, cerca de 30% dos homens do Rio de Janeiro disseram que sim. Mais da metade das mulheres mantém um diálogo com a mãe sobre sexo, enquanto, com o pai, esse percentual cai para 14%, revelando uma maior abertura com a mãe. Analisando esses dados, vemos que o diálogo sobre sexo com os pais é privilégio de uma minoria dos jovens.

Tais percentuais são semelhantes para Curitiba, sendo que o comportamento é, também, diferenciado para homens e mulheres.

Em Recife, nota-se o mesmo padrão de relacionamento, mas com percentuais menores, sugerindo uma maior dificuldade de falar sobre sexo com pais e mães.

Os resultados mostram que o diálogo existe, mas de forma restrita, fazendo com que a maior parte dos jovens busque outros canais de informação sobre o assunto.

Ao aprofundar a questão da dificuldade de relacionamento dos jovens com os pais, pesquisa qualitativa realizada na cidade do Rio de Janeiro (3) revelou que essa dificuldade é colocada como um problema, principalmente se está ligada aos conflitos gerados pela liberação sexual.

Esses conflitos aparecem na medida em que os valores ligados à sexualidade ainda não estão bem definidos. Como os processos de mudança na sociedade moderna são muito rápidos, esses valores estão constantemente sendo questionados, provocando, muitas vezes, indefinições. O moderno e o tradicional se misturam, causando confusão e, até mesmo, falta de referência. Na verdade, esta convivência entre valores ambivalentes torna-se um problema para os jovens no exercício da sexualidade, independente da classe social e do sexo. Essa ambivalência é aguçada, na medida que sentem a necessidade do diálogo com os pais. Os pais desses jovens, salvo exceções, costumam ser mais conservadores. Por outro lado, os jovens sofrem a influência da liberação dos costumes, não só através de relacionamentos com outros jovens, como através da mídia. Assim, estabelece-se uma confusão de valores, influenciando negativamente o diálogo com os pais e, como consequência, dificultando a ligação entre pais e filhos.

Sob essa perspectiva, podemos acrescentar, também, que os jovens colocam a falta de esclarecimento sobre sexo como um problema. Assim, se os jovens não têm facilidade de se relacionar com os pais, torna-se mais difícil manter um diálogo com eles, principalmente se o assunto é sexo. Apesar de esses percentuais não serem elevados, são significativos, na medida que indicam uma necessidade do jovem em distinguir valores, para assumir comportamentos e atitudes frente a sua sexualidade. Esses valores passam pelo crivo dos valores dos pais e, mesmo que sejam conflitantes, o diálogo poderia ajudá-los, pelo menos em nível afetivo (gráfico 23).

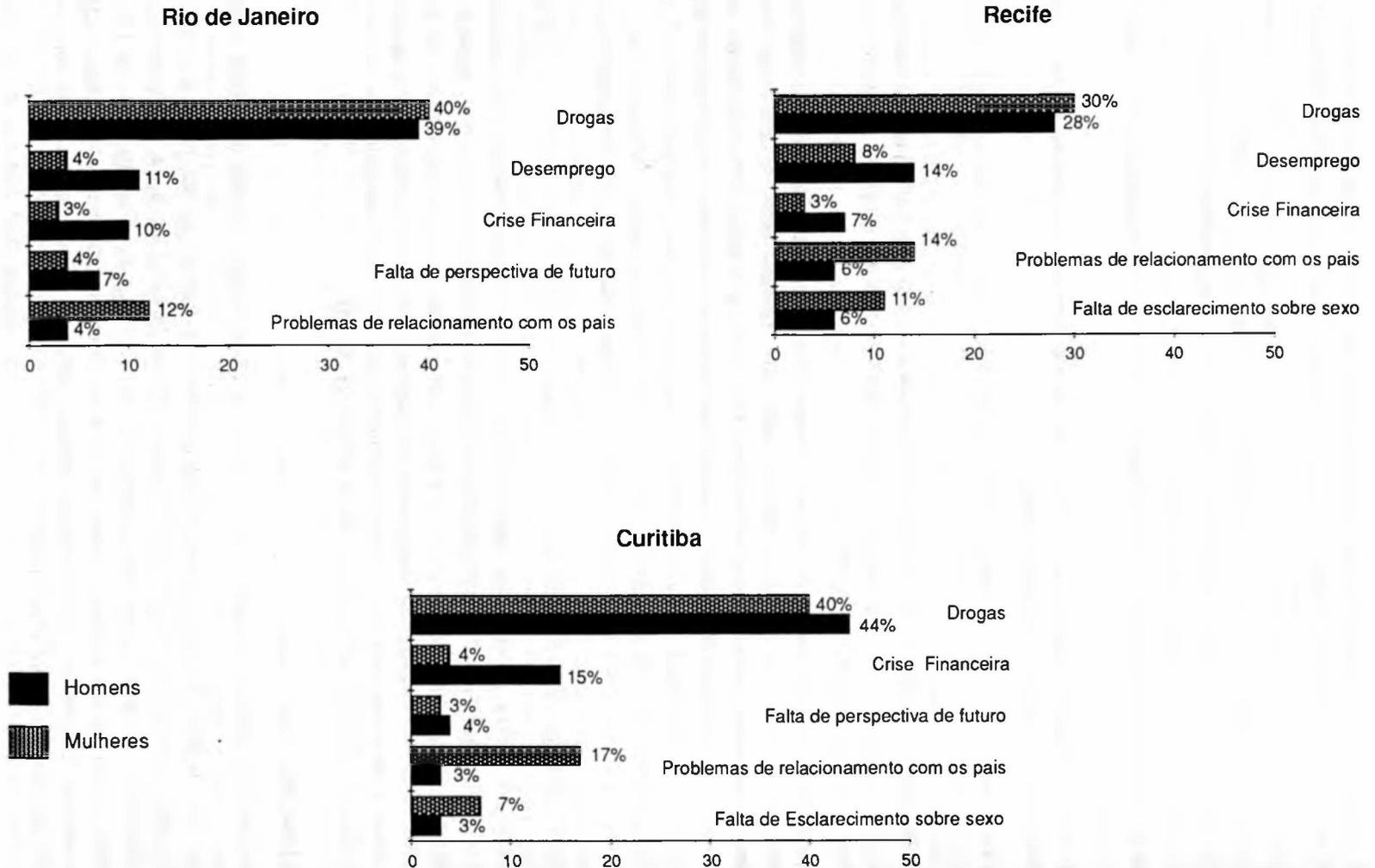
Número ideal de filhos

A maioria dos homens e mulheres (60% até 64%), das três cidades, reportou dois filhos como número ideal.

Observa-se, na tabela 6.3, que os homens têm tendência a desejar um número maior de filhos. A porcentagem de homens que não querem nenhum filho é de 3% para o Rio de Janeiro, contra 4% das mulheres, enquanto 13% dos homens indicaram o número 3 como ideal, contra 10% das mulheres. Em Curitiba, cerca de 1% dos homens indica nenhum filho, contra 3% das mulheres, sendo que 18% dos homens consideram como número ideal 3 filhos, contra 15% das mulheres. Em Recife, nota-se opinião idêntica, embora o mesmo percentual de homens e mulheres tenha apontado 3 filhos como número ideal (18%).

(3) Pesquisa sobre Saúde e Sexualidade do Jovem do Rio de Janeiro - Grupo Focal - Op. cit.

Gráfico 23
Problemas mais comuns entre
jovens
PSRSJ, 1989/90



Se incluirmos a variável sócio-econômica na análise, verificamos que o número ideal de filhos para homens e mulheres das classes sociais mais elevadas (A/B e C) é praticamente o mesmo no Rio de Janeiro. As mulheres das classes sociais mais baixas (D/E) preferem ter um número menor de filhos, quando comparadas com os homens: 14% dos homens da classe D/E querem 3 filhos, contra apenas 7% das mulheres (tabela 6.4).

Em Curitiba e Recife, não se constatou um padrão muito diferenciado entre as classes sócio-econômicas.

Em Recife, se encontram as maiores porcentagens de jovens, de ambos os sexos, que desejam um número maior de filhos: 28% dos homens e 25% das mulheres deram como número ideal 3 ou mais filhos, contra aproximadamente 20% dos homens e 16% das mulheres nas outras cidades. Esta tendência, entre os jovens de Recife, de querer uma família mais numerosa é consistente com a taxa de fecundidade total maior de 5,2 no Nordeste, comparada com 2,9 e 3,6 no Estado do Rio de Janeiro e na Região Sul, respectivamente (4).

Opinião do jovem a respeito de uma gravidez indesejada

Na pesquisa, foi mostrada aos entrevistados a seguinte situação, para que se posicionassem: **dois jovens solteiros, que se relacionam sexualmente, mas sem intenções de casamento, se vêem diante de uma gravidez acidental.** Apresentaram-se, então, aos jovens diversas alternativas, para que escolhessem entre elas qual deveria ser a atitude da mulher e do homem.

Analisando a tabela 6.5, vemos que mais de 40% dos homens, nas três cidades, afirmaram que a mulher deve convencer o rapaz a se casar ou viver com ela. Mais da metade das mulheres tomou uma postura diferente: a mulher deve ter a criança e criá-la sozinha.

A decisão de que a mulher deve fazer um aborto é mais significativa para os jovens da cidade do Rio de Janeiro (17% dos homens e 12% das mulheres). Para os homens de Curitiba, é preferível a mulher ter a criança e criá-la sozinha (19%) do que fazer um aborto (10%). Já entre as mulheres dessa cidade, 19% preferem que ela tenha a criança, contando com a ajuda da sua família, que fazer um aborto (apenas 6%). Aproximadamente 17% dos homens e 15% das mulheres de Recife são da mesma opinião.

Quando observamos a tabela 6.6, onde se pergunta o que o homem deve fazer, notamos que as respostas, tanto de homens, quanto de mulheres, se dividiram entre as seguintes opções: o homem deve incentivar a moça a ter o bebê, dando apoio sem casamento (porcentagens variando de 34% a 51%), ou deve propor casamento e ter o bebê (porcentagens de 33% a 44%), com respostas semelhantes para as três cidades.

A resposta de que o homem deve convencer a moça e apoiá-la na decisão de fazer um aborto alcança, entre os homens, o percentual de 19% no Rio de Janeiro, 12% em Curitiba e 10% em Recife. Para as mulheres, os percentuais são menores (11% no Rio de Janeiro, 7% em Curitiba e 5% em Recife), indicando que estão menos propensas a admitir a hipótese de um aborto, proposto pelo rapaz.

A idéia de um casamento forçado não é bem aceita pela maioria dos jovens de ambos os sexos. Comparando os resultados das tabelas 6.5 e 6.6, verifica-se que a afirmativa de que "a mulher deve obrigar o rapaz a se casar" apresenta percentuais abaixo de 7%, nas três cidades. Em concordância, a resposta "o homem deve forçar o casamento" aparece com percentuais variando de 1% a 3% apenas.

A conclusão a que chegamos, a partir de resultados analisados nestas duas tabelas, é de que grande parte dos homens vê como papel da mulher, frente a uma gravidez indesejada, "convencer o rapaz a se casar", enquanto a maioria das mulheres prefere uma atitude independente, isto é, "ter a criança e criá-la sozinha". Por outro lado, as mulheres

(4) J.M. Arruda, N. Ruitenberg, L. Morris e E. Ferraz (1987) - Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno-Infantil e Planejamento Familiar. Brasil, 1986. Bemfam e IRD, Rio de Janeiro.

vêm o papel do homem numa perspectiva diferente, pois, quando se pergunta o que o homem deve fazer nessa situação, mais de um terço delas afirma que o homem deve "propor casamento e ter o bebê". Paralelamente, os homens apresentam a mesma solução. Assim, o homem, de certa forma, está assumindo o papel que as mulheres esperam deles, "propor o casamento", enquanto as mulheres não estão muito dispostas a assumir o papel que eles lhes impõem: "convencê-los a se casar".

Opinião do jovem sobre o casamento

Examinando a opinião do jovem a respeito do casamento, cujos resultados se acham na tabela 6.7, observamos que a tendência geral dos jovens é a de assumir os valores tradicionais, optando pelo casamento civil e o religioso. No Rio de Janeiro, o percentual de resposta confirmando essa opção é de 43% para os homens e 50% para as mulheres. Em Curitiba, as porcentagens são bem mais elevadas (74% para os homens e 60% para mulheres), apontando uma postura ainda mais tradicional.

A opinião dos homens de Recife a favor dos casamentos civil e religioso (42%) se assemelha à dos homens do Rio de Janeiro, ao passo que as mulheres, nessa cidade, estão divididas entre a opção de formalizar a união (42%) ou ir morar junto com o companheiro (43%).

Ao analisar esses resultados por classe sócio-econômica, verifica-se que, quanto mais alta a classe social, maior a porcentagem dos que optaram por casar formalmente e, quanto mais baixa a classe, maior o índice daqueles que preferem apenas morar junto.

No entanto, vale ressaltar que, apesar dessa preferência pelo casamento no civil e religioso, entre os jovens das classes sócio-econômicas mais favorecidas, existe um percentual significativo de respostas afirmativas referentes à opção de ir morar junto, sugerindo uma tendência de mudança de comportamento a respeito do casamento.

A opinião dos jovens sobre as situações em que é possível se ter relações sexuais é mostrada na tabela 6.8. Entre os homens, a opinião mais expressiva é de que se pode ter relações sexuais havendo namoro, mesmo sem planos de casamento (55% no Rio, 52% em Curitiba e 35% em Recife). Para as mulheres do Rio e Curitiba, esta também foi a resposta mais citada (47% e 41%, respectivamente). Já em Recife, o percentual cai para 28%, sendo suplantado muito por aquelas que responderam que só se deve ter relações sexuais depois do casamento: 52%. Esta última resposta é a segunda opção para as mulheres do Rio e de Curitiba. Entre os homens, a opinião a cerca de relações sexuais depois do casamento é menos significativa, se comparada com a das mulheres. Entretanto, em Recife a porcentagem dos que deram esta resposta chega a 22%.

Ter relações sexuais com amigas é a segunda resposta mais significativa entre os homens, nas três cidades. Já para as mulheres, os amigos foram pouco citados (menos de 2%). Entre elas, uma porcentagem significativa respondeu que só se deve ter relações sexuais quando houver planos de casamento (em torno de 15%).

Estes dados vêm mais uma vez demonstrar a importância das amigas na vida sexual dos homens, enquanto entre as mulheres este lugar é preenchido pelo namorado ou noivo.

O trabalho da mulher

A opinião dos jovens sobre a questão do trabalho da mulher depois de casada indica que, apesar de terem um comportamento relativamente conservador, no que diz respeito às relações afetivas, encaram o trabalho da mulher de uma forma mais aberta.

Os dados da tabela 6.9 confirmam essa idéia, pois a maioria dos jovens dos dois sexos, nas três cidades pesquisadas, acha que a mulher deve trabalhar depois de casada. No Rio de Janeiro, esse percentual é de 66% para os homens e

90% para as mulheres. Em Curitiba, o percentual é menor, 61% para os homens e 86% para as mulheres. Para Recife, a porcentagem se eleva para 68% entre os homens e 93% entre as mulheres.

A variável sócio-econômica exerce influência nessas respostas, na medida que os jovens pertencentes às classes sociais mais elevadas têm uma aceitação maior quanto ao trabalho da mulher. As mulheres mostram, inclusive, uma posição bem definida quanto a essa questão, pois a grande maioria acredita que a mulher deve trabalhar.

Por outro lado, a porcentagem de jovens (homens e mulheres), das classes D/E, que responderam NÃO à questão do trabalho da mulher é bem mais elevada do que a das outras classes sócio-econômicas, nas três cidades. As razões alegadas para a mulher não trabalhar depois de casada foram: a mulher deve se dedicar à casa e o marido é quem deve sustentar a família (dados não evidenciados em tabela).

Esses resultados de certa forma surpreendem, uma vez que o trabalho tem sido sempre associado às necessidades econômico-financeiras, mais evidentes nas classes menos favorecidas.

No entanto, os jovens das classes sociais mais elevadas são os que mais valorizam o trabalho da mulher. O que deve estar ocorrendo é que os jovens dessa classe, homens e mulheres, estão visualizando o trabalho da mulher como um motivo de realização profissional, enquanto os homens e mulheres das classes sociais mais baixas (D/E) não têm tal perspectiva. É possível que esses jovens (classes D/E) vejam o trabalho da mulher apenas como uma necessidade de complementação da renda familiar. Se o marido reunir condições de sustentar a família, a idéia de a mulher trabalhar depois de casada se torna menos significativa (gráfico 24).

Avaliação dos papéis masculinos/femininos

Numa tentativa de avaliar o comportamento dos jovens, através de idéias que, em princípio, definem papéis masculinos e femininos frente à sexualidade, foram lidas algumas frases que permitiam aos jovens confirmá-las ou não.

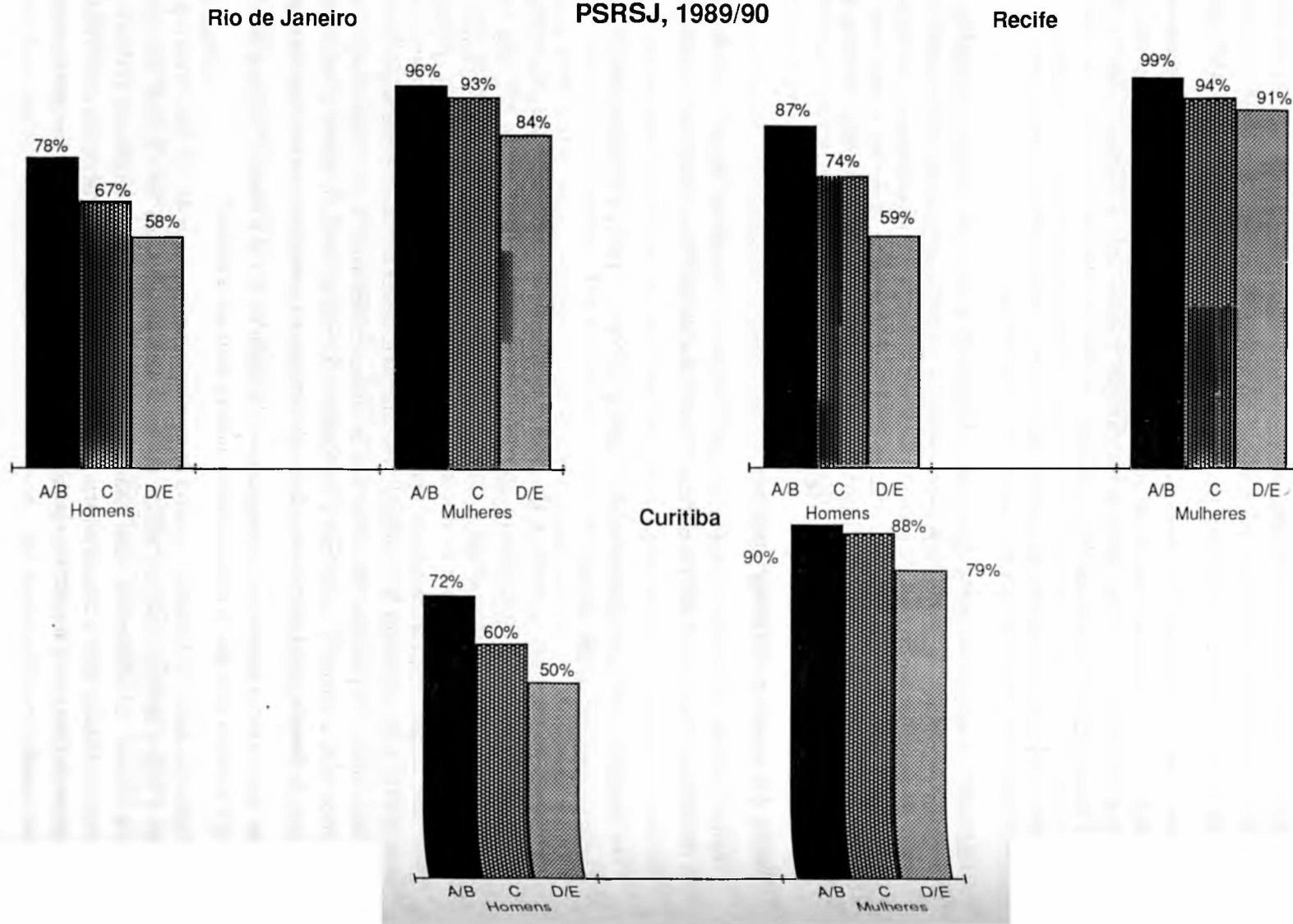
Vale ressaltar que os dados apresentados nas tabelas 6.10 e 6.11 (de A a F) referem-se às respostas afirmativas dos jovens pesquisados nas três cidades.

Analisando as respostas da tabela 6.10, observa-se que ainda existem grandes diferenças nos padrões de comportamento sexual masculino e feminino. Enquanto a grande maioria (entre 68% e 89%) dos jovens de ambos os sexos afirmou que "o homem deve chegar ao casamento com experiência sexual", percentuais menores (entre 26% a 48%) responderam que "a mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar". Além disso, a afirmativa "a mulher deve chegar virgem ao casamento" apresentou porcentagens significativas, especialmente entre as mulheres, variando de 28%, entre os homens de Curitiba, a 57%, entre as mulheres de Recife. É interessante notar que as mulheres têm tendência maior a se posicionar de acordo com os valores tradicionais, ou seja, a porcentagem das que são a favor da virgindade para a mulher é maior que a de homens. Da mesma forma, é menor a porcentagem de mulheres, comparada a de homens, que responderam a favor de a mulher ter experiência sexual antes do casamento.

Tanto homens como mulheres não divergem quanto às opiniões de que o homem "necessita mais vezes de relações sexuais" que a mulher e de que "o homem entende mais de sexo que a mulher".

A respeito de quem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais, mais de 75% dos jovens dos dois sexos acham natural que a mulher também tome essa atitude. Menos de 18% disseram que "só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais". Se analisarmos todas essas afirmativas por classe sócio-econômica, podemos concluir que esta variável exerce influência sobre o comportamento sexual dos jovens. Os jovens das classes sociais mais elevadas sempre se posicionam de forma mais liberal, em oposição ao comportamento conservador dos jovens pertencentes às classes sociais mais baixas.

Gráfico 24
% jovens que acha que a mulher
deve trabalhar depois de casada
segundo a classe sócio
econômica
PSRSJ, 1989/90



A afirmativa de que "a mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos" não é muito aceita, nem por homens, nem por mulheres, mostrando que os jovens não estão interiorizando mais essa idéia acerca do papel feminino na família. No entanto, se examinarmos os resultados por classes sócio-econômicas, notamos uma porcentagem mais elevada de homens e mulheres pertencentes às classes sociais D/E confirmando essa idéia. A postura desses jovens com relação ao papel da mulher é, portanto, bem mais conservadora do que a dos jovens das classes sociais mais altas.

Com a afirmativa "o homem deve decidir o número de filhos", buscamos evidenciar o papel do homem na decisão do número de filhos que o casal deve ter. Os resultados indicam que os homens confirmam esse seu papel de uma forma mais expressiva que as mulheres, nas três cidades. Tal comportamento é menos evidenciado nas classes sociais mais elevadas (A/B), quando uma porcentagem mínima de mulheres se declarou a favor dessa idéia, enquanto, nas classes mais baixas (D/E), tanto os homens quanto as mulheres têm uma maior tendência em aceitar o papel masculino na decisão do número de filhos do casal (gráfico 25).

Para avaliar o nível de informação dos jovens a respeito de temas ligados à sexualidade e reprodução, foram apresentadas diversas afirmativas para que se posicionassem. As tabelas 6.12 e 6.13 (de A a F) mostram as porcentagens de respostas afirmativas para o total dos jovens, nas três cidades, e por classe sócio-econômica, em cada cidade.

Mais de 78% dos homens disseram que "a masturbação pode ser praticada de vez em quando", ao passo que essa porcentagem, para as mulheres, ficou em torno de 50%. Isso pode indicar uma postura mais envergonhada das mulheres em admitir essa prática. Mas, à proporção que se eleva a classe social, vemos que a postura de homens e mulheres vai se tornando menos rígida. A idéia de que "a masturbação faz mal à saúde" é mais evidenciada pelos homens e, principalmente, para aqueles pertencentes às classes sócio-econômicas D/E. Essa opinião pode estar associada à falta de informação desses jovens.

Para avaliar o nível de informação quanto à gravidez, foi perguntado se "uma mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual". As respostas afirmativas apresentaram índices elevados, acima de 73%, para os dois sexos, nas três cidades. Entretanto, existe uma parcela significativa de jovens (acima de 20%) que não acredita nessa hipótese. Ao analisar as respostas por classe sócio-econômica, nota-se que, quanto mais alta a classe, maior o nível de informação sobre o assunto. Não podemos deixar de salientar que, embora tenha sido alto o percentual de jovens que confirmaram essa assertiva, encontraram-se na pesquisa porcentagens baixas de jovens que usaram algum anticoncepcional em sua primeira relação sexual (5).

Para a proposição "uma gravidez só acontece numa relação vaginal", obteve-se resposta afirmativa acima de 68% entre os homens, enquanto, entre as mulheres, as porcentagens das que concordaram com essa idéia estão em torno de 53%. Conclui-se desses resultados que quase metade das mulheres ainda acredita que a gravidez pode ocorrer de outras formas, revelando o alto grau de desinformação das jovens.

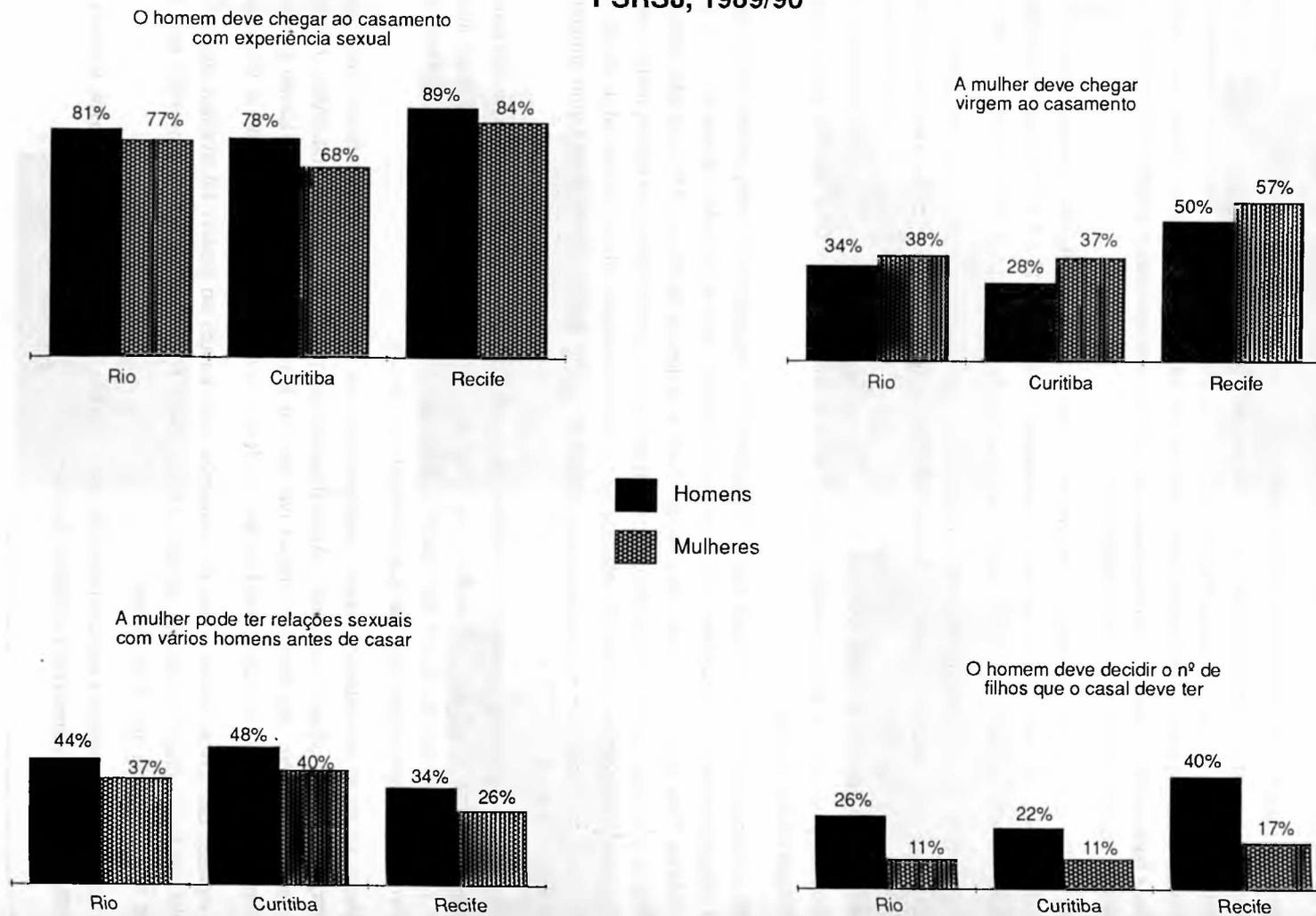
Quanto ao prazer nas relações sexuais, apresentou-se aos jovens a seguinte proposta: "uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo". Aproximadamente metade dos homens concordou com essa afirmação. No entanto, as mulheres têm uma tendência maior em associar prazer com orgasmo. Analisando as respostas por classes sócio-econômicas, observa-se que, na medida que se eleva o nível social, essa associação se torna menos significativa.

A opinião dos jovens sobre o uso da camisinha, relacionado ao prazer, foi avaliada através da afirmativa: "a camisinha diminui o prazer da relação sexual". Os resultados revelaram que os homens estão bem mais propensos a acreditar nessa idéia do que as mulheres.

A classe sócio-econômica exerce influência nessa opinião: quanto mais baixa a classe, maior a porcentagem dos que creem que o uso do preservativo diminui o prazer.

(5) Ver Capítulo 4, "Experiência Sexual e Anticoncepção", deste relatório.

Gráfico 25
Opinião dos jovens sobre itens
que avaliam papéis
masculinos/femininos
PSRSJ, 1989/90



Tabelas - Cap.6

Tabela 6.1 - Distribuição percentual de jovens de 15-24 anos de idade, segundo o problema mais comum entre os jovens, por idade e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Principais Problemas para Jovens	Rio de Janeiro		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Drogas	38,7	40,4	43,6	39,5	27,9	30,2
Desemprego	10,8	4,2	3,2	1,5	14,4	7,9
Crise financeira	10,1	2,5	15,3	3,9	6,5	2,8
Falta de perspectiva de futuro	7,0	3,9	4,1	3,0	2,4	4,2
Relacionamento com os pais	4,0	12,2	3,1	16,9	5,7	13,8
Falta de esclarecimento sobre sexo	3,8	4,1	2,8	6,7	5,6	10,7
Violência/Criminalidade	3,1	2,4	2,7	1,4	2,9	2,2
Outros	19,2	23,5	18,6	20,6	26,4	22,5
Não respondeu/Não sabe	3,4	6,7	2,5	6,6	8,2	5,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 6.2A - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo o problema mais comum entre os jovens, por classe sócio-econômica e sexo. Rio de Janeiro - PSRSJ, 1989/90.

Principais Problemas para os Jovens	Classe Sócio-Econômica			
	Total	A/B	C	D/E
Homens				
Drogas	38,7	39,4	37,5	39,3
Desemprego	10,8	4,8	11,7	13,9
Crise financeira	10,1	10,1	10,7	9,7
Falta de perspectiva de futuro	7,0	13,0	7,7	2,6
Relacionamento com os pais	4,0	5,8	3,7	3,2
Falta esclarecimento sobre sexo	3,8	5,3	4,7	1,8
Violência/Criminalidade	3,1	4,3	2,3	2,9
Outros	19,2	15,9	21,0	19,6
Não respondeu/Não sabe	3,4	1,4	0,7	7,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	208	299	341
Mulheres				
Drogas	40,4	44,5	39,2	38,6
Desemprego	4,2	3,5	4,4	4,5
Crise financeira	2,5	4,0	1,7	2,3
Falta de perspectiva de futuro	3,9	7,0	4,4	1,0
Relacionamento com os pais	12,2	13,7	14,0	9,3
Falta esclarecimento sobre sexo	4,1	2,2	4,4	5,1
Violência/Criminalidade	2,4	0,4	2,4	3,9
Outros	23,5	23,8	24,4	22,8
Não respondeu/Não sabe	6,7	0,9	5,1	12,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N	831	227	293	311

Tabela 6.2B - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo o problema mais comum entre os jovens, por classe sócio-econômica e sexo. Curitiba -PSRSJ, 1989/90.

Principais Problemas para os Jovens	Classe Sócio-Econômica			
	Total	A/B	C	D/E
Homens				
Drogas	43,6	40,9	45,9	43,9
Desemprego	3,2	1,5	2,4	5,9
Crise financeira	15,3	13,9	14,7	17,4
Falta de perspectiva de futuro	4,1	6,2	4,1	1,7
Relacionamento com os pais	3,1	3,4	2,4	3,5
Falta esclarecimento sobre sexo	2,8	4,6	1,5	2,4
Violência/Criminalidade	2,7	2,5	2,9	2,8
Outros	22,6	26,0	24,0	17,4
Não respondeu/Não sabe	2,5	0,9	2,1	4,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	323	340	287
Mulheres				
Drogas	39,5	39,7	44,1	33,5
Desemprego	1,5	2,0	1,4	1,1
Crise financeira	3,9	4,3	2,0	6,0
Falta de perspectiva de futuro	3,0	4,3	2,9	1,5
Relacionamento com os pais	16,9	16,2	18,6	15,4
Falta esclarecimento sobre sexo	6,7	6,3	7,2	6,4
Violência/Criminalidade	1,4	1,0	1,2	2,3
Outros	20,6	22,5	18,8	20,3
Não respondeu/Não sabe	6,6	3,6	3,8	13,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N	913	302	345	266

Tabela 6.2C - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo o problema mais comum entre os jovens, por classe sócio-econômica e sexo. Recife - PSRSJ, 1989/90.

Principais Problemas para os Jovens	Classe Sócio-Econômica			
	Total	A/B	C	D/E
Homens				
Drogas	27,9	30,6	30,4	25,9
Desemprego	14,4	5,2	14,9	16,9
Crise financeira	6,5	4,1	6,6	7,1
Falta de perspectiva de futuro	2,4	5,7	2,5	1,4
Relacionamento com os pais	5,7	6,2	5,1	5,9
Falta esclarecimento sobre sexo	5,5	6,7	7,0	4,5
Violência/Criminalidade	2,9	4,1	0,9	3,4
Outros	26,4	32,6	27,8	23,9
Não respondeu/Não sabe	8,2	4,7	4,7	11,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	193	316	645
Mulheres				
Drogas	30,2	31,8	33,9	27,4
Desemprego	7,9	5,8	4,5	10,7
Crise financeira	2,8	2,9	2,9	2,8
Falta de perspectiva de futuro	4,2	9,2	5,1	2,0
Relacionamento com os pais	13,8	11,6	14,7	13,9
Falta esclarecimento sobre sexo	10,7	14,4	12,1	8,5
Violência/Criminalidade	2,2	3,5	1,9	2,0
Outros	22,5	19,6	23,3	23,1
Não respondeu/Não sabe	5,6	1,2	1,6	9,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N	989	173	313	503

Tabela 6.3 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo o número ideal de filhos, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Número Ideal de Filhos	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0	3,3	3,7	1,4	2,8	1,5	2,5
1	12,7	18,8	8,9	13,8	4,9	9,7
2	63,9	61,9	60,4	62,8	63,8	60,3
3	12,9	9,9	17,7	14,7	17,9	18,4
4+	4,6	4,2	5,8	3,7	9,7	6,8
Não sabe/Não respondeu	2,6	1,6	5,8	2,2	2,3	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 6.4 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo o número ideal de filhos, por classe sócio-econômica e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Nº Ideal de Filhos	Homens				Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E	Total	A/B	C	D/E
Rio de Janeiro								
0	3,3	1,9	4,3	3,2	3,7	4,4	4,1	2,9
1	12,7	13,5	13,0	12,0	18,8	13,2	21,2	20,6
2	63,9	63,0	65,2	63,3	61,9	60,8	58,0	66,2
3	12,9	14,4	11,0	13,5	9,9	13,2	10,2	7,1
4+	4,6	3,8	4,7	5,0	4,2	7,0	4,4	1,9
Não sabe/Não respondeu	2,6	3,4	1,7	2,9	1,6	1,3	2,0	1,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	208	299	341	831	227	293	311
Curitiba								
0	1,4	2,5	0,6	1,0	2,8	4,3	2,3	1,9
1	8,9	9,0	10,6	7,0	13,8	13,9	12,2	15,8
2	60,4	60,4	55,0	66,9	62,8	55,6	68,7	63,2
3	17,7	17,0	20,0	15,7	14,7	18,9	11,9	13,5
4+	5,8	4,3	6,8	6,3	3,7	4,3	2,9	4,1
Não sabe/Não respondeu	5,8	6,8	7,1	3,1	2,2	3,0	2,0	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	323	340	287	913	302	345	266
Recife								
0	1,5	1,0	0,3	2,2	2,5	2,3	2,2	2,8
1	4,9	4,1	6,3	4,5	9,7	5,2	9,3	11,5
2	63,8	57,5	60,4	67,3	60,3	53,7	59,7	62,8
3	17,9	24,9	18,0	15,6	18,4	26,6	18,5	15,5
4+	9,7	8,8	11,7	9,0	6,8	8,1	7,7	5,7
Não sabe/Não respondeu	2,3	3,6	3,2	1,4	2,3	4,0	2,6	1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	193	316	645	989	173	313	503

Tabela 6.5 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a opinião a respeito do que uma mulher deve fazer diante de uma gravidez indesejada, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Opinião a respeito de uma gravidez indesejada entre jovens solteiros	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Convencer o rapaz a se casar/ Viver com ela	42,8	21,4	53,6	15,6	45,0	21,2
Fazer um aborto	17,2	12,3	9,9	6,2	7,5	4,8
Ter a criança e criá-la sozinha	17,1	50,7	18,6	52,0	19,8	52,4
Ter a criança e contar com a família para criar	10,8	9,5	8,2	18,9	16,8	14,7
Obrigar o rapaz a se casar	4,0	2,4	2,6	2,3	6,2	3,4
Ter a criança e dá-la para adoção	1,5	1,2	3,7	2,5	3,5	2,2
Outra	2,7	1,1	1,5	1,0	0,4	0,5
Não sabe/Não respondeu	3,8	1,4	1,9	1,4	0,8	0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 6.6 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo as opiniões a respeito do que o homem deve fazer diante de uma gravidez indesejada, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Opinião a respeito de uma gravidez indesejada entre jovens solteiros	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Incentivar a moça a ter o bebê dando apoio sem prometer casamento/União	39,4	44,4	33,8	50,9	40,1	42,3
Propor casar e ter bebê	32,8	38,7	43,9	33,8	40,6	43,8
Convencer a fazer o aborto	9,6	1,1	2,5	1,4	3,9	1,1
Apoiar a decisão do aborto, inclusive financeiramente	9,3	9,4	9,8	5,8	6,3	3,6
Deixar que a moça resolva o problema sozinha	3,7	3,4	7,8	5,3	5,3	5,9
Forçar o casamento	1,2	1,4	1,1	0,7	3,1	1,6
Outra	1,9	0,4	0,5	0,9	0,0	0,2
Não sabe/Não respondeu	2,2	1,2	0,6	1,2	0,6	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 6.7 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a opinião a respeito do casamento, por classe sócio-econômica e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Que tipo de união escolheria	Classe Sócio-Econômica							
	Homens				Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E	Total	A/B	C	D/E
Rio de Janeiro								
Casaria no civil e religioso	42,7	51,4	46,8	33,7	49,7	53,3	56,0	41,2
Iria morar junto	37,6	34,1	33,8	43,1	31,0	29,1	27,6	35,7
Casaria só no civil	14,7	9,1	14,0	18,8	14,7	11,0	11,3	20,6
Outra	1,2	0,0	2,7	0,6	0,6	1,3	0,7	0,0
Não respondeu/Não sabe	3,8	5,3	2,7	3,8	4,0	5,3	4,4	2,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	208	299	341	831	227	293	311
Curitiba								
Casaria no civil e religioso	74,0	72,8	76,5	72,5	60,0	70,5	71,6	57,1
Iria morar junto	18,9	20,1	16,2	20,9	20,7	18,2	17,4	27,8
Casaria só no civil	4,7	3,4	5,9	4,9	7,6	7,6	6,7	8,6
Outra	0,6	0,9	0,6	0,3	1,9	2,3	0,9	2,6
Não respondeu/Não sabe	1,7	2,8	0,9	1,4	2,8	1,3	3,5	3,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	323	340	287	913	302	345	266
Recife								
Casaria no civil e religioso	41,6	53,4	47,8	35,0	42,2	48,0	45,4	38,2
Iria morar junto	34,3	25,9	29,4	39,2	42,7	42,2	39,9	44,5
Casaria só no civil	20,7	15,5	20,3	22,5	10,9	4,0	10,2	13,7
Outra	0,8	2,1	0,3	0,6	0,4	1,2	0,6	0,0
Não respondeu/Não sabe	2,6	3,1	2,2	2,6	3,8	4,6	3,8	3,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	193	316	645	989	173	313	503

Tabela 6.8 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a opinião a respeito de quando se deve ter relações sexuais, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Homens			Mulheres		
	Rio	Curitiba	Recife	Rio	Curitiba	Recife
Só depois do casamento	13,3	10,3	22,2	32,7	34,5	52,2
Só quando houver planos de casamento	8,8	10,1	11,3	14,3	15,7	17,2
Havendo namoro sem planos de casamento	54,5	52,2	35,4	46,6	41,2	28,4
Com amigos(as)	17,8	23,2	23,5	1,6	2,2	0,8
Com estranhos	3,9	2,8	6,8	0,4	0,4	0,6
Não sabe/Não respondeu	1,7	1,4	0,9	4,4	5,1	0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº de casos	848	950	1154	831	913	989

Tabela 6.9 - Distribuição percentual dos jovens de 15-24 anos de idade, segundo a opinião a respeito se "uma mulher deve trabalhar fora de casa depois de casada", por classe sócio-econômica e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Mulher deve trabalhar depois de casada	Classe Sócio-Econômica							
	Homens				Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E	Total	A/B	C	D/E
Rio de Janeiro								
Sim	65,9	77,9	66,9	57,8	90,3	95,6	92,8	83,9
Não	17,9	8,2	17,1	24,6	5,3	1,8	3,4	9,6
Depende	16,0	13,9	16,1	17,3	4,2	2,2	3,8	6,1
Não pensou ainda	0,1	0,0	0,0	0,3	0,2	0,4	0,0	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	848	208	299	341	831	227	293	311
Curitiba								
Sim	60,7	71,5	59,7	49,8	85,8	89,1	88,4	78,6
Não	19,1	7,7	18,2	32,8	5,9	1,6	3,8	13,5
Depende	20,1	20,7	21,8	17,4	8,2	9,3	7,8	7,5
Não pensou ainda	0,1	0,0	0,3	0,0	0,1	0,0	0,0	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	950	323	340	287	913	302	345	266
Recife								
Sim	67,7	86,5	74,4	58,8	93,3	99,4	94,2	90,7
Não	22,3	5,7	14,2	31,2	5,3	0,6	4,5	7,4
Depende	9,9	7,8	11,1	9,9	1,2	0,0	1,3	1,6
Não pensou ainda	0,2	0,0	0,3	0,2	0,2	0,0	0,0	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	1154	193	316	645	989	173	313	503

Tabela 6.10 - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos e atitudes frente à sexualidade, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio de Janeiro		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	81,1	76,5	78,4	67,7	88,7	84,2
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	75,5	77,1	85,7	81,1	80,4	82,6
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	53,5	48,4	49,6	54,5	63,3	63,9
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	44,0	36,7	48,0	39,6	33,9	25,7
O homem entende mais de sexo que a mulher	35,8	38,9	29,8	39,9	53,0	56,7
A mulher deve chegar virgem ao casamento	33,5	38,4	27,5	37,3	49,7	56,9
O homem deve decidir o nº de filhos	25,6	11,1	22,2	11,1	39,8	17,1
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	17,0	13,5	10,8	11,1	18,3	14,1
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	12,7	12,9	8,9	11,6	21,8	13,7
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 6.11A - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Rio de Janeiro - PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Homens			
	Total	A/B	C	D/E
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	81,1	78,4	82,3	81,8
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	75,5	75,5	79,3	72,1
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	53,5	38,9	54,8	61,3
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	44,0	57,7	46,5	33,4
O homem entende mais de sexo que a mulher	35,8	25,0	34,8	43,4
A mulher deve chegar virgem ao casamento	33,5	24,5	28,4	43,4
O homem deve decidir o número de filhos	25,6	12,5	22,4	36,4
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	17,0	12,0	13,4	23,2
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	12,7	5,8	9,4	19,9
N	848	208	299	341

Tabela 6.11B - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Rio de Janeiro - PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	76,5	68,7	76,5	82,3
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	77,1	83,3	77,5	72,3
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	48,4	34,8	46,1	60,5
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	36,7	56,8	40,6	18,3
O homem entende mais de sexo que a mulher	38,9	22,5	34,5	55,0
A mulher deve chegar virgem ao casamento	38,4	23,3	34,1	53,4
O homem deve decidir o número de filhos	11,1	4,4	6,8	19,9
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	13,7	6,6	11,9	20,6
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	12,9	3,5	7,5	24,8
N	831	227	293	311

Tabela 6.11C - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Curitiba -PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Homens			
	Total	A/B	C	D/E
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	78,4	76,2	79,7	79,4
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	85,7	89,5	86,5	80,5
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	49,6	40,6	51,2	57,8
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	48,0	59,4	47,1	36,2
O homem entende mais de sexo que a mulher	29,8	24,1	29,1	36,9
A mulher deve chegar virgem ao casamento	27,5	16,7	29,7	36,9
O homem deve decidir o número de filhos	22,2	13,3	21,2	33,4
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	10,8	4,0	10,6	18,8
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	8,9	5,3	7,6	14,6
N	950	323	340	287

Tabela 6.11D - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Curitiba -PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	67,7	66,2	62,9	75,6
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	81,1	84,8	83,9	73,3
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	54,5	40,4	57,4	66,9
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	39,6	52,6	39,7	24,8
O homem entende mais de sexo que a mulher	39,9	24,8	39,4	57,5
A mulher deve chegar virgem ao casamento	37,3	28,1	41,4	42,5
O homem deve decidir o número de filhos	11,1	4,3	11,3	18,4
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	11,1	5,6	9,6	19,2
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	11,6	6,3	9,0	21,1
N	913	302	345	266

Tabela 6.11E - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Recife - PSRSJ,1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Homens			
	Total	A/B	C	D/E
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	88,7	80,8	90,5	90,2
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	80,4	76,7	85,4	79,1
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	63,3	38,3	59,5	72,6
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	33,9	59,6	40,5	22,9
O homem entende mais de sexo que a mulher	53,0	32,1	47,8	61,9
A mulher deve chegar virgem ao casamento	49,7	27,5	41,8	60,3
O homem deve decidir o número de filhos	39,8	15,0	31,0	51,5
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	18,3	7,8	12,7	24,2
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	21,8	6,2	12,0	31,3
N	1154	193	316	645

Tabela 6.11F - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam papéis masculinos/femininos, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Recife - PSRSJ,1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	84,2	75,1	83,1	88,1
É natural a mulher tomar a iniciativa de ter relações sexuais	82,6	93,1	84,3	77,9
O homem necessita mais vezes de relações sexuais	63,9	35,3	62,0	75,0
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de casar	25,7	48,6	31,6	14,1
O homem entende mais de sexo que a mulher	56,7	23,1	54,6	69,6
A mulher deve chegar virgem ao casamento	56,9	38,2	51,8	66,6
O homem deve decidir o número de filhos	17,1	3,5	9,6	26,4
Só o homem deve tomar a iniciativa de ter relações sexuais	14,1	5,2	13,7	17,3
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos	13,7	1,7	8,9	20,7
N	989	173	313	503

Tabela 6.12 - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	79,4	53,4	87,1	56,5	77,5	52,5
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	75,9	78,5	75,9	76,2	73,3	72,9
A gravidez só acontece com relação vaginal	71,0	55,5	72,0	55,5	68,3	52,5
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	66,7	78,1	64,3	73,3	62,4	76,8
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	51,5	41,3	58,0	42,2	49,6	41,7
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	45,5	21,1	33,7	14,1	59,4	23,8
Masturbação faz mal à saúde	30,9	23,5	25,6	15,8	52,0	24,9
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 6.13A - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Rio de Janeiro - PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Homens			
	Total	A/B	C	D/E
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	79,4	85,6	79,3	75,7
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	75,9	82,7	79,9	68,3
A gravidez só acontece com relação vaginal	71,0	78,4	68,9	68,3
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	66,7	74,5	70,6	58,7
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	51,5	58,2	57,2	42,5
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	45,5	40,9	40,5	52,8
Masturbação faz mal à saúde	30,9	18,3	30,4	39,0
N	848	208	299	341

Tabela 6.13B - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Rio de Janeiro - PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	53,4	72,2	56,0	37,3
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	78,5	83,3	80,5	73,0
A gravidez só acontece com relação vaginal	55,5	57,3	53,9	55,6
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	78,1	83,3	76,1	76,2
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	41,3	52,9	41,3	32,8
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	21,1	12,3	20,1	28,3
Masturbação faz mal à saúde	23,5	12,8	17,1	37,3
N	831	227	293	311

Tabela 6.13C - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Curitiba - PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Homens			
	Total	A/B	C	D/E
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	87,1	90,4	86,8	83,6
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	75,9	85,1	76,2	65,2
A gravidez só acontece com relação vaginal	72,0	70,3	68,8	77,7
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	64,3	72,8	66,5	52,3
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	58,0	65,3	57,1	50,9
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	33,7	29,4	36,2	35,5
Masturbação faz mal à saúde	25,6	18,0	25,9	33,8
N	950	323	340	287

Tabela 6.13D - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Curitiba - PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	56,5	71,2	56,8	39,5
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	76,2	86,1	76,8	64,3
A gravidez só acontece com relação vaginal	55,5	57,0	54,2	55,6
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	73,3	80,8	71,6	66,9
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	42,2	49,0	40,0	37,2
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	14,1	13,9	13,3	15,4
Masturbação faz mal à saúde	15,8	11,3	15,7	21,1
N	913	302	345	266

Tabela 6.13E - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Recife-PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Homens			
	Total	A/B	C	D/E
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	77,5	91,2	85,4	69,5
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	73,3	80,8	77,2	69,1
A gravidez só acontece com relação vaginal	68,3	59,1	61,4	74,4
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	62,4	76,2	68,0	55,5
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	49,6	54,4	55,4	45,3
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	59,4	47,7	56,3	64,3
Masturbação faz mal à saúde	52,0	17,1	44,0	66,4
N	1154	193	316	645

Tabela 6.13F - Porcentagens de respostas afirmativas a alguns itens que avaliam informação frente à sexualidade, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Recife-PSRSJ, 1989/90.

	Classe Sócio-Econômica			
	Mulheres			
	Total	A/B	C	D/E
A masturbação pode ser praticada de vez em quando	52,5	70,5	58,8	42,3
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	72,9	83,8	74,4	68,2
A gravidez só acontece com relação vaginal	52,5	59,5	50,8	51,1
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	76,8	90,2	77,3	72,0
Uma relação sexual pode dar prazer, mesmo sem atingir o orgasmo	41,7	55,5	47,6	33,2
A camisinha diminui o prazer da relação sexual	23,8	18,5	18,8	28,6
Masturbação faz mal à saúde	24,9	13,3	22,4	30,4
N	989	173	313	503

Item	Descrição	Valor	Observações
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Capítulo 7

Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS Conhecimento e Atitudes

As doenças sexualmente transmissíveis (DST), doenças infecto-contagiosas, transmitidas através de contato direto de pessoa para pessoa durante as relações sexuais, acompanham a humanidade desde épocas as mais remotas. Apesar de todo o progresso da ciência e do advento dos antibióticos, essas doenças continuam a se disseminar por todos os países, atingindo, em pleno final do século XX, índices muito elevados. Segundo Passos (1), a gonorréia ocupa o primeiro lugar entre as DST, em vários países do mundo, sendo que, nos Estados Unidos, se constitui na doença transmissível mais notificada no país e a mais freqüente entre os jovens, só perdendo nas estatísticas para o resfriado. Esta alta incidência das DST, em especial da gonorréia e da sífilis, possui uma relação direta com os problemas de saúde pública.

No caso do Brasil, a medicina tem sido, basicamente, uma medicina curativa, deixando em segundo plano a medicina preventiva. Assim, a falta de uma política sanitária, aliada às baixas condições econômicas e culturais, à desinformação sobre educação sexual, ao despreparo dos profissionais de saúde e educação e às péssimas condições dos serviços públicos, concorre grandemente para elevar os índices de incidência de DST.

Em outro artigo, Passos (2) fala que a falta de uma informação sexual básica, principalmente entre os adolescentes, influi de forma decisiva na propagação dessas doenças, que estão se alastrando entre os jovens, inclusive nas classes sociais mais elevadas. Em função da importância do tema entre os jovens, a **Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem** levantou dados sobre conhecimento de doenças sexualmente transmissíveis.

Na tabela 7.1, são apresentadas as porcentagens de jovens, de ambos os sexos e das três cidades, que conhecem ou já ouviram falar de doenças sexualmente transmissíveis. Como se pode observar, a AIDS é conhecida por quase a

(1) Passos, Mauro R. L., et. al. - Gonorréia. In: DST - Jornal Brasileiro de doença sexualmente transmissíveis. vol. 2, Nº 1, Jan/Fev/Mar. 1990.

(2) Passos, Mauro R. L., Fonseca Cristian G. - Epidemiologia das DST. In: DST - Jornal brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis - vol. 2, Nº 2,3,4 Abr/Dez 1990.

totalidade dos entrevistados, sendo que, entre as mulheres de Recife, o percentual atinge 100%, sugerindo que as campanhas de conscientização estão sendo assistidas.

Em seguida, aparece a gonorréia, com percentuais acima de 94% entre os homens do Rio e de Curitiba, mas caindo para 78% entre os homens de Recife. Entre as mulheres, a porcentagem das que disseram estar informadas sobre a gonorréia situa-se em torno de 80% no Rio e em Curitiba, caindo para 59% em Recife. A sífilis aparece em terceiro lugar, sendo citada por, aproximadamente, 70% dos jovens dos dois sexos, nas três cidades, com exceção dos homens em Curitiba, onde 80% deles declararam conhecer esta doença.

Também em Curitiba, vêem-se as maiores porcentagens de jovens, de ambos os sexos, que conhecem a herpes (73% dos homens e 72% das mulheres). No Rio, estas porcentagens estão em torno de 60% para os dois sexos e, em Recife, caem para 36% entre os homens e 40% entre as mulheres. As demais doenças mostram percentuais mais baixos de informação, com exceção do cancro mole, entre os homens de Curitiba: é conhecido por 63% dos entrevistados (gráfico 26).

Comparando-se o conhecimento de DST entre os jovens que assistiram a algum curso ou palestra de educação sexual, com os que nunca tiveram essas informações, pode-se observar um resultado mais positivo entre os primeiros. A tabela 7.2 apresenta os resultados para as três cidades, por sexo e segundo se tiveram ou não curso de educação sexual. Verifica-se que os jovens que assistiram a algum curso ou palestra exibem porcentagens maiores de informação sobre todas as doenças, sendo que, em alguns casos a diferença chega a ser de mais de 20 pontos percentuais, em comparação com os que não tiveram curso: a herpes, por exemplo, é conhecida em Curitiba por 82% dos homens e 80% das mulheres que tiveram curso de educação sexual, contra 60% dos homens e 54% das mulheres sem curso. É interessante notar que, em relação à AIDS, isto não acontece, sugerindo que as informações estão sendo adquiridas, principalmente, através dos meios de comunicação. Mais adiante voltaremos a esse tema, ao analisar os principais veículos de informação sobre a AIDS.

Embora os resultados não sejam apresentados em tabelas, ao analisar o conhecimento de doenças sexualmente transmissíveis, de acordo com a idade dos entrevistados, verificou-se que existe uma relação positiva com o aumento da idade. Os jovens mais velhos, do grupo etário de 20-24 anos, de ambos os sexos e nas três cidades, mostram maior informação que os do grupo mais jovem (15-19 anos).

A mesma relação acontece, ao se fazer a comparação por grau de instrução e por classe sócio-econômica: quanto maior a escolaridade e mais alta a classe social, maior o conhecimento sobre DST. A única exceção, nas três análises, diz respeito à informação sobre a AIDS, que não apresenta diferenças, nem por idade, nem por instrução, nem por classe social, mais uma vez sugerindo que as campanhas informativas estão atingindo à população como um todo.

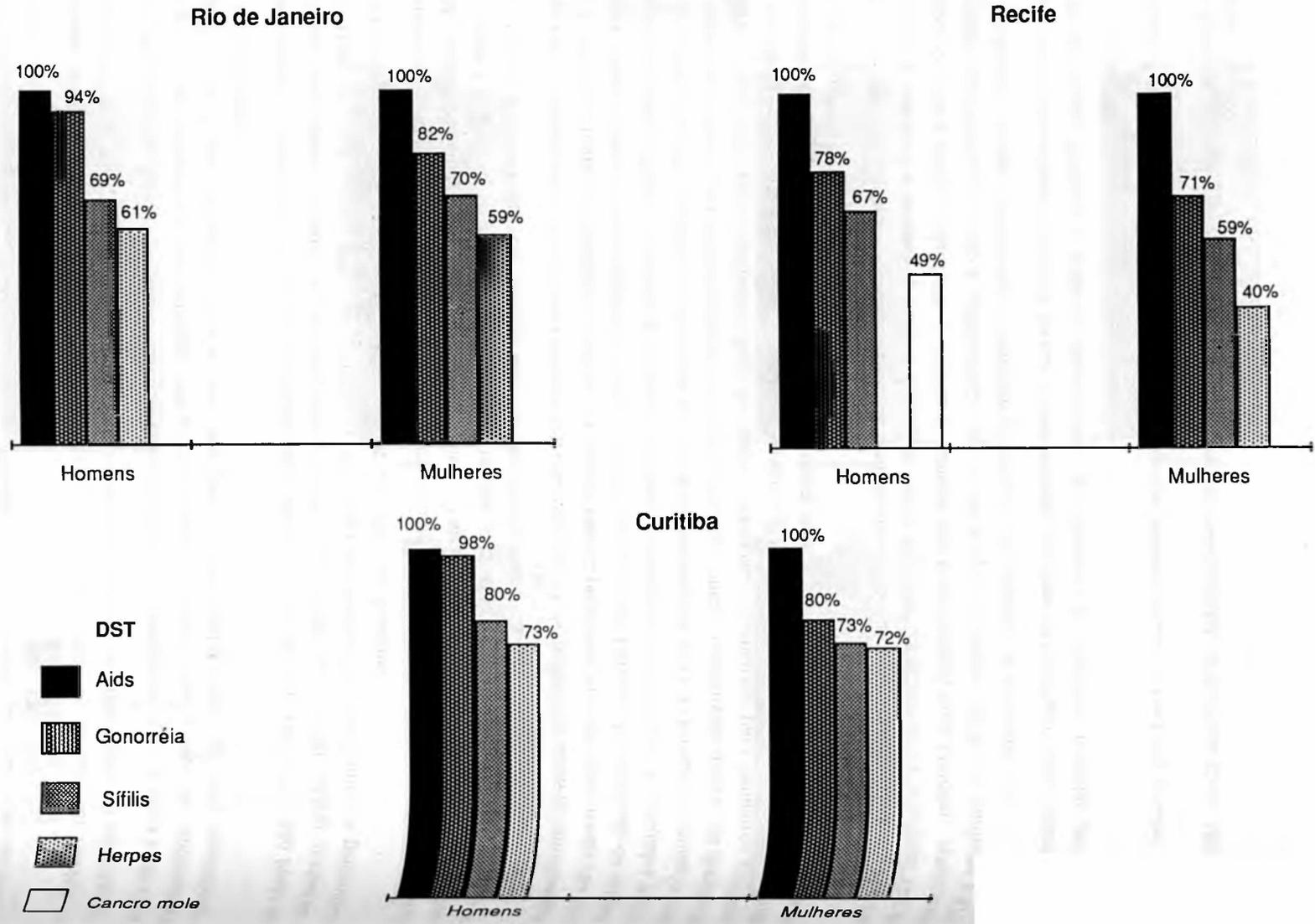
Em virtude da importância que a AIDS vem assumindo no quadro da saúde pública, resolveu-se incluir no questionário da pesquisa uma seção com perguntas específicas sobre essa doença.

A AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, doença descoberta recentemente e ainda sem possibilidade de cura ou vacina, está se disseminando com rapidez em grande parte dos países. Por se tratar de doença cujos sintomas e tratamento estão em fase de pesquisa, a única esperança de algum controle surge através de um programa de educação que possibilite mudar o comportamento dos indivíduos, estimulando-os a assumir as possíveis formas de prevenção.

Por outro lado, é difícil fazer com que as pessoas acreditem, incondicionalmente, nas mensagens dos programas educacionais, uma vez que, pelo fato de a AIDS ainda estar sendo pesquisada, surgem dúvidas e desconfianças quanto às suas formas de contágio e prevenção. Tais dúvidas geram tensão e a criação de mitos e preconceitos.

Embora a transmissão da AIDS se dê através do sangue e das relações sexuais, esta última forma de contágio é a mais preocupante, não só por ser mais difícil de controlar, mas principalmente por afetar o comportamento sexual dos indivíduos. Para os jovens e adolescentes, que estão se iniciando sexualmente, a ameaça de uma doença fatal ligada

Gráfico 26
Doenças sexuais transmissíveis
mais conhecidas pelos jovens
de 15-24 anos de idade
PSRSJ, 1989/90



à prática do sexo é, praticamente, insuportável. O adolescente, pela própria característica da fase de vida em que se encontra, tende a apresentar o chamado "pensamento mágico", através do qual cria fantasias, onipotências e negação da realidade.

Assim, torna-se necessário o maior cuidado ao se veicular informações sobre a AIDS, para que estas, ao invés de conscientizar, causem apenas pânico ou negação do problema.

No questionário da pesquisa, as perguntas sobre AIDS visaram investigar como os jovens têm recebido as informações sobre essa doença e as mudanças de atitude e comportamento ocorridas em função dessas informações.

A primeira dessas perguntas foi sobre a possibilidade de uma pessoa estar contaminada com a doença e não exibir sintomas. Na tabela 7.3, são apresentados os resultados para as três cidades, de acordo com o sexo dos entrevistados e segundo a classe social a que pertencem. Para o total dos jovens entrevistados, mais de 80% responderam afirmativamente a esta questão.

Ao se estabelecer uma comparação com os dados obtidos nas cidades de Salvador em 1987 (3) e São Paulo em 1988 (4), nota-se que, na primeira cidade, as porcentagens de jovens que sabiam que podem existir portadores assintomáticos da AIDS são mais baixas: 68% para mulheres e 75% para os homens. Em São Paulo, os percentuais estão próximos aos encontrados nas três cidades (80% das mulheres e 84% dos homens).

Se observarmos as diferenças das respostas, nas três cidades, segundo a classe social, vemos que, quanto mais alta a classe social, maior a porcentagem de conhecimento do assunto. O mesmo acontece, ao se analisar esta pergunta, tendo em vista a idade e o grau de instrução dos jovens entrevistados: quanto maior a idade e mais alto o grau de instrução, maior o índice de jovens que responderam corretamente sobre o assunto.

Para avaliar o conhecimento dos jovens sobre as formas de transmissão da AIDS, pediu-se a todos os entrevistados que apontassem as principais fontes de contágio. A tabela 7.4 mostra que as principais vias de transmissão são bem conhecidas: relações sexuais com pessoas portadoras do vírus e sangue contaminado (através da transfusão de sangue, de agulhas, seringas e objetos cortantes contaminados), todos com percentuais acima de 90%, nas três cidades e para ambos os sexos. Estas respostas vêm mostrar que os jovens se encontram informados sobre as formas de contágio mais importantes. Entretanto, as informações estão mescladas de noções erradas, como a transmissão através da doação de sangue, por exemplo, citada por aproximadamente 80% dos jovens. Respostas afirmativas para banheiros públicos, convivência com aidéticos, mordida de mosquito, beijo na boca e outras demonstram que os jovens colocam em dúvida as mensagens transmitidas sobre a doença. Estes resultados apresentam pouca diferença, quando comparados segundo o grupo de idade dos entrevistados (gráfico 27).

Observando as informações coletadas sobre as formas de contágio da AIDS nas pesquisas de Salvador (5) e São Paulo (6), vemos que o quadro é o mesmo: a maioria (acima de 90%) reportou corretamente as principais vias de transmissão: relações sexuais e sangue (transfusão e agulhas e seringas não esterilizadas), mas, também, apareceram respostas que mostram desinformação, como a contaminação através da doação de sangue (83% das mulheres e 87% dos homens em São Paulo), do uso de banheiros e utensílios domésticos, da mordida de mosquito, etc.

Uma vez observado o conhecimento sobre as formas de transmissão, procurou-se investigar o que sabem os jovens sobre a prevenção da doença. Pediu-se a todos os entrevistados que citassem as principais medidas para evitar o contágio.

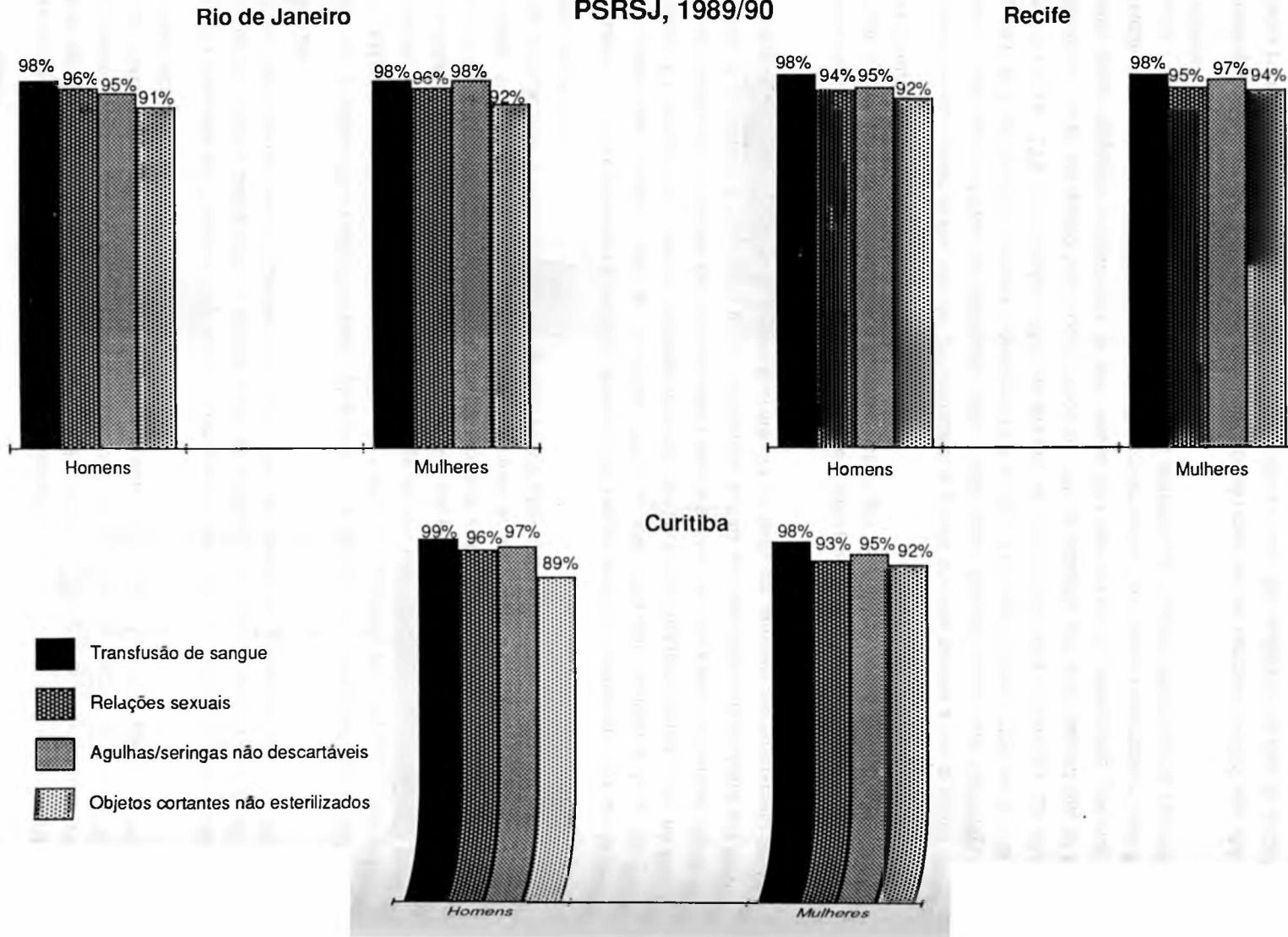
(3) Bastos A.V. B, Morris L., Fernandes S.R.P. (Organizadores) - Saúde e Educação Sexual do Jovem: um estudo em Salvador. ISP/UFBA. Dezembro 1989.

(4) Sakamoto C.P.M., Freire H.S., Morris L. - Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo. Centro Materno-Infantil de Planejamento Familiar, Abril 1991.

(5) Op. cit. em (3).

(6) Op. cit. em (4).

Gráfico 27
Principais formas que os jovens
acreditam que uma pessoa
pode pegar AIDS
% respostas afirmativas
PSRSJ, 1989/90



A tabela 7.5 mostra que a medida mais citada nas três cidades, tanto por homens, como por mulheres, foi o uso de preservativos ou camisinhas (entre 71% e 84% de citações). Verifica-se uma ligeira diferença nas porcentagens segundo o sexo dos entrevistados, sendo estas um pouco mais altas entre os homens, quando comparadas às das mulheres da mesma cidade.

A segunda forma de prevenção mais indicada foi evitar a multiplicidade de parceiros, com porcentagens entre 24% e 41%. Nota-se que, para esta resposta, acontece uma relação inversa à da resposta anterior: neste caso, são as mulheres que apresentam maiores percentuais em comparação com os homens da mesma cidade. É interessante verificar que a menor porcentagem para esta resposta encontra-se entre os homens de Recife (24%) e a maior, entre as mulheres da mesma cidade (41%).

A terceira medida apontada foi "conhecer o parceiro", com percentuais que vão de 17% a 25%. Outras formas de prevenção foram menos citadas, destacando-se apenas o uso de agulhas e seringas descartáveis, indicado por 24% das mulheres do Rio e 28% das de Recife. Também em Recife, 24% das mulheres apontaram como medida "ter um só parceiro" (gráfico 28).

Para os jovens que já tinham tido relações sexuais, perguntou-se se passaram a tomar cuidados relacionados ao sexo, em função da AIDS. Apesar de não serem apresentados em tabela, os resultados revelam que, entre os homens, 80% no Rio de Janeiro, 70% em Curitiba e 73% em Recife responderam que passaram a se prevenir, a partir das informações sobre a AIDS. Já entre as mulheres, a porcentagem das que passaram a se prevenir cai para 47% no Rio, 31% em Curitiba e 42% em Recife. Estes resultados, que, à primeira vista, podem sugerir que as mulheres estão tomando menos cuidado que os homens, têm uma explicação, quando se aprofunda a questão. Os motivos alegados por aquelas que não modificaram seu comportamento sexual demonstram certa coerência com os cuidados tomados pelas que passaram a se prevenir.

Observando a tabela 7.6, que apresenta os cuidados tomados em função da AIDS, vemos que "ter um só parceiro conhecido" foi a resposta mais comum entre as mulheres: (49% no Rio, 32% em Curitiba e 63% em Recife). Paralelamente, a tabela 7.7 mostra que, entre as mulheres que não mudaram seus hábitos sexuais, 83% no Rio, 79% em Curitiba e 88% em Recife não o fizeram por estarem tendo relações com um único parceiro estável. Estes dados sugerem que já ter um só parceiro é a explicação para a atitude das jovens que não tomaram cuidados em função da AIDS, enquanto a opção por um só parceiro é a principal medida adotada por aquelas que resolveram mudar seu comportamento.

Outras respostas significativas, apontadas pelas mulheres que resolveram se prevenir em função da AIDS, foram usar caminha, evitar muitos parceiros e conhecer o parceiro, sendo que esta última opção chegou a ser citada por 32% das jovens em Curitiba.

Com relação aos homens, como já foi referido anteriormente, a grande maioria passou a tomar certos cuidados. Na tabela 7.6, pode-se notar que as formas de prevenção mais citadas pelos homens foram usar caminha (37% no Rio, 47% em Curitiba e 56% em Recife), conhecer a parceira (43% no Rio, 37% em Curitiba e 22% em Recife) e evitar muitos parceiros (21% no Rio, 23% em Curitiba e 26% em Recife). A opção de ter uma só parceira, tão citada pelas mulheres, entre os homens surge em quarto lugar, com menos de 19% de citações. Isto pode sugerir que os jovens do sexo masculino estão pouco dispostos a abrir mão de uma maior liberdade sexual. É interessante observar que, em Recife, onde encontramos a maior porcentagem para o uso dos preservativos, se acha a porcentagem mais baixa dos que optaram por uma só parceira (9%). É também em Recife que aparecem as maiores diferenças de comportamento entre homens e mulheres (gráfico 29).

Entre os homens que relataram não estar tomando nenhum cuidado especial em função da AIDS, que são minoria, os motivos declarados para esta atitude não se concentram tanto, como no caso das mulheres, no fato de estarem tendo relações com uma única pessoa. Apesar de esta resposta aparecer em primeiro lugar nas três cidades, apenas em

Gráfico 28
Principais formas de prevenção
da AIDS citadas por jovens de
15-24 anos
PSRSJ, 1989/90

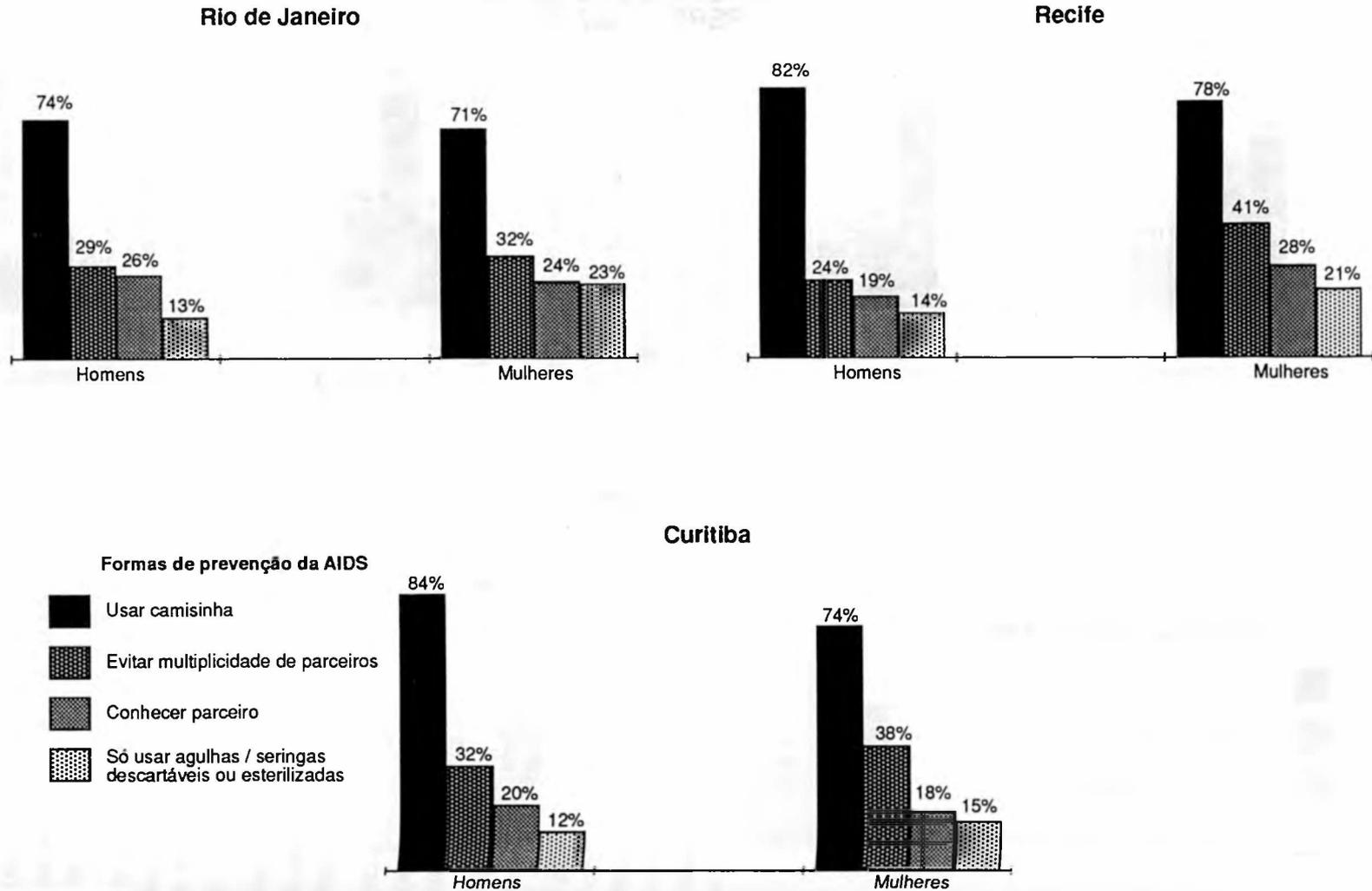
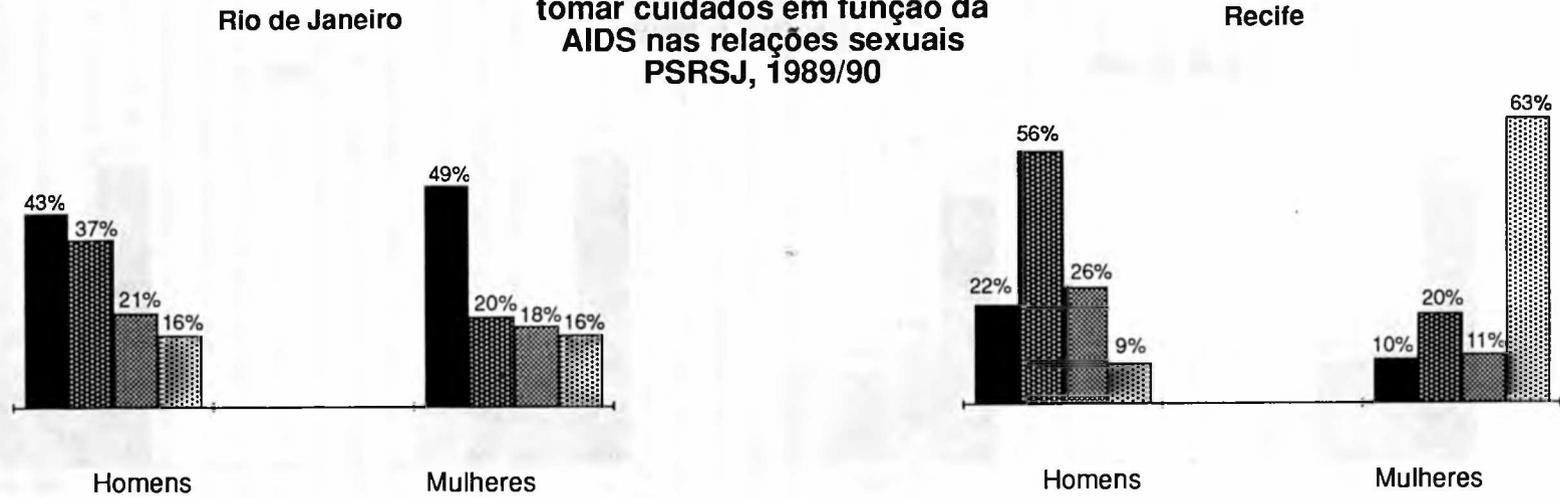
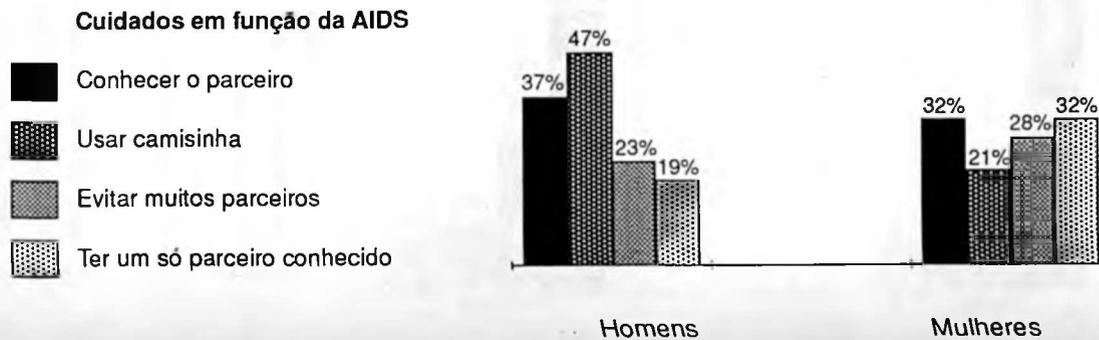


Gráfico 29
Prevenção adotada por jovens de 15-24 anos que passaram a tomar cuidados em função da AIDS nas relações sexuais PSRSJ, 1989/90



Curitiba



Curitiba seu percentual é mais significativo: 46% (tabela 7.7). Outras respostas, como "não tem oportunidade" (em torno de 12%) e "está sem atividade sexual" (20% no Rio, 10% em Curitiba e 8% em Recife), sugerem que os jovens do sexo masculino, que estão momentaneamente sem vida sexual, não sentem necessidade de se prevenir contra a AIDS. Uma outra resposta, que não pode deixar de ser comentada, dada por 12% dos homens no Rio, 9% em Curitiba e 15% em Recife, foi "não tenho medo: não vou pegar", sugerindo o sentimento de onipotência, próprio do jovem e do adolescente.

Um exemplo claro desse sentimento de onipotência ou "pensamento mágico", próprio do grupo analisado, pode ser encontrado na tabela 7.8. Nela, a opinião dos jovens solteiros, sexualmente ativos, a respeito do próprio risco de contrair AIDS é comparada com sua opinião sobre o risco que corre o total da população solteira do mesmo sexo, nas mesmas condições.

Entre os jovens do sexo masculino, 76% no Rio, 79% em Curitiba e 74% em Recife julgam como de ALTO RISCO o grupo geral de jovens solteiros sexualmente ativos. Em comparação, apenas 5% dos homens, sexualmente ativos, nas três cidades, se consideram com ALTO RISCO de contrair AIDS.

Para as mulheres, a situação é a mesma: 69% no Rio, 62% em Curitiba e 68% em Recife acham de ALTO RISCO a população de mulheres solteiras com atividade sexual, enquanto apenas 2%, no Rio e em Recife, e 6%, em Curitiba, se consideram de ALTO RISCO, apesar de terem vida sexual ativa.

Com relação às campanhas educacionais sobre a AIDS, perguntou-se aos entrevistados se tinham visto ou ouvido alguma dessas campanhas e através de que veículo.

Apesar de não serem apresentados em tabela, os resultados revelam que a maioria dos jovens, nas três cidades pesquisadas, respondeu afirmativamente a essa pergunta. Quanto à fonte de informação dessas campanhas, a televisão mostrou ser o principal veículo de comunicação: mais de 90% dos jovens declararam ter visto campanhas de prevenção contra a AIDS na TV. Outras fontes de informação, como folhetos, cartazes, jornais, revistas, "outdoor" e palestras, foram menos citados. Este fato vem reforçar o que foi dito anteriormente: a AIDS é a mais conhecida das DST, porque vem sendo divulgada de tempos em tempos, através da mídia, em especial da TV.

Curitiba seu percentual é mais significativo: 46% (tabela 7.7). Outras respostas, como "não tem oportunidade" (em torno de 12%) e "está sem atividade sexual" (20% no Rio, 10% em Curitiba e 8% em Recife), sugerem que os jovens do sexo masculino, que estão momentaneamente sem vida sexual, não sentem necessidade de se prevenir contra a AIDS. Uma outra resposta, que não pode deixar de ser comentada, dada por 12% dos homens no Rio, 9% em Curitiba e 15% em Recife, foi "não tenho medo: não vou pegar", sugerindo o sentimento de onipotência, próprio do jovem e do adolescente.

Um exemplo claro desse sentimento de onipotência ou "pensamento mágico", próprio do grupo analisado, pode ser encontrado na tabela 7.8. Nela, a opinião dos jovens solteiros, sexualmente ativos, a respeito do próprio risco de contrair AIDS é comparada com sua opinião sobre o risco que corre o total da população solteira do mesmo sexo, nas mesmas condições.

Entre os jovens do sexo masculino, 76% no Rio, 79% em Curitiba e 74% em Recife julgam como de ALTO RISCO o grupo geral de jovens solteiros sexualmente ativos. Em comparação, apenas 5% dos homens, sexualmente ativos, nas três cidades, se consideram com ALTO RISCO de contrair AIDS.

Para as mulheres, a situação é a mesma: 69% no Rio, 62% em Curitiba e 68% em Recife acham de ALTO RISCO a população de mulheres solteiras com atividade sexual, enquanto apenas 2%, no Rio e em Recife, e 6%, em Curitiba, se consideram de ALTO RISCO, apesar de terem vida sexual ativa.

Com relação às campanhas educacionais sobre a AIDS, perguntou-se aos entrevistados se tinham visto ou ouvido alguma dessas campanhas e através de que veículo.

Apesar de não serem apresentados em tabela, os resultados revelam que a maioria dos jovens, nas três cidades pesquisadas, respondeu afirmativamente a essa pergunta. Quanto à fonte de informação dessas campanhas, a televisão mostrou ser o principal veículo de comunicação: mais de 90% dos jovens declararam ter visto campanhas de prevenção contra a AIDS na TV. Outras fontes de informação, como folhetos, cartazes, jornais, revistas, "outdoor" e palestras, foram menos citados. Este fato vem reforçar o que foi dito anteriormente: a AIDS é a mais conhecida das DST, porque vem sendo divulgada de tempos em tempos, através da mídia, em especial da TV.

Tabelas - Cap.7

Tabela 7.1 - Porcentagem dos jovens de 15-24 anos de idade que conhecem ou já ouviram falar de doenças sexualmente transmissíveis, segundo o tipo de doença, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Conhecimento de DST	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
AIDS	99,9	99,9	99,7	99,8	99,7	100,0
Gonorréia	94,3	82,4	97,7	79,5	77,6	58,8
Sífilis	68,5	69,6	80,2	73,3	66,6	70,4
Herpes	60,8	58,7	72,9	71,7	35,7	40,1
Cancro Mole	42,9	27,4	63,4	33,1	49,0	30,7
Condiloma	21,6	20,2	22,5	22,0	30,2	24,0
Candidíase	13,8	20,9	15,7	30,3	11,5	25,6
Tricomoníase	12,7	19,3	18,0	25,1	11,2	21,8
Linfogranuloma	12,0	11,7	12,9	14,6	8,9	15,1
N	848	831	950	913	1154	989

Tabela 7.2 - Porcentagem dos jovens de 15-24 anos de idade que conhecem ou já ouviram falar de doenças sexualmente transmissíveis, segundo se tiveram ou não curso de educação sexual, por tipo de doença e sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Conhecimento de DST	Homens		Mulheres	
	Com curso	Sem curso	Com curso	Sem curso
Rio de Janeiro				
AIDS	100,0	99,8	99,8	100,0
Gonorréia	97,7	91,9	89,8	63,7
Sífilis	81,3	59,5	81,0	58,3
Herpes	71,0	53,6	70,1	47,6
Cancro Mole	52,0	36,5	35,8	19,3
Condiloma	27,6	17,3	27,3	13,3
Candidíase	15,1	12,9	29,2	12,9
Tricomoniase	14,2	11,7	26,3	12,4
Linfogranuloma	14,2	10,5	16,9	6,9
N	352	496	411	420
Curitiba				
AIDS	99,8	99,5	100,0	99,3
Gonorréia	98,6	96,3	84,3	69,7
Sífilis	88,1	68,4	81,2	57,0
Herpes	81,6	60,0	80,4	54,0
Cancro Mole	72,6	49,5	40,6	17,7
Condiloma	28,8	13,2	27,7	10,3
Candidíase	21,1	7,6	37,5	15,7
Tricomoniase	24,4	8,4	31,8	11,3
Linfogranuloma	16,8	7,1	17,8	8,0
N	570	380	613	300
Recife				
AIDS	99,8	99,5	100,0	100,0
Gonorréia	84,7	70,9	63,8	50,8
Sífilis	76,4	57,0	75,4	62,2
Herpes	45,0	26,7	46,5	29,8
Cancro Mole	60,8	37,5	35,9	22,3
Condiloma	38,0	22,8	28,7	16,5
Candidíase	15,6	7,5	30,3	18,1
Tricomoniase	16,3	6,2	28,1	11,7
Linfogranuloma	11,4	6,5	19,7	7,6
N	569	585	613	376

Tabela 7.3 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que acham que uma pessoa pode estar contaminada com AIDS e não apresentar sintomas, segundo a classe sócio-econômica, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Classe Sócio-Econômica	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	%					
A/B	90,9	90,7	96,3	86,1	88,1	91,3
C	86,8	82,3	86,8	84,6	86,4	84,0
D/E	80,1	77,5	81,2	72,6	75,7	78,9
TOTAL	85,0	82,8	88,3	81,6	80,7	82,7
	N					
A/B	208	227	323	302	193	173
C	299	293	340	345	316	313
D/E	341	311	287	266	645	503
TOTAL	848	831	950	913	1154	989

Tabela 7.4 - Porcentagem de respostas afirmativas que avaliam de que forma os jovens acreditam que se pode pegar AIDS, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Formas de Contágio	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Recebendo transfusão de sangue	97,5	98,0	98,7	97,8	97,7	97,5
Relações sexuais	95,5	96,3	95,5	92,9	94,1	94,8
Agulhas/seringas não descartáveis	94,7	98,1	97,3	95,9	95,1	97,4
Objetos cortantes não esterilizados	90,9	92,4	89,4	92,2	92,1	94,0
Doando sangue	78,7	84,5	79,4	83,0	84,8	83,6
Amamentação de mãe aidética	68,9	72,1	80,4	76,4	78,6	80,1
Banheiros públicos	43,6	47,3	37,7	47,7	49,7	58,1
Convivendo com aidéticos	36,5	27,9	26,8	29,4	40,5	35,8
Mordida de mosquito	28,0	26,8	29,3	30,0	42,5	44,0
Beijo na boca	20,3	25,9	26,8	28,7	32,4	26,0
Utensílios/objetos domésticos	16,4	15,9	25,4	23,1	22,9	27,6
Aperto de mão	1,8	0,8	2,0	2,1	4,8	3,0
Beijo no rosto	1,4	1,3	2,8	1,4	5,2	3,5
N	847	831	950	912	1154	989

Tabela 7.5 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que citaram espontaneamente as principais formas de prevenção da AIDS, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Formas de Prevenção	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Usar camisinha	73,7	70,8	83,5	74,3	81,7	77,6
Evitar multiplicidade de parceiro(a)	28,8	31,6	32,1	38,2	24,4	41,3
Conhecer parceiro(a)	25,5	23,2	20,0	17,5	19,2	20,9
Só usar agulhas e seringas descartáveis ou esterilizadas	12,8	23,6	11,9	15,1	14,1	27,9
Evitar relações com prostitutas	10,4	4,8	8,9	3,8	8,2	7,8
Ter um só parceiro	10,3	11,7	6,4	6,8	4,2	24,1
Evitar drogas injetáveis	8,5	10,8	5,6	5,9	6,3	10,6
Evitar transfusão de sangue	7,7	11,2	2,5	7,3	4,4	13,5
Evitar relações com homo / bissexuais	7,2	6,3	4,5	4,8	5,9	8,2
Controlar Banco de Sangue	6,8	6,3	2,3	3,9	3,9	3,3
Esterilizar instrumentos cortantes	6,7	5,8	2,1	2,0	2,6	6,4
Evitar sexo anal	4,6	4,0	0,5	1,9	1,4	2,2
Evitar sexo oral	4,4	2,2	1,1	1,3	1,1	2,2
Exigir exame preventivo	3,4	2,8	1,4	2,7	1,8	5,1
Tomar comprimidos necessários	2,6	1,6	1,1	1,6	1,3	2,0
Não doar sangue	2,4	2,3	0,4	1,4	1,0	2,2
Não ter relações sexuais	1,5	3,1	1,8	2,0	1,9	2,3
Evitar sexo vaginal	1,7	1,1	0,4	0,5	0,4	0,5
Outros	3,1	4,2	1,6	3,9	3,7	1,0
N	847	831	950	912	1154	989

Tabela 7.6 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, com relações sexuais, que passaram a tomar cuidados em função da AIDS, segundo o tipo de prevenção adotada, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Cuidados em Função da AIDS	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Conhecer o parceiro	42,7	19,7	37,2	32,3	22,3	10,2
Usar camisinha	37,4	17,5	47,4	21,3	56,0	20,3
Evitar muitos parceiros	20,9	16,4	23,1	27,6	26,2	11,0
Ter um só parceiro conhecido	16,1	48,6	18,6	32,3	9,3	62,7
Evitar relações com prostitutas	5,7	1,1	4,9	0,8	4,5	1,7
Evitar relações com homo / bissexuais	3,7	1,1	1,2	0,8	0,6	1,7
Não ter relações sexuais	3,7	2,2	7,2	3,9	3,9	2,5
Evitar sexo anal	1,6	1,6	1,0	1,6	0,8	1,7
Evitar sexo oral	1,4	0,5	0,8	0,8	0,5	4,2
Fazer exame preventivo	0,9	3,8	0,2	2,4	0,5	5,9
Exigir exame do parceiro	0,7	3,3	0,6	2,4	0,3	1,7
Evitar sexo vaginal	0,2	0,5	0,6	0,8	0,2	0,8
Outro	1,1	4,9	0,4	3,1	2,9	0,8
N	564	183	489	127	664	118

Tabela 7.7 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade, com relações sexuais, que não adotaram nenhuma medida para diminuir o risco de contaminação da AIDS, segundo as razões declaradas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Razão para não adotar medidas preventivas	Rio		Curitiba		Recife	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Só está tendo relações com uma pessoa	29,7	82,7	45,9	79,1	24,3	87,6
Sem atividade sexual	20,3	5,4	9,8	9,4	8,2	5,6
Não tem medo: não vai pegar	12,3	3,5	9,3	2,8	15,2	1,9
Não teve oportunidade	10,9	0,0	12,2	0,7	13,6	0,0
Na hora do sexo não pensa em nada	6,5	0,5	5,9	0,0	3,7	0,0
Não conhece ninguém com AIDS	6,5	0,0	7,8	1,0	4,5	0,6
Não tem relações com Homo/Bissexuais	1,4	0,0	2,4	0,0	1,6	0,0
Outro	5,8	4,0	6,3	5,9	21,8	1,2
Não sabe	6,5	4,0	0,5	1,0	7,0	3,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N	138	202	205	287	243	161

Tabela 7.8 - Distribuição percentual sobre a comparação da opinião dos jovens solteiros sexualmente ativos sobre o risco geral (*) e o risco individual de contrair AIDS, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Risco	Rio		Curitiba		Recife	
	Geral	Individual	Geral	Individual	Geral	Individual
Mulheres						
Nenhum risco	1,4	70,4	0,2	60,7	0,9	73,3
Depende	11,1	–	14,5	–	15,2	–
Baixo risco	17,2	26,1	20,9	32,2	14,9	24,4
Alto risco	69,4	2,0	62,1	5,5	68,0	2,3
Não sabe	0,8	1,5	2,3	1,5	1,2	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº de casos	831	199	912	183	989	86
Homens						
Nenhum risco	0,9	54,4	0,5	45,3	1,6	60,2
Depende	8,0	–	5,2	–	8,6	–
Baixo risco	14,5	40,1	15,1	49,1	15,8	34,5
Alto risco	75,7	4,5	78,7	5,4	73,6	5,2
Não sabe	0,8	1,0	0,5	0,2	0,5	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº de casos	847	603	950	591	1154	753

(*) Mulher solteira com vida sexual para mulheres e homem solteiro com vida sexual para homens.

Capítulo 8

Drogas: Atitudes e Uso entre os Jovens

Mary Goodwin (*)

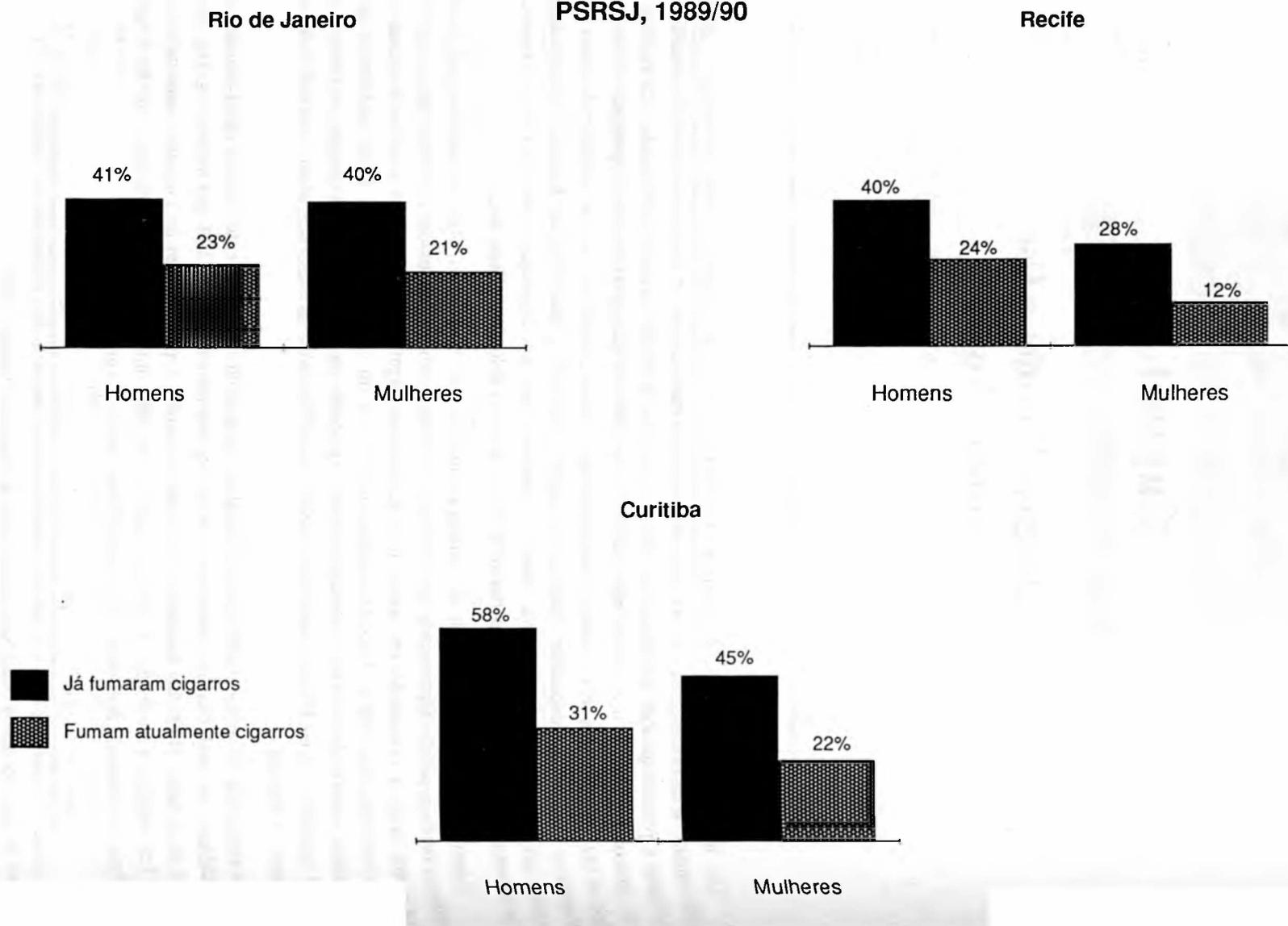
Um módulo sobre drogas foi incluído na PSRSJ, com a finalidade de obter informações sobre níveis de conhecimento e uso de cigarros, álcool, maconha e drogas químicas, nas três áreas urbanas pesquisadas. A tabela 8.1 apresenta a porcentagem de jovens que já fumaram cigarros, segundo variáveis selecionadas. Os resultados mostram que, controlando por sexo e área urbana, entre 28% e 58% dos jovens da amostra reportaram ter fumado cigarros alguma vez. Em todas as três cidades, uma porcentagem maior de homens que de mulheres declarou que já fumou. Observa-se a maior diferença entre homens e mulheres em Curitiba, onde 58% dos homens entrevistados já fumaram alguma vez, contra 45% das mulheres. Nota-se, entretanto, que essa diferença é menor no Rio de Janeiro, onde 41% dos homens e 40% das mulheres reportaram o uso de cigarros pelo menos uma vez.

Como esperado, a porcentagem de homens e mulheres que já fumaram cigarros aumenta com a idade. Não se verificou nenhum padrão diferenciado com relação à instrução, com índices maiores, de modo geral, nos dois extremos. Por outro lado, a proporção de jovens que já fumaram alguma vez apresenta tendência crescente na classe sócio-econômica mais baixa. Esta associação entre o uso do cigarro e o nível sócio-econômico aparece, mais pronunciada, entre os homens que entre as mulheres. Apesar de não ser mostrado em tabela, aproximadamente metade dos que reportaram já ter fumado ainda fazia uso do cigarro na época da entrevista, sendo essa porcentagem um pouco maior para os homens.

Na tabela 8.2, vê-se a prevalência de uso atual do cigarro entre os jovens entrevistados pela pesquisa. Comparando as três cidades, no total, Curitiba apresentou a mais alta prevalência de uso (22% das mulheres e 31% dos homens) e Recife a mais baixa (12% das mulheres e 24% dos homens). A porcentagem de fumantes aumenta com a idade do jovem. Em relação à instrução, o uso do cigarro apresenta uma tendência decrescente, em geral até o II Grau incompleto, aumentando nos níveis de instrução mais elevados (gráfico 30).

(*) Analista de dados, Divisão de Saúde Reprodutiva, Centro de Controle de Doenças - CDC.

Gráfico 30
Uso passado e atual do cigarro
entre jovens de 15-24 anos
PSRSJ, 1989/90



A prevalência de fumantes aparece associada à classe sócio-econômica, exceto para as mulheres em Recife. Existe uma proporção maior de jovens que fumam na classe D/E, em comparação com os pertencentes à classe A/B, sendo bem significativa para os homens em Curitiba, onde 43% dos jovens da classe D/E fumam, contra somente 21% da categoria A/B (gráfico 31).

Na PSRSJ, perguntou-se aos entrevistados se achavam que fumar faz mal à saúde. No total, 98% dos jovens responderam que sim e esta resposta foi quase universal, tanto para os que nunca fumaram, como para fumantes atuais e passados, mostrando que os jovens estão bem conscientes sobre os danos que o fumo causa à saúde (tabela 8.3).

A tabela 8.4 apresenta os níveis de consumo de bebida alcoólica entre os jovens. No total, aproximadamente dois terços dos homens e um pouco mais da metade das mulheres reportaram que consomem bebidas alcoólicas, sendo que, para as mulheres de Curitiba, o consumo é mais alto. Quanto à frequência do consumo dessas bebidas, a maioria declarou que bebe "ocasionalmente", e somente uma pequena proporção disse beber todos os dias.

A tabela 8.5 mostra as informações referentes aos jovens que declararam beber ocasional (de vez em quando) ou diariamente, de acordo com a idade, instrução e classe sócio-econômica, por sexo. Os dados revelam que os homens das três cidades têm uma tendência maior para beber que as mulheres. Em Recife, 73% dos homens disseram consumir bebida alcoólica, contra 55% das mulheres. Tal padrão é encontrado nos diferentes grupos etários, categorias de instrução e classe sócio-econômica. Pode-se notar que o consumo de álcool é maior entre os jovens com instrução e classe sócio-econômica mais altas (gráfico 32).

Apesar de não ser apresentado em tabela, os dados indicam que os homens, em geral, começam a consumir álcool mais cedo que as mulheres. Enquanto 25% das mulheres de 15-19 anos, em Recife, disseram nunca ter bebido, a porcentagem para os homens da mesma faixa etária foi de 15%. Na faixa de 20-24 anos de idade, em Recife, 19% das mulheres nunca tinham bebido, contra apenas 5% dos homens. Os dados referentes ao Rio de Janeiro e Curitiba mostram uma tendência similar.

Como para o fumo, o conhecimento de que o consumo do álcool prejudica a saúde foi praticamente universal (tabela 8.6). Aproximadamente 96% de todos os entrevistados, nas três cidades, concordam que o álcool pode ser prejudicial. Entretanto, metade a dois terços dos jovens só vê o álcool como prejudicial se consumido diariamente. Por outro lado, entre 28% e 44% dos homens e entre 30% e 42% das mulheres, nas três cidades, declararam que o álcool sempre faz mal à saúde, apesar de consumirem bebidas alcoólicas de vez em quando.

Observa-se que, quando se analisam as respostas sobre os efeitos do álcool na saúde segundo o consumo, uma maior proporção de entrevistados que nunca beberam respondeu que o álcool sempre é prejudicial à saúde, independentemente da quantidade ingerida. Em contraste, uma maior proporção de atuais consumidores de álcool disse que este só é prejudicial se consumido todos os dias. No Rio, 22% das mulheres que consomem álcool afirmaram que qualquer quantidade é prejudicial à saúde, em comparação com 50% das mulheres que nunca beberam. O mesmo padrão aparece para mulheres e homens nas duas outras cidades.

Além das questões referentes ao tabaco e ao álcool, os jovens foram questionados a respeito de suas experiências e atitudes quanto à maconha. A tabela 8.7 mostra as porcentagens de jovens que reportaram já haver experimentado esta droga. Os dados indicam, como era de se esperar, que a idade está relacionada à experiência com a maconha. Jovens de 20-24 anos tiveram mais tempo e oportunidade de ter esta experiência.

O sexo do jovem é, talvez, a variável mais importante associada ao uso da maconha. Nas três cidades, verifica-se que o dobro de homens, em relação às mulheres, reportou já ter experimentado a maconha. Para o total dos jovens, de 3% a 8% das mulheres disseram haver consumido essa droga alguma vez, comparados com 10% a 19% dos homens. De fato, quando consideramos o uso de cigarros, álcool e maconha pelos jovens entrevistados, evidencia-se uma diferença de consumo dessas drogas, de acordo com o sexo dos entrevistados (gráfico 33).

Gráfico 31
Uso atual do cigarro entre
jovens de 15-24 anos segundo a
classe econômica
PSRSJ, 1989/90

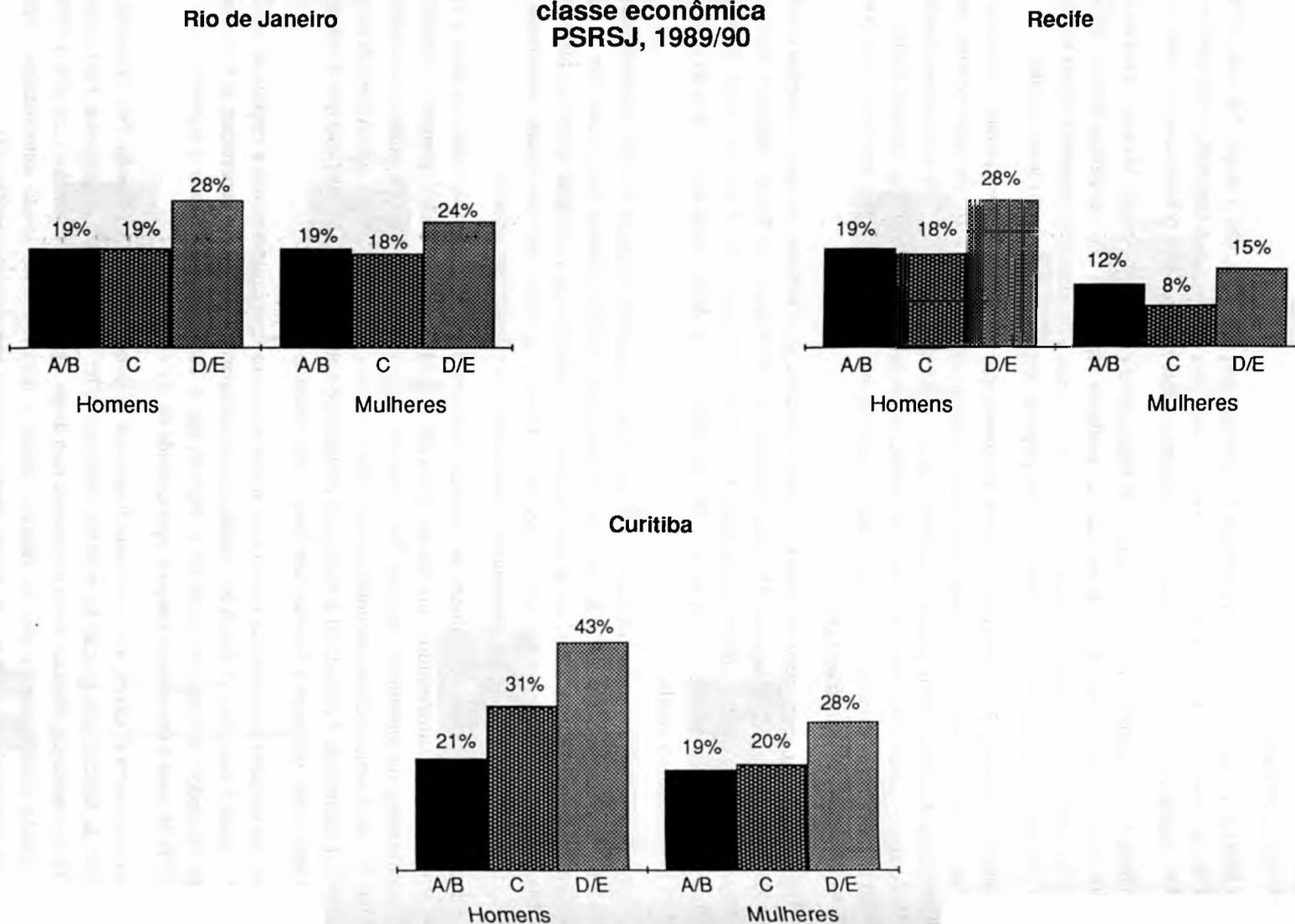


Gráfico 32
Consumo atual de bebida
alcoólica entre jovens de 15-24
anos segundo o grau de
instrução
PSRSJ, 1989/90

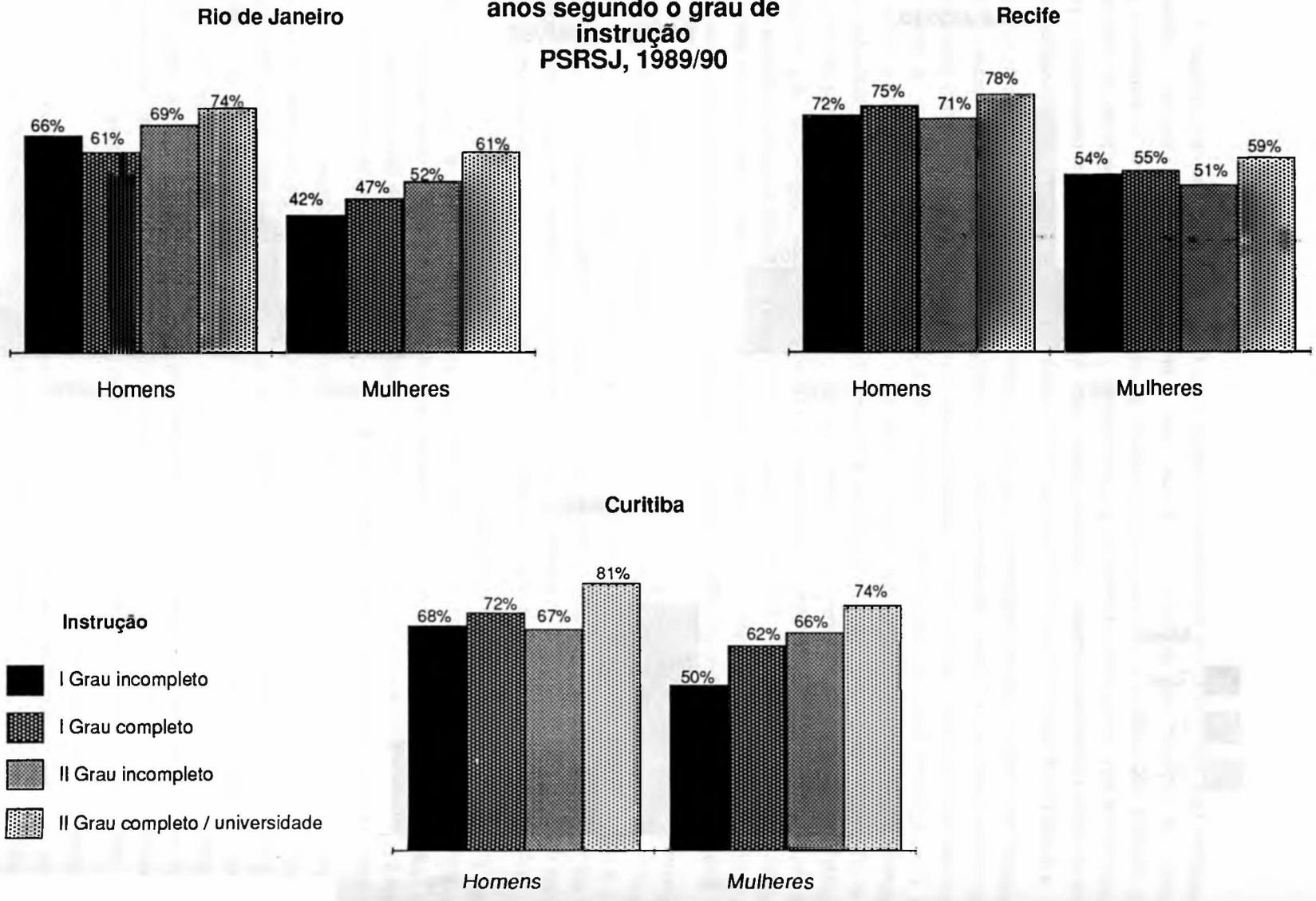
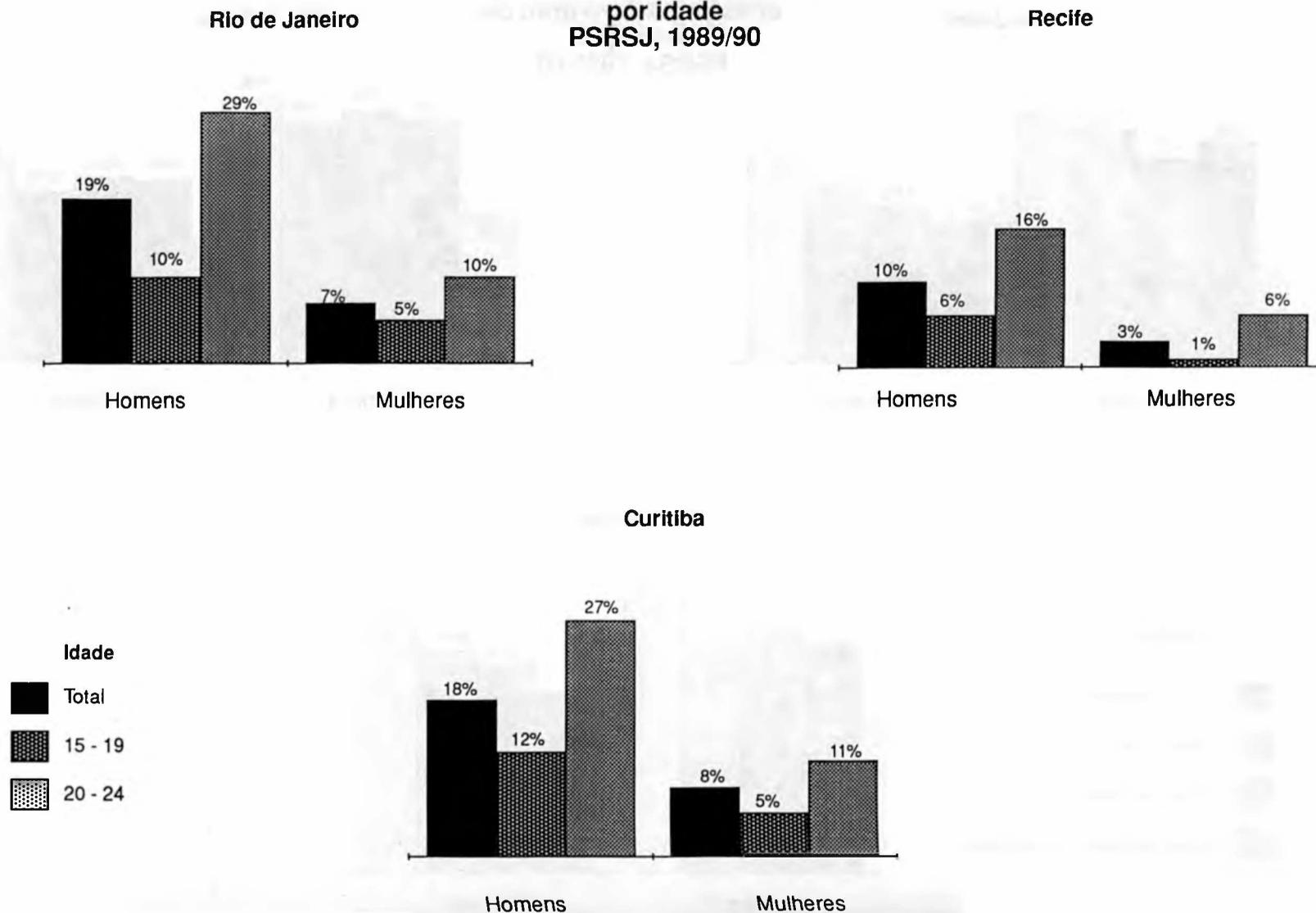


Gráfico 33
% jovens de 15-24 anos que já
experimentaram fumar maconha
por idade
PSRSJ, 1989/90



As variáveis instrução e classe sócio-econômica mostram alguma ligação com a possibilidade de já ter experimentado a maconha. Na maioria dos grupos, níveis mais altos de instrução e classe sócio-econômica têm maior relação com o uso dessa droga. Assim, 13% das mulheres no Rio, com II Grau Completo/Universidade, haviam experimentado a maconha, em comparação com apenas 5% daquelas com I Grau Incompleto. Entre os homens da classe A/B em Recife, 16% reportaram ter experimentado a maconha, ao passo que, na classe D/E, 10% declararam haver utilizado alguma vez esta droga.

A relação entre uso da maconha e saúde mostra uma diferença marcante de opiniões, entre aqueles que já experimentaram, aqueles que costumam usar e os que nunca o fizeram (tabela 8.8). No total, entre os que já usaram maconha, de 36% dos homens, no Rio, a 59% das mulheres, em Recife, disseram que esta faz mal à saúde. Entre os entrevistados que reportaram fumar regularmente a maconha, a proporção que referiu que ela pode causar danos à saúde foi mais baixa (de 10% no Rio a 18% em Recife). Em contraste, aproximadamente 80% dos jovens que nunca fumaram maconha acreditam ser ela prejudicial à saúde. É interessante notar a diferença das respostas sobre os efeitos do cigarro e do álcool na saúde com as respostas sobre os efeitos da maconha. Mesmo entre os jovens que nunca experimentaram nenhuma destas três drogas, a maconha é considerada a menos nociva.

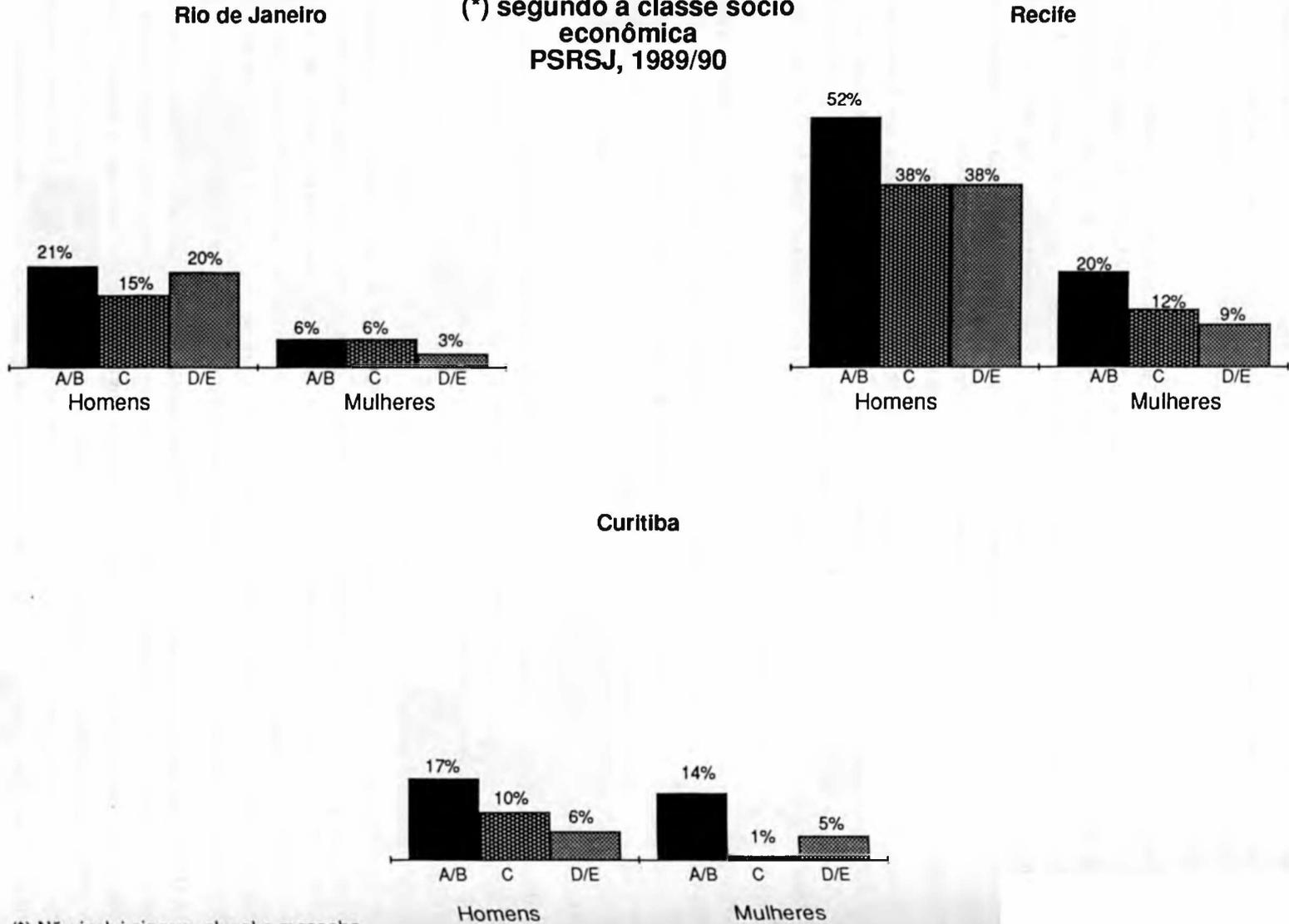
Entre 41% e 57% das mulheres entrevistadas e 38% e 47% dos homens, afirmaram que fumar maconha é crime (tabela 8.9). Para aqueles jovens que já experimentaram esta droga, a porcentagem que declarou ser crime se situa entre 19% e 25%, para os homens, e 26% e 34%, para as mulheres, nas três cidades. Para os jovens que nunca usaram a maconha, a porcentagem que declarou ser crime fumar esta droga foi maior: varia de 59%, entre as mulheres em Recife, a 42%, entre mulheres no Rio de Janeiro.

Perguntou-se também aos entrevistados se achavam que traficar maconha é crime. As respostas para esta questão indicam que os jovens de Recife e os homens do Rio têm atitudes distintas quanto ao tráfico desta droga, de acordo com sua experiência (tabela 8.10). Para os jovens em geral que nunca fumaram maconha, 87% ou mais disseram ser crime o tráfico. Já para aqueles que fizeram uso desta droga, a porcentagem variou de 76% a 91%. Homens do Rio e de Recife, usuários da maconha, foram os menos propensos a acharem que o tráfico é crime (51% e 43%, respectivamente).

Além das questões relativas ao cigarro, álcool e maconha, os jovens foram questionados a respeito da experiência com outros tipos de drogas (cocaína, heroína, cola, cheirinho da loló, LSD, xarope, etc), referidas aqui como drogas químicas. Quando se comparam as três cidades, uma maior proporção dos jovens em Recife reportou uso de alguma droga química, em relação às outras duas cidades (tabela 8.11). Entre os homens, 19% no Rio, 13% em Curitiba e 40% em Recife disseram já ter usado alguma destas drogas. Também uma maior porcentagem de mulheres em Recife (12%) que no Rio (5%) e em Curitiba (7%) declarou já ter experimentado alguma droga química. A proporção entre homens e mulheres que já experimentaram drogas no Rio e em Recife é de 3 para 1. Em Curitiba, esta relação é de quase 2 para 1. A diferença entre os sexos torna-se evidente nos diversos grupos etários, níveis de instrução e classe sócio-econômica. Em geral, verificou-se uma maior diferença entre os sexos nas categorias mais baixas de instrução e classe sócio-econômica. Em Recife, observou-se que a porcentagem de jovens que já experimentaram drogas químicas foi elevada para ambos os sexos, entre aqueles com maior instrução e classe sócio-econômica mais alta (gráfico 34).

A PSRSJ perguntou aos jovens que já haviam usado drogas químicas qual foi a droga específica experimentada. Apesar de não ser mostrado em tabela, o total dos dados indica que entre as drogas mais usadas estão o lança-perfume e o cheirinho da loló. Em Recife, por exemplo, 92% dos homens e 81% das mulheres que já haviam feito uso de alguma droga química mencionaram o cheirinho da loló, seguido do lança-perfume (38% para as mulheres e 30% para os homens). Em Curitiba, mais da metade dos jovens disse já ter experimentado lança-perfume, enquanto no Rio a porcentagem para esta droga foi a mesma para os homens e um pouco mais baixa para as mulheres.

Gráfico 34
% jovens de 15-24 anos que já
experimentaram outras drogas
(*) segundo a classe sócio
econômica
PSRSJ, 1989/90



(*) Não inclui cigarro, álcool e maconha

Em Curitiba e no Rio de Janeiro, o cheirinho da loló já foi usado por 30% e 39% das mulheres e por 45% e 47% dos homens, respectivamente. O consumo da cocaína é mais alto no Rio de Janeiro (56% dos homens e 30% das mulheres reportaram o uso alguma vez), seguido de Curitiba (19% e 15% respectivamente) e Recife (5% e 4% respectivamente). Cola de sapateiro foi citada por 29% dos homens de Curitiba. É importante dizer que tais percentagens referem-se aos jovens que já usaram drogas químicas. Assim, 56% dos homens que já usaram alguma vez a cocaína no Rio representam somente 10% de toda a amostra masculina entrevistada nesta cidade.

Com o objetivo de saber o tipo de droga química mais consumida, de acordo com as diferentes classes sócio-econômicas, examinou-se a porcentagem de jovens que já usaram alguma droga química, segundo a classe (não é apresentado em tabela). Esta análise indica que para o cheirinho da loló, o inalante mais freqüentemente usado, a porcentagem de jovens que já consumiu alguma vez foi maior entre os jovens com nível sócio-econômico mais alto. No Rio de Janeiro e em Curitiba, o mesmo padrão foi observado em relação ao lança-perfume. Em Curitiba, metade dos jovens da classe D/E que já experimentaram drogas químicas disse já ter usado a cola de sapateiro, em comparação com apenas 13% daqueles da classe A/B. O padrão de uso da cocaína no Rio foi mais concentrado na classe mais baixa (62% dos que já usaram alguma droga química ou 12% entre os jovens de 15-24 anos) do que entre jovens da classe A/B (37% entre os que já usaram alguma droga e 8% entre a população estudada).

O padrão de uso de determinadas drogas químicas pode estar ligado à oferta das mesmas, segundo as áreas geográficas. Os níveis de experiência com drogas apontam que os jovens, em Recife, apresentam uma maior tendência a experimentar drogas químicas, quando comparados com jovens das outras duas cidades. Entretanto, o nível de uso de cocaína no Rio de Janeiro e de drogas inalantes nas três cidades merece estudos mais aprofundados, visando estratégias de prevenção e educação entre a população de jovens nas áreas urbanas.

Ao se perguntar aos jovens se achavam crime usar ou traficar drogas químicas, as respostas foram similares às encontradas para a maconha (tabela 8.12). Uma porcentagem maior de jovens considera crime traficar drogas do que usá-las. Enquanto 87% dos homens no Rio, por exemplo, reportaram que traficar é crime, somente 45% disseram que usar drogas é crime. O grupo de jovens que já experimentaram drogas químicas é menos propenso a achar que o uso é crime em comparação com aqueles que nunca experimentaram. Entretanto, no que se refere ao tráfico, com exceção do Rio, as porcentagens de jovens que julgam esta atividade crime são parecidas entre os grupos que tiveram ou não experiência. De fato, para as mulheres, nas três cidades, existe pouca diferença nas respostas sobre esse assunto, entre o grupo que já experimentou e aquele que nunca experimentou drogas químicas.

Os resultados da tabela 8.13 indicam que quase todos os jovens que acreditam que usar drogas químicas é crime também acham que o tráfico é crime. Entre os que não consideram crime o uso de drogas químicas, uma grande porcentagem (entre 78% e 93%) também crê que o tráfico é crime.

Tabelas - Cap.8

Tabela 8.1 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que já fumaram cigarros segundo variáveis selecionadas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Total	40,6	848	39,9	831	58,3	950	45,1	913	39,7	1154	28,2	989
Idade												
15-19	30,4	447	33,3	462	47,9	524	38,2	476	31,8	674	23,2	578
20-24	51,9	401	48,2	369	71,1	426	52,6	437	50,8	480	35,3	411
Instrução												
I grau inc.	45,3	344	43,7	323	62,2	312	44,0	266	40,2	594	34,9	407
I grau compl.	31,4	118	38,5	135	56,0	166	42,7	150	41,4	145	18,6	129
II grau inc.	40,9	193	29,7	155	46,8	216	39,3	183	37,2	199	22,5	187
II grau compl./ Universidade	37,3	193	42,2	218	64,8	256	50,6	314	39,4	216	26,7	266
Classe Sócio-Econômica												
A/B	37,5	208	42,7	227	51,1	323	43,7	302	28,9	193	26,6	173
C	35,8	299	31,0	293	58,2	340	42,9	345	33,9	316	24,3	313
D/E	46,6	341	46,3	311	66,6	287	49,6	266	42,8	645	31,2	503

Tabela 8.2 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que fumam cigarros atualmente, segundo variáveis selecionadas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Total	22,5	848	20,6	831	31,2	950	22,0	913	23,9	1154	12,0	989
Idade												
15-19	15,0	447	12,1	462	21,8	524	16,4	476	17,7	674	7,3	578
20-24	30,9	401	31,2	369	42,7	426	28,2	437	32,7	480	18,7	411
Instrução												
I grau inc.	28,8	344	22,3	323	41,0	312	25,2	266	27,1	594	15,0	407
I grau compl.	12,7	118	22,9	135	31,9	166	20,7	150	26,2	145	7,8	129
II grau inc.	21,8	193	10,9	155	20,4	216	18,6	183	16,1	199	9,1	187
II grau compl./ Universidade	18,1	193	23,4	218	27,7	256	22,0	314	20,8	216	11,7	266
Classe Sócio-Econômica												
A/B	19,2	208	19,4	227	20,7	323	18,9	302	19,2	193	11,6	173
C	19,1	299	18,4	293	31,2	340	20,0	345	17,7	316	8,3	313
D/E	27,6	341	23,5	311	42,9	287	28,2	266	28,4	645	14,5	503

Tabela 8.3 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que acham que fumar cigarros faz mal à saúde, segundo a experiência com cigarros, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Experiência com Cigarros	Rio				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Fuma atualmente	96,9	(191)	98,8	(171)	96,0	(296)	97,0	(201)	98,5	(201)	97,5	(119)
Já fumou/ fumava	100,0	(153)	97,5	(161)	99,6	(554)	99,1	(211)	98,2	(276)	99,4	(279)
Nunca fumou	99,4	(504)	98,8	(499)	98,5	(396)	99,0	(501)	99,5	(182)	99,3	(710)
Total	98,9	(848)	98,6	(831)	98,0	(950)	98,6	(913)	99,1	(1154)	99,1	(989)

Tabela 8.4 - Distribuição percentual de jovens 15-24 anos de idade, segundo o consumo de bebidas alcoólicas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Nunca bebeu	Não bebe atualmente	VeZ em quando	Todo dia	Total	N
Homens						
Rio de Janeiro	13,4	20,3	64,4	1,9	100,0	848
Curitiba	6,7	21,5	69,9	1,9	100,0	950
Recife	10,8	15,9	71,7	1,6	100,0	1154
Mulheres						
Rio de Janeiro	19,9	30,5	48,7	0,8	100,0	831
Curitiba	11,5	25,2	62,9	0,4	100,0	913
Recife	22,6	22,8	54,6	0,1	100,0	989

Tabela 8.5 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que atualmente consomem bebidas alcoólicas, segundo variáveis selecionadas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Total	66,3	848	49,5	831	71,8	950	63,3	913	73,3	1154	54,7	989
Idade												
15-19	56,4	447	41,1	462	65,1	524	58,2	476	67,3	674	48,6	578
20-24	77,3	401	60,1	369	80,0	426	68,9	437	81,5	480	63,2	411
Instrução												
I grau inc.	66,1	344	41,8	323	67,9	312	50,0	266	71,9	594	53,6	407
I grau compl.	61,0	118	47,4	135	71,7	166	62,0	150	75,2	145	55,0	129
II grau inc.	69,4	193	51,6	155	67,3	216	66,2	183	70,9	199	50,9	187
II grau compl./ Universidade	73,5	193	61,0	218	81,3	256	73,6	314	77,8	216	59,4	266
Classe Sócio-Econômica												
A/B	67,3	208	55,5	227	71,5	323	70,9	302	78,3	193	63,0	173
C	65,2	299	49,2	293	75,3	340	61,5	345	70,3	316	52,4	313
D/E	66,6	341	45,6	311	68,0	287	57,2	266	73,2	645	53,3	503

Tabela 8.6 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que acham que consumir álcool faz mal à saúde, segundo a experiência com álcool, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Experiência com Álcool	Homens			Mulheres		
	Sempre faz mal	Só se beber todo dia	N	Sempre faz mal	Só se beber todo dia	N
Rio de Janeiro						
Consome atualmente	23,1	71,0	(562)	21,6	73,5	(412)
Já consumiu álcool	59,9	38,4	(172)	30,4	67,2	(253)
Nunca consumiu	62,0	36,3	(113)	50,0	47,0	(166)
Total	35,8	59,7	(848)	30,0	66,3	(831)
Curitiba						
Consome atualmente	37,2	60,3	(682)	28,0	69,2	(578)
Já consumiu álcool	58,3	39,2	(204)	51,7	46,1	(230)
Nunca consumiu	68,8	29,7	(64)	67,6	29,5	(105)
Total	43,9	53,7	(950)	38,6	58,8	(913)
Recife						
Consome atualmente	24,1	73,0	(845)	34,0	62,3	(541)
Já consumiu álcool	38,6	60,3	(184)	42,7	56,4	(225)
Nunca consumiu	40,8	56,8	(125)	62,8	35,4	(223)
Total	28,2	69,2	(1154)	42,5	54,9	(989)

Tabela 8.7 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que já experimentaram fumar maconha, segundo variáveis selecionadas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

	Rio				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Total	19,2	848	7,1	831	18,3	950	7,8	913	10,1	1154	3,3	989
Idade												
15-19	10,3	447	4,6	462	11,6	524	5,3	476	5,9	674	1,2	578
20-24	29,2	401	10,3	369	26,5	426	10,5	437	16,0	480	6,3	411
Instrução												
I grau inc.	20,1	344	4,6	323	15,9	312	5,3	266	8,4	594	2,0	407
I grau compl.	10,2	118	3,7	135	15,1	166	6,0	150	13,1	145	3,1	129
II grau inc.	19,2	193	6,5	155	14,4	216	7,7	183	7,5	199	3,2	187
II grau compl./ Universidade	23,3	193	13,3	218	25,8	256	11,5	314	15,3	216	5,6	266
Classe Sócio-Econômica												
A/B	21,2	208	10,1	227	20,7	323	10,3	302	16,0	193	6,9	173
C	13,7	299	7,5	293	16,5	340	7,3	345	7,6	316	2,2	313
D/E	22,9	341	4,5	311	17,8	287	5,6	266	9,6	645	2,8	503

Tabela 8.8 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que acham que fumar maconha faz mal à saúde, segundo a experiência com maconha, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Experiência com Maconha	Rio de Janeiro				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Costuma fumar	10,3	(39)	*	(9)	*	(13)	*	(12)	17,9	(28)	*	(4)
Já provou maconha	35,5	(124)	48,0	(50)	56,5	(161)	52,5	(59)	51,7	(89)	58,6	(29)
Nunca provou maconha	81,9	(684)	79,5	(772)	86,2	(776)	88,5	(842)	78,0	(1037)	89,6	(956)
Total	71,7	(848)	77,1	(831)	80,5	(950)	85,3	(913)	74,5	(1154)	88,4	(989)

(*) Menos de 25 casos.

Tabela 8.9 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que acham que é crime fumar maconha, segundo experiência com maconha, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife-PSRSJ, 1989/90.

Experiência com Maconha	Rio de Janeiro				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Costuma fumar	7,7	(39)	*	(9)	*	(13)	*	(12)	10,7	(28)	*	(4)
Já provou maconha	20,2	(124)	26,0	(50)	19,3	(161)	33,9	(59)	24,7	(89)	27,6	(29)
Nunca provou maconha	43,6	(684)	42,1	(772)	48,2	(776)	56,5	(842)	49,6	(1037)	58,5	(956)
Total	38,5	(847) ⁽¹⁾	40,9	(831)	42,9	(950)	54,4	(913)	46,7	(1154)	57,3	(989)

(*) Menos de 25 casos.

(1) Falta 1 caso.

Tabela 8.10 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que acham que é crime traficar maconha, segundo experiência com maconha, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife-PSRSJ, 1989/90.

Experiência com Maconha	Rio de Janeiro				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Costuma fumar	51,3	(39)	*	(9)	*	(13)	*	(12)	42,9	(28)	*	(4)
Já provou maconha	77,4	(124)	84,0	(50)	90,7	(161)	88,1	(59)	78,7	(89)	75,9	(29)
Nunca provou maconha	91,7	(684)	87,2	(772)	97,2	(776)	96,4	(842)	90,1	(1037)	91,0	(956)
Total	87,7	(847) ⁽¹⁾	87,1	(831)	95,8	(950)	95,4	(913)	88,0	(1154)	90,4	(989)

(*) Menos de 25 casos.

(1) Falta 1 caso

Tabela 8.11 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos que já experimentaram outras drogas(*), segundo variáveis selecionadas, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife -PSRSJ, 1989/90.

	Rio de Janeiro				Curitiba				Recife			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Total	18,5	848	4,8	831	13,0	950	7,2	913	40,3	1154	11,8	989
Idade												
15-19	12,9	447	3,5	462	10,1	524	5,0	476	35,2	674	8,3	578
20-24	24,7	401	6,5	369	16,4	426	9,6	437	47,5	480	16,8	411
Instrução												
I grau inc.	17,7	344	3,1	323	10,0	312	1,1	266	37,4	594	8,8	407
I grau compl.	19,2	118	5,9	135	6,0	166	5,3	150	34,7	145	10,1	129
II grau inc.	19,2	193	3,2	155	13,4	216	6,6	183	34,7	199	13,9	187
II grau compl./ Universidade	24,4	193	7,8	218	20,3	256	13,7	314	50,9	216	15,8	266
Classe Sócio-Econômica												
A/B	21,2	208	5,7	227	17,0	323	13,9	302	52,3	193	19,8	173
C	15,4	299	6,1	293	10,0	340	0,9	345	37,7	316	12,1	313
D/E	19,7	341	2,9	311	6,0	287	5,3	266	38,0	645	9,2	503

(*) Não inclui cigarro, álcool e maconha.

Tabela 8.12 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que acham que é crime usar e traficar drogas, segundo se já experimentaram, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Experiência com Drogas	Homens			Mulheres		
	Crime usar	Crime traficar	N	Crime usar	Crime traficar	N
Rio de Janeiro						
Sim	21,0	73,3	(157)	35,0	97,5	(40)
Não	50,5	90,9	(689)	56,1	89,3	(788)
Total ⁽¹⁾	44,9	87,4	(848)	55,0	89,7	(831)
Curitiba						
Sim	29,3	89,4	(123)	40,9	95,5	(66)
Não	58,4	96,1	(847)	67,4	94,8	(847)
Total	54,6	95,3	(950)	65,5	94,9	(913)
Recife						
Sim	52,5	87,1	(465)	50,4	92,3	(117)
Não	68,9	92,9	(688)	71,4	92,7	(872)
Total ⁽²⁾	62,3	90,6	(1154)	69,0	92,6	(989)

(*) Menos de 25 casos.

(1) Incluem 3 mulheres e 2 homens que não declararam se usaram drogas.

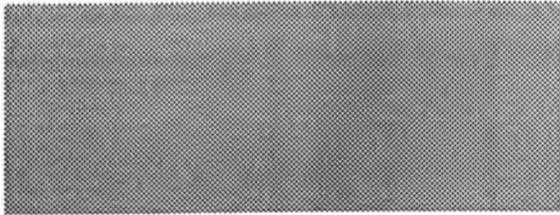
(2) Inclui 1 homem que não declarou se usou drogas.

Tabela 8.13 - Porcentagem de jovens de 15-24 anos de idade que acham que traficar drogas é crime, segundo se é crime ou não usar, por sexo. Rio de Janeiro, Curitiba e Recife - PSRSJ, 1989/90.

Usar drogas é crime	Homens		Mulheres	
	%	N	%	N
Rio de Janeiro				
Sim	98,4	(381)	97,6	(457)
Não	78,9	(455)	80,3	(356)
Não sabe	*	(12)	*	(18)
Total	87,7	(848)	89,7	(831)
Curitiba				
Sim	97,1	(519)	98,2	(598)
Não	93,2	(426)	90,0	(299)
Não sabe	*	(5)	*	(16)
Total	95,3	(950)	94,9	(913)
Recife				
Sim	98,1	(719)	99,1	(682)
Não	78,0	(419)	77,8	(297)
Não sabe	*	(16)	*	(10)
Total	90,6	(1154)	92,6	(989)

(*) Menos de 25 casos.

Município		2007		2008		2009		2010	
Sexo	Idade	Prevalência (%)							
Masculino	15-19	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2
	20-24	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2
Feminino	15-19	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2
	20-24	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2



Anexo





17516

FICHA DE DOMICÍLIO

SEXO: 1. Masc. 2. Fem.

NÚMERO DO QUESTIONÁRIO : ___/___/___/___/___

NÚMERO DO CONTROLE : ___/___/___/___/___/___

NÚMERO DO SETOR : ___/___/___/___

MUNICÍPIO : _____

ENDEREÇO: _____

R.A. (RIO) ---/---

VISITAS AO DOMICÍLIO	NÚMERO DA VISITA			VISITA FINAL
	1	2	3	NO. : _____
DATA (dia/mês)	___/___/___	___/___/___	___/___/___	___/___/___
HORA	___/___/___	___/___/___	___/___/___	___/___/___
ENTREVISTADOR	-----	-----	-----	-----
RESULTADO *	---	---	---	---

* CÓDIGOS DOS RESULTADOS:	NO DOS QUESTIONÁRIOS DOS JOVENS
1. Entrevista realizada	---/---/---/---/---/---
2. Não há jovem na casa	---/---/---/---/---/---
3. Moradores ausentes	---/---/---/---/---/---
4. Recusa total	---/---/---/---/---/---
5. Domicílio desocupado	---/---/---/---/---/---
8. Outro _____	

SUPERVISÃO

COORDENAÇÃO

DIGITAÇÃO

Nome: _____

Data (dia/mês): ___/___/___/___

___/___/___/___

___/___/___/___

**Sua casa foi sorteada para uma pesquisa que tem
por finalidades melhorar os serviços de saúde para jovens**

1. Quantas pessoas moram nesta casa ? Número de pessoas ___/___

2. Quantos homens(mulheres) tem de 10 a 24 anos ? _____

2. NOMES DAS PESSOAS DE 10 A 24 ANOS DO MESMO SEXO DO(A) ENTREVISTADO(A)	IDADE	ESTADO CIVIL	INSTRUÇÃO	OCUPAÇÃO
1. _____	_____	_____	_____	_____
2. _____	_____	_____	_____	_____
3. _____	_____	_____	_____	_____
4. _____	_____	_____	_____	_____
5. _____	_____	_____	_____	_____
6. _____	_____	_____	_____	_____
7. _____	_____	_____	_____	_____
8. _____	_____	_____	_____	_____
9. _____	_____	_____	_____	_____

CÓDIGOS:

ESTADO CIVIL:

- 1. Casada
- 2. União Consensual
- 3. Separada/Divorciada
- 4. Viúva
- 5. Solteira
- 9. Não sabe

INSTRUÇÃO:

- 0. Nenhum
- 1. 1o Grau
- 2. 2o Grau
- 3. Universidade
- 9. Não sabe

OCUPAÇÃO:

- 1. Estuda
- 2. Estuda e trabalha
- 3. Só trabalha
- 4. Não estuda nem trabalha
- 9. Não sabe

3. Quantos Jovens tem entre 15 e 24 anos ? No.DE JOVENS _____

SE NÃO TEM JOVENS ENTRE 15-24 ANOS
ENCERRE A ENTREVISTA

OBSERVAÇÕES:

Coordenação Técnica
Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil
Av. Chile, 230/17º andar
30.031 — Centro — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 210-2448

Apoio
Divisão Nacional de Saúde Materno-Infantil — DINSAMI
Ministério da Saúde
Organização Pan-Americana de Saúde — OPAS
Fundo das Nações Unidas para Assuntos de População — FNUAP
The Pathfinder Fund

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL

SEXO: 1. Masc. 2. Fem.

NÚMERO DO QUESTIONÁRIO : ___/___/___/___/___

NÚMERO DA LINHA DO JOVEM : _____ NOME : _____

NÚMERO DO CONTROLE : ___/___/___/___/___/___

NÚMERO DO SETOR : ___/___/___/___

VISITAS AO ENTREVISTADO	NÚMERO DA VISITA			VISITA FINAL
	1	2	3	NO. DA VISITA: _____
DATA (dia/mês)	___/___/___	___/___/___	___/___/___	___/___/___
DURAÇÃO ENTREVISTA (MIN)	___/___	___/___	___/___	___/___
ENTREVISTADOR	_____	_____	_____	_____
RESULTADO *	_____	_____	_____	_____

* CÓDIGOS DOS RESULTADOS:

- | | |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 1. Entrevista realizada | 4. Recusa durante a entrevista |
| 2. Ausência do jovem no momento | 5. Informante incapaz |
| 3. Recusa total | 8. Outro _____ |

SUPERVISÃO

COORDENAÇÃO

DIGITAÇÃO

Nome : _____

Data (dia/mês): ___/___/___

8. Você assiste televisão regularmente ? 1 SIM
2 NÃO
-
10. Qual é o seu estado civil ? 1 Casado(a) ----- } 12
 Você vive com um companheiro (a), é 2 União consensual-- }
 casado (a), viúvo (a), separado (a), 3 Sep./Divorciado(a)-- } 13
 divorciado (a) ou solteiro (a) ? 4 Viúvo(a)----- }
 5 Solteiro(a) → 11
-
11. Você já viveu maritalmente com 1 SIM → 13
 alguém ? 2 NÃO → 14
-
12. Quantos anos completos tem seu (sua) ___/___ ANOS
 marido (mulher) ou companheiro (a) ? 99 NÃO SABE
-
13. Mês e ano do primeiro casamento ou ___/___
 união ? MÊS ANO
-
14. Há quanto tempo você vive nesta ___/___ ANOS
 cidade ? 77 SEMPRE → 16
 99 NÃO SABE
-
15. Antes de viver nesta cidade você 1 ZONA RURAL
 morou em zona rural, vila ou 2 VILA (sede distrital)
 cidade ? 3 CIDADE (sede municipal)
 4 CAPITAL
 9 NÃO LEMBRA/NÃO SABE
-
16. O que você faz atualmente ? 1 Só ESTUDA → 20
 2 ESTUDA E TRABALHA
 3 Só TRABALHA
 4 NÃO ESTUDA NEM TRABALHA → 19
 8 OUTRO -----
-
17. Tem carteira assinada ? 1 SIM
 2 NÃO

18. Quanto você ganhou no mês passado ?
- | | | |
|----------------------------------|---|----|
| 1 MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO | } | 20 |
| 2 UM SALÁRIO MÍNIMO | | |
| 3 MAIS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO A 2 | | |
| 4 MAIS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS A 5 | | |
| 5 MAIS DE 5 SALÁRIOS MÍNIMOS | | |
| 8 OUTRO _____ | | |
| 9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU | | |

19. Porque você não estuda nem trabalha ?
- | |
|---|
| 1 INCAPACIDADE FÍSICA |
| 2 ESTÁ DESEMPREGADO |
| 3 NÃO QUER MAIS ESTUDAR E NÃO PREGISA TRABALHAR |
| 4 TEM QUE AJUDAR EM CASA |
| 5 ESTÁ GRÁVIDA E SAIU DA ESCOLA |
| 6 NÃO TEM COM QUEM DEIXAR O FILHO |
| 7 DONA DE CASA |
| 8 NÃO QUER/NÃO GOSTA |
| 9 SERVIÇO MILITAR |
| 88 OUTRO _____ |
| 99 NÃO RESPONDEU |

20. Qual a sua religião ?
- | |
|---------------------------|
| 1 CATÓLICA ROMANA |
| 2 PROTESTANTE TRADICIONAL |
| 3 CRENTE (EVANGÉLICO) |
| 4 ESPÍRITA (KARDECISTA) |
| 5 UMBANDA, MACUMBA, ETC |
| 6 RELIGIÕES ORIENTAIS |
| 7 JUDÁICA OU ISRAELITA |
| 8 OUTRA _____ |
| 9 SEM RELIGIÃO → 22 |

21. Com que frequência você comparece às cerimônias de sua religião ?
- | |
|---------------------------------|
| 1 PELO MENOS UMA VEZ POR SEMANA |
| 2 DUAS VEZES POR MÊS |
| 3 UMA VEZ POR MÊS |
| 4 MENOS DE UMA VEZ POR MÊS |
| 5 NÃO FREQUENTA |
| 6 RARAMENTE |
| 9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU |

22. Você ficou doente ou teve algum problema de saúde nos últimos 30 dias ?
- | | | |
|--------------|---|----|
| 1 SIM → 23 | } | 26 |
| 2 NÃO ----- | | |
| 3 NÃO LEMBRA | | |

23. Procurou algum atendimento médico ?
- | |
|------------|
| 1 SIM → 25 |
| 2 NÃO |

24. Como se tratou ?

- 1 NÃO FEZ NADA
- 2 COM REMÉDIOS CASEIROS
- 3 SE AUTO MEDICOU COMPRANDO
REMÉDIOS NA FARMÁCIA
- 4 O FARMACÊUTICO INDICOU
- 5 REZADEIRA
- 8 OUTRO _____

} 26

25. Que tipo de serviço médico
procurou ?

- 1 MÉDICO PARTICULAR
- 2 ACUMPUNTURA/HOMEOPATIA,ETC
- 3 HOSPITAL/MÉDICO/PARTICULAR
- 4 MÉDICO DO SEGURO DE SAÚDE
- 5 CENTRO/POSTO DE SAÚDE
- 6 HOSPITAL ESTADUAL/MUNICIPAL
- 7 INAMPS/CONVENIADO
- 8 OUTRO _____

26. Você tem em sua casa:

Televisor ? Sim - Quantos ?	TELEVISOR	0	1	2	3	4	5	6	+
Rádio ? Sim - Quantos ?	RÁDIO	0	1	2	3	4	5	6	+
Banheiro ? Sim - Quantos ?	BANHEIRO	0	1	2	3	4	5	6	+
Automóvel ? Sim - Quantos ?	AUTO	0	1	2	3	4	5	6	+
Empregada mensalista ? Sim - Quantas ?	EMPREGADA	0	1	2	3	4	5	6	+
Aspirador de Pó ?	ASPIRADOR	0	1						
Máquina de lavar roupas ?	MÁQUINA	0	1						

27. Quantas pessoas moram nesta
casa sem contar com você ?

NÚMERO DE PESSOAS ---/---
77 NENHUMA → 31

28. Quem são as outras pessoas
que moram nesta casa ?

ANOTE O NÚMERO

- a. _____ ESPOSO/COMPANHEIRO(A)
- b. _____ PAI
- c. _____ PADRASTO
- d. _____ MÃE
- e. _____ MADRASTA
- f. _____ IRMÃO(S)
- g. _____ IRMÃ(S)
- h. _____ SOGRO
- i. _____ SOGRA
- j. _____ FILHO(S)
- k. _____ FILHA(S)
- l. _____ AVÓS
- m. _____ OUTROS

28a. CONFIRA COM PERGUNTA 27 E ANOTE:

TOTAL ---/---

29. Quem é o chefe da casa ?

- 1 O PRÓPRIO ENTREVISTADO(A) → 31
- 2 PAI → 31
- 3 MÃE
- 4 ESPOSO(A)
- 8 OUTRA
- 9 NÃO SABE → 31

30. Qual a instrução dessa pessoa ?

- 00 NUNCA FOI A ESCOLA
- 1 PRIMEIRO GRAU 1 2 3 4 5 6 7 8 9
- 2 SEGUNDO GRAU 1 2 3 9
- 3 UNIVERSIDADE 1 2 3 4 5 6
- 44 PÓS GRADUAÇÃO
- 99 NÃO LEMBRA/NÃO SABE

AGORA VAMOS FALAR UM POUCO DE SEUS PAIS:

31. Qual foi o último grau que seu pai cursou na escola ?

- 00 NUNCA FOI A ESCOLA
- 1 PRIMEIRO GRAU 1 2 3 4 5 6 7 8 9
- 2 SEGUNDO GRAU 1 2 3 9
- 3 UNIVERSIDADE 1 2 3 4 5 6
- 44 PÓS GRADUAÇÃO
- 99 NÃO LEMBRA/NÃO SABE

32. Seu pai está vivo ?

- 1 SIM → 33
- 2 NÃO → 34
- 3 NÃO SABE → 35

33. Ele trabalha ?

- 1 SIM
 - 2 NÃO/APOSENTADO
 - 3 NÃO/DESEMPREGADO
 - 4 NÃO/LICENÇA
 - 9 NÃO SABE
- } 35

34. Quantos anos você tinha quando ele morreu ?

- No. ANOS --/--
- 99 NÃO LEMBRA

35. Qual foi o último grau que sua mãe cursou na escola ?

00 NUNCA FOI A ESCOLA
1 PRIMEIRO GRAU 1 2 3 4 5 6 7 8 9
2 SEGUNDO GRAU 1 2 3 9
3 UNIVERSIDADE 1 2 3 4 5 6 9
44 PÓS GRADUAÇÃO
99 NÃO LEMBRA/NÃO SABE

36. Sua mãe está viva ?

1 SIM → 37
2 NÃO → 38
3 NÃO SABE → 39

37. Sua mãe trabalha fora de casa ?

1 SIM
2 NÃO/DONA DE CASA
3 NÃO/APOSENTADA
4 NÃO/DESEMPREGADA
5 NÃO/LICENÇA
9 NÃO SABE } 39

38. Quantos anos você tinha quando ela morreu ?

No. ANOS --/--
99 NÃO LEMBRA

39. Como você avalia a sua relação com seus pais?

(LEIA CADA ALTERNATIVA)	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	NÃO SABE
a. SEU PAI SE IMPORTA COM VOCÊ	1	2	8	9
b. SUA MÃE SE IMPORTA COM VOCÊ	1	2	8	9
c. VOCÊ TEM LIBERDADE QUE GOSTARIA EM CASA	1	2	8	9
d. VOCÊ BRIGA FREQUENTEMENTE COM SEU PAI	1	2	8	9
e. VOCÊ BRIGA FREQUENTEMENTE COM SUA MÃE	1	2	8	9
f. SEU PAI É MUITO EXIGENTE	1	2	8	9
g. SUA MÃE É MUITO EXIGENTE	1	2	8	9
h. VOCÊ JÁ CONVERSOU COM SEU PAI SOBRE SEXO	1	2	8	9
i. VOCÊ JÁ CONVERSOU COM SUA MÃE SOBRE SEXO	1	2	8	9

B. EDUCAÇÃO SEXUAL

AGORA GOSTARIA DE CONVERSAR UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

101. Quem lhe deu a primeira informação sobre sexo ?
- 1 PAI E MÃE
 - 2 PAI
 - 3 MÃE
 - 4 PROFESSOR(A)/ORIENTADOR(A)
 - 5 AMIGO(S)
 - 6 PARCEIRO(A)
 - 7 IRMÃO(A)/PARENTE
 - 8 MÉDICO(A)
 - 9 PADRE/FREIRA/RELIGIOSO(A)
 - 10 LIVROS/REVISTAS/OUTROS IMPRESSOS
 - 11 TV/RÁDIO
 - 77 NUNCA RECEBEU INFORMAÇÃO → 103
 - 88 OUTRO _____
 - 99 NÃO LEMBRA

102. Que idade você tinha na época ?
- IDADE --/--
 - 99 NÃO LEMBRA

103. Você já teve alguma aula, curso ou palestra sobre educação sexual na escola ?
- 1 SIM → 104
 - 2 NÃO -----
 - 3 NUNCA FOI A ESCOLA | 107
 - 9 NÃO LEMBRA -----

104. Em que série escolar você teve a primeira aula, curso ou palestra ?
- 1 PRIMEIRO GRAU 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 - 2 SEGUNDO GRAU 1 2 3 9
 - 3 UNIVERSIDADE 1 2 3 4 5 6 9

105. Quem deu essa aula, curso ou palestra ?
- 1 PROFESSORA(A)
 - 2 MÉDICO(A))
 - 3 ORIENTADOR(A) OU PSICÓLOGO(A)
 - 4 ASSISTENTE SOCIAL
 - 5 ENFERMEIRO(A)
 - 8 OUTRO _____
 - 9 NÃO LEMBRA

106. Nessa aula, curso ou palestra, ou qualquer aula subsequente, foi comentada alguma coisa sobre: (LEIA AS ALTERNATIVAS)

	SIM	NÃO	NÃO LEMBRA
a. DESENVOLVIMENTO DO CORPO HUMANO NA PUBERDADE ? (TRANSFORMAÇÕES HORMONAIS, CICLO MENSTRUAL, MODIFICAÇÕES EXTERNAS DO CORPO, ETC.)	1	2	9
b. FISILOGIA DA REPRODUÇÃO ? (COMO ACONTECE UMA GRAVIDEZ)	1	2	9
c. ANTICONCEPCIONAIS COMO A PÍLULA, O DIU A CAMISINHA, ETC ?	1	2	9
d. DOENÇAS VENÉREAS/TRANSMITIDAS ATRAVÉS DO CONTATO SEXUAL ?	1	2	9
e. MASTURBAÇÃO ?	1	2	9
f. HOMOSSEXUALIDADE ?	1	2	9
g. PROSTITUIÇÃO ?	1	2	9

107. Você acha que deveria ser dado um curso sobre educação sexual na escola ?

1 SIM → 109
2 NÃO → 108
9 NÃO SABE → 110

108. Por que não ?

1 PORQUE TODO MUNDO JÁ ESTÁ INFORMADO SOBRE SEXO
2 ESCOLA É SÓ PARA ENSINAR COISAS DE ESCOLA
3 PORQUE IRIAM APRENDER MAIS CEDO
4 DEVE PARTIR DOS PAIS
5 INCENTIVO À PROSTITUIÇÃO
6 É CONSTRANGEDOR
7 É ASSUNTO DA RELIGIÃO
8 OUTRO _____
9 NÃO SABE

} 110

109. Em que série escolar você acha que deveria se iniciar um curso sobre Educação Sexual ?

1	PRIMEIRO GRAU	1	2	3	4	5	6	7	8	9
2	SEGUNDO GRAU	1	2	3						9
3	UNIVERSIDADE	1	2	3	4	5	6			9
99	NÃO SABE									

110. Você já participou de algum curso ou assistiu alguma palestra sobre Educação Sexual fora da escola ?

1	SIM	→	111
2	NÃO	-----	
9	NÃO LEMBRA		115

111. Onde ?

1	POSTOS DE SAÚDE/CLÍNICAS/HOSPITAIS
2	CENTRO SOCIAL
3	IGREJA
4	ASSOCIAÇÃO DE MORADORES
5	CLUBE/GRUPOS DE JOVENS
6	RUA
8	OUTRO -----
9	NÃO LEMBRA

112. Que idade você tinha na época em que participou da primeira palestra fora da escola ?

---	/	---	ANOS
99			NÃO LEMBRA

113. Quem deu esse curso, ou palestra ?

1	PROFESSOR
2	MÉDICO
3	ORIENTADOR EDUCACIONAL / PSICÓLOGO ASSISTENTE SOCIAL/SEXÓLOGO
4	ENFERMEIRO(A)
8	OUTRO -----
9	NÃO LEMBRA

114. Nesse curso, encontro ou palestra, foi comentada alguma coisa sobre (LEIA AS ALTERNATIVAS):

	SIM	NÃO	NÃO LEMBRA
a. DESENVOLVIMENTO DO CORPO HUMANO NA PUBERDADE ? (TRANSFORMAÇÕES HORMONAIS, CICLO MENSTRUAL, MODIFICAÇÕES EXTERNAS DO CORPO, ETC.)	1	2	9
b. FISILOGIA DA REPRODUÇÃO ? (COMO ACONTECE UMA GRAVIDEZ)	1	2	9
c. ANTICONCEPCIONAIS COMO A PÍLULA, O DIU A CAMISINHA ?	1	2	9
d. DOENÇAS VENÉREAS/TRANSMITIDAS ATRAVÉS DO CONTATO SEXUAL ?	1	2	9
e. MASTURBAÇÃO ?	1	2	9
f. HOMOSSEXUALIDADE ?	1	2	9
g. PROSTITUIÇÃO ?	1	2	9

115. Qual o período mais provável para uma mulher engravidar ?

(MOSTRE O CARTÃO OU LEIA AS ALTERNATIVAS)

- 1 UMA SEMANA ANTES DO PRIMEIRO DIA DA MENSTRUACÃO
- 2 DURANTE A MENSTRUACÃO
- 3 UMA SEMANA DEPOIS DO INÍCIO DA MENSTRUACÃO
- 4 DUAS SEMANAS DEPOIS DO INÍCIO DA MENSTRUACÃO
- 5 TRÊS SEMANAS DEPOIS DO INÍCIO DA MENSTRUACÃO
- 6 NÃO FAZ DIFERENÇA, QUALQUER ÉPOCA É POSSÍVEL
- 8 OUTRO _____
- 9 NÃO SABE

**AGORA VAMOS FALAR DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (VENÉREAS)
ISTO É, QUE SÃO TRANSMITIDAS ATRAVÉS DAS RELAÇÕES SEXUAIS**

(LEIA AS ALTERNATIVAS)

116. Conhece ou ouviu falar de ?

	CONHECE	NÃO CONHECE
a. SÍFILIS	1	2
b. GONORRÉIA	1	2
c. AIDS	1	2
d. HERPES	1	2
e. CONDILOMA (VERRUGAS GENITAIS)	1	2
f. CANGRO MOLE (CAVALO)	1	2
g. LINFOGRANULOMA	1	2
h. TRICONOMÍASE	1	2
i. CANDIDÍASE (MONÍLIA)	1	2

117. Já teve algumas dessas doenças que conhece ?

	SIM	NÃO	NÃO SABE
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9
	1	2	9

C. CONHECIMENTOS SOBRE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS

AGORA GOSTARIA DE CONVERSAR SOBRE OS MEIOS OU MÉTODOS
PARA EVITAR UMA GRAVIDEZ

201. Conhece ou ouviu falar de ?
(LEIA OS MÉTODOS)

- | | |
|---|----------------|
| 1. PÍLULAS ANTICONCEPCIONAIS | 1 SIM
2 NÃO |
| 2. DIU (DISPOSITIVO INTRA-UTERINO) | 1 SIM
2 NÃO |
| 3. ESTERILIZAÇÃO FEMININA
(AMARRAÇÃO DE TROMPAS/LAQUEADURA) | 1 SIM
2 NÃO |
| 4. VASECTOMIA (OPERAÇÃO PARA O HOMEM
NÃO TER MAIS FILHOS/ESTERILIZAÇÃO
MASCULINA) | 1 SIM
2 NÃO |
| 5. CONDON (CAMISINHA, PRESERVATIVO
OU CAMISA DE VÊNUS) | 1 SIM
2 NÃO |
| 6. INJEÇÕES MENSAS (HORMONAIS) | 1 SIM
2 NÃO |
| 7. ESPUMA, GELÉIA, ÓVULOS (TABLETES
OU SUPOSITÓRIOS VAGINAIS) | 1 SIM
2 NÃO |
| 8. DIAFRÁGMA | 1 SIM
2 NÃO |
| 9. MÉTODO DE OVULAÇÃO/BILLINGS
(MUCO CERVICAL) | 1 SIM
2 NÃO |
| 10. TABELA, RITMO OU CALENDÁRIO
(EVITAR RELAÇÕES SEXUAIS EM
CERTOS DIAS DO MÊS) | 1 SIM
2 NÃO |
| 11. COITO INTERROMPIDO (TIRAR FORA,
GOZAR FORA, RETIRAR NA HORA) | 1 SIM
2 NÃO |
| 12. OUTROS MÉTODOS | 1 SIM
2 NÃO |

		SIM	NÃO
202. Na sua opinião, para jovens de sua idade que tem relações sexuais, qual seria o método mais apropriado para evitar uma gravidez não-desejada ?	1 PÍLULAS	1	R R R R R R R R R R R
	2 DIU	1	
	3 ESTERILIZAÇÃO FEMININA	1	
	4 ESTERILIZAÇÃO MASCULINA	1	
	5 CONDOM	1	
	6 INJEÇÕES MENSAS	1	
	7 ESPUMA, GELÉIA, ÓVULOS	1	
	8 DIAFRAGMA	1	
	9 BILLINGS	1	
	10 TABELA	1	
	11 COITO INTERROMPIDO	1	

203. Na sua opinião, quem deve tomar a iniciativa de usar algum método anticoncepcional: o homem, a mulher ou os dois ?	1 O HOMEM	
	2 A MULHER	
	3 OS DOIS JUNTOS	
	4 QUALQUER UM DOS DOIS	
	5 DEPENDE DAS CIRCUNSTÂNCIAS	
	7 NENHUM DOS DOIS	
	9 NÃO SABE	

204. E quem deve usar: o homem, a mulher ou os dois ?	1 O HOMEM	
	2 A MULHER	
	3 OS DOIS JUNTOS	
	4 QUALQUER UM DOS DOIS	
	5 DEPENDE DAS CIRCUNSTÂNCIAS	
	7 NENHUM DOS DOIS	
	9 NÃO SABE	

D. EXPERIÊNCIA SEXUAL E USO DE ANTICONCEPCIONAIS

AGORA GOSTARIA DE LHE FAZER ALGUMAS PERGUNTAS MAIS PESSOAIS,
MAIS ÍNTIMAS E QUE SÃO MUITO IMPORTANTES PARA ESTE ESTUDO.

301. Em que mês e ano teve a sua primeira relação sexual completa ?

MÊS ---/--- ANO ---/---
2222 NUNCA TEVE RELAÇÕES SEXUAIS
9898 NÃO LEMBRA
9999 NÃO RESPONDEU

302. E com que idade você teve alguma experiência que despertou sua sexualidade ?

IDADE ---/--- → 303
77 NÃO TEVE ----- }
99 NÃO LEMBRA/NÃO RESPONDEU } 304

303. Com quem foi essa experiência ?

1 COMPANHEIRO(A), ESPOSO(A)
2 NOIVO(A)
3 NAMORADO(A)
4 AMIGO
5 AMIGA
6 PRIMO
7 PRIMA
8 PAI/PADASTRO
9 EMPREGADO(A) DA CASA
10 PROSTITUTA
11 ESTRANHO(A)
88 OUTRA -----
99 NÃO RESPONDEU

304. VERIFIQUE 301.

1. JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS → 306
2. NUNCA TEVE RELAÇÕES SEXUAIS → 305

305. ANOTE:

1. HOMEM → 801
2. MULHER → 401

306. Que idade tinha quando teve sua primeira relação sexual completa ?

IDADE ---/---
98 NÃO LEMBRA
99 NÃO RESPONDEU

307. Que idade tinha a pessoa com quem
você teve esta relação sexual ?

IDADE ---/---

98 NÃO LEMBRA/NÃO SABE

99 NÃO RESPONDEU

308. Qual era o seu relacionamento
com essa pessoa na época ?

1 COMPANHEIRO(A), ESPOSO(A)

2 NOIVO(A)

3 NAMORADO(A)

4 AMIGO

5 AMIGA

6 PRIMO

7 PRIMA

8 PAI/PADRASTO

9 EMPREGADO(A) DA CASA

10 PROSTITUTA

11 ESTRANHO(A)

88 OUTRA -----

99 NÃO RESPONDEU

309. Você estava querendo ter
relações sexuais naquele
momento ?

1 SIM (ESPONTÂNEA)

2 NÃO NAQUELE MOMENTO (PRESSÃO)

3 NÃO (ESTUPRO) → 315

8 OUTRO -----

9 NÃO RESPONDEU

310. Você gostou de sua primeira
relação sexual ?

1 SIM

2 NÃO

3 MAIS OU MENOS

8 OUTRA -----

9 NÃO RESPONDEU

		SIM	NÃO	NÃO SABE
311. O que você sentiu na sua primeira relação sexual ? (LEIA AS ALTERNATIVAS)	a REALIZAÇÃO	1	2	9
	b PRAZER	1	2	9
	c DOR	1	2	9
	d CULPA	1	2	9
	e AMOR	1	2	9
	f MEDO	1	2	9
	g VERGONHA	1	2	9

312. Em que lugar você teve relações sexuais naquele momento ?

- 1 PRÓPRIA CASA
- 2 CASA DO PARCEIRO(A)
- 3 CASA DE AMIGO(A)
- 4 HOTEL/MOTEL
- 5 PROSTÍBULO
- 6 RUA
- 7 ESCOLA
- 8 DISCOTECA/BAR
- 9 CARRO
- 10 PRAIA
- 11 MATO/CAMPO
- 88 OUTRO -----
- 99 NÃO LEMBRA

313. Vocês usaram algum método para evitar filhos durante esta primeira relação sexual ?

- 1 SIM → 316
- 2 NÃO → 314
- 8 NÃO LEMBRA --
- 9 NÃO SABE ---- } 315

314. Porque não usaram um método para evitar filhos nessa primeira relação ?

- 1 NÃO ESPERAVA TER RELAÇÕES NAQUELE MOMENTO
- 2 NÃO CONHECIA NENHUM MÉTODO
- 3 AGREDITA QUE ANTICONCEPCIONAIS FAZEM MAL À SAÚDE
- 4 QUERIA TER FILHO
- 5 A RELAÇÃO NÃO É SATISFATÓRIA QUANDO SE USA ANTICONCEPCIONAIS
- 6 QUERIA USAR, MAS NÃO ARRANJOU NAQUELE MOMENTO
- 7 NÃO SE PREOCUPOU COM ISSO
- 8 PENSAVA QUE NÃO PODIA ENGRAVIDAR
- 9 NÃO TINHA DINHEIRO
- 10 FOI UMA RELAÇÃO HOMOSSEXUAL
- 88 OUTRO -----
- 99 NÃO SABE/NÃO LEMBRA

315. Lembra em que mês e ano você ou o(a) parceiro(a) usaram anticoncepcional pela primeira vez ?

- MÊS ---/--- ANO ---/---
- 9898 NÃO LEMBRA
- 9999 NÃO RESPONDEU --- } 321
- 2222 NUNCA USOU -----

316. Qual foi o primeiro método que você usou ?

1 PÍLULA
2 DIU
5 CONDON (CAMISINHA)
6 INJEÇÕES MENSAS
7 ESPUMAS, GELÉIAS, ÓVULOS VAGINAIS
8 DIAFRAGMA
9 BILLINGS (MUCO VAGINAL)
10 TABELA
11 COITO INTERROMPIDO
88 OUTRO _____
99 NÃO SABE/NÃO LEMBRA

317. Quem se preocupou ou tomou a iniciativa de usar um método ?

1 SÓ O ENTREVISTADO(A)
2 PARCEIRO(A)
3 OS DOIS
9 NÃO LEMBRA

318. Quem orientou o uso desse método ?
(Como ficou sabendo desse método)

1 COMPANHEIRO(A)/MARIDO(MULHER)
NAMORADO(A)
2 MÉDICO
3 ENFERMEIRO/ATENDENTE
4 FARMACEUTICO
5 PAIS/PARENTE
6 AMIGO(A)
7 PROFESSOR(A)
8 CURSO DE NOIVOS
9 LIVROS/REVISTAS
10 ELE(A) MESMO(A)
88 OUTRO _____
99 NÃO SABE/NÃO LEMBRA

319. VERIFIQUE QUESTÃO 316:

1 USOU MÉTODOS NATURAIS (TABELA, BILLINGS) OU COITO INTERROMPIDO → 321
2 USOU OUTRO MÉTODO ---> 320

320. Onde você/parceiro(a)
(a) obteve esse primeiro
método ?

1 FARMÁCIA
2 CENTRO/POSTO DE SAÚDE
3 CENTRO DE PLANEJAMENTO FAMILIAR
4 MÉDICO PARTICULAR
5 HOSPITAL/CLÍNICA PARTICULAR
6 HOSPITAL/MATERNIDADE PÚBLICA
7 HOSPITAL/MATERNIDADE INAMPS/
CONVENIADO
8 SUPERMERCADO
9 PAIS/PARENTES
10 AMIGO(A)
88 OUTRO _____
99 NÃO LEMBRA/NÃO SABE

321. Você teve relações sexuais nos
últimos 30 dias ?

1 SIM → 325
2 NÃO -----
9 NÃO RESPONDEU | 322

322. VERIFIQUE PERGUNTA 10:

1 CASADO(A) ----- } 324
2 UNIÃO CONSENSUAL --- }
3 SEP/DIVORCIADO(A) -- }
4 VIÚVO(A) ----- } 329
5 SOLTEIRO(A) → 323

323. Você teve alguma relação
sexual além da primeira ?

1 SIM → 329
2 NÃO → 337

324. Porque você e seu (sua)
marido (mulher)/companheiro(a)
não tiveram relações sexuais
nos últimos 30 dias ?

1 GRAVIDEZ
2 PÓS-PARTO
3 VIAGEM
4 DOENÇA
5 BRIGA
8 OUTRA ----- } 329
9 NÃO RESPONDEU

325. Quantas vezes ?

No VEZES ---/---
77 SÓ TEVE A 1ª RELAÇÃO → 337
98 NÃO QUIS RESPONDER
99 NÃO LEMBRA

326. Com quantos parceiros(as) ?

No PARCEIROS(AS) ---/---
98 NÃO QUIS RESPONDER
99 NÃO LEMBRA

327. VERIFIQUE PERGUNTA 315:

1. JÁ USOU ALGUM MÉTODO → 328
2. NUNCA USOU MÉTODO → 335

328. Você ou seu(sua) parceiro(a) usaram nos últimos 30 dias algum dos seguintes métodos ?

	SIM	NÃO	NÃO LEMBRA
1 PÍLULAS	1	2	8
2 DIU	1	2	8
3 ESTERILIZAÇÃO FEMININA	1	2	8
4 VASECTOMIA	1	2	8
5 CAMISINHA	1	2	8
6 INJEÇÕES MENSAS	1	2	8
7 ESPUMA, GELÉIA, ÓVULOS	1	2	8
8 DIAFRAGMA	1	2	8
9 BILLINGS	1	2	8
10 TABELA	1	2	8
11 COITO INTERROMPIDO	1	2	8

329. Na última vez em que você teve relações, quem foi o parceiro(a) ?

- 1 MARIDO(MULHER) OU COMPANHEIRO(A)
- 2 NOIVO(A)
- 3 NAMORADO(A)
- 4 AMIGO
- 5 AMIGA
- 9 EMPREGADA(O) DA CASA
- 10 PROSTITUTA
- 11 ESTRANHO(A)
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO RESPONDEU

330. Você ou seu(sua) parceiro(a) utilizaram algum método para evitar filhos nesta última vez ?

- 1 SIM → 331
- 2 NÃO → 336
- 9 NÃO SABE → 337

331. Que método ?

- 1 PÍLULAS → 332
- 2 DIU
- 3 ESTERILIZAÇÃO FEMININA
- 4 ESTERILIZAÇÃO MASCULINA
- 5 CONDON (CAMISINHA)
- 6 INJEÇÕES MENSAS
- 7 ESPUMA, GELÉIA, ÓVULOS
- 8 DIAFRAGMA
- 9 BILLINGS
- 10 TABELA
- 11 COITO INTERROMPIDO
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO SABE

333

332. Qual é a marca da pílula que usa ?

- 1 NORDETE
- 2 MICROVLAR
- 3 NEOVLAR
- 4 TRIQUILAR
- 5 TRINORDIAL
- 6 EVANCR
- 7 MICRONOR
- 8 ANFERTIL
- 9 MICRODIOL
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO SABE

333. Quem decidiu ou se preocupou em usar este método para evitar filhos na última relação ?

- 1 SÓ O ENTREVISTADO(A)
- 2 PARCEIRO (A)
- 3 OS DOIS
- 99 NÃO LEMBRA

334. Aonde você ou seu(sua) companheiro(a) obteve o método que usou ?

(Em caso de usar um método natural, pergunte "onde recebeu orientação")

- 1 FARMÁCIA
- 2 CENTRO, POSTO DE SAÚDE
- 3 CENTRO DE PLANEJAMENTO FAMILIAR
- 4 MÉDICO PARTICULAR
- 5 HOSPITAL OU CLÍNICA PARTICULAR
- 6 HOSPITAL, MATERNIDADE PÚBLICA
- 7 HOSPITAL OU MATERNIDADE CONVENIADO COM INAMPS
- 8 SUPERMERCADO
- 9 PAIS/PARENTE
- 10 AMIGO(A)
- 22 NÃO SE APLICA(COITO INTERROMPIDO)
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO SABE/NÃO LEMBRA

337

335. Porque você nunca usou anticoncepcional ?

- 1 NÃO QUER/NÃO GOSTA
- 2 NÃO CONHECE NENHUM MÉTODO
- 3 ACREDITA QUE ANTICONCEPCIONAIS FAZEM MAL À SAÚDE
- 5 A RELAÇÃO NÃO É SATISFATÓRIA COM ANTICONCEPCIONAIS
- 7 NÃO SE PREOCUPA COM ISSO
- 8 ACHA QUE NÃO PODE ENGRAVIDAR
- 9 É CARO
- 10 É HOMOSSEXUAL
- 11 SÓ TEVE UMA RELAÇÃO E NÃO USOU MÉTODO
- 88 OUTRA _____
- 99 NÃO RESPONDEU

343

336. Por que você não usou um método para evitar filhos na última relação ?

- 1 NÃO ESPERAVA TER RELAÇÕES NAQUELE MOMENTO
- 2 NÃO CONHECIA NENHUM MÉTODO
- 3 ACREDITA QUE ANTICONCEPCIONAIS FAZEM MAL À SAÚDE
- 4 QUERIA TER FILHOS
- 5 A RELAÇÃO NÃO É SATISFATÓRIA COM ANTICONCEPCIONAIS
- 6 QUERIA USAR MAS NÃO ARRANJOU NO MOMENTO
- 7 NÃO SE PREOCUPOU COM ISSO
- 8 ACHA QUE NÃO PODE ENGRAVIDAR
- 9 É CARO
- 10 É HOMOSSEXUAL
- 11 ESTÁ GRÁVIDA (MULHER ESTÁ GRÁVIDA)
- 12 ESTÁ AMAMENTANDO/AMENORRÉIA PÓS-PARTO
- 13 FOI VIOLENTADA
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO SABE/NÃO LEMBRA

337. Você já teve relações sexuais onde foi usada camisinha ?

- 1 SIM → 338
- 2 NÃO → 342
- 3 NÃO LEMBRA → 343

338. O que o(a) levou a usar a camisinha ?

- 1 EVITAR GRAVIDEZ
- 2 EVITAR DST
- 3 EVITAR DST E GRAVIDEZ
- 4 ESTAVA DOENTE
- 8 OUTRO _____
- 9 NÃO SABE

339. Continua usando ?

- 1 SIM, SEMPRE → 343
- 2 SIM, DE VEZ EM QUANDO → 341
- 3 NÃO → 340

340. Por que a camisinha não tem sido mais usada

- 1 É CARA
- 2 NÃO ESTÁ TENDO VIDA SEXUAL
- 3 QUER TER FILHO
- 4 USA (OU PARCEIRO) OUTRO MÉTODO
- 5 NÃO GOSTA/É INCÔMODO
- 6 TIRA O PRAZER
- 7 NÃO É SEGURO/EFICAZ
- 8 SÓ USA PARA RELAÇÕES FORA DO CASAMENTO
- 9 SÓ USA COM PROSTITUTAS
- 10 SÓ USA COM ESTRANHOS
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO RESPONDEU

343

341. Por que só de vez em quando ?

- 1 É CARA
- 2 TEM RELAÇÕES SEXUAIS RARAMENTE
- 3 SÓ USA NOS DIAS FÉRTEIS
- 4 SÓ QUANDO A PARCEIRA NÃO USA OUTRO MÉTODO
- 5 NÃO GOSTA/É INCÔMODO
- 6 TIRA O PRAZER
- 7 NÃO É SEGURO/EFICAZ
- 8 SÓ USA PARA RELAÇÕES FORA DO CASAMENTO
- 9 SÓ USA COM PROSTITUTAS
- 10 SÓ USA COM ESTRANHOS
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO RESPONDEU

343

342. Porque você nunca usou camisinha ?

- 1 É CARO
- 2 SÓ TEM UM PARCEIRO
- 3 EVITAR FILHOS É RESPONSABILIDADE DA MULHER
- 4 É USADO OUTRO MÉTODO
- 5 NÃO GOSTA/NÃO QUER
- 6 DIZEM QUE DIMINUI O PRAZER/É INCÔMODO
- 7 NÃO É SEGURO
- 8 A CAMISINHA É PARA RELAÇÕES FORA DO CASAMENTO
- 9 NUNCA TEVE RELAÇÕES COM PROSTITUTAS
- 10 O PARCEIRO NÃO GOSTA
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO SABE

343. Você se sente á vontade para
conversar com alguém sobre sua
vida sexual ?

1 SIM → 344
2 NÃO -----
3 NÃO SABE --- } 345

344. Com quem você se sente mais à
vontade para conversar sobre
isso ?

1 PAI E MÃE
2 PAI
3 MÃE
4 IRMÃO(A)
5 AMIGO(A)
6 PROFESSOR(A)
7 MÉDICO(A)
8 PADRE/FREIRA/OUTRO RELIGIOSO
9 NAMORADO(A)/NOIVO(A)
10 ESPOSO(A)/COMPANHEIRO(A)
88 OUTRO -----
99 NÃO SABE

345. ANOTE:

1 HOMEM → 501
2 MULHER → 401

E. REPRODUÇÃO - MULHERES

AGORA GOSTARIA DE CONVERSAR SOBRE SUA VIDA REPRODUTIVA

401. Quantos anos você tinha quando ficou menstruada pela primeira vez? IDADE ---/---
77 AINDA NÃO MENSTRUOU → 403
99 NÃO LEMBRA

402. Quando isso aconteceu você já sabia o que era menstruação? 1 SIM
2 NÃO
9 NÃO LEMBRA

403. Quem lhe deu as explicações sobre a menstruação? 1 MÃE/PAI
2 IRMÃ(O) MAIS VELHA(O)
3 PARENTE
4 AMIGA
5 PROFESSORA, FREIRA, ETC
6 NINGUÉM
8 OUTRA _____
9 NÃO LEMBRA

404. VERIFIQUE 304:

1. JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS → 405
2. NUNCA TEVE RELAÇÕES SEXUAIS → 601

405. Você já engravidou alguma vez? 1 SIM
2 NÃO
9 NÃO TEM CERTEZA

406. Está grávida no momento? 1 SIM → 408
2 NÃO
9 NÃO TEM CERTEZA

407. VERIFIQUE 405 E 406.

1. JÁ ENGRAVIDOU MAS NÃO ESTÁ GRÁVIDA NO MOMENTO → 425
2. NUNCA ENGRAVIDOU → 470
3. NÃO ENGRAVIDOU ANTES E NÃO TEM CERTEZA ATUALMENTE → 470

408. Com quantos meses de gravidez você está? No DE MESES: ---/---
99 NÃO SABE AO CERTO

409. Essa é a sua primeira gravidez? 1 SIM → 410
2 NÃO → 425

410. Você estava querendo ficar grávida atualmente ?
- 1 SIM → 413
2 NÃO
3 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU
-
411. Você pensou alguma vez em não ter a criança ou entregá-la para adoção ?
- 1 SIM → 412
2 NÃO -----
3 NÃO SABE | 413
-
412. Por que você pensou nisso ?
- 1 É(ERA) SOLTEIRA
2 MEDO DOS PAIS
3 VERGONHA DO QUE VÃO DIZER
4 NÃO TEM CONDIÇÕES FINANCEIRAS
5 NÃO QUERIA TER FILHO NESTE MOMENTO
8 OUTRA -----
9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU
-
413. Com quem você morava quando ficou grávida ?
- (VERIFICAR SE JÁ MORAVA COM O PAI DA CRIANÇA, MESMO QUE COM OUTRAS PESSOAS)
- 1 MARIDO/COMPANHEIRO → 419
2 PAIS
3 SÓ MÃE
4 SÓ PAI
5 PARENTES
6 AMIGOS(AS)
7 SOZINHA
8 OUTRO -----
9 NÃO RESPONDEU
-
414. Qual foi a atitude de sua família quando soube de sua gravidez ?
- 1 QUER/QUIZ O CASAMENTO
2 ESTÁ OBRIGANDO/OBRIGOU A CASAR
3 ACEITOU A GRAVIDEZ SEM CASAMENTO
4 VAI CRIAR O FILHO
5 QUER QUE FAÇA ABORTO
6 NÃO SABE AINDA DA GRAVIDEZ
7 NÃO INTERFERIU
8 OUTRA -----
9 NÃO SABE DIZER
-
415. Quando ficou grávida, qual era seu relacionamento com o pai da criança ?
- 1 NOIVO/NAMORADO
2 AMIGO
3 FOI ESTUPRADA → 419
8 OUTRO -----
9 NÃO RESPONDEU
-
416. Você mora atualmente com ele ?
- 1 SIM → 419
2 NÃO
-

917. Você continua esta relação ?

- 1 SIM
- 2 NÃO
- 9 NÃO RESPONDEU

918. Ele lhe dá alguma assistência financeira, afetiva ou as duas ?

- 1 SÓ FINANCEIRA
- 2 SÓ AFETIVA
- 3 FINANCEIRA E AFETIVA
- 4 NÃO DÁ ASSISTÊNCIA/
NÃO QUER SABER
- 5 NÃO SABE DA GRAVIDEZ
- 8 OUTRA _____
- 9 NÃO RESPONDEU

919. Qual era a sua atividade quando engravidou ?

- 1 SÓ ESTUDAVA
- 2 ESTUDAVA E TRABALHAVA
- 3 SÓ TRABALHAVA
- 4 NÃO ESTUDAVA
NEM TRABALHAVA → 422
- 8 OUTRA _____
- 9 NÃO RESPONDEU

920. Você continua com essa atividade ?

- 1 SIM → 422
- 2 NÃO

921. Por que não ?

- 1 ESTÁ PASSANDO MAL
- 2 TEM VERGONHA DE ESTAR GRÁVIDA
- 3 O MARIDO/COMPANHEIRO NÃO QUER
- 4 O COLÉGIO NÃO ACEITOU MAIS
- 5 QUER CUIDAR SÓ DA CASA
- 6 A FAMÍLIA NÃO QUER QUE SE SAIBA DA GRAVIDEZ
- 7 TEVE QUE DEIXAR O EMPREGO
- 8 OUTRA _____
- 9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU

922. Você está fazendo algum controle pré-natal ?

- 1 SIM → 423
- 2 NÃO → 470

923. Quantos meses de gravidez tinha quando fez a 1ª consulta pré-natal ?

- No MESES ---/---
- 99 NÃO SABE

924. Quantas consultas pré-natais você já fez ?

- No DE CONSULTAS ---/---
- 99 NÃO SABE | 470

-
425. Que idade você tinha quando engravidou pela 1ª vez ? IDADE ---/---
99 NÃO LEMBRA
-
426. Quando ficou grávida pela primeira vez, estava querendo engravidar naquele momento ?
1 SIM → 429
2 NÃO
9 NÃO SABE
-
427. Você nessa época pensou em não ter a criança ou entregá-la para adoção ?
1 SIM → 428
2 NÃO -----
3 NÃO LEMBRA | 429
-
428. Por que você pensou nisso ?
1 ERA SOLTEIRA
1 MEDO DOS PAIS
1 VERGONHA DO QUE DIRIAM
1 NÃO TINHA CONDIÇÕES FINANCEIRAS
1 NÃO QUERIA TER FILHO NAQUELE MOMENTO
8 OUTRO -----
9 NÃO RESPONDEU
-
429. Com quem você morava quando ficou grávida pela primeira vez ?
(VERIFIQUE SE JÁ MORAVA COM O PAI DA CRIANÇA, MESMO QUE COM OUTRAS PESSOAS)
1 MARIDO/COMPANHEIRO → 434
2 PAIS
3 SÓ MÃE
4 SÓ PAI
5 PARENTES
6 AMIGOS(AS)
7 SOZINHA
8 OUTRO -----
9 NÃO RESPONDEU
-
430. Qual foi a atitude de sua família quando soube dessa 1ª gravidez ?
1 APRESSOU/QUIS O CASAMENTO
2 OBRIGOU A CASAR
3 ACEITOU A GRAVIDEZ SEM CASAMENTO
4 CRIOU A CRIANÇA COMO FILHA
5 INDUZIU A FAZER ABORTO
6 NÃO CHEGOU A SABER
7 NÃO INTERFERIU
8 OUTRA -----
9 NÃO SABE RESPONDER
-

431. Na época, qual era o seu relacionamento com o pai da criança ?

1 NOIVO/NAMORADO
2 AMIGO
3 FOI ESTUPRADA → 434
8 OUTRO _____
9 NÃO RESPONDEU

432. Você casou ou foi morar com ele ?

1 SIM → 434
2 NÃO
9 NÃO RESPONDEU

433. Durante a gravidez ele lhe deu assistência financeira, afetiva, ou as duas ?

1 FINANCEIRA
2 AFETIVA
3 AS DUAS
4 NÃO DEU ASSISTÊNCIA/
NÃO QUIS SABER
5 NÃO SOUBE DA GRAVIDEZ
8 OUTRA _____
9 NÃO RESPONDEU

434. Nessa primeira gravidez a criança nasceu viva ?

1 SIM → 436
2 NÃO
3 NÃO RESPONDEU

435. O que aconteceu ?

1 ABORTO ESPONTÂNEO
2 ABORTO PROVOCADO
3 NATIMORTO (MAIS DE 6 MESES DE GRAVIDEZ)
9 NÃO RESPONDEU

436. Quantas vezes você já esteve grávida ?

No GRAVIDEZES ---/---
99 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU

(CONTAR FILHOS NASCIDOS VIVOS, NATIMORTOS, ABORTOS E GRAVIDEZ ATUAL)

437. VERIFIQUE 436:

1. SÓ UMA GRAVIDEZ → 439
2. MAIS DE UMA GRAVIDEZ → 438

438. A sua última gravidez (ou gravidez atual) foi desejada ?

1 SIM
2 NÃO
9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU

439. Quantos filhos nascidos vivos você teve ?

No DE FILHOS ---/---
00 NENHUM → 445

440. Teve algum filho(a) que nasceu vivo mas já morreu ?

1 SIM → 441
2 NÃO -----
3 NÃO RESPONDEU | 442

441. Quantos filhos já morreram ?

No DE FILHOS -----

442. Quantos filhos moram com você ?

No DE FILHOS MORANDO COM ELA --/--
00 NENHUM

443. Quantos filhos não moram com você ?

No DE FILHOS MORANDO COM
OUTRAS PESSOAS ___/___
00 NENHUM → 445

444. Com quem vive(m) essa(s) criança(s) ?

a FILHO -----
b FILHO -----
c FILHO -----

CÓDIGOS:	1 - AVÓS
	2 - PAI DA CRIANÇA
	3 - PARENTES
	4 - FOI ADOTADA
	8 - OUTRA
	9 - NÃO RESPONDEU

445. Teve algum bebê que tenha nascido morto ?

1 SIM → 446
2 NÃO -----
9 NÃO RESPONDEU | 447

448. Quantos nascidos mortos você teve ?

No DE NATIMORTOS -----

447. SOME AS RESPOSTAS DAS PERGUNTAS 441, 442 E 443 COMPARE COM 439. CONFIRME E ANOTE

No NASCIDOS VIVOS ---/--- → 448
00 NENHUM NASCIDO VIVO → 470

948. Em que mês e ano nasceu seu primeiro filho ?

MÊS ---/--- ANO ---/---
9999 NÃO LEMBRA

949. Qual era sua atividade quando engravidou de seu primeiro filho ?

1 SÓ ESTUDAVA
2 ESTUDAVA E TRABALHAVA
3 SÓ TRABALHAVA
4 NÃO ESTUDAVA NEM TRABALHAVA
8 OUTRA _____
9 NÃO RESPONDEU

452

450. Você continuou essa atividade durante a gravidez ?

1 SIM → 452
2 NÃO

451. Porque não ?

1 ESTAVA PASSANDO MAL
2 TINHA VERGONHA DE ESTAR GRÁVIDA
3 O MARIDO/COMPANHEIRO NÃO QUIS
4 O COLÉGIO NÃO ACEITOU MAIS
5 QUIS CUIDAR SÓ DA CASA
6 A FAMÍLIA NÃO QUIS
7 TEVE QUE DEIXAR O EMPREGO
8 OUTRA _____
9 NÃO SABE

452. Depois do nascimento do seu primeiro filho teve alguma atividade extra doméstica ?

1 SIM → 453
2 NÃO → 454

453. Qual ?

1 ESTUDAVA
2 ESTUDAVA E TRABALHAVA
3 SÓ TRABALHAVA
8 OUTRA _____
9 NÃO RESPONDEU

455

454. Porque não ?

1 NÃO TINHA COM QUEM DEIXAR O BEBÊ
2 QUIS CUIDAR SÓ DA CASA
3 O MARIDO/COMPANHEIRO NÃO DEIXOU
4 NÃO ARRANJOU TRABALHO
5 DESISTIU DE ESTUDAR
6 O BEBÊ ERA DOENTE
8 OUTRA _____
9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU

455. Quantos meses de gravidez tinha quando fez a primeira consulta pré-natal ? (1o filho)	No DE MESES ---- 0 NÃO FEZ → 457 9 NÃO LEMBRA
456. Quantas consultas pré-natais você fez ?	No DE CONSULTAS ---/--- 99 NÃO SABE
457. Seu bebê foi prematuro ? (Nasceu antes de completar 9 meses)	1 SIM 2 NÃO 9 NÃO SABE
458. Com que peso ele nasceu ?	PESO -- KG --/--/-- GR 9999 NÃO SABE/NÃO LEMBRA
459. VERIFIQUE 447:	1 SÓ UM FILHO → 464 2 MAIS DE 1 FILHO → 460
460. Em que mês e ano nasceu seu último filho ?	MÊS ---/--- ANO ---/--- 9999 NÃO LEMBRA
461. Quando ficou grávida desse último filho foi porque desejou ?	1 SIM 2 NÃO 9 NÃO SABE
462. Quantos meses de gravidez tinha quando fez a primeira consulta pré-natal ?	No DE MESES ---- 0 NÃO FEZ → 464 9 NÃO LEMBRA
463. Quantas consultas pré-natais você fez ?	No DE CONSULTAS PRÉ-NATAIS ---/--- 99 NÃO LEMBRA
464. Em que lugar teve o seu último parto ?	1 HOSPITAL DO INAMPS/CONVENIADO 2 HOSPITAL DO GOVERNO 3 HOSPITAL PARTICULAR 4 HOSPITAL NÃO ESPECIFICADO 5 PARTO DOMICILIAR COM MÉDICO/ENFERMEIRA 6 PARTO DOMICILIAR COM PARTEIRA 7 PARTO DOMICILIAR SEM PARTEIRA/MÉDICO 8 OUTRO _____ 9 NÃO LEMBRA

} 466

465. O seu último parto foi uma
cesariana ?

1 SIM
2 NÃO

466. Amamentou este filho ?

1 SIM → 467
2 NÃO → 470

467. Esta amamentando atualmente ?

1 SIM → 470
2 NÃO

468. Quantos meses amamentou ?

No DE MESES ---/---
88 ATÉ MORRER → 470
99 NÃO LEMBRA

469. Qual a causa do desmame ?

1 AMAMENTOU O TEMPO SUFICIENTE
2 O LEITE ACABOU
3 FICOU DOENTE
4 O LEITE ERA FRACO
5 A CRIANÇA NÃO ACEITAVA O PEITO
6 TEVE QUE TRABALHAR FORA
7 NÃO GOSTA DE AMAMENTAR
8 OUTRO -----
9 NÃO RESPONDEU

470. Muitas mulheres perdem seus bebês antes de completar o sexto mês de gravidez (aborto). Você já teve algum aborto ?

1 SIM → 471
2 NÃO → 478

471. Quantos abortos espontâneos você teve ? E quantos abortos provocados você teve ?

a ABORTOS ESPONTÂNEOS ----
b ABORTOS PROVOCADOS ----

472. O último aborto foi espontâneo ou provocado ?

1 ESPONTÂNEO → 474
2 PROVOCADO

473. Quem fez o último aborto ?

1 MÉDICO
2 ENFERMEIRA
3 CURIOSA (NÃO QUALIFICADA)
4 PARTEIRA
5 SOZINHA/ELA MESMA
8 OUTRO -----
9 NÃO RESPONDEU

474. Neste último aborto teve alguma complicação que precisou tratamento ?

1 SIM → 475
2 NÃO → 478

475. Em que lugar ou com quem se tratou quando teve essa complicação ?

1 HOSPITAL DO INANPS/CONVENIADO
2 HOSPITAL DO GOVERNO
3 HOSPITAL/CONSULT.PARTICULAR
4 HOSPITAL NÃO ESPECIFICADO
5 CENTRO/POSTO DE SAÚDE
6 INST.PREV.EST/MUN.
7 RESIDÊNCIA DA PARTEIRA
8 EM CASA COM PARTEIRA ENFERMEIRA/MÉDICO
88 OUTRO -----
99 NÃO SABE

476. Houve necessidade de internação ?

1 SIM → 477
2 NÃO → 478

477. Por quantas noites esteve hospitalizada ?

No DE NOITES ---/--
99 NÃO LEMBRA

478. Você conhece algum medicamento caseiro que provoque aborto ?

1 SIM → 479
2 NÃO ----- }
3 NÃO SABE } 801

479. Qual ?

480. Você já usou esse medicamento ?

1 SIM → 481
2 NÃO ----- }
9 NÃO RESPONDEU } 801

481. Fez efeito ?

1 SIM
2 NÃO
3 NÃO SABE

PROSSIGA COM 801

F. REPRODUÇÃO - HOMENS

AGORA GOSTARIA DE CONVERSAR SOBRE SUA VIDA REPRODUTIVA

-
501. Você já engravidou alguém ?
- 1 SIM → 502
 2 NÃO ----- }
 3 NÃO SABE } 601
-
502. Que idade você tinha quando engravidou alguém pela primeira vez ?
- IDADE ---/---
 99 NÃO LEMBRA
-
503. E sua parceira dessa primeira gravidez, que idade tinha ?
- IDADE ---/---
 99 NÃO SABE/NÃO LEMBRA
-
504. Quando aconteceu essa primeira gravidez, vocês estavam querendo ter um filho ?
- 1 SIM
 2 NÃO
 3 NÃO LEMBRA
-
505. Com quem você morava quando aconteceu essa primeira gravidez ?
- (VERIFIQUE SE JÁ MORAVA COM A PARCEIRA, MESMO QUE COM OUTRAS PESSOAS)
- 1 ESPOSA/COMPANHEIRA → 510
 2 PAIS
 3 SÓ MÃE
 4 SÓ PAI
 5 PARENTES
 6 AMIGOS
 7 SOZINHO
 8 OUTRO -----
 9 NÃO RESPONDEU
-
506. Qual foi a atitude de sua família quando soube dessa gravidez ?
- 1 NÃO SOUBE
 2 AJUDOU A MOÇA MAS NÃO DEIXOU QUE VOCÊ SE CASASSE
 3 PROMOVEU O CASAMENTO
 4 OBRIGOU O CASAMENTO
 5 SUGERIU O ABORTO
 6 NÃO INTERFERIU
 7 NÃO QUIS SABER O QUE VOCÊS RESOLVERAM
 8 OUTRO -----
 9 NÃO SABE
-

-
507. Nessa época, qual era o seu relacionamento com sua parceira ?
- 1 NOIVA/NAMORADA
2 AMIGA/PAQUERA
3 GAROTA DE PROGRAMA/PROSTITUTA
4 EMPREGADA DA CASA
8 OUTRA -----
9 NÃO RESPONDEU
-
508. Você casou ou foi morar com ela ?
- 1 SIM → 510
2 NÃO
-
509. Durante a gravidez, você deu a ela alguma assistência financeira, afetiva ou as duas ?
- 1 FINANCEIRA
2 AFETIVA
3 AFETIVA E FINANCEIRA
4 NÃO CHEGOU A SABER (A PARCEIRA FEZ ABORTO) } 512
5 DECIDIRAM PELO ABORTO }
8 NÃO DEU ASSISTÊNCIA/NÃO QUIS SABER
8 OUTRA -----
9 NÃO RESPONDEU
-
510. Nessa primeira gravidez a criança nasceu viva ?
- 1 SIM → 512
2 NÃO
-
511. O que aconteceu ?
- 1 A PARCEIRA ESTÁ GRÁVIDA
2 A PARCEIRA TEVE ABORTO ESPONTÂNEO
3 A PARCEIRA PROVOCOU O ABORTO
4 O BEBÊ NASCEU MORTO
8 OUTRO -----
9 NÃO SABE
-
512. Quantas vezes você já engravidou alguém ?
- No GRAVIDEZES ---/---
99 NÃO SABE
-
513. Quantos filhos nascidos vivos você teve ?
- No DE FILHOS ---/---
00 NENHUM → 519
99 NÃO SABE
-
514. Você tem algum filho que tenha nascido vivo e morreu ?
- 1 SIM → 515
2 NÃO ----- } 516
9 NÃO SABE
-

515. Quantos ? No DE FILHOS QUE MORRERAM -----
9 NÃO SABE

516. Quantos filhos moram com você ? No DE FILHOS MORANDO COM ELE --/--
(Se nenhum anote zero)

517. Quantos filhos não moram com você ? No DE FILHOS MORANDO COM
OUTRAS PESSOAS -----
0 NENHUM → 519
9 NÃO SABE

518. Com quem mora(m) essa(s) criança(s) ? a FILHO -----
b FILHO -----
c FILHO -----

CÓDIGOS:	1 - Avós
	2 - Mãe da criança
	3 - Parentes
	4 - Foi adotada
	8 - Outra
	9 - Não sabe

519. Você teve algum filho que tenha nascido morto (com + de 6 meses de gravidez) ? 1 SIM → 520
2 NÃO → 521

520. Quantos ? No DE NATIMORTOS -----
9 NÃO SABE

521. SOME AS RESPOSTAS DAS PERGUNTAS 515, 516, E 517 E COMPARE COM 513. (CONFIRME E ANOTE) NO NASCIDOS VIVOS --/-- → 522
00 NENHUM NASCIDO VIVO }
99 NÃO SABE ----- } 531

522. Em que mês e ano nasceu seu primeiro filho ? MÊS ---/--- ANO ---/---
9999 NÃO SABE

523. Que atividade você tinha nessa época ? 1 SÓ ESTUDAVA
2 ESTUDAVA E TRABALHAVA
3 SÓ TRABALHAVA
4 NÃO ESTUDAVA NEM TRABALHAVA → 526
8 OUTRA -----
9 NÃO RESPONDEU

524. Você continuou essa atividade depois que sua parceira engravidou ? 1 SIM → 526
2 NÃO

525. Por que não ? 1 TEVE QUE LARGAR OS ESTUDOS E TRABALHAR
2 TEVE QUE TRABALHAR ALÉM DE ESTUDAR
3 ARRANJOU TRABALHO
4 OUTRO _____
9 NÃO RESPONDEU

526. VERIFIQUE 521:

1 SÓ UM FILHO NASCIDO VIVO → 529
2 MAIS DE 1 FILHO NASCIDO VIVO → 527

527. Em que mês e ano nasceu seu último filho ? MÊS ---/--- ANO ---/---
9999 NÃO LEMBRA

528. Você queria ter esse filho quando aconteceu a gravidez ? 1 SIM
2 NÃO
9 NÃO SABE

529. Você dá algum tipo de assistência a seu(s) filho(s) ? 1 SIM → 530
2 NÃO ----- } 531
9 NÃO RESPONDEU }

530. Que tipo de assistência você dá ? 1 SÓ DÁ PRESENTES
2 FINANCEIRA
3 FINANCEIRA E AJUDA A CUIDAR
4 AJUDA A CUIDAR SOMENTE
8 OUTRA _____
9 NÃO RESPONDEU

531. Alguma parceira sua teve ou provocou aborto ? 1 SIM → 532
2 NÃO ----- } 601
9 NÃO SABE }

532. Quantos abortos sua(s) parceira(s) teve(tiveram) ? No ABORTOS ESPONTÂNEOS ----
No ABORTOS PROVOCADOS ----

533. Você participou da decisão de fazer o aborto alguma vez ? 1 SIM
2 NÃO
9 NÃO RESPONDEU

G. OPINIÃO

601. Você acha que a mulher deve trabalhar depois de casada ?

- 1 SIM → 604
- 2 NÃO → 602
- 3 DEPENDE → 603
- 4 NÃO PENSOU AINDA SOBRE ISSO
- 9 NÃO SABE ----- } 604

602. Por que não ?

- 1 A MULHER DEVE SE DEDICAR À CASA E AOS FILHOS
- 2 O MARIDO É QUEM DEVE SUSTENTAR A CASA: SOMENTE ELE É QUEM DEVE TRABALHAR
- 3 PARA EVITAR PROBLEMAS COM O MARIDO (CIÚMES)
- 8 OUTRO -----
- 9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU } 604

603. Depende de que ?

- 1 SE HOUVER NECESSIDADE (O SALÁRIO DO MARIDO NÃO DÁ) (MARIDO INCAPACITADO) (MARIDO DESEMPREGADO)
- 2 SÓ SE ELA NÃO TIVER FILHOS
- 3 SE ELA QUIZER
- 8 OUTRO -----
- 9 NÃO SABE

604. Quantos filhos você gostaria de ter ?

- No DE FILHOS --/--
- 44 NÃO PENSOU AINDA SOBRE ISSO
- 99 NÃO SABE

605. Se você estivesse apaixonado por alguém e quizesse viver com essa pessoa, o que você faria ?

- 1 CASARIA NO CIVIL E RELIGIOSO
- 2 CASARIA NO CIVIL SOMENTE
- 3 SIMPLEMENTE IRIA MORAR JUNTO
- 8 OUTRA -----
- 9 NÃO SABE RESPONDER

606. Na sua opinião qual é o problema mais comum entre os jovens de sua idade ?

- 1 VÍCIO DO CIGARRO
 - 2 DROGAS
 - 3 ALCOOLISMO
 - 4 CRISE FINANCEIRA/CUSTO DE VIDA
 - 5 DESEMPREGO
 - 6 FORMAÇÃO PROFISSIONAL DEFICIENTE
 - 7 VIOLÊNCIA/CRIME
 - 8 BRIGAS ENTRE JOVENS
 - 9 FALTA DE ESCLARECIMENTO SOBRE SEXO
 - 10 PROSTITUIÇÃO
 - 11 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA
 - 12 FALTA DE RELIGIÃO
 - 13 FALTA DE PERSPECTIVA DE FUTURO
 - 14 DESAMOR
 - 15 PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO COM OS PAIS
 - 16 PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO COM COLEGAS/FAMILIARES
 - 17 PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO SEXUAL
 - 18 FALTA DE VALORES MORAIS
 - 88 OUTRO _____
 - 99 NÃO RESPONDEU/NAO SABE
-

607. Qual das alternativas indicadas descreve melhor o que você pensa sobre relações sexuais ?

(MOSTRE O CARTÃO OU LEIA AS ALTERNATIVAS)

- 1 SÓ SE DEVE TER RELAÇÕES SEXUAIS DEPOIS DO CASAMENTO
 - 2 SÓ SE DEVE TER RELAÇÕES SEXUAIS QUANDO HOUVER PLANOS DE CASAMENTO
 - 3 É NATURAL TER RELAÇÕES SEXUAIS HAVENDO NAMORO
 - 4 É NATURAL TER RELAÇÕES SEXUAIS COM AMIGOS(AS) OU CONHECIDOS(AS)
 - 5 É NATURAL TER RELAÇÕES SEXUAIS COM ESTRANHOS(CONHECEU NAQUELE MOMENTO)
 - 8 OUTRA _____
 - 9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU
-

608. Vamos considerar o caso de um casal de jovens, ambos solteiros, que se relacionem sexualmente sem nenhuma intenção de casamento ou vida em comum. O que você acha que ela deveria fazer caso ficasse grávida sem querer ?

(MOSTRE O CARTÃO OU LEIA AS ALTERNATIVAS)

- 1 FAZER UM ABORTO
- 2 TER A CRIANÇA E DÁ-LA PARA ADOÇÃO
- 3 TER A CRIANÇA E PEDIR A FAMÍLIA PARA CRIAR
- 4 TER A CRIANÇA E CRIÁ-LA SOZINHA
- 5 CONVENCER O RAPAZ A SE CASAR OU VIVER COM ELA
- 6 OBRIGAR O RAPAZ A SE CASAR
- 8 OUTRA _____
- 9 NÃO SABE RESPONDER

609. E quanto ao rapaz, o que você acha que ele deveria fazer nessa situação ?

(MOSTRE O CARTÃO OU LEIA AS ALTERNATIVAS)

- 1 CONVENCER A MOÇA A FAZER ABORTO
 - 2 APOIAR A MOÇA CASO ELA DECIDA FAZER O ABORTO INCLUSIVE CONTRIBUINDO COM DINHEIRO
 - 3 DEIXAR QUE A MOÇA RESOLVA O PROBLEMA SOZINHA
 - 4 INCENTIVAR A MOÇA A TER O BEBÊ, DANDO APOIO MAS SEM PROMESSA DE CASAMENTO OU VIDA EM COMUM
 - 5 PROPOR CASAMENTO E TER O BEBÊ
 - 6 FORÇAR O CASAMENTO
 - 8 OUTRA _____
 - 9 NÃO SABE RESPONDER
-

OUTROS COMENTÁRIOS EM RELAÇÃO À ANTICONCEPÇÃO E SEXUALIDADE

AGORA VOU LER ALGUMAS FRASES, POR FAVOR DIGA SE VOCÊ ESTÁ DE ACORDO OU NÃO OU SE NÃO SABE

	SIM	NÃO	NÃO SABE
610. A MULHER É QUEM DEVE CUIDAR DA CASA E DOS FILHOS SEM AJUDA DO MARIDO	1	2	9
611. A MASTURBAÇÃO PODE SER PRATICADA DE VEZ EM QUANDO	1	2	9
612. O HOMEM DEVE DECIDIR QUANTOS FILHOS SUA MULHER DEVE TER	1	2	9
613. A MULHER DEVE CHEGAR VIRGEM AO CASAMENTO	1	2	9
614. A MASTURBAÇÃO FAZ MAL À SAÚDE	1	2	9
615. O HOMEM DEVE CHEGAR AO CASAMENTO COM EXPERIÊNCIA SEXUAL	1	2	9
616. RELAÇÃO SEXUAL COM CAMISINHA DIMINUI O PRAZER	1	2	9
617. UMA MULHER PODE ENGRAVIDAR DURANTE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL	1	2	9
618. OS HOMENS NECESSITAM MAIS VEZES DE RELAÇÕES SEXUAIS QUE AS MULHERES	1	2	9

	SIM	NÃO	NÃO SABE
619. OS HOMENS ENTENDEM MAIS DE SEXO QUE AS MULHERES	1	2	9
620. A MESMA CAMISINHA PODE SER USADA MAIS DE UMA VEZ	1	2	9
621. A MULHER PODE TER RELAÇÕES SEXUAIS COM VÁRIOS HOMENS ANTES DE CASAR	1	2	9
622. PODE-SE TER RELAÇÕES SEXUAIS DURANTE A GRAVIDEZ	1	2	9
623. É NATURAL A MULHER TOMAR A INICIATIVA DE TER UMA RELAÇÃO SEXUAL	1	2	9
624. SÓ O HOMEM DEVE TOMAR A INICIATIVA DE TER RELAÇÕES SEXUAIS	1	2	9
625. UMA RELAÇÃO SEXUAL PODE DAR PRAZER MESMO SEM ATINGIR O ORGASMO	1	2	9
626. A GRAVIDEZ SÓ ACONTECE SE HOUVER RELAÇÃO VAGINAL	1	2	9

H. CONHECIMENTO SOBRE AIDS

701. Você acha que uma pessoa pode estar contaminada com AIDS e não ter sinais da doença ?

1 SIM
2 NÃO
3 NUNCA OUVIU FALAR DE AIDS → 801
9 NÃO SABE

702. Existe cura para a AIDS ?

1 SIM → 703
2 NÃO ----- }
3 NÃO SABE } 704

703. O que é que pode curar AIDS ?

1 REMÉDIOS
2 VACINA
3 ALIMENTAÇÃO ESPECIAL
4 DEUS/REZANDO
5 FAZER TRATAMENTO NO EXTERIOR
6 MAIS CARINHO/AMOR
7 HOMEOPATIA
8 ACUMPUNTURA
9 MACROBIÓTICA
10 MACUMBA/ESPIRITISMO
88 OUTRO _____
99 NÃO SABE

704. O que pode ser feito para diminuir o risco de pegar AIDS ?

	SIM	NÃO
a. USAR CAMISINHA	1	2
b. NÃO TRANSAR COM MUITOS PARCEIROS	1	2
c. EVITAR RELAÇÕES COM PROSTITUTAS	1	2
d. EVITAR RELAÇÕES COM BISSEXUAIS	1	2
e. CONHECER O PARCEIRO/VER SE NÃO É PROMÍSCUO	1	2
f. TER UM SÓ PARCEIRO	1	2
g. EXIGIR EXAME PREVENTIVO	1	2
h. TOMAR COMPRIMIDOS NECESSÁRIOS	1	2
i. SÓ USAR AGULHAS/SERINGAS DESCARTÁVEIS OU ESTERILIZADAS	1	2
j. ESTERILIZAR INSTRUMENTOS CORTANTES	1	2
k. EVITAR USAR DROGAS INJETÁVEIS	1	2
l. EVITAR SEXO ORAL	1	2
m. EVITAR SEXO ANAL	1	2
n. EVITAR SEXO VAGINAL	1	2
o. EVITAR TRANSFUSÃO DE SANGUE	1	2
p. NÃO DOAR SANGUE	1	2
q. NÃO TRANSAR	1	2
r. CONTROLAR OS BANCOS DE SANGUE	1	2
s. OUTRO _____	1	2

705. Você acredita que uma pessoa possa pegar AIDS das seguintes maneiras :

(LEIA AS ALTERNATIVAS)	SIM	NÃO	NÃO SABE
a. BEIJANDO NO ROSTO	1	2	9
b. BEIJANDO NA BOCA	1	2	9
c. PELO APERTO DE MÃO	1	2	9
d. DOANDO SANGUE	1	2	9
e. RECEBENDO TRANSFUÇÃO DE SANGUE	1	2	9
f. USANDO AGULHA OU SERINGA NÃO DESCARTÁVEL	1	2	9
g. PELA MORDIDA DE MOSQUITO	1	2	9
h. CONVIVENDO COM PESSOAS COM AIDS	1	2	9
i. ATRAVÉS DE BANHEIROS PÚBLICOS	1	2	9
j. ATRAVÉS DAS RELAÇÕES SEXUAIS	1	2	9
k. ATRAVÉS DE UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS E OBJETOS	1	2	9
l. PELA AMAMENTAÇÃO DE MÃE AIDÉTICA	1	2	9
m. ATRAVÉS DE OBJETOS CORTANTES NÃO ESTERILIZADOS	1	2	9

706. VERIFIQUE A PERGUNTA 301

1. NUNCA TEVE RELAÇÕES SEXUAIS → 710
2. JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS → 707
-

707. Nas suas relações sexuais
você passou a tomar cuidados
em função da AIDS ?

1 SIM	→ 708	} 709
2 NÃO	-----	
9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU		

708. O que você passou a fazer ?

	SIM	NÃO
a. NÃO TRANSAR	1	2
b. USAR CAMISINHA	1	2
c. NÃO TRANSAR COM MUITA GENTE	1	2
d. EVITAR RELAÇÕES COM PROSTITUTAS	1	2
e. EVITAR RELAÇÕES COM BISSEXUAIS	1	2
f. FAZER EXAME PREVENTIVO	1	2
g. EXIGIR EXAME DO PARCEIRO	1	2
h. TER SÓ UM PARCEIRO CONHECIDO	1	2
i. EVITAR SEXO ORAL	1	2
j. EVITAR SEXO ANAL	1	2
k. EVITAR SEXO VAGINAL	1	2
l. CONHECER BEM O PARCEIRO	1	2
m. OUTRO -----	1	2

VÁ PARA 710

709. Por que não adotou nenhuma das medidas para diminuir o risco de pegar AIDS ?

- 1 NÃO TEVE OPORTUNIDADE
- 2 SEM ATIVIDADE SEXUAL
- 3 SÓ ESTÁ TENDO RELAÇÕES COM UMA PESSOA
- 4 NÃO TEM RELAÇÕES COM HOMO OU BISEXUAIS
- 5 NÃO TEM MEDO; NÃO VAI PEGAR
- 6 NA HORA DE SEXO NÃO PENSA EM NADA
- 7 NÃO CONHECE NINGUÉM COM AIDS
- 8 NÃO TEM RELAÇÕES COM PROSTITUTAS
- 9 O PARCEIRO NÃO GOSTA DE USAR CAMISINHA
- 10 FALTA DINHEIRO PARA COMPRAR CAMISINHA
- 11 NÃO TEM CORAGEM DE EXIGIR O USO DA CAMISINHA
- 88 OUTRO _____
- 99 NÃO SABE

710. Entre as seguintes pessoas, você acha que existe nenhum, pouco ou muito risco de pegar AIDS ?

(LEIA CADA POSSIBILIDADE)

	NENHUM RISCO	POUCO RISCO	MUITO RISCO	NÃO SABE	DEPENDE
a. MULHER CASADA	1	2	3	9	8
b. HOMEM CASADO	1	2	3	9	8
c. MULHER SOLTEIRA COM VIDA SEXUAL	1	2	3	9	8
d. HOMEM SOLTEIRO COM VIDA SEXUAL	1	2	3	9	8
e. CRIANÇAS	1	2	3	9	8
f. PROSTITUTAS	1	2	3	9	8
g. MULHER HOMOSSEXUAL	1	2	3	9	8
h. HOMEM HOMOSSEXUAL	1	2	3	9	8
i. VICIADOS EM DROGAS INJETÁVEIS	1	2	3	9	8
j. MULHER BISEXUAL	1	2	3	9	8
k. HOMEM BISEXUAL	1	2	3	9	8

711. Você acha que tem algum risco de pegar AIDS ?

- 1 SIM → 712
- 2 NÃO ----- } 713
- 9 NÃO SABE } 713

712. Diria que tem pouco ou muito risco ?

- 1 POUCO RISCO
- 2 MUITO RISCO
- 9 NÃO SABE

713. Você lembra de alguma campanha sobre AIDS ?

- 1 SIM → 714
- 2 NÃO ----- } 719
- 3 NÃO LEMBRA } 719

714. Onde você viu ou ouviu ?	MENCIONOU	NÃO MENCIONOU
a TV	1	2
b RÁDIO	1	2
c OUTDOOR	1	2
d CARTAZ	1	2
e FOLHETO	1	2
f PALESTRA	1	2
g REVISTA/JORNAL	1	2
h OUTRA _____	1	2

715. Você lembra quem promoveu a campanha ?

1 SIM → 716
 2 NÃO ----- }
 9 NÃO SABE } 717

716. Quem foi ?

1 MINISTÉRIO DA SAÚDE
 2 SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE
 3 ABIA
 4 GAPA
 5 ARA
 6 ISER/ARCA
 7 GRUPOS HOMOSSEXUAIS
 8 BEMFAM/OUTRAS INST.PRIV.PLAN.FAM.
 9 ESCOLAS/COLÉGIOS
 10 EMPRESAS
 88 OUTRA _____

717. Você gostou ?

1 SIM
 2 NÃO
 3 MAIS OU MENOS
 9 NÃO SABE

718. O que você achou da mensagem ?

1 ÓTIMA/BOA/INTERESSANTE
 2 IMPORTANTE
 3 ESCLARECEDORA/DIRETA
 4 UM ALERTA
 5 SUPERFICIAL/POUCO ESCLARECEDORA
 6 INCOMPLETA/LIMITADA
 7 DIFÍCIL DE SER COMPREENDIDA POR TODOS/INACESSÍVEL
 8 OUTRA _____
 9 NÃO SABE/NÃO RESPONDEU

719. Você leu algum folheto
sobre Aids ?

1 SIM → 720
2 NÃO -----
3 NÃO LEMBRA } 801

720. Você lembra quem produziu o
folheto ?

1 SIM → 721
2 NÃO -----
9 NÃO SABE } 722

721. Quem foi ?

1 MINISTÉRIO DA SAÚDE
2 SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE
3 ABIA
4 GAPA
5 ARA
6 ISER/ARCA
7 GRUPOS HOMOSSEXUAIS
8 BEMFAM/OUTRAS INST.PRIV.PLAN.FAM.
9 ESCOLAS/COLÉGIOS
10 EMPRESAS
88 OUTRA -----

722. Você acha que ele tirou suas
dúvidas ?

1 SIM, TODAS
2 SIM, ALGUMAS
3 NÃO
9 NÃO SABE

I. CONHECIMENTO E USO DE DROGAS

AGORA VAMOS FALAR DE CIGARRO, ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

801. Você conhece ou ouviu falar de:(LEIA)	SIM	NÃO
CIGARRO	1	2
ÁLCOOL	1	2
MACONHA	1	2
COCAÍNA	1	2
HEROÍNA	1	2
LSD	1	2
CHEIRINHO DA LOLÓ	1	2
LANÇA PERFUME	1	2
XAROPE	1	2
COLA DE SAPATEIRO	1	2
BOLINHAS	1	2
CRACK	1	2
CHÁ DE COGUMELO	1	2

802. Você já fumou cigarros ?

1 SIM → 803
2 NÃO → 805

803. Você fuma cigarros atualmente ?

1 SIM - TODO DIA
2 SIM - DE VEZ EM QUANDO
3 NÃO → 805

804. Quantos maços fuma diariamente ?

1 MENOS DE MEIO MAÇO
2 MEIO MAÇO
3 MAIS DE MEIO
4 UM MAÇO
5 UM MAÇO E MEIO
6 DOIS MAÇOS
7 TRÊS MAÇOS
8 OUTRO _____
9 NÃO SABE

805. Você acha que o cigarro faz mal à saúde ?

1 SIM
2 NÃO
9 NÃO SABE

806. Você já tomou alguma bebida alcoólica ?

1 SIM	→ 807
2 NÃO	-----
9 NÃO LEMBRA	} 808

807. Você bebe ?

1 TODO DIA
2 SOCIALMENTE/FIM DE SEMANA
3 NÃO
9 NÃO RESPONDEU

808. Você acha que o álcool faz mal à saúde ?

1 SIM, SEMPRE
2 SIM, SE TODO O DIA
3 NÃO
9 NÃO SABE

809. Você já experimentou fumar maconha ?

1 SIM	→ 810
2 NÃO	-----
9 NÃO RESPONDEU	} 811

810. Você costuma fumar maconha ?

1 SIM
2 NÃO
9 NÃO RESPONDEU

811. Você acha que maconha faz mal à saúde ?

1 SIM, DE QUALQUER MANEIRA
2 SIM, SE EM EXCESSO
3 NÃO
9 NÃO RESPONDEU

812. Você considera crime fumar maconha ?

1 SIM
2 NÃO
9 NÃO SABE

813. Você considera crime traficar maconha ?

1 SIM
2 NÃO
9 NÃO SABE

814. Sem ser cigarro, álcool ou maconha, você já experimentou algum dos tóxicos que mencionamos ?

1 SIM	→ 815
2 NÃO	-----
9 NÃO RESPONDEU	} 816

815. O que você já experimentou ?	SIM	NÃO
COCAÍNA	1	2
HEROÍNA	1	2
LSD	1	2
CHEIRINHO DA LOLÓ	1	2
LANÇA PERFUME	1	2
XAROPE	1	2
COLA DE SAPATEIRO	1	2
BOLINHAS	1	2
CRACK	1	2
CHÁ DE COGUMELO	1	2

816. Você considera usar tóxicos crime ?

1 SIM
2 NÃO
3 NÃO SABE

817. E traficar tóxicos é crime ?

1 SIM
2 NÃO
3 NÃO SABE

818. Anote a hora

Hora --/-- Minutos --/--

Coordenação Técnica
Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil
 Av. Chile, 230/17º andar
 30.031 — Centro — Rio de Janeiro — RJ
 Tel.: 210-2448

Apoio
Divisão Nacional de Saúde Materno-Infantil — DINSAMI
Ministério da Saúde
Organização Pan-Americana de Saúde — OPAS
Fundo das Nações Unidas para Assuntos de População — FNUAP
The Pathfinder Fund